

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História

**MONS. VITOR BATTISTELLA:  
PADRE E CAUDILHO**

Breno Antonio Sponchiado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor, sob a orientação da Prof. René Ernaini Gertz.

Porto Alegre, setembro de 2003.

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

## AGRADECIMENTO

A Deus, pelo Dom da Vida

Aos familiares, amigos e colegas, pela presença estimulante

Ao Prof. René E. Gertz, por mostrar sempre um *orienta*

Ao Mons. Urbano Zilles, pela confiança

À URI, PUCRS, CAPES, pela ajuda decisiva

## RESUMO

A presente tese se caracteriza como um estudo historiográfico do gênero biográfico e microhistórico. Trata da pessoa e da ação política de Mons. Vítor Battistella (1905-1973), primeiro e por três décadas pároco da região de Barril, hoje Frederico Westphalen (norte do Rio Grande do Sul), cuja imagem se apresenta na memória popular e na historiografia regional de modo ambíguo: reverenciado por alguns e criticado por outros. Busca compreender as raízes do seu pensamento acerca do poder e da política, na sua origem familiar, na sua formação jesuítica e nas influências da mentalidade de seu tempo, vindas da Igreja e dos governos. Analisa as estratégias que o religioso usou para a apropriação de espaços de poder e manutenção do controle hegemônico sobre a população, tanto religiosa como politicamente, inserido na sua visão-de-mundo e do projeto de sociedade que desejava instaurar. Merece destaque o estudo inédito da Liga Eleitoral Católica, enquanto instância que empresta oficialidade às articulações que Pe. Battistella realiza com grupos políticos e candidatos, trocando votos por verbas públicas. Embasada em farta documentação, essa investigação evidencia que personalidades fortes e obstinadas, inseridas em ambientes interioranos, traçam rumos históricos que escapam das macro-análises, das interpretações generalizantes e observações unilaterais dos grandes centros.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
<b>PARTE I</b>	
<b>O HOMEM: FAMÍLIA E FORMAÇÃO.....</b>	<b>30</b>
CAPÍTULO 1	
FILHO DE IMIGRANTES ITALIANOS.....	30
1.1 - <i>O ethos do imigrante italiano</i> .....	30
1.2 - <i>A família Battistella</i> .....	36
1.3 - <i>Em Tapera</i> .....	37
1.3.1 - <i>Infância e primeiros estudos</i> .....	38
1.4 - <i>Morte dos pais</i> .....	41
CAPÍTULO 2	
FORMAÇÃO DO CARÁTER E DO INTELECTO.....	43
2.1 - <i>No seminário de Vale Vêneto</i> .....	44
2.2 - <i>No Seminário Maior, sob a égide dos Jesuítas</i> .....	47
2.2.1 - <i>Os jesuítas na formação de sacerdotes</i> .....	49
2.3 - <i>Paradigmas da formação</i> .....	51
2.3.1 - <i>Espiritualidade</i> .....	51
2.3.2 - <i>Estudo</i> .....	58
2.3.2.1 - <i>O curso ginásial</i> .....	59
2.3.2.2 - <i>Filosofia</i> .....	60
2.3.2.3 - <i>Teologia</i> .....	68
2.3.3 - <i>Recreação</i> .....	74
2.3.3.1 - <i>Ora et labora... para os outros</i> .....	79
2.3.3.2 - <i>Oratória e canto</i> .....	82
2.3.3.3 - <i>Teatro</i> .....	85
2.3.3.4 - <i>Gosto pela literatura e participação na revista O Seminário</i> .....	87
2.4 - <i>Crise vocacional</i> .....	92
2.5 - <i>Serviço militar</i> .....	93
2.6 - <i>Ordenações</i> .....	95
2.7 - <i>Estréia no ministério pastoral</i> .....	100
CAPÍTULO 3	
PENSAMENTO POLÍTICO.....	102
3.1 - <i>Pio XI – e o ultramontanismo</i> .....	103
3.2 - <i>Benito Mussolini – o italianismo</i> .....	107
3.3 - <i>Getulio Vargas e a regeneração da Pátria</i> .....	111
<b>ANEXOS</b>	
<b>PARTE I.....</b>	<b>126</b>
<b>PARTE II</b>	
<b>O PADRE: QUAL O PASTOR, TAL A GREI.....</b>	<b>133</b>
CAPÍTULO 4	
ORIGEM E CONTEXTOS SOCIAL E POLÍTICO DE <i>BARRIL</i> .....	133
4.1 – <i>Origens do lugar</i> .....	133
4.2 - <i>Primórdios da comunidade religiosa – a capela</i> .....	135
4.3 - <i>As Condições pré-existentes de mando local</i> .....	137
4.4 - <i>Distrito</i> .....	141
4.5 - <i>Os primeiros mandatários</i> .....	143
4.6 - <i>O Rebanho</i> .....	145
4.6.1 – <i>Aspecto étnico</i> .....	146
4.6.1.1 - <i>Ítalos</i> .....	149
4.6.1.2 – <i>Nacionais</i> .....	152
4.6.1.3 - <i>Poloneses</i> .....	155
4.6.1.4 – <i>Teutos e russos</i> .....	156
4.7 - <i>Empenho para uma paróquia</i> .....	157
4.8 - <i>Chegada do primeiro administrador – Pe. Vítor</i> .....	162
CAPÍTULO 5	

TRABALHO ESPIRITUAL.....	V
5.1 - <i>Pregação Catequética</i> .....	165
5.2 - <i>As Associações Religiosas</i> .....	167
5.3 - <i>Missões e retiros</i> .....	174
5.4 - <i>Retiros espirituais</i> .....	175
5.5 - <i>Festas e celebrações</i> .....	176
5.6 - <i>A Festa de Santo Antonio</i> .....	180
5.7 - <i>As polêmicas coletas</i> .....	181
CAPÍTULO 6	
O APOSTOLADO RELIGIOSO E A ESTRUTURAÇÃO PAROQUIAL.....	184
6.1 - <i>Um trabalho planejado</i> .....	185
6.2 - <i>Organização das comunidades</i> .....	187
6.3 - <i>Os estatutos da paróquia</i> .....	190
6.4 - <i>O Conselho das Comunidades – Lugares-tenente do Pároco</i> .....	193
CAPÍTULO 7	
RELACIONAMENTO COM AUTORIDADES	
OU “O DECLÍNIO DO IMPÉRIO”.....	197
7.1 - <i>Dom Antônio Reis – Pe. Afonso Corrêa</i> .....	197
7.2 - <i>Caso Chácara n° 17 – Uma quebra de braço</i> .....	213
7.3 - <i>O Caso da Praia Santa Marta – fim melancólico</i> .....	217
7.4 - <i>A festa dos trinta anos de Barril e a Renúncia</i> .....	228
7.5 - <i>O caso da criação da paróquia de Taquaruçu</i> .....	231
CAPÍTULO 8	
NOVOS TEMPOS COM A DIOCESE	
DE FREDERICO WETPHALEN.....	233
8.1 - <i>“Isso tudo é merecimento seu...”</i> .....	234
8.2 - <i>Mons. Vítor queria ser bispo?</i> .....	236
8.3 - <i>“Questão Mercadinho Popular”</i> .....	240
8.4 - <i>Últimos tempos</i> .....	241
<b>ANEXOS</b>	
<b>PARTE II.....</b>	<b>244</b>
<b>PARTE III</b>	
<b>O CAUDILHO – ATUAÇÃO POLÍTICA.....</b>	<b>253</b>
CAPÍTULO 9	
RESQUÍCIOS DE CAUDILHISMO.....	253
9.1 - <i>Mútua cooperação</i> .....	256
9.2 - <i>Religioso &amp; cívico: uma simbiose</i> .....	258
9.3 - <i>Um “Triunvirato” invicto</i> .....	259
9.4 - <i>Mussolinista</i> .....	260
9.5 - <i>Viagem à querida Itália</i> .....	261
9.6 - <i>Uma entrevista</i> .....	265
9.7 - <i>Integralismo</i> .....	267
9.8 - <i>Ensino religioso nas escolas</i> .....	270
9.9 - <i>O anticomunismo</i> .....	271
9.10 - <i>Casamento civil X casamento religioso</i> .....	273
CAPÍTULO 10	
2ª GUERRA MUNDIAL: UM CORAÇÃO DIVIDIDO.....	276
10.1 - <i>Sombria expectativa</i> .....	276
10.2 - <i>A Liga de Defesa Nacional em Frederico Westphalen</i> .....	277
10.3 - <i>Questão Latim</i> .....	279
10.4 - <i>Igreja e Pátria</i> .....	283
10.5 - <i>Procissão X Comício</i> .....	286
10.6 - <i>A notícia do ingresso do Brasil na guerra</i> .....	287
10.7 - <i>Caso Inspetoria de Terras</i> .....	289
10.8 - <i>Caso Exator</i> .....	290
10.9 - <i>Um discurso “brasilianista”</i> .....	291
10.10 - <i>Pe. Battistella era “Quinta Coluna”?</i> .....	292

10.11 – <i>Seqüelas: o caso Clube Harmonia</i> .....	295
10.12 - <i>Fim da Guerra Mundial</i> .....	298
<b>CAPÍTULO 11</b>	
<b>A LEC E AS ARTICULAÇÕES DA IGREJA NA ELEIÇÃO DE 1933</b> .....	300
11.1 – <i>A Ação Católica no Brasil</i> .....	301
11.2 - <i>A Ação Católica na Diocese de Santa Maria</i> .....	302
11.3 - <i>Mons. Vítor e a Ação Católica</i> .....	305
11.4 - <i>A Liga Eleitoral Católica no Brasil</i> .....	309
11.5 - <i>A eleição de 1933 - estudo de casos concretos</i> .....	313
11.5.1 - Posicionamento da Diocese de Santa Maria .....	316
11.5.2 - O líder católico Adroaldo Mesquita da Costa.....	318
11.5.3 - Dom Becker X Dom Antônio Reis .....	327
11.5.4 - Analisando a eleição de 1933 na paróquia de Erechim.....	330
11.5.5 - Reestruturação da LEC estadual - Cônego Aragão exige coerência para com a LEC .....	339
11.5.6 - A atividade de Adroaldo Mesquita da Costa na Constituinte de 1934.....	342
<b>CAPÍTULO 12</b>	
<b>PE. BATTISTELLA, A L.E.C. E AS ELEIÇÕES EM BARRIL</b> .....	346
12.1 - <i>A eleição de 1945</i> .....	346
12.1.1 - Contextos.....	347
12.1.2 - “O perigo vermelho” .....	349
12.1.3 - As estratégias eleitorais do Pe. Battistella .....	355
12.2 - <i>As conturbadas eleições de 1947</i> .....	363
12.2.1 - O fim do Triunvirato .....	363
12.2.2 - Fatos preliminares .....	364
12.2.3 - A atuação do Bispo de Santa Maria.....	368
12.2.4 - A eleição e as polêmicas com o Pe. Battistella.....	370
12.2.5 - A luta contínua nos jornais .....	374
12.2.6 - As eleições de 1947 para prefeito.....	379
12.2.7 - LEC, Bispos, circulares.....	380
12.2.8 - A campanha das eleições municipais de 15 de novembro .....	383
12.2.9 - A eleição dos Boletins .....	384
12.2.10 - Novamente no ringue da imprensa .....	387
12.2.11 - Uma eloqüente manifestação de força .....	394
12.3 – <i>As eleições de 1950 e de 1951</i> .....	401
12.3.1 – A disputa eleitoral de 1950 .....	401
12.3.1.1 – A atuação da LEC.....	402
12.3.1.2 - O debate ideológico.....	402
12.3.1.3 - Uma eleição importante.....	404
12.3.1.4 - O pequeno Partido Democrático Cristão .....	408
12.3.1.5 - A LEC volta à cena .....	408
12.3.1.6 - A eleição em Barril .....	414
12.3.2 - As eleições municipais de 1951: Concepções ideológicas - “água na fervura” .....	416
12.3.2.1 - Pátria & Religião.....	416
12.3.2.2 - Apelo à união .....	418
12.3.2.3 - A ameaça do divórcio e a LEC.....	419
12.3.2.4 - Orientações da LEC.....	421
12.3.2.5 - O Bispado de Santa Maria.....	422
12.3.2.6 - Instruções em vista das eleições em Barril .....	423
12.3.2.7 - A percepção do Pároco.....	424
12.3.2.8 - Novo Caso Boletins.....	425
12.3.2.9 - Caso “Sermão violento” .....	427
12.3.2.10 – Outro caso: “Inquérito da luz” .....	429
12.3.2.11 - O mais violento dos sermões .....	431
12.3.2.12 - Represálias .....	434
12.3.2.13 - “Caso Luz e Alegria” .....	435
<b>CAPÍTULO 13</b>	
<b>NA EMANCIPAÇÃO DE FREDERICO WESTPHALEN</b> .....	437
13.1 - <i>Uma antiga aspiração</i> .....	438
13.2 - <i>Firme e... vacilando</i> .....	441
13.3 - <i>Primeira eleição municipal</i> .....	446
13.4 - <i>Novas ameaças</i> .....	451
<b>CAPÍTULO 14</b>	
<b>AS ELEIÇÕES DE 1954 E DE 1958</b> .....	453
14.1 - <i>As percepções do suicídio de Vargas</i> .....	453
14.2 – <i>A disputa eleitoral de 1954 e o “Clericalismo”</i> .....	455
14.2.1 - A LEC se auto-avalia.....	458

14.2.2 - Orientação da Igreja .....	460
14.2.3 - “Clericalismo” .....	463
14.2.4 - A ação da LEC .....	467
14.2.5 - A eleição em Barril: usando a LEC .....	470
14.2.6 - Ecos da eleição .....	473
14.3 – <i>A campanha eleitoral de 1958 e um outro Vitor</i> .....	478
14.3.1 - Um outro Vitor .....	479
14.3.2 - Os bispos frente à eleição de 1955 .....	483
14.3.3 - O silêncio do Pe. Battistella .....	487
14.3.4 - Um apelo à união e ao perdão .....	487
14.3.5 - Os Bispos e o esvaziamento da LEC na eleição de 1958 .....	488
14.3.6 - O pleito em Barril .....	491
14.3.7 - A atitude do clero nas eleições .....	493
<b>CAPÍTULO 15</b>	
<b>INICIATIVAS MATERIAIS X AUXÍLIOS PÚBLICOS</b> .....	494
15.1 - <i>Fatores da evolução econômica</i> .....	494
15.2 - <i>Preocupação com a Saúde</i> .....	499
15.3 - <i>O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora</i> .....	504
15.4 - <i>O Pré-seminário Nossa Senhora Medianeira</i> .....	505
15.5 - <i>A Nova Igreja Matriz – Um “milagre?”</i> .....	506
15.5.1 - A obra-prima do Pe. Battistella .....	506
15.5.2 – O segredo? Mutirão bem conduzido .....	509
15.5.3 - Quanto custou a nova Igreja Matriz? .....	514
15.6 - <i>A União dos agricultores e criadores (UNAC)</i> .....	514
15.7 - <i>Na educação</i> .....	516
15.7.1 - A instrução em Barril .....	517
15.7.2 - Severo controle das escolas .....	519
15.7.3 – Soa a hora (tardamente?) .....	521
<b>CAPÍTULO 16</b>	
<b>OSTRACISMO E ÚLTIMAS CONCEPÇÕES</b> .....	524
16.1 - <i>Ostracismo: Voluntário ou compulsório?</i> .....	524
16.2 - <i>As eleições municipais de 1959</i> .....	528
16.3 - <i>Como viu a Golpe de 1964?</i> .....	529
16.4 - <i>Um balanço da administração municipal</i> .....	530
16.5 - <i>Caso Streape Tease</i> .....	532
16.6 - <i>A eleição municipal de 1968</i> .....	534
16.7 - <i>Mons. Vitor queria ser prefeito?</i> .....	535
16.8 - <i>O 5º prefeito – uma guinada para a esquerda?</i> .....	539
16.9 - <i>Inflexível defensor da autoridade</i> .....	540
16.10 – <i>Uma constante severidade moral</i> .....	543
16.11 - <i>Preocupação pelo social</i> .....	549
16.12 - <i>Aliança Social Santo Antonio – entidade “laranja”?</i> .....	550
16.13 - <i>A derradeira viagem à Brasília e as últimas manifestações</i> .....	553
16.14 - <i>Falecimento</i> .....	557
<b>ANEXOS</b>	
<b>PARTE III</b> .....	558
<b>CONCLUSÃO</b> .....	570
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	583
FONTES DE PESQUISA .....	588



## INTRODUÇÃO

“Para testemunho da história conservo em meu arquivo abundante documentação de cada episódio que emprestou dramaticidade à minha vida. São documentos autênticos, falam por si e podem ser consultados por quem desejar esclarecer dúvidas, retificar julgamentos e inteirar-se da verdade”.  
*Mons. Vítor - Testamento Espiritual, 1966.*

Desde quando comecei, de forma diletante, a fazer pesquisas históricas, em 1983, sobre o antigo município de Frederico Westphalen e da antiga paróquia de Barril<sup>1</sup>, na região do Alto Uruguai, no norte do Rio Grande do Sul, sobressaiu uma constante: a presença em quase todos os documentos e entrevistas da figura de Mons. Vítor Battistella, que, por sinal, não cheguei a conhecer pessoalmente, pois faleceu em 1973, com 69 anos. Essa onipresença se apresentava como um paradoxo: a maioria o via como um “pai”, um “santo”, um homem de capacidades ímpares, um “herói”, desbravador, batalhador, clarividente... Contrariamente, um grupo menor o tinha - e tem - como um padre que não tinha qualidades para ser um guia espiritual, como um caudilho metido em tudo, um politiqueiro, um dominador, um ditador, um extorquidor dos poucos recursos dos colonos para construir obras faraônicas...

Na primeira compreensão - da proeminência de Mons. Vítor - alinham-se os depoimentos de religiosos, de pessoas com destaque na sociedade (políticos, empresários, profissionais liberais), além das pessoas simples que viviam fora dos círculos do poder, sobressaindo as mulheres, donas de casa, as “beatas” que colocam o padre no mais alto dos pedestais. Um exemplo típico é do Bispo Emérito da diocese de Frederico Westphalen, Dom Bruno Maldaner, que diz: “Em todas as páginas que escreveram a história desta cidade e desta região: na religião, na educação, na cultura, na política, na indústria, no comércio, na agricultura, no esporte, nos meios de comunicação, notamos a presença marcante deste homem e deste sacerdote, que se fez tudo para todos, a fim de levar todos a Deus pelos caminhos do bem, da verdade, da justiça e do amor”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Usaremos este nome para designar o território da antiga paróquia, criada em 1933, sendo que hoje está desmembrada em nove municípios (Frederico Westphalen - sede, Iraí, Seberi, Palmitinho, Vicente Dutra, Caiçara, Pinheirinho, Vista Alegre e Taquaruçu do Sul).

<sup>2</sup> Elogio fúnebre, que proferiu no enterro de Mons. Battistella, em F. Westphalen, 17 de maio de 1973. Original, com o autor.

Do mesmo modo, é recorrente a imagem do religioso que age nas mais diferentes áreas da atividade humana, polivalente. Como esta de um jornalista: “*Com toda razão pode dizer-se que foi um padre-caudilho ou padre-literato, um padre-mito. Padre Vítor Battistella desafiava as agruras do tempo com denodo e galhardia, tendo brandido apenas com igual valia as funções sacerdotais*”.<sup>3</sup>

De nossa parte, afora os depoimentos testemunhais, controversos, fragmentados e parciais, o único contato indireto com Pe. Vítor tinha sido através de sua obra histórica e autobiográfica *Painéis do Passado* - editada em 1969 - que, na infância, folheava o exemplar que o pai tinha adquirido, mais motivado pelas suas ilustrações. Aumentando o interesse, no período de seminarista em Frederico Westphalen, pudemos conversar muito com o casal Davi e Olga Girardello, que residiam na casa onde o padre passara seus últimos anos. Aos poucos, íamos nos enfronhando da vida daquele homem, conhecendo suas facetas múltiplas. Ao mesmo tempo que traziam luzes para explicar os paradoxos, traziam mais dúvidas, problemas, inquietações – naturais para um jovem que então desejava seguir a mesma vocação do personagem em tela.

Foi Davi Girardello, numa dessas conversas, que falou da existência de caixas contendo muitos papéis, que o seu hóspede tinha organizado. Mas acreditava que tinham sido queimados, pois nunca mais vira após a sua morte. De fato, no seu *Testamento*, por duas vezes, o primeiro pároco de Barril fizera questão de mencionar que deixava farta documentação sobre sua vida para a posteridade – a epígrafe acima. Entrementes, continuava a pesquisa, limitada aos poucos escritos que encontrava esparsos entre seus amigos, as matérias que assinara em jornais, alguns bilhetes e anotações que colocara no meio de seus livros, que estavam na biblioteca do Seminário.

Já cursando Filosofia em Viamão - RS, vendo que em 1989 transcorria o 15º aniversário de sua morte, e contando com o apoio dos superiores, tivemos a idéia de escrever alguma coisa da vida do Pe. Vítor, certos de que o tema interessaria a muitos, sobretudo a pessoas que o conheceram, estudantes e outros afeiçoados a coisas do passado e que resultou no pequeno livro *Mons. Vítor na história de Barril*.<sup>4</sup> Para tanto, fomos em busca de maiores e melhores informações. E eis que, numa daquelas coincidências da vida, aconteceu um fato que mudaria toda a relação com o famoso padre. Sabendo que o meu pároco, Pe. Albino Busato, de Taquaruçu do Sul - RS, fora coadjutor do Pe. Battistella, falei a ele de meu projeto e perguntei se ele possuía alguma coisa a seu respeito. Sem nada falar, retirou-se para seu quarto. Voltou com uma enorme caixa de papelão, transbordando de pastas, cadernos, documentos amarelados. Imagine-se a

---

<sup>3</sup>A *Voz do Povo*, “Editorial”. Frederico Westphalen, 14.05.1983, p. 6.

<sup>4</sup> SPONCHIADO, Breno Antonio. *Mons. Vítor Battistella na história de “Barril”*. Passo Fundo: Berthier, 1989.

euforia! Simplesmente disse-me “tome”. Acontece que Pe. Busato havia sido escolhido pelo Pe. Vítor para ser seu testamenteiro e, no cumprimento de sua missão, encontrou aquelas caixas de documentos e, como não constava um destino para eles no seu último desejo, as levou consigo.

Com o girar da roda do tempo, cursei Teologia por quatro anos em Passo Fundo, mas continuava em minha cabeça a figura do padre-mito de Barril. Mas, de certo modo, aqueles estudos davam respostas a algumas interrogações sem respostas, sobretudo por dissipar névoas do universo religioso e indicar luzes da visão-de-mundo daquele sacerdote. Mas perdurava a questão crucial das visões ambíguas e contraditórias em torno da pessoa e da ação do Monseñor. Facilitou este discernimento o fato de, a fim de garantir a sua preservação, transcrevi em computador, dando sua contextualização, todos os seus escritos<sup>5</sup>, sobressaindo os vinte cadernos por ele preenchidos, contendo suas prédicas, práticas, conferências, avisos, artigos e tantas outras manifestações, originais e reveladoras da sua mentalidade, e da sua retórica. Sem falar dos variados dossiês, cada um mostrando uma faceta da complexa personalidade e polivalente atuação do Pe. Battistella.

Cursando mestrado em História pela PUC-RS (1997-2000), abandonei por um tempo esse material e suspendi as interrogações. Mas pude, por outro lado, pesquisar um tema que acabou por levar-me à análise de uma pessoa e introduzir-me na pesquisa histórica no gênero biográfico.<sup>6</sup> Tomando por objeto de pesquisa a colonização do Alto Uruguai, implementada pelo governo gaúcho no início do século XX, deparei-me com a figura de Carlos Torres Gonçalves, que chefiou por cerca de três décadas a Diretoria de Terras e Colonização, e, adepto ortodoxo do positivismo comtiano. A pesquisa, principalmente os contatos com sua família, reafirmou-me a convicção de que não era possível compreender o modelo colonizador planejado e aplicado na região de Erechim, Santa Rosa e Iraí sem levar em conta a pessoa de Torres Gonçalves. Como também não podia desvincular aquele processo de povoamento do ideário positivista, na sua vertente religiosa e filosófica, da qual o protagonista estava profundamente impregnado.

Surgindo a oportunidade de cursar o doutorado pela mesma instituição<sup>7</sup>, veio-me à mente como supimpa a oportunidade de abordar o tema da controvertida figura do primeiro pároco

---

<sup>5</sup> Em anexo, colocamos a listagem de toda a literatura que conseguimos levantar de nosso biografado.

<sup>6</sup> SPONCHIADO, Breno Antonio. *O positivismo e a colonização do norte do Rio Grande do Sul*. Dissertação de mestrado, sob a orientação do Prof. René E. Gertz. PUCRS, 2000. Este tema, aliás, já abordara na monografia de conclusão do curso de Filosofia, pela FAFIMC – Viamão – RS.

<sup>7</sup> O curso de doutorado tornou-se possível pela cedência de uma bolsa de estudos da CAPES, por intermédio do Mons. Urbano Zilles – Pró Reitor de Pós-Graduação da PUCRS.

de Barril, optando por desenvolver um estudo de gênero biográfico e de corte micro-histórico. As razões dessa escolha, passaremos a justificar.

### **Mons. Vítor na historiografia regional**

Ora, desde aquele estudo sobre a pessoa de Pe. Battistella, que fizera em 1989, muitas outras publicações e estudos tinham saído, de origem acadêmica ou não, trazendo à tona a sua pessoa, fatos que o envolviam e seus feitos. Entendemos que nessa introdução - para além de ficar repetindo a trajetória do gênero biográfico no contexto da historiografia, ou repisar sua legitimidade, ou sua explosão de vendas atual, ou mesmo trazer elucubrações sobre o “indivíduo na história”, cuja bibliografia é farta<sup>8</sup> - nos parece mais proveitoso e elucidativo passar em revista esta produção historiográfica em torno do primeiro pároco de Barril. Embora, talvez desconhecida dos centros acadêmicos maiores, reveste-se de importância para esse estudo, enquanto revelam aspectos essenciais para compreender a relevância do tema e, para além disso, entendermos as diferentes interpretações existentes a respeito do nosso biografado. Doutra parte, esse exercício, ao nosso ver, mostrará que a ambigüidade, que encontramos nos depoimentos pessoais e passionais das pesquisas iniciais em torno do Mons. Vítor, continuaram e ganharam um caráter sistemático, explicativo, acadêmico.

A primeira apreciação sobre Mons. Vítor após a sua morte foi da parte de um colega sacerdote e historiador eclesiástico, Pe. Arlindo Rubert, que escreveu, em 1972, uma história da Diocese de Frederico Westphalen, na passagem de seu 10º aniversário<sup>9</sup>. O autor, dentro de sua percepção triunfalista da Igreja, que vê a instituição católica como precursora e orientadora de uma civilização cristã, humanitária, que leva seus benefícios a toda sociedade civil, transfere essa mesma imagem a Mons. Vítor: possuidor de tino administrativo e zelo apostólico, as vicissitudes dos primeiros tempos, frisa-o como fundador, animador e organizador de comunidades religiosas. Citando as suas iniciativas de toda ordem, enfatiza que o primeiro pároco de Barril não foi apenas um animador da vida espiritual, mas promoveu seus paroquianos também mate-

---

<sup>8</sup> Dividimos em dois grupos: 1 - Começando pelos **clássicos estrangeiros**: LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 1999. GAY, Peter. *Freud para historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001. DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1987. GAY, Peter. *Mozart*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. - GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 2 – **Jornalistas**: É grande o sucesso recentemente alcançado por jornalistas brasileiros que escreveram biografias: como CALDEIRA, Jorge. *Mauá: empresário do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras; MORAIS, Fernando. *Olga*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1984.

<sup>9</sup> RUBERT, Arlindo. *A Diocese de Frederico Westphalen*. Canoas: La Salle, 1972. Antes disso, com Mons. Vítor em vida, Rubert já tecera considerações, elogiando seu dinamismo e elencando suas principais obras, sobressaindo a nova igreja em construção. Cf. RUBERT, Arlindo. *A Diocese de Santa Maria*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1957.

rialmente. E justifica tal procedimento: “a Igreja, incarnada no tempo e inserida na história, deve, concretamente, se interessar pelo bem do homem e de todos os homens”.<sup>10</sup> Pe. Rubert bem notara - e daí sua justificativa - a faceta um tanto peculiar e incomum de nosso biografado, qual seja, a de sua presença à frente de iniciativas materiais, ocupando espaços e órbitas que, em geral, eram competências do poder público ou da iniciativa privada.

Os textos de Rubert sobre o Pe. Battistella passaram década e meia sem acréscimos, até que o professor e empresário Lírio Zanchet voltou a referir-se ao Monsenhor, agora na passagem dos 25 anos da diocese.<sup>11</sup> Zanchet - que cursou Filosofia no seminário -, em seu artigo sobre a igreja-catedral, mostra-se alinhado à mesma percepção triunfalista do autor anterior, enaltece a obra: “templo formoso que causa estupefação aos observadores e orgulho aos colaboradores da construção. O monumento cristão jogou ao céu a fé religiosa do povo, como acontecia na Idade Média, quando as catedrais testemunhavam a reverência e culto ao Deus do universo”, escreve. As entrelinhas estão pontificadas de elogios às virtudes do protagonista deste estudo. Mas Zanchet não foge da realidade e explicita uma questão que estava latente em parte da população e que, à boca-pequena, era alvo de críticas: a questão dos custos e dos verdadeiros pagadores da imponente construção. Explicando como seu idealizador conseguira os recursos, entende que Mons. Battistella, além de seus dotes psicológicos de persuasão e sua liderança incontestada, usava a artimanha de incentivar o capital, estimular o desenvolvimento, e no dia da coleta, como autêntico Átila caído do céu, arrebanhava bois, galinhas, ensacava toneladas de cereais. O articulista defende tal procedimento, afirmando que o doador sentia-se feliz, e que as gerações transmitiram que “não faltava pão na família que dava trigo para o altar”.

No rastro deste debate, e no contra-ponto de Zanchet, em 1992, saiu à lume uma publicação inovadora, de origem acadêmica - monografia de licenciatura de História pela UNIJUÍ – questionando, fazendo críticas em torno da pessoa do religioso e seus meios empregados na construção da igreja-catedral.<sup>12</sup> Szatkoski, assumindo uma corrente historiográfica mais crítica, afasta-se do modelo tradicional de tratar o tema, dando um enfoque novo, no sentido de ver e revelar facetas e aspectos obscuros, “secretos”, proibidos da pessoa do sacerdote. Paradigmática é a citação, como epígrafe do livro, do poema de Bertold Brecht: “*Tebas das Sete Portas*,

<sup>10</sup> Idem, p. 59. Diz também: “o cristianismo deve defender-se de duas grandes tentações, a de se reduzir apenas a um espiritualismo desencarnado ou descambar para um existencialismo materialista”. Id. ib.

<sup>11</sup> ZANCHET, Lírio. “A igreja que já nasceu catedral”. *Jubileu Diocesano*. Frederico Westphalen: Litoarte Marin, 1987, p. 20 e s. Nesta publicação, da qual participamos, fizemos constar os dados sobre Mons. Vítor: “Mons. Vítor Battistella: o pai de Frederico Westphalen”, p. 18.

<sup>12</sup> SZATKOSKI, Elenice. *A construção da catedral de Frederico Westphalen*. Monografia de licenciatura de História. UNIJUÍ, 1992. Publicado em 1994, com o mesmo título. Frederico Westphalen: Litoarte Marin. A apresentação, embora não concordando com todo o conteúdo, foi de nossa autoria.

*Quem a construiu? Nos livros figuram os nomes dos reis. Foram os reis que arrastaram os grandes blocos de pedras?...”. Visava focar a construção do templo, mostrando quais foram os seus verdadeiros obreiros. Também “enfocar os argumentos e estratégias que Monsenhor Vítor Battistella usou para conquistar a confiança do povo, fazendo com que este colaborasse na construção da sua grande obra”. Objetivava, outrossim, resgatar “o papel da Igreja que historicamente esteve atrelada ao poder político dominante e que, detentora do conhecimento, direcionou a sua prática para a formação de um cristianismo mais voltado para o acúmulo de bens materiais do que espirituais”.<sup>13</sup> A autora tem consciência de que o tema é “sério e polêmico, que há décadas é discutido em Frederico Westphalen, com certo receio por parte da população em comentar os fatos negativos da ação de Monsenhor na comunidade”.<sup>14</sup> A autora procurou relacionar Mons. Battistella com o Padre Cícero. “Não foi apenas no Nordeste que existiu ‘o coronel de Batina’(...). Em Frederico Westphalen, Monsenhor Vitor Battistella, ficou conhecido como ‘padre caudilho’, pois atuava sempre com ‘vistas aos interesses vitais da religião e do povo’”, argumenta.<sup>15</sup> A esse tempo, lembramos, já tínhamos lançado uma biografia, na qual tratamos dessa sua faceta caudilhesca. Para Elenice, “tanto padre Cícero como Monsenhor Vitor Battistella defenderam seus próprios interesses”.<sup>16</sup> Analisando as iniciativas do religioso, entende que “pode-se perceber que este fazia papel de líder político. Pois obras como as acima citadas seriam de responsabilidade da prefeitura, ou estado, à qual o distrito de Barril pertencia, no caso Palmeira das Missões”. E sentencia: “Mons. Vítor não teria feito absolutamente nada, sem o aval, a colaboração braçal do povo e a ajuda financeira pública que vinha ‘mascarada’ através de sociedades civis (UNAC, Aliança Santo Antônio, Hospital Divina Providência)”.<sup>17</sup> Acrescenta que duas obras secundárias, em termos de tamanho, foram contestadas: o “hospital municipal que o povo construiu em 1951”, e que foi vendido pela Sociedade Beneficente Divina Providência, para pagamento de dívida proveniente da compra de terrenos na Praia Santa Marta.<sup>18</sup> A outra obra questionada pela autora, também “construída pelo povo”, foi a Escola Nossa Senhora Auxiliadora, que teria sido “entregue às Irmãs do Imaculado Coração de Maria para que atendessem para sempre à educação e à instrução dos filhos do povo”.<sup>19</sup> Szatkoski também entende que Mons. Vitor foi omissivo no incentivo à*

---

<sup>13</sup> Idem, Introdução, p. 12.

<sup>14</sup> Idem, p. 6.

<sup>15</sup> Idem, p. 41 s.

<sup>16</sup> Idem, p. 42.

<sup>17</sup> Idem, p. 44.

<sup>18</sup> Idem, p. 45.

<sup>19</sup> Idem, p. 45.

educação, pois “poderia alfabetizar mais o povo e, conseqüentemente, [seria] o fim do seu domínio sobre os mesmos”.<sup>20</sup> Quanto à construção da igreja matriz, objeto central da investigação, quer ver que Pe. Battistella “preocupou-se em controlar o povo incauto e atrasado, através de propaganda na Rádio Luz e Alegria, que dirigia, sermões severos na missa, proibição de leituras, somente lia-se o que ele ‘aconselhava’ e o alerta com as pessoas que chegavam de fora trazendo ‘idéias novas’, que estas poderiam trazer o mal, a discórdia e o conflito”.<sup>21</sup> “Quando - prossegue - ocorriam pragas nas lavouras, pestes em animais, temporais, doença ou morte, o Padre culpava as atitudes dos fiéis e afirmava que era a ira de Deus sobre o povo pela má conduta dos mesmos, quando estes não o atendiam como desejava”.<sup>22</sup> “Fazia, no púlpito, o acerto e a cobrança das doações, deixando, muitas vezes, alguns camponeses orgulhosos e outros constrangidos, pois citava o nome e o tipo da contribuição que recebia”. Contraditoriamente, mais adiante, diz que os “muitos fiéis e visitantes quando entram na catedral, não se dão conta da história que cerca toda a sua construção. Homens movidos pela fé, crentes, tementes e respeitosos a Deus e a seu representante local, levaram adiante o sonho que tornou realidade...”<sup>23</sup>. Ora, questionamos, ou o povo foi coagido, por pressão moral psicológica do líder - como afirma acima -, ou foi, como diz depois, uma opção livre, consciente, fruto das convicções religiosas da comunidade - visto que não se sabe de um levante individual ou coletivo de expressão contrário à obra ao tempo de sua construção. Enfim, percebe-se na obra contradições entre as informações e as fontes; outrossim, escassa documentação - as poucas nós as fornecemos -; e os depoimentos, além de insuficientes, parecem selecionados às pessoas críticas ao personagem em tela. Ademais, a autora não procurou contextualizar devidamente a mentalidade do protagonista, preferindo pinçar aspectos e ações deslocadas do contexto, isoladas do todo.

Bem menos rumorosa foi a publicação da professora e ex-secretária da Educação de Frederico Westphalen, Mary E. Cerutti Rizzatti, de 1996.<sup>24</sup> Na compilação, baseada em documentos e depoimentos orais, *Aspectos significativos da história de Frederico Westphalen*, assume uma postura diplomática e nada ofensiva, limitando-se a mostrar objetivamente a atuação do religioso. Dos fatos que aborda, depreende-se a influência do Pe. Vítor, inclusive na política, notadamente no processo de emancipação, e fazendo questão de registrar a sua presença nas posses de mandatários até 1972. A maior novidade é revelar facetas do religioso

---

<sup>20</sup> Idem, ibidem.

<sup>21</sup> Idem, ibidem.

<sup>22</sup> Idem, ib.

<sup>23</sup> Idem, ib.

<sup>24</sup> RIZZATTI, Mary Elizabeth Cerutti. *Aspectos significativos da história de Frederico Westphalen*. Frederico Westphalen: Ed. Marin, 1996.

na visão feminina, baseada em entrevistas com mulheres. Consoante, destaca que Mons. tinha muita influência sobre as *senhoras*, que atendiam à risca suas orientações. Tais orientações “transformavam-se em regras de comportamento adotadas pela grande maioria da população”. Tratando da questionada construção da igreja, detectou que os fiéis eram exortados a colaborar, “todavia certamente não houve um só deles que não se enchesse de júbilo ao ver a majestade do templo erigido”. Quanto à ação do padre, entende que cumpre que se valorize, que se releve seu trabalho, não ignorando que “vários fiéis com ele se indispueram em virtude de terem sido exortados à participação na construção do templo”. Classifica, outrossim, o sacerdote como afeiçoado à filosofia do PSD, amparado no que ele mesmo confessa em seu *Painéis do Passado*. Louva o seu tino comercial, que, no que pese certos relatos orais, há também insatisfação - principalmente no repasse do hospital. Enfim, Rizzatti, atenta às diferentes vozes, qual Salomão, safa-se do problema, afirmando que muito do progresso frederiquense se deve a iniciativas do sacerdote, que também indubitavelmente foi uma figura controversa, “amado por muitos, foi alvo de antipatia de outros tantos... como qualquer cidadão em evidência”, completa.<sup>25</sup>

Mais tarde, possivelmente numa articulação pensada, surgiram duas obras com referências ao nosso personagem, tendo por autor o Pe. Fiorindo D. Grassi e patrocinadas pela Universidade Regional Integrada, Campus de Frederico Westphalen, embora não sejam propriamente obras históricas. Não só fazem apologia da pessoa e da atuação do Mons., como também, diretores daquela universidade e outros líderes reivindicam-se sucessores de seu trabalho e discípulos de sua “Escola”.<sup>26</sup> Aqui, nos ateremos à segunda obra, *A montaria de Jesus Cristo*, de 1998. Grassi - que também é advogado e professor da URI -, buscando uma aproximação ou vínculo entre o tema-título de seu livro e Mons. Vítor - por também ter andado a cavalo! -, mostra-se vivamente interessado em defender seu antigo pároco, colocando-o como nato portador da vocação de liderança, guia espiritual e social da comunidade frederiquense e outras qualidades. Acredita que poucos tenham avaliado corretamente a vocação e a real personalidade de Monseñor: “personalidade – diz – que lhe deu força íntima, que o impulsionou em todas as suas diversificadas atividades”. Tendo por objetivo, pois, desfazer eventuais equívocos, propõe-se a pintar um retrato real da face, quase oculta, misteriosa e mística do Monsenhor. Esse retrato, entende Grassi, na realidade, foi outro daquele baseado só nas aparências, ou maneira exterior de proceder em certas situações.<sup>27</sup> Num malabarismo de linguagem e imaginação, vendo cone-

<sup>25</sup> Idem, p. 323-327. Conclui: Pe. Vítor “será sempre lembrado, quer com simpatias por aqueles que o tem na conta de herói, quer com reserva por aqueles que ainda discutem a respeito de suas atitudes”. Idem, p. 326 s.

<sup>26</sup> GRASSI, Fiorindo David. *Os maragatos e o Médio Alto-Uruguai no Sul do Brasil*. Frederico Westphalen: URI, 1997; *A montaria de Jesus Cristo*. Frederico Westphalen: URI, 1998; *A Vila Faguense – reflexões sobre este e outros pólos turísticos de Frederico Westphalen*. Frederico Westphalen: URI, 2000.

<sup>27</sup> GRASSI, *A montaria de Jesus Cristo*, p. 182.



xão no fato de, tanto Jesus como o religioso andarem a cavalo, sobrepõe Jesus Cristo ao primeiro pároco barrilense (usa a clássica “identificação”, *Alter Christus* = outro Cristo, de São João Crisóstomo). De modo que aquele se prolongaria e viveria na pessoa do Padre Vítor, não obstante defeitos que esse possa ter tido. Dizendo-se testemunha ocular, passa a descrever o padre, que apesar de integrado com seu povo, era “solitário”, isto, segundo seu raciocínio, também em função de sua opção ao celibato, o que não o tornaria imune de sua condição de homem normal, sujeito às flechas de um cupido... (sic!). Reporta-se também à Carta Renúncia do Pe. Vítor, para dizer que seu pároco passara por amargos momentos e humilhações injustas. Contrapondo-se ao trabalho da Prof<sup>a</sup>. Elenice, assevera que Mons. sempre se mostrou muito interessado pelo ensino convencional, mas se limita a transcrever passagens dos *Painéis do Passado* relativos à instrução em Barril. Outro aspecto, abordado por Grassi, é a do fato de o Mons. Vítor ter sido “um autêntico e inquestionável formador de Escola, transmitindo para a posterioridade memoráveis e perenes princípios da ação cívico-religiosa da Igreja Católica”.<sup>28</sup> Esclarece que fazer escola significa reunir em redor de si adultos e jovens, tornando-os adeptos de um ideário e impulsionando-os a levá-los em frente com realismo e determinação. Essa pretensa Escola seria a de um líder, e cita, como exemplo, que Monsenhor ouviu opiniões na elaboração do projeto da futura catedral. Essa liderança do religioso, para o jurista e escritor, foi um *dom* que recebeu de Deus desde o berço. Ilustra essa virtude citando o modo como conduziu as obras da nova igreja. Foi um líder incontestado, de profunda fé e formação religiosa, psicológica e moral, repete. Querendo revelar traços desconhecidos da personalidade, transcreve o relato que Mons. fez do painel do Calvário que foi pintado no fundo da igreja. Por fim, embora Monsenhor não conste da sua fundação (22.12.1969), Grassi aponta como discípulos da escola do Battistella, os idealistas e condutores da URI- Frederico Westphalen. Ao seu ver seriam pessoas “positivamente influenciadas por Mons.”; ou “sucessores intelectuais de Mons.”, do seu ideário; mais ainda, “seriam como fautores e arquitetos da multiforme Escola de Progresso de Frederico Westphalen, embasada solidamente na Escola de Mons...”.

Em 1997, colaboramos para uma publicação que visava celebrar os 50 anos da Escola Nossa Senhora Auxiliadora, outra obra liderada pelo Mons. Battistella.<sup>29</sup> Dizíamos na oportunidade, com o cabedal de informações que se acumulavam e as reflexões sobre elas, que “é impossível compreender a obra desvinculada do seu idealizador. E toda criatura expressa algo do seu criador”. Traçamos um perfil mais completo do pároco, complementando com a mentalida-

---

<sup>28</sup> Idem, p. 209.

<sup>29</sup> SPONCHIADO, Breno Antonio. “A obra e seu idealizador”. In: *Escola Nossa Senhora Auxiliadora – meio século de educação cristã*. Frederico Westphalen: Gráfica e Editora Alto Uruguai, 1997.

de de seu tempo, sua contribuição na instrução de Barril, e o contexto em que se inseria a criação daquele educandário.

Enquanto estou ultimando o presente estudo, está sendo publicado pela prof<sup>a</sup>. Elenice Szatkoski *Os grupos dos Onze – uma insurreição reprimida*, resultado de sua dissertação de mestrado em História pela UPF de Passo Fundo.<sup>30</sup> Trata da repressão política e da formação dos chamados Grupos dos Onze na região do Médio Alto Uruguai, e, como não poderia deixar de ser, enfoca a figura do primeiro pároco de Barril. No livro, Pe. Battistella identificado com a Igreja Católica, e, como um dos acusadores dos militantes do Partido Trabalhista Brasileiro de formarem o suposto *Grupo dos Onze*. Ancorada em substancial número de documentos - alguns nós lhe fornecemos -, Elenice avança a reflexão em torno da construção do imaginário em torno do padre e o peso de sua retórica nesse processo. Mas perde em perspectiva histórica, ao confundir, ou simplesmente identificar, a instituição da Igreja (e seus interesses) com os projetos do religioso, bem como ao inseri-lo junto ao grupo local dos “anti-PTB”, naquele período, 1964.<sup>31</sup> As especificidades de pessoas e de tempo - como procuraremos mostrar neste estudo - não permitem, sob perda de apreensão da realidade histórica, tais generalizações sumárias e explicações simplistas. Concluindo essa parte, vê-se que também na historiografia sobre nosso protagonista encontra-se a polarização apontada no início e que esta perdura até os dias atuais, trinta anos já passados do falecimento do sacerdote.

### **Padres na política, um tema “tabu”**

A imagem do padre guia, pai, incentivador, progressista, é recorrente na historiografia, sobretudo nas monografias que tratam de localidades cujas origens tiveram a presença de religiosos, bem como em biografias<sup>32</sup>, que visam destacar a personalidade e o apostolado de sacerdotes e religiosos tidos por “insignes”, notáveis, e até com rasgos de santidade - uma

<sup>30</sup> SZATKOSKI, Elenice. *Os grupos dos Onze – uma insurreição reprimida*. Passo Fundo: UPF, 2003.

<sup>31</sup> Não é lugar para polemizar, mas para se ter idéia mais clara: Não há uma só referência na obra em que o suposto líder do *Grupo*, Vitalino Cerutti, cite Monsenhor Vítor como responsável pelas acusações, nem que esteja envolvido diretamente na armação dos “anti-PTB”. Pelo contrário, quando fala, é de tom favorável ao religioso, como o fez seu Adjalmo Cerutti, em entrevista que lhe fizemos. Note-se também que Vitalino vai ser indicado pelo Monsenhor para ser secretário da Liga Eleitoral Católica, na sua criação em Barril, em 1945; portanto, contava com a maior confiança do pároco. Quanto a dizermos que é uma incorreção identificar Mons. Battistella com a Igreja-instituição, mesmo a presente na Paróquia de Frederico Westphalen, queremos mostrar como nem sequer os padres da paróquia estiveram sempre “atrelados ao poder político” ou “aliados dos partidos liberal-conservadores” (SZATKOSKI, *Os grupos dos onze...*, op. cit. p. 236), assinalamos que o Pe. Alceu Ferrari, cura da Catedral de Frederico de fevereiro de 1967 a janeiro de 1971, esteve em prisão domiciliar, por uma semana em novembro de 1969, por não entregar os exemplares do *Catecismo* do Ir. Cecchin, considerado pelos órgãos do Governo como subversivo e recomendado pelos bispos rio-grandenses, às autoridades policiais. Cfme. *Livro Tombo Frederico Westphalen IV*, p. 27, - “Prisão do Pároco”.

<sup>32</sup> Nessa linha se insere a série de mais de três dezenas de biografias sobre os irmãos lassalistas *Vidas Lassalistas* elaboradas pelo Ir. Jacob J. Parmagnani, Canoas: La Salle. Também: RUBERT, Hélio Adelar. *O segredo de um monsenhor*. Santa Maria: Pallotti, 1981 (trata da vida do Mons. Humberto Busato, de Ivorá – RS). RUBERT, Ar-

hagiografia. Mas, por outro lado, se percebe uma lacuna representada pela ausência de estudos mais aprofundados sobre religiosos que desempenharam significativa atuação no desenvolvimento de comunidades, paróquias e cidades, incluindo também a participação político-partidária. Interessante observar que, paradoxalmente, acontece o contrário quando se trata de certos religiosos ou grupos de seguidores de seitas com características de fanatismo, com envolvimento em insurreições, episódios de violência, fatos extraordinários. Por exemplo, o caso dos Mucker do Ferrabraz, os Monges Barbudos, de Soledade, os seguidores dos visionários João Maria, no Contestado catarinense, e, indo além, Antonio Conselheiro, em Canudos, e Pe. Cícero, em Juazeiro, que mereceram e são ainda alvos de intermináveis pesquisas das mais diferentes abordagens e interpretações por parte de historiadores. A historiografia, assim, não foge do fascínio que exercem esses indivíduos ou grupos excêntricos, fanáticos, sectários, populistas; enfim, diferentes dos religiosos *normais* ou, podemos dizer, *ortodoxos*, que, apesar de fazerem bem mais em termos de resultado, passam quase despercebidos, no anonimato. Da mesma forma, se percebe que a atenção se volta majoritariamente para figuras religiosas ou grupos pertencentes à igreja que tiveram conflitos ou aproximações com outras agremiações ou seitas. Como é o caso dos estudos recentes sobre a relação entre o arcebispado de Porto Alegre e os membros da Capela Positivista da capital.<sup>33</sup> Também o relacionamento de clérigos ou a instituição eclesial com a maçonaria, capítulo ainda não suficientemente desvendado pela pesquisa, mesmo após a parcial abertura dos arquivos maçônicos, quando são sabidos os inúmeros casos de mútua perseguição em vários pontos do nosso Estado.<sup>34</sup> Nesse sentido, veio em boa hora o estudo do Prof. Luiz E. Vescio, que procura trazer luz sobre o episódio que continua cercado de mistério: a morte do Pe. Antônio Sório em Silveira Martins, em 1899, e no qual há indícios da participação de membros da maçonaria. Vescio, amparado em vasta documentação da parte do grupo *secreto*, procura dar uma interpretação que não vê a maçonaria como culpada do ferimento que acabou por matar o religioso, atribuindo a causa ao envolvimento de Sório com

---

lindo. *O herói do Alto Uruguai*. Passo Fundo: Berthier, 1986, 3ª ed. (enfocando a vida do Pe. Manuel Gomez Gonzalez, em processo de beatificação). HASTENTEU FEL, Zeno. *Dom Feliciano na igreja do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Acadêmica Ltda., 1987. Obras que tratam coletivamente de sacerdotes por naturalização ou ofício são as de RUBERT, Arlindo. *Os padres-mestres e o ensino sul-riograndense (1837-1889)*. Santa Maria: Pallotti, 1980; *Clero secular italiano no Rio Grande do Sul (1815-1930) – padres dos imigrantes*. Santa Maria: Pallotti, 1977.

<sup>33</sup> Veja-se a esse respeito: PEZAT, Paulo Ricardo. *Auguste Comte e os fetichistas: estudo sobre as relações entre a Igreja Positivista do Brasil, o Partido Republicano Rio-grandense e a política indigenista na República Velha*. Porto Alegre: PPG-História / UFRGS, 1997 (dissertação de mestrado).

<sup>34</sup> Restringindo-se à região colonial italiana, constam casos de conflitos e perseguição em Jaguari, envolvendo o Pe. Otávio Cattaneo; em Antônio Prado com o Pe. Carmine Fasulo; Caxias do Sul com Pe. Pedro Nosadini, entre outros. Cf. RUBERT, Arlindo. *Clero secular italiano no Rio Grande do Sul (1815-1930) – padres dos imigrantes*. Santa Maria: Pallotti, 1977.

uma *donzela*.<sup>35</sup> Isto provocou como reação o estudo do Pe. Rubert, na qual procura ratificar a versão há muito defendida pela igreja católica da perseguição dos maçônicos (*carbonários*, naquela região) aos seus membros.<sup>36</sup> Para além de julgamentos, acreditamos que é do confronto das idéias que sairá a faísca da veracidade. Nesta mesma linha, mas tratando da relação entre a Arquidiocese de Porto Alegre, sob a chefia de Dom João Becker, com o poder político estabelecido no governo do Estado, temos o estudo do Prof. Artur C. Isaia, que, numa análise minuciosa, procura mostrar além das aproximações e acordos entre as duas instituições, por períodos consideráveis, as motivações e ideologias presentes.<sup>37</sup>

Neste sentido, de estudos de casos da participação de religiosos na política, apesar da inexistência de estudos densos, vemos alguns ensaios. Sérgio da Costa Franco, por exemplo, em recente artigo, reconhece que “a história política do Rio Grande do Sul só tem sido estudada em visões panorâmicas, em grandes quadros que definem uma evolução global e antagonismos partidários de todo o Estado. Não em suas particularidades regionais, que apresentam aspectos interessantes e dignos de melhor pesquisa”.<sup>38</sup> Analisa a seguir o caso ocorrido na região colonial italiana - tida durante a república, como uma espécie de paiol de votos cativos do PRR – onde, na eleição de 3 de maio de 1924, destinada á renovação de uma cadeira no Senado da República e da representação gaúcha na Câmara dos Deputados, os resultados assinalaram “uma virada política na região colonial italiana”. Os candidatos da Aliança Libertadora foram vitoriosos em Caxias, Antonio Prado, Veranópolis, Garibaldi e Encantado. A 6 de maio seguinte, o Intendente Pena de Moraes (PRR) queixa-se a Borges de Medeiros, além das traição de que fora vítima, a ação deletéria “do padre e do delegado militar”. Dois dias depois, mais sereno, explicava a derrota: “*Nossos esforços aqui não puderam sobrepor-se ascendência religiosa padre Meneguzzi transformada em prestígio político contra nossa causa...*”. E rematava contra o religioso que teria conseguido atingir os colonos para trazê-los às urnas contra os governistas. Já de Garibaldi, no dia imediato ao pleito, o Intendente Jacob Nicolau Ely foi taxativo: “*Vencido pela traição dos frades, deponho nas mãos de V. Exa. cargos imerecidamente exerço*”.<sup>39</sup> Outro exemplo da influência de certos padres sobre os colonos ficou célebre a liderança do Mons. Humberto Busato, na região de imigração italiana de Ivorá - RS, cujo prestígio invadia

<sup>35</sup> VESCIO, Luiz Eugênio. *O crime do padre Sório: maçonaria e igreja católica no Rio Grande do Sul 1893-1928*. Santa Maria: UFSM; Porto Alegre: UFRGS, 2001.

<sup>36</sup> RUBERT, Arlindo. *Quarta colônia italiana: assistência religiosa, 1877-1900*. Porto Alegre: EST, 2003.

<sup>37</sup> ISAIA, Artur Cesar. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

<sup>38</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. “O despertar político da região colonial italiana”. In: SULIANI, Antônio (org.) *Etnias & Carisma: poliantéia em homenagem a Rovilio Costa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001., p. 1024-1027.

<sup>39</sup> Idem, p. 1027. Franco conclui que a eleição federal de 1924 “foi um sinal de alerta e uma demonstração inequívoca de que a cidadania começava a subtrair à hegemonia dos caudilhetes e dos ‘coronéis burocratas’, para seguir outras lideranças, religiosas ou não” (p. 1027).

as raias da política, sendo seu aval disputado pelos candidatos a cargos públicos<sup>40</sup>, notadamente seu conterrâneo Alberto Pasqualini.

### **Igreja e Política – espaços privilegiados de relações de poder**

Religião e política, igreja e partidos políticos são lugares privilegiados de poder. E de suas conseqüências: conflitos, acordos, estratégias, corrupção, arbitrariedades, planos, ideologias, projetos, conquistas, fracassos, sonhos, pesadelos... Este estudo pretende, a partir da pessoa de Mons. Vítor Battistella, reconstruir e compreender o que é possível dos fatos que giram em torno da sua atuação religiosa e sua atuação política.

Partindo do paradoxo inicial, da ambigüidade das interpretações da figura do Monseñor Vitor, uma primeira pergunta se impõe: Como podiam, numa população relativamente homogênea na religião e na etnia (*ethos*), surgir *ilhas de resistência* frente ao pensamento, discurso e domínio potencialmente hegemônicos do padre? A resposta passa em saber se estes grupos desalinhados com o sacerdote eram e por que eram refratários ao seu discurso. Ignoravam a “aura” que o cercava, reconhecida pelos demais? Esta ótica diferenciada provinha de serem pessoas de outra crença religiosa, pessoas de nível cultural - e crítico - mais elevado e em condições de questionar e duvidar da palavra do padre?

Nossa hipótese é de que, em se tratando de política – relações de poder -, há uma perda de força do religioso. Em outras palavras: quando o padre se posiciona contrariamente ao partido de uma pessoa, esta, em determinadas condições, passa a desconsiderar e até repudiar a pessoa do padre.<sup>41</sup> Aliás, no decorrer do estudo, faremos alguns paralelos com outros líderes religiosos que atuaram no Estado na mesma época – como Mons. Humberto Busato, em Ivorá, Pe. Benjamin Busato, em Erechim; essa aproximação nos permitirá concluir se o caso em questão representa um fato inusitado ou se é típico de sua época.

Uma outra questão abrangente que emergirá do estudo é a que analisa as estratégias e expedientes usados pelo padre na persuasão de seus paroquianos, tanto em nível religioso (doutrinário), quanto em nível político-social. Em forma de tema-problema: - Que artifícios, expedientes, estratégias usou Mons. Vítor na concretização de seus projetos? Esta investigação tor-

---

<sup>40</sup> RUBERT, Hélio Adelar. *O Segredo de um monsenhor*. Santa Maria: Pallotti, 1982. MARIN, Jéri R. “Combate nos exércitos de Deus: as associações devocionais e o projeto de romanização da Igreja Católica”. In: MARIN, Jéri R. (org.). *Quarta Colônia: novos olhares*. Porto Alegre: EST, 1999, p. 74 ss.

<sup>41</sup> A documentação revela que em diferentes épocas Pe. Battistella foi vítima de ameaças e atentados, levados a efeito por adversários políticos e desafetos, alguns por questiúnculas de ordem moral. Temos, em abono, entre outros, o caso do padre de Iraí, Pe. José Borgert, que teve de fugir de sua paróquia, na eleição de 1946, porque diziam que seus adversários iriam colocar fogo na Casa Paroquial e matá-lo.

na-se possível porque dispomos de mais de vinte cadernos manuscritos contendo os seus sermões, conferências, palestras, prédicas.<sup>42</sup>

Nesse ponto, enfocaremos as táticas usadas para preservar e fortalecer a imagem do sacerdote como portador e distribuidor de “graças”, e desgraças; como o intermediário entre os homens e Deus; como aquele que convive e manipula o sagrado, com as forças sobrenaturais, celestiais, divinas. Nesse sentido, a documentação revela o esforço do sacerdote em garantir-se como uma pessoa pertencente a outra esfera, como plenipotenciário. Nesse tópico, como outros, explicita um expediente que, ao nosso ver, explica em parte a complacência e subordinação do povo perante a pessoa do padre – além de sua “natural” figura mítica<sup>43</sup> - qual seja a sistemática pregação da *teologia do temor*. Como no livro *O nome da Rosa*, de Umberto Eco, diz o velho monge: “Sem o temor não há fé”. Daí os discursos inflamados sobre os castigos, o espectro imprevisível da morte, do Julgamento Final, da condenação eterna... Como corolário disso, temos a matriz moralista que percorre toda a pregação do sacerdote. Mais ainda, a sua visão de mundo, a pureza de sua paróquia, fruto de seu sentimento religioso e educação cristã – e as do mal – configuradas nos focos de corrupção *extra-muros*, das grandes cidades. Daí o extremo cuidado do padre em proteger *sua colônia e seu rebanho*.

Nesse ponto, vamos também cruzar com um tema que já é ponto comum na historiografia contemporânea: o discurso anticomunista<sup>44</sup>, largamente utilizado como “cavalo de batalha” por parte da Igreja e por nosso protagonista. Teremos, também, ocasião de ter um estudo de caso que possibilitará comparações e visualizações particulares.

Mais relevante nos parece o estudo em torno da *Liga Eleitoral Católica* (LEC), que aparece apenas tangenciada em alguns ensaios e em âmbito nacional.<sup>45</sup> No entanto, certamente, o maior mecanismo de articulação usado pelo Pe. Vítor na consecução de seus propósitos na área política foi a LEC.

<sup>42</sup> Após a morte do Monsenhor, o material foi conservado pelo seu testamenteiro Pe. Albino Busato, pároco de Taquaruçu do Sul, onde resido; na pesquisa sobre sua pessoa, em 1988, recebi o acervo para guardá-lo até que se tenha um lugar apropriado.

<sup>43</sup> Sobre esta faceta, veja-se: MERLOTTI, Vânia. *O mito do padre entre descendentes italianos*. Porto Alegre: EST/UCS, 1979. MANFROI, O. A. *A Colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Grafosul, 1975. COSTA, Rovílio. *Visão Teológico-ecclesial na área de colonização italiana*. Palestra do IIIº Congresso de Professores de Teologia do Rio Grande do Sul, 1992, Viamão (datilografado).

<sup>44</sup> Sobre este tema veja-se RODEGUERO, Carla Simone. *O Diabo é vermelho – imaginário anticomunista e igreja católica no Rio Grande do Sul – 1945–1964*, Passo Fundo: UPF, 1998; SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001; MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Em guarda contra o ‘perigo vermelho’: o anticomunismo no Brasil*. São Paulo: Perspectiva/FAPES, 2002.

<sup>45</sup> Entre os que se dedicaram ao tema, destacam-se: DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem – A doutrina católica sobre autoridade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1996, pp. 96-99; BEOZZO, Oscar. (entrevista) In: DINES, Alberto et al. *Histórias do poder*. São Paulo: Ed. 34, 2000, vol. 1, pp. 47 ss. BEOZZO, José Oscar. “A Igreja entre a revolução de 1930, o estado novo e a redemocratização”, In: PIERUCCI, Antonio F. et al. *O Brasil republicano: economia e cultura (1930-1964)* (Col. História geral da civilização brasileira). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, 3ª ed., pp. 304-307. LIMA, Alceu Amoroso. *Notas para a História para o Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam: Paulinas, 2001 (com boas notas de Riolando Azzi).

Este estudo biográfico, pois, serve para pensarmos melhor sobre estudos históricos que se debruçam sobre normas e cânones emanados por instituições, e disso decorre, automaticamente, o seu fiel seguimento nas bases entre os que são orientados. Esquecem-se - ou fingem não ver - que, no caminho desde o cardeal no Rio, passando pelo Arcebispo de Porto Alegre, o bispo de Santa Maria e o vigário do interior do “sertão do Alto Uruguai”, as diretrizes e leis sofrem a ação - corrosiva - de agentes geográficos, sociais e, sobretudo, ideológicos. Acreditamos que paróquias interioranas e distantes dos grandes centros e das vistas da hierarquia, não raro, transformaram-se em pequenos “feudos”, que, dirigidos e doutrinados sistematicamente e por longo tempo por líderes religiosos, acabaram por assumir um *modus vivendi* à imagem e semelhança de seu guia maior.

No nosso entendimento, um estudo de caso, biográfico e micro-histórico<sup>46</sup>, serve muito bem para evidenciar como a lógica do periférico, do regional, do particular se diferencia, extrapola e até foge do pretense monopólio, hegemonia ou consenso do centro.

Embora tratando-se de um estudo biográfico, a análise não se fecha ou se reduz à ação de um indivíduo na história de um local. Como vimos insistindo, a pessoa do biografado, para além de seu valor em si, serve como sujeito que engloba e perpassa questões-temas que o transcendem, pois que universais. Parodiando Leon Tolstói, ao dizer que “quem conhece a sua aldeia é universal”, dizemos nós que “quem conhece uma pessoa, conhece a humanidade”. Se optamos pela pessoa do Mons. Battistella, é porque ela se construiu cingindo os diferentes campos da existência humana: o econômico, o político, o religioso, o social. E, graças ao seu modo de ser, que encerrava, entre outras coisas, o cuidado do registro dos fatos que o envolviam e a preservação desta documentação, nos é possível reconstruir, com certa verossimilhança, a sua rica e controversa trajetória.

Trata-se, pois, mais do que da história de uma vida, das relações que um indivíduo travou com seu meio social em determinado tempo. Estas relações envolvem, obviamente, as demais pessoas que interagiram com o biografado. Primeiro, a família, amigos de infância, colegas dos primeiros estudos, superiores e orientadores espirituais, mestres e autores de livros. Depois, no apostolado sacerdotal, os bispos, colegas sacerdotes, seus paroquianos. É inquestionável o influxo exercido por estas pessoas e grupos sobre o nosso protagonista, podendo apenas variar a maior ou menor intensidade. E o movimento é recíproco. Por aí se vislumbra a neces-

---

<sup>46</sup> Concordamos com Lima Filho, ao dizer: “A redução da escala de análise tem um objetivo principal: lançar luz sobre as dimensões da atividade humana que, em uma análise menos microscópica, permaneceriam na obscuridade.” LIMA FILHO, Henrique Espada R. “Biografia e microistória? O uso da biografia na historiografia italiana contemporânea”. In: *Cadernos de Filosofia e Ciências Humanas da UFPA*. Belém, v. 12, n. 1/2, jan./dez. 1993, p. 1-11.

sidade, se queremos alcançar o genuíno sentido da trama histórica em questão, de enfocarmos estes sujeitos históricos. Formam eles, como que a outra metade da moeda.

E, como no cerne de nossa análise está a ação exercida pelo Mons. Vítor na antiga paróquia de Barril, particularmente a de ordem política, esta vista como o discurso e a prática em relação ao

poder e o seu exercício, aí abrangendo evidentemente a política partidária - faz-se mister investigar a população com quem conviveu. Aliás, é impensável um líder sem liderados. Sem súditos não há rei. Sem paroquianos não há pároco. Neste sentido, a Prof. Loiva Félix acrescenta um outro ingrediente ou traço geral ao caudilho, que, para nós, é extremamente relevante, “*o reconhecimento de sua autoridade, legitimada pelo senso de seus liderados, através da aceitação de seu poder de fato, independentemente de ser ou não de direito*”.<sup>47</sup> Com efeito, a comunidade é o contraponto do líder, que é aceito, ou suportado. Esta conclusão tão elementar se reveste de fundamental importância, porque entendemos que não basta focar unicamente a pessoa do líder/caudilho como se de *per si* pudesse explicar os fatos; na nossa opinião, é necessário ver o outro lado, o grupo que permite ou que forja o líder, o herói, o mito. Bem como é imprescindível analisar as inter-relações entre os dois elementos, perscrutando os mecanismos de articulação, sobretudo das mentalidades e condições presentes, que permitiam o mando e a submissão entre o líder e os liderados.

A especificidade do caso do Mons. Vítor é a de que seu poder não advinha, como nos casos tradicionais, de um poderio político-estatal ou militar, de posses de latifúndios, de herança de sangue nobre... Mas sim de sua pertença a uma instituição - a Igreja Católica Apostólica Romana -, na qual, ocupando a posição de pároco, tinha certos “poderes”, aceitos, se não por todos, pela maior parte das pessoas da sua comunidade. A origem desse poder é de ordem moral ou espiritual. A sua função de sacerdote, automaticamente, impregna-o de uma ascendência inquestionável sobre os que comungam do mesmo credo.

Ora, esta faceta nos enseja trazer à tona uma questão pouco trabalhada pela historiografia: as relações na hierarquia da Igreja, entre padres, bispos... E a pessoa do Mons. Vítor muito bem serve para tanto, pois, por estar envolvido em diversas questões que redundarão nos bastidores de cúrias, nunciaturas, casas canônicas etc., nos permitirá tirar um pouco do véu que só vêem - ou querem ver - na instituição eclesial, prelados ortodoxos e bonachões. A *invidia clerical* é, sem dúvida, um pressuposto deste estudo.

---

<sup>47</sup> FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, borgismo e cooptação política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 13.



Na medida em que o presente trabalho procura focar o personagem biografado a partir de diferentes pontos de observação, contemplando e tentando interpretar o que é dito, o que fica subentendido e o que é silenciado por ele, tanto no âmbito privado como no âmbito público, de modo a permitir uma utilização adequada da rica e diversificada documentação disponível, creio que o mesmo pode ser caracterizado, em termos metodológicos, como um modesto exercício de análise micro-histórica, conforme esta técnica investigativa é caracterizada.

Nesse sentido, é preciso dar uma palavra quanto às fontes documentais. Como dissemos, na sua maioria, é originária do arquivo particular do nosso protagonista, dos Livros Tombo da paróquia de Frederico Westphalen, cadernos, cadernetas e artigos publicados em diversos jornais. De modo que surge uma pergunta: Se Mons. Vítor tinha consciência e desejo, como ele expressa em seu Testamento, de que a documentação que estava deixando, iria ser consultada no futuro - em seu dizer - por quem desejar esclarecer dúvidas, retificar julgamentos e inteirar-se da verdade - não é de se supor que ele preservaria os documentos que lhe interessassem? E de que registrasse a versão dos fatos sob o seu prisma preferido? Mas, curiosamente, entre seus documentos, encontram-se muitos que lhe vem em desabono, com acusações, flagrantes distorções, desvios de conduta, que, ao contrário do que ele desejava - a saber, “a salvaguarda do seu bom nome” – depunh, apesar disso, tais documentos, apesar de contradizê-lo em certas passagens, ainda assim, o favoreciam. Era uma carta-na-manga contra as possíveis versões e interpretações que ele, com seu veio de historiador e já sentindo algumas, sabia que viriam – e, de fato, vieram. Nesse sentido da hermenêutica, nossa proposta procura, primeiro, lançar mão de outras fontes documentais, para não ficar preso a documentos de origem unilateral. Para tanto, procuramos contrabalançar com outras fontes, sobretudo orais, da parte de seus opositores e defensores, além de outros arquivos, que citaremos no decorrer do estudo.

### **Esquema do estudo**

Vistas as diretrizes que orientam o desenvolvimento deste estudo biográfico de Mons. Vítor Battistella, passamos agora a tratar do esquema do estudo.

Para dar conta de tantas facetas de Mons. Battistella, de uma documentação tão volumosa e variada e de um contexto histórico tão extenso e complexo, que envolve esferas diferenciadas, optamos por desenvolver a análise de sua vida a partir de três dimensões de sua vida: o homem, o padre e o político, embora na realidade esses três aspectos estejam visceralmente entremeados. Esse método favorece, ao nosso ver, a questão didática, de não misturar as diferentes *entidades* ou *condições* presentes no biografado. Entendemos que esse método procura uma síntese entre todas as dimensões do indivíduo histórico, uma complementando outra, integral e integradora, holística, portanto. Teremos o cuidado de não desmerecer nenhum aspecto

(psicológico, estrutural, fatural...), pois, talvez, no detalhe, no aparentemente secundário e acessório estejam essências da compreensão do todo; a falta de uma só peça, por mais pequena que seja, compromete o conjunto, a totalidade. Partimos, pois, do pressuposto de que o homem é uma complexidade, polifacetado, onde interagem o indivíduo (pessoa), o meio (família, igreja, grupos sociais...) e as inter-relações contextualizadas num tempo e num espaço determinados.

Optei por desenvolver a análise a partir de diferentes escalas de observação, de modo a permitir uma exploração mais adequada das fontes. Embora a documentação escrita e os depoimentos orais disponíveis o permitissem, após certa hesitação, resolvi evitar o caminho mais fácil de uma exposição meramente cronológica. Tal escolha deveu-se ao entendimento de que uma abordagem tematizada possibilitaria um maior aprofundamento das questões estudadas.

Podemos dizer que cada parte procura responder a certas questões e, como não excluímos de antemão qualquer fator explicativo, passaremos por todos os aspectos possíveis de elucidação.

Desse modo, o trabalho se divide em três partes. Na primeira parte, **“Família e formação”**, enfocaremos a pessoa do Mons. Vítor no período anterior à sua atividade na paróquia de Barril, detendo-nos sobre a família do biografado, inserida no contexto da imigração italiana para o Rio Grande do Sul. Destacaremos os valores-eixos, o *ethos*<sup>48</sup> desta população, sublinhando a religiosidade. Em forma de pergunta: Até onde Mons. Vítor foi influenciado pelos seus pais, irmãos e as comunidades dos primeiros anos? De sorte que a formação intelectual e seminarística ocupará grande parte, pois nos parece imprescindível escavar as origens de mentalidade que ecoarão posteriormente na sua práxis. Fonte importante nessa busca é o *Diário Íntimo*, onde, como seminarista maior, Vítor registrava seus sentimentos, conflitos internos, desabafos e alegrias. Nesse ponto, ousaremos ensaiar alguns passos nos caminhos da *psico-história*.<sup>49</sup> Outro ponto que nos parece medular, por interferir na moldagem do caráter e na formação do intelecto de nosso protagonista, é a pedagogia inaciana, sobretudo a análise da *Ratio studiorum*. Confrontaremos pontos de vista de estudiosos da educação e de historiadores de corte jesuítico. Empenhar-nos-emos, outrossim, em traçar um quadro, o mais fidedigno possível, da vida cotidiana no Seminário Maior de São Leopoldo, convictos, junto com Agnes Heller, de que “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida co-

---

<sup>48</sup> *Ethos* no sentido empregado por Tedesco: “representações inseridas, produzidas e emitidas sobre o vivido e a realidade social na qual o indivíduo está inserido, socializado e que também definem seu comportamento”. TEDESCO, João Carlos. *Terra, trabalho e família: racionalidade produtiva e ethos camponês*. Passo Fundo: EDI-UPF, 1999, p. 46s.

<sup>49</sup> A *psico-história* refere-se, de modo geral, aos historiadores que buscaram no instrumental da psicologia e da psicanálise elementos para explicar as ações humanas na história. Cf. SCHMIDT, Benito Bisso. “O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação”. *Anos 90*. Porto Alegre, nº 6, dezembro de 1996, p. 165-192.

tidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade”.<sup>50</sup> Concluiremos esta parte com a análise do pensamento político do Monsenhor neste período (Capítulo 3): a sua visão de igreja, personificada em Pio XI; o percepção política e nacionalismo, configurados em Mussolini e Getúlio Vargas. Esta parte procurará, enfim, dar resposta à questão: Até onde a formação seminarística, filosófica e teológica, de corte jesuítico-ultramontano, explica a mentalidade e atuação posterior de nosso biografado?

A **segunda parte** propõe apresentar a ação do Pe. Battistella no seu múnus sacerdotal, aí incluindo sua atividade em todos os campos. Como sugere o título “**Qual o pastor tal a grei**”, visamos mostrar a atuação do religioso no contexto de sua paróquia, no relacionamento com os fiéis e com seus pares e superiores. Num primeiro momento (Capítulo 4), traçaremos o perfil da comunidade onde desempenhará sua atividade, abordando a formação do lugar, a sua constituição étnica, o aspecto da religiosidade como marca maior do grupo, a capela e a paróquia como centro gravitacional da vida social. Com esse pano de fundo, enfocaremos o trabalho espiritual ou de evangelização, destacando suas especificidades e enquanto instrumento usado pelo pároco para enquadramento dos fiéis (Capítulo 6). Ademais, todos os empreendimentos serão avaliados a partir do ângulo do controle total que o religioso buscava e mantinha sobre a paróquia e a comunidade em geral.

Já os Capítulos 7 e 8 procuram compreender uma faceta intrigante para quem se debrucha sobre a biografia do primeiro Pároco de Barril, qual seja o fato de, após uma atividade profícuca e coroada de muitas glórias, se deparar com um fim melancólico, com um longo período em relativo ostracismo. Procuraremos mostrar como a questão do poder foi, em última análise, a responsável por esse fato, incluindo aí seus superiores eclesiásticos.

Na **terceira parte - O caudilho: atuação política** -, a maior e essencial, poderemos, então, voltar-nos para a análise do pensamento e da ação do biografado no campo da política. Veremos qual a sua compreensão de poder e as fontes desta compreensão. No período do Estado Novo ou getulista (Capítulo 9), que abarca o período de 1932 a 1945, analisaremos o ambiente político que encontrou na sua nova paróquia, com os resquícios de caudilhismo que predominava; os conflitos por sua simpatia ao integralismo e a Mussolini. O Capítulo 10 se debruçará sobre os embates que o Pe. Vítor enfrentou com a Liga de Defesa Nacional e as estratégias para não perder o *status* de liderança no tenso - e ambíguo - período da Segunda Guerra Mundial; bem como a reprodução no microespaço da paróquia de Barril, das alianças e rupturas entre a Igreja e o governo central.

---

<sup>50</sup> Citado por SCHMIDT, op. cit., p. 188.

No Capítulo 11 abordaremos, dentro da nova fase da redemocratização do país, as articulações da igreja na eleição de 1933 com a entrada em cena da LEC. Optamos, para melhor situar e compreender a LEC, tratá-la no bojo da Ação Católica, inferindo sobre os objetivos do seus idealizadores, no caso os membros do *Centro Dom Vital*, no Rio de Janeiro. Sobre a efetiva presença e influência da LEC no Rio Grande do Sul - tema inexplorado pela historiografia -, analisaremos as articulações havidas entre a Arquidiocese de Porto Alegre, o bispado de Santa Maria e o laicato católico gaúcho. Para tanto, lançaremos mão do arquivo do grande líder católico Adroaldo Mesquita da Costa<sup>51</sup>, no qual lucramos preciosas informações para desvendar os bastidores da presença de segmentos da igreja com partidos e o poder público. Não tendo havido ação da LEC em Barril na eleição de 1933, deslocamos nosso foco para a paróquia de Erechim, onde atuava o Pe. Benjamim Busato, também com rasgos de caudilho – usava o pseudônimo era “Chico Tasso”<sup>52</sup>! Esse deslocamento permitirá analisar a existência de casos congêneres ao do nosso protagonista e evidenciar suas peculiaridades. Nesse ponto, devemos ressaltar esse aspecto nesse estudo, contrapondo-se ao ponto-comum de generalizar posições e mentalidades, como se a igreja formasse um bloco monolítico. Como também ao equívoco de, partindo-se das leis e circulares, concluir-se sua execução “ao pé da letra”. Analisando casos, veremos a expressiva defasagem na órbita da igreja, entre o formal, a letra e o prático, o vivido.

O Capítulo 12 aborda as eleições de 1945 e 1947 em âmbito local, e no contexto do país, inferindo os estratagemas que o padre usava na salvaguarda da sua hegemonia. Abordaremos a sua política de alianças, como aplicava o axioma franciscano “é dando (votos) que se recebe (verbas públicas)”. Faremos outrossim a relação com o pensamento da hierarquia católica, sobretudo do eminente líder Dom Vicente Scherer. Aliás, não havendo um estudo sobre esta figura, tivemos que demorar-nos no estudo de seus textos, atentando sobre a evolução do seu pensamento no tocante à política e ao social.<sup>53</sup> A orientação e estratégias da LEC em todos os níveis perpassará o estudo das duas eleições, fazendo aflorar suas mutações, avanços e recuos.

Já o Capítulo 13 se ocupa da análise da presença do biografado no turbulento processo da emancipação político-administrativa de Frederico Westphalen, fato que representou mudan-

---

<sup>51</sup> O grandioso e diversificado acervo de Adroaldo Mesquita da Costa encontra-se em mão de seus filhos, em Taquari – RS.

<sup>52</sup> Essa fama perdura até os dias atuais. Uma reportagem do jornal *Zero Hora*, de 1996, tratando da história de Erechim, afirma que “numa terra sem recursos e sem lei, duas figuras se destacavam – o policial e o padre”. O primeiro ficou famoso pela sua valentia – obrigava os desordeiros a abrir ruas com pás e picaretas – ; enquanto o segundo, Pe. Benjamim Busatto, era interessante, pelo fato de fornecer carteira profissional, incentivar a agricultura, criava bois de raça para oferecer bovinos de boa qualidade aos colonos; na II Guerra Mundial, requisitava sal, querosene e gasolina, produtos que estavam sendo racionados, para distribuir à população. Cf. “Uma colônia com a marca da violência”. *Zero Hora*. Porto Alegre, 04.12.1996, p. 70.

<sup>53</sup> Ao que sabemos está restrito ao estudo: IR. ELVO CLEMENTE. *Dom Vicente Scherer – Centenário de Nascimento 1903-2003*. PUCRS: Porto Alegre, 2003.

ças no tabuleiro político da região, repercutindo em mudanças de estratégias por parte do padre-cacique na manutenção de seu poder junto à esfera administrativa que se criava.

O Capítulo 14 retoma o análise das disputas eleitorais, sempre vinculando o pensamento do protagonista com os fatos que se passam fora da órbita de seu controle. Ganham atenção as mudanças que ocorrem na LEC, dentro dos seus projetos, cuja orientação passa para as mãos do bispado.

O estudo das obras materiais que Pe. Battistella implementou em sua paróquia, vistas como espaços de criação, controle e manutenção de poder, será contemplado no Capítulo 15. Nele, também observaremos a natureza das parcerias que selou com políticos e instituições públicas para levar avante suas iniciativas. Abordaremos certas acusações de pouco interesse e de até omissão do nosso biografado em certas áreas da vida social, inquirindo sobre as razões dessa postura.

Por fim, o Capítulo 16 – “Ostracismo e últimas concepções” - tematiza os derradeiros tempos de vida do primeiro pároco de Barril – a partir de sua renúncia de Pároco em 1962. Retoma a questão do seu ostracismo, sua pálida participação nas eleições e as últimas concepções.

Considerando que a produção escrita de Mons. Vítor foi extremamente abundante e variada, mas que é muitíssimo pouco conhecida, optamos por fazer citações de forma abundante. Para tal decisão também contribuiu o fato de que grande parte da documentação utilizada se encontra em acervos documentais privados e com acesso restrito, bem como a percepção do caráter inusitado de muitos dos textos escritos por ele. Entendemos que nenhum comentário substitui ou supera o texto, na sua originalidade e vivacidade. Nesse estudo, o biografado fala por sua própria voz.

Queremos fazer um breve esclarecimento acerca do título deste trabalho. Ao atrelar Mons. Vítor a “caudilho”, apenas fazemos alusão a certas características caudilhescas<sup>54</sup> que, como o estudo comprovará, estavam presentes no nosso biografado.

---

<sup>54</sup> O termo foi usado pela primeira vez em 1983, num periódico local, na passagem dos dez anos da morte do Mons. Refere-se a ele como um “culto sacerdote, uma figura mística da religiosidade frederiquense, uma vez que teve atuação por vezes *caudilhesca*”. E segue: “*Com toda razão pode dizer-se que foi um padre-caudilho ou padre-literato, um padre-mito* (jornal *A Voz do Povo*, Frederico Westphalen, “Editorial”, 14.05.1983, p 6). Portanto, não inovamos ao atribuir este adjetivo ao religioso. Mas, mais importante, é ver que o termo caudilho possui duplo sentido: O *sentido pejorativo*, como alguém que abusa de seu poder, que faz lembrar os antigos coronéis que ganharam fama pelas crueldades e pelo poder que possuíam advindo mais do medo que imprimiam em seus subalternos; no *segundo* caso - como o do jornalista citado -, o termo caudilho está atrelado a um conceito virtuoso, associado à valentia, heroísmo, a um mito. O uso que daremos ao termo está mais de acordo ao segundo sentido, embora - como procuraremos demonstrar no decorrer do estudo - Mons. Vítor também por vezes tenha agido de acordo com o primeiro sentido. Aliás, um estudioso do coronelismo na Bahia, ao elaborar uma tipologia de coronéis, apresenta entre outros “o coronel padre” (EUL-SOO-PANG. *Coronelismo e oligarquias – 1889-1943. A Bahia na Primeira República brasileira*. In: FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, borgismo e cooptação política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 13). Podemos adotar, pois, no nosso caso, como conceito de caudilho o mesmo que Costa Porto cunhou: “*exprime a preeminência fatal do homem forte, impondo-se sob a pressão da necessi-*

Até que ponto podemos invadir a vida de um personagem, expor seus segredos, explicitar suas virtudes e mazelas?, pergunta Schmidt.<sup>55</sup> Respondemos: primeiro, era seu desejo, como vemos na epígrafe dessa introdução. Segundo: mais do que bisbilhotar a vida de nosso protagonista, importa frisar, move-nos o interesse de conhecer e compreender sua ação, junto aos seus, certos de que, desta forma, entenderemos melhor o tempo presente da região onde atuou e, dessa forma, colaborar a construir um futuro mais justo e fraterno, que ele sonhou, e pelo qual gastou a sua vida.

---

*dade de disciplinar os aglomerados humanos, onde não chegam os freios da ordem pública, através do estado”* (PORTO, Costa. *Pinheiro Machado e seu tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, p. 15 e 17. Citado por FÉLIX, op. cit. p. 33). - A Prof. Loiva Félix acrescenta um outro ingrediente ou traço geral do caudilho, que para nós é extremamente relevante, qual seja, *“o reconhecimento de sua autoridade, legitimada pelo senso de seus liderados, através da aceitação de seu poder de fato, independentemente de ser ou não de direito”* (Idem, p. 22). - Outros conceitos, bem como algumas considerações sobre a origem do caudilhismo platino e gaúcho, podem ser encontrados no estudo: FERREIRA FILHO, Arthur. *Revoluções e Caudilhos*. Passo Fundo: Berthier, s/d. 2ª ed., pp. 25-29.

<sup>55</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. “Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos”. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, nº 19, 1997, p. 3-21, aqui p. 18.

## PARTE I

### O HOMEM: FAMÍLIA E FORMAÇÃO

“Tenho por natureza  
um forte pendor  
para o autoritarismo e o destemor”.  
Mons. Vítor. *Testamento Espiritual*, 1966.

#### CAPÍTULO 1

#### FILHO DE IMIGRANTES ITALIANOS

*Eu vos saúdo, filhos da Itália,  
imigrados para trazer heroísmo às vastas e desérticas extensões brasileiras;  
a prosperidade, onde de progresso não havia sinal.*  
Vítor, seminarista, 1925.

##### 1.1. O *ethos* do imigrante italiano

Para compreendermos o pensamento político do Pe. Vítor - que é o fundamento da sua ação e do processo histórico em análise -, faz-se necessário, ao nosso ver, escavar o contexto em que o religioso está inserido, isto desde o seu *começo*; sem o pano de fundo é impossível situar objetivamente o enredo histórico e seus personagens.

Neste ponto, devemos voltar-nos para a origem, para a gênese de sua pessoa e de sua visão-de-mundo, atrelado a sua família e a sua comunidade. Deparamos, então, com uma família de imigrantes italianos fixada no último quartal do século XIX no Rio Grande do Sul, primeiro em Nova Palma (Colônia Silveira Martins) e, depois, no início do século XX, na Colônia Alto Jacuí, mais tarde Tapera. No nosso entendimento, sem compreendermos as “*linhas mestras*” da mentalidade presente neste contexto de vida cotidiana não poderemos entender os fatos futuros.

Aqui nos apoiamos nos tantos estudiosos do tema da imigração italiana, tanto memorialistas como historiadores da academia. Não cabendo neste estudo retomar pontos comuns da saga imigrantista, nos restringiremos a fixar certos pontos que consideramos relevantes para a reconstrução do universo vital e do pensamento e da mentalidade em que Vítor nasceu e que experienciou até sua adolescência. Serve, outrossim, esta parte para compreender os paradigmas norteadores da comunidade em que o já sacerdote vai agir e interagir, a paróquia de Barril, depois Frederico Westphalen, cuja população é majoritariamente de origem italiana.

Primeiramente, devemos reter que os imigrantes, em geral - inclusive a família a que pertencia Mons. Vítor -, na Itália e nos primeiros tempos na nova terra curtiam uma *vida de privações, de pobreza, senão de miserabilidade*.

Pe. Luiz Sponchiado, profundo conhecedor do fenômeno imigrantista italiano, principalmente dos chegados à Quarta Colônia italiana imperial no Rio Grande do Sul, Silveira Martins - onde se estabeleceu o casal Battistella -, ao analisar os porquês da corrente imigratória dos peninsulares para a América, sintetiza:

*As lutas pela Unificação da Itália acenavam com nova ordem social e agrária. Mas as longas guerrilhas carbonário-mazzini-garibaldinas culminaram no Reino da Casa de Savóia; que a curto prazo, pelo menos, não traria reformas na estrutura secular. - Cinquenta e mais anos de conspiração com todos os riscos e intimidações, cansaram aqueles muitos lares de numerosa prole, que outrora ouviram cantar e também cantavam: “L’Italia é amballata, Spedita dai dottori. Per guarir L’Italia: Tagliar la testa ai Siori: Bomba alla manno, e Tiri di canôn!”*

Para ilustrar a real situação em que se encontrava a maioria dos imigrados valemo-nos de um relato do Pe. Pio Busanello, com seu estilo peculiar, e que conviveu com os atores das cenas:

*Um vizinho e muito amigo da nossa gente, e que era conhecido pelo apelido de “Nono Sacrafíssio”, ele mesmo contava que fez ferver um osso durante três dias, a fim de fazer caldo para a mãe doente e acamada. Os nossos (Busanellos) contam que em Istrana, onde moravam, havia um pobre, que quando por aí perto se carneava um porco, ia lá naquela casa de noite, e pedia alguma coisa enfiando a bengala guarnecida com ponta de ferro por entre as grades da janela, e recebia um pedacinho de torresmo e ia-se embora satisfeito.*

Acrescenta que seus avoengos - que nunca foram ricos e célebres, mas que também nunca passaram fome - recebiam, nas merendas, de manhã, bastante polenta, mas uma fatiazinha de salame ou de queijo tão fina, que, olhando através dela, podia-se enxergar as montanhas!<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> BUSANELLO. Pe. Pio J. *A História da Nossa Gente*. S. Maria: Pallotti, 1952, p. 5 s.



Já o imigrante-pioneiro da Quarta Colônia Júlio Lorenzon (1878) é mais sereno nas suas memórias; acrescenta outro fator que, na sua opinião, influenciou o grande êxodo - as oscilações do tempo: “Cada ano havia a lamentar alguma desgraça: chuvas torrenciais na primavera, tempestades ou secas intermitentes, prejudicando a colheita de cereais de primeira necessidade, que cada vez escasseavam mais, tornando a vida uma verdadeira luta...”<sup>2</sup>

Neste sentido, dispomos de uma informação do próprio Mons. Vítor, que, nos seus últimos anos, passou a dedicar-se a estudar a história de seus avoengos. Em carta ao Padre e pesquisador Luiz Sponchiado, seu ex-coadjutor, expôs sua versão: *Porque saíram da Itália: “I dizea che in Merica le porte le gera tutte de oro”; “E se catava i salami su le piante”*.<sup>3</sup>

Em carta posterior traz novos esclarecimentos: Quanto à versão de que “In Merica ghe gera le porte d’oro”, me foi dada pessoalmente pela minha prima Maria Battistella, que veio da Itália com 10 anos e fui visitar agora em Tapera para saber notícias antigas. Mas pode bem ter-se originado [de] um trocadilho.<sup>4</sup>

Esta faceta, ao nosso ver, é importante para compreendermos o anseio generalizado dos imigrantes em conseguir fazer a vida, ou até fortuna: *la cucagna*, como superação de uma vida de carestia para uma vida de bem-estar econômico e social. Para tanto, todos os esforços eram direcionados na conquista desse novo status de independência. Explica, outrossim, o paradigmático apego do colono italiano às suas coisas, posses e o desejo de adquirir mais e mais, sobressaindo-se, muitas vezes, como um tipo extremamente poupador e até avarento. A entranhada busca de prosperidade fundava-se na fuga da situação de pobreza; a mesa farta típica da região colonial italiana é a vingança/compensação da escassez e fome curtida no período anterior.

Qual era o meio para essa transição? O trabalho. E não tiveram dificuldades em colocar os braços, sua maior riqueza, no cultivo do solo. A **ética do trabalho**, herdada da cultura judaico-cristã-católica, era valor fundamental do colono imigrante.

Outro elemento relevante para a compreensão do *ethos* do imigrante em questão, e por decorrência de nosso biografado, é que **não eram proprietários de terras para agricultura**. Com efeito, a maioria dos habitantes dos imigrantes era composta de pobres camponeses, a quem tudo faltava. Inquilinos de ricos proprietários, sem casa própria, pois nada podiam economizar.

<sup>2</sup> LORENZONI, Júlio. *Memórias de um Imigrante Italiano*. Porto Alegre: PUC-RS/Sulina, 1975, p. 13-14.

<sup>3</sup> Carta de Mons. Vítor ao Pe. Luis Sponchiado. Fred. Westphalen, 27/8/1972. Original no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma – RS. Anote-se que, depois de sua visita ao centro de Pesquisas Genealógicas em Nova Palma, Mons. Vítor encetou uma relação epistolar com seu ex-coadjutor, Pe. Luis Sponchiado, sobre dados históricos. Haja vista que a família Battistella, bem como muitas das pioneiras de Tapera, eram adventícias de Sorturno, depois Nova Palma. Pe. Sponchiado lembra que Mons. Vítor, ao ver a abundante documentação do Centro de Pesquisas, reconheceu que a sua “História de Tapera” estava baseada somente em alguns informantes.

Já o salário dos camponeses, naquela época, esclarece Lorenzoni, era de uma lira por dia, chegando até duas liras por ocasião da colheita ou de outros trabalhos pesados, importância insuficiente para manter uma família, por pequena que fosse. De modo que, no fim do ano, muito poucos deixavam de ter pequenas dívidas a pagar.<sup>5</sup>

Neste contexto, é fácil perceber a fundamental importância que exercia o fato de ser dono da terra, proprietário. Significava a diferença entre ser patrão e ser empregado; implicava em ter autonomia econômica e social, em ser independente, decidindo o que produzir e ter a certeza de não ser desalojado e obrigado a buscar novos empregos ou ocupações; importava ter as condições de produzir o sustento para a família ao invés de mendigar o pão alheio.... O prof. João Carlos Tedesco, em estudo recente, desviando o foco repisado da maioria dos estudos acadêmicos, frisa influência exercida pela busca da propriedade ou terra sobre o imigrante italiano.

*Por mais que houvesse um contexto de profunda crise na Itália, principalmente no Norte, em razão das guerras e das relações capitalistas nascentes, que geraram profundas contradições e desigualdades econômicas, o fator propriedade, ligado ao elemento trabalho, com toda sua significação, deve ter sido levado em consideração na decisão de emigrar. O fascínio da propriedade, o sonho de ser proprietário era quase que irresistível para o imigrante.<sup>6</sup>*

Pe. Sponchiado, bem antes, assinalara com veemência este aspecto da profunda sensação dos colonos ao receberem o *Título de Propriedade*:

*Muitos não sabiam soletrá-los, outros não compreendiam o português, mas, junto ao vizinho letrado, ou, ao líder cristão, mandavam ler, o imenso papel, com letras tão caprichadas, Armas do Estado, selos da República... Enfim, sentindo-se proprietários dum pedaço de terra, que, foi o principal móvel que os atirou na aventura imigratória. - Que eles jamais teriam na Itália, “poveri contadini”, explorados “al terzo” pelos “Signori” encastelados, em cujos carros de passeio arrastados por quadrigas, ostentavam Brasões Heráldicos, que não somente lhes garantiam latifúndios, mas também a quase-posse dos “servos da gleba”, de quem sugaram suores, abusavam das famílias, enganavam-nos pela usura e poder. [...].*

Com efeito, não foi fácil adquirir a propriedade - como prometiam os arrebanhadores de imigrantes - porque, explica Pe. Sponchiado, o latifúndio português, temendo o imigrante, que apressaria a abolição negra, em 1850, prescrevera, depois de locupletar-se de enormes sesmarias, que “terras somente seriam adquiridas por compra”. “Mas amealhando os tostões, ou a troca de trabalho público, conseguira pagar o exigido, mais a multa de mora, e.... agora... era um pequeno rei, entre os dois travessões e duas linhas de mil metros, que circundavam os 22 hectares.

<sup>4</sup> Frederico Westphalen, 18/9/1972. Informação dada na carta anterior. Com efeito é bem possível que tenha havido um trocadilho de “porta de louro” (madeira), por “porte d’oro” ( porta de ouro!).

<sup>5</sup> LORENZONI. Op. cit. p. 13-14.

<sup>6</sup> TEDESCO, João Carlos. *Terra, trabalho e família: racionalidade produtiva e ethos camponês*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999, p. 46s.

Com largos gestos mostrava ao vizinho, onde estavam chantrados os marcos da medição”, completa.

Vinculado ao aspecto da propriedade, o mesmo sacerdote levanta outro fator que nos parece também paradigmático para a compreensão do imaginário do colono imigrante: o **apeço à família**, esta patriarcal. Tratando do Título de Propriedade (escritura de terras), acrescenta:

*O sonho, enfim realidade de criar um Lar (íntegro e puro) - como lhes facultava o respeito à família, o Sacro Matrimônio e a Lei de Deus, era o que representava este Documento. - Valera a pena imigrar. Ainda que as saudades da “Patria lontana” esbrasseassem o peito, enchessem os sonhos noturnos, fossem assunto obrigatório das conversas com os filhos que iam crescendo; outras vezes, já com os netos, que agora poderiam viver no seu, e, com a segurança que toda a propriedade proporciona. - Por certo, ao cair da noite, após janta, o Terço familiar, impostergável, seria com ladainha de Nossa Senhora cantada, e o Pai Nosso pelos que ficaram na Itália, vivos ou mortos, mais férvido. Eles que permitiram e ajudaram a dar o passo na escura aventura de emigrar, e, para sempre!”<sup>7</sup>*

Subjacente a estes depoimentos de um neto de imigrantes que pode conviver e sentir suas vibrações vitais, constata-se a presença do caldo religioso, que perpassa todo o universo vivido pelo imigrante italiano. É sobeja a literatura que aborda a religiosidade como marca essencial do imigrante italiano, principalmente os do Vêneto. Ainda no Centenário da Imigração para o Rio Grande do Sul, Manfroi afirmava, que “nas colônias italianas do Rio Grande do Sul, a religião, longe de ser um ‘ópio do povo’, foi um fator de integração e uma força dinâmica que permitiu ao colono italiano fugir da desintegração social, oferecendo-lhe um quadro sociocultural no qual ele se reconhecia e se expandia”<sup>8</sup>.

Entre os muitos fenômenos que caracterizaram o modo de expressar a religiosidade do imigrante italiano agrícola em terras brasílicas, sobretudo do Sul - nucleação comunitária espontânea, padre-leigo, devoções - cumpre destacar o forte apego e estima ao sacerdote, chegando-se a cunhar-se a expressão “mito do padre”<sup>9</sup>. Analisando este aspecto, Frei Rovílio Costa, de cátedra, comenta:

*Dois pólos principais fazem do padre a figura mais comum e mais estranha: mais comum porque há uma consciência popular generalizada de que o Padre está do lado do povo, fala sua linguagem, vive os problemas de todos e de cada um e dele também depende o progresso econômico e social da localidade; figura mais estranha, porque, embora as críticas que o povo venha a fazer das atitudes deste ou daquele sacerdote, o padre sempre aparece, na percepção popular, como “aquele que tem o poder de salvar ou de condenar”. É como o executor de Deus.<sup>10</sup>*

<sup>7</sup> Idem, p. 40.

<sup>8</sup> MANFROI, O. A. *A Colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Grafosul, 1975, p. 122.

<sup>9</sup> Como é o caso do estudo de: MERLOTTI, Vânia. *O mito do padre entre descendentes italianos*. Porto Alegre: EST/UCS, 1979.

<sup>10</sup> Idem, 1ª orelha.

Esta faceta é imprescindível ser retida para a melhor compreensão da atuação do Pe. Vítor em uma comunidade tipicamente italiana. Portanto, adiante, retomaremos estas questões, bem como a do fenômeno das comunidades religiosas, as **capelas**.<sup>11</sup>

Para finalizar este preâmbulo onde procuramos reconstruir as bases mestras do modo de vida e da mentalidade dos imigrantes italianos, estampamos um documento do próprio biografado, onde podemos ver saírem da sua pena as idéias que aqui acabamos de explanar sumariamente, demonstrando que ele estava imbuído das características básicas da *gens* itálica. Trata-se de uma carta em italiano que Vítor mandou do Seminário de São Leopoldo, em 4 de outubro de 1925, para a *Comissão dos Festejos do Cinquentenário e a todos os italianos de Tapera*, que, como veremos logo adiante, tinha como pioneiros, em sua maioria, italianos. Inicia manifestando-se incapaz de calar sob a pressão de sentimentos que lhe invadem a alma pela aproximação do grande dia do cinquentenário (tradução nossa).

*É preciso que também eu, apesar de brasileiro e orgulhoso de sê-lo, mas, filho de italiano, participe do júbilo daqueles e dos filhos desses, que tendo beijado pela última vez as sacras praias da “Pátria lontana”, da distante Itália, aproaram no litoral americano, decididos a se tornarem, como de fato o fizeram, os primeiros fautores do progresso de nossas principais Províncias brasileiras!*

É flagrante a visão ufanista sobre a travessia transatlântica, decantando o país que expulsava seus habitantes e tornando estes verdadeiros heróis. Os adventícios são os portadores da civilização contida no trabalho e nos valores supremos (o dever e a honra). Nosso biografado, em sua carta, quer se unir ao coro que aplaude os invictos campeões, que deixando o “florido jardim da Itália” (sic), alcançaram o ainda inóspito solo americano. Este é desenhado como o caos: desafiantes florestas, todo eriçado de montanhas e rochas, inçado de espinhos e tomado de animais ferozes e povos selvagens. O imigrante traz a ordem, o progresso para civilizar o Brasil com indescritíveis suores e torná-lo fecundo com fadigas crestadas pelo sol dos trópicos. Como prova para quem não quer acreditar, Vítor sugere que “dê uma olhada, uma somente, através do mundo, depois à América, por fim ao nosso Brasil do Sul, e não encontrarão povoação, nem cidade donde não salte aos olhos o valor italiano. Não encontrarão burgo ou campanha onde se encontra sangue itálico, que não se constate atividade”.

O **trabalho**, nesta percepção, se afigura como uma grande varinha mágica que transforma a barbárie em desenvolvimento, a selva em cidade...

---

<sup>11</sup> Entre outras, veja-se a obra: GALIOTO, Pe. Antônio. *As Capelas – Uma original experiência sócio-religiosa*. Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

*Cada templo erigido a Deus, que aprendestes a amar; cada cidade ou povoado que fundastes; cada monumento artístico que erguestes; cada floresta que convertestes em fecunda plantação; cada estrada aberta ao comércio, cada estabelecimento industrial; cada escola levantada para a cultura da mente e dos corações, são, hoje um arco triunfal, um atestado incancelável da labuta indômita que levastes avante nesses primeiros 50 anos, mediante um perseverante exaurir de energias, e, pelo martírio dum viver de privações, ais, desenganos e incertezas sobre o futuro. Mas diante da férrea perseverança unida à vossa fé robusta, tudo foi mudado.*

O panegírico é completado com a evocação a Deus, cujo louvor é a maior herança. “à-quele Deus que vos foi Pai e guia, que é o feitor de toda a prosperidade e sustentáculo de todo o bem-estar. Àquele Deus que nossos ancestrais vos ensinou a conhecer, amar, e adorar”, exorta o seminarista.

Parece-nos que ficou evidenciada – embora tratada de forma rápida - a presença das idéias basilares da visão-de-mundo dos imigrantes italianos e de seus descendentes; marcas indeléveis que, com certeza, influenciaram – se não determinaram – o modo de pensar e agir de nosso protagonista. A seu tempo, invocaremos estas características como presença constante do seu apostolado, mormente nas ações de cunho político, objeto maior de nosso estudo.

## **1.2 - A família Battistella**

A presença da família Battistella no Brasil está relacionada com os numerosos contingentes de imigrantes italianos que para cá vieram a partir do último quartel do século XIX. Já tivemos ocasião de mencionar as causas principais dessa migração.

O clã Battistella, segundo informações do Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG) de Nova Palma, procede de Comuna de Schiavon, paróquia San Francesco d’Assisi de Villaraspa, província de Vicenza. Os pais de Mons. Vítor, Antônio Battistella e Angela Nodari<sup>12</sup>, tudo indica que tenham partido para a aventura imigratória por convite ou chamado de seu segundo primo, Pietro, que se encontrava desde 1885 estabelecido no Núcleo Soturno, da Colônia Silveira Martins – hoje Nova Palma. Partem da Itália por outubro de 1890, Antônio com 31 anos, sua esposa 29, mais os filhos Giuseppe, 5, Valentino, 2, e Lavinia Maria, com apenas dois meses, todos nascidos em Villaraspa. Chegados em terras brasileiras a 18 de novembro, embarcam no Rio de Janeiro para Porto Alegre, onde aportam em 4 de dezembro, no paquete *Estrela*. Dois dias após, rumam para a Colônia Silveira Martins para juntar-se aos parentes.<sup>13</sup> Em Soturno, estabeleceram-se no Lote 444, a 23 de fevereiro de 1892, na Linha Sete. A colônia era pedrego-

<sup>12</sup> Pelo CPG de Nova Palma, podemos saber que Antônio nasceu a 27.02.1859 em Villaraspa, filho de Giuseppe e Maria Berlin. Angela é filha de Valentino e Elizabetha Magrin, nasceu a 23.08.1861, em Mason Vicentino.

<sup>13</sup> Cf. *Mapa Estatístico dos Imigrantes entrados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul durante o ano de 1890*, p. 62v. Arquivo Histórico do RGS – Porto Alegre.

sa, aninhada entre as íngremes rampas da Serra Geral (São Martinho), portanto, de difícil cultivo. Neste lugar tiveram mais sete filhos: Eliza Madalena (1892), Florindo (1894), Theodolinda (1895), Adelaide (1897), Rosa (1899), Julia (1900) e Amábile (1902).

Pensar que a chegada na Colônia representou o fim dos sofrimentos e peripécias é puro engano. Abria-se nova fase, cercada dos mais violentos sinistros e decepções.

Uma característica da 4ª Colônia Imperial, que chega a impressionar, é a constante mobilidade de seus habitantes, desde seu início até hoje. Imigrantes nem bem tinham desfrutado da satisfação de serem proprietários (*padroni*) e muitos nem bem chegaram a exaurir os frutos da terra, e viam-se na contingência de partir para uma nova fronteira, onde começar tudo de novo. O imigrante italiano fixado e os primeiros descendentes foram mais nômades que sedentários.

Este processo de *enxameamento*<sup>14</sup> atingiu a família de Vítor. Provavelmente em maio ou junho de 1903 – era o tempo das mudanças, feitas as colheitas – mudaram-se para Linha São Pedro de Tapera, então chamada Colônia Alto-Jacuhy, onde nasceria Vítor Antônio, a 13 de janeiro de 1905.

### 1.3 - Em Tapera

Por ter sido a terra natal e da infância de nosso biografado traçamos rápido histórico deste município. No Livro Tombo da Paróquia encontra-se uma crônica sobre suas origens. Narra que, no ano de 1898, o Coronel Gervásio Luccas Annes tratou de colonizar por intermédio de seu sócio e procurador Alberto Schmitt as terras que possuía neste distrito. “Eram umas terras cobertas de pinhal cerrado com exceção de um sítio, no lugar que hoje está a sede do distrito e que naquela época existia apenas um rancho ou tapera que servia de pouso aos viajantes que transitavam por estas zonas”.

O primeiro colono que veio estabelecer-se, segundo o mesmo histórico, no ano de 1898, foi José Baggio.<sup>15</sup> Em seguida vieram firmar residência as famílias Viero, Gatto, Bragagnollo,

<sup>14</sup> *Enxameamento* é o termo usado por Jean Roche para designar o deslocamento de pessoas de um meio rural para outro meio rural motivados pelo excesso de população e/ou esgotamento da terra. Vide ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Ed. Globo, Porto Alegre, 1969. Sobretudo no Cap. V, vol. I, p. 319 ss. *Razões do enxameamento* – ou, como atualmente alguns autores denominam, a “imigração interna”: Os lotes que os colonos recebiam mediam 1.000 m X 220 m, somando 22 hectares. À primeira vista, a eles, forçados a viverem em pouco espaço na Europa, parecia uma imensidão de terra. Porém, com a multiplicação das bocas e dos braços pelo aumento da família, os espaços diminuem e crescem as lavouras. Pelos casamentos - dos primeiros filhos homens - se faz necessário procurar novas terras. Já vimos que os alvos primeiros são as terras de particulares que ficavam intercaladas entre as da Colônia; depois é a vez das terras limítrofes à Colônia. Mais em SPONCHIADO, *Imigração...*, op. cit., p. 68 ss.

<sup>15</sup> Por entrar na nossa história como o responsável pela ida da família do Mons. Vítor para as chamadas ‘terras novas’, cabe traçar o interessante perfil deste pioneiro, que aparecerá mais tarde na atuação política de Tapera. José Baggio também nasceu em Villaraspa - 1869. Veio com seus familiares em 1883. Após trabalhar na construção da estrada de ferro, no trecho entre Santa Maria e Cachoeira, receberam em junho de 1884 um lote no Núcleo Soturno, hoje Nova Palma. Após viubar de Maria Marin em 1893, saiu para Passo Fundo, onde foi convidado pelo Cel. Lucas Annes para colaborar na colonização do Alto Jacuí. No fim do ano de 1897 fixou residência no nascen-

Boron, Morgenstern, Jacob Kaster, José Pelleuz, Luiz Petri, como também as famílias Corazza, Trevisan e Bortolini. Mais tarde, em 1900, vieram as famílias José Sarturi, Antonio Moccelin, Severino Salvadori e José Nodari. Todas estas famílias vinham das colônias velhas como Garibaldi, Silveira Martins, Bento Gonçalves.<sup>16</sup>

Vê-se que a colônia foi formada por famílias de origem italiana e alemã (mista), formando dois grupos distintos.<sup>17</sup>

Os primórdios e a consolidação da vida religiosa também mereceram registro por parte do Pároco Frei Benedito Roncchi, OFM:

*Estes colonos, porém, não cogitaram somente de progredir em bens materiais mas também trataram de conservar a fé em Deus que trouxeram de sua pátria. Sendo na maioria católicos, bem em breve pensaram em construir uma capela onde pudessem cumprir com suas obrigações de cristãos. Em 1902 iniciaram a obra e em pouco tempo estava terminada uma primitiva capela de madeira que durou uns quinze anos. Mais tarde foi novamente restaurada e ao mesmo tempo um pouco mais retirada da estrada geral.*

A primeira visita de um padre, segundo o mesmo relato, coube ao Pe. Pedro Wimmer, vigário de Passo Fundo, que instruiu o povo “nos deveres da Santa Religião”, administrou os sacramentos e escolheu a padroeira. O Sucessor do Pe. Wimmer foi o Pe. Valentim Rumpel, muito estimado pelo povo, e de que falaremos mais adiante pela sua participação na vocação de Vítor Battistella. No ano de 1906, Tapera teve a primeira visita de um Bispo, na pessoa de Dom João Antônio Pimenta. Mais tarde, em 1914, com a criação do Curato de Alto Jacuí, passou a dar o conforto espiritual na região o Pe. José Junges. Em 1918, fixaram-se em Tapera dois religiosos franciscanos, Frei Bruno Linden e Pe. Frei Boaventura Krämer. A paróquia foi erigida em 1932.<sup>18</sup>

### **1.3.1 - Infância e primeiros estudos**

Fixados há dois anos no novo torrão, o casal Battistella teve o décimo primeiro e último filho. A 13 de janeiro de 1905, nascia Vítor Antônio. Na primeira visita do Pe. Rumpel, a 7 de

---

te povoado de Tapera. Como propagandista do povoamento, procurou atrair colonos, escrevendo e visitando conhecidos seus em Soturno. Hábil e maneiroso, não lhe foi difícil convencer muitos de seus conterrâneos a buscar as novas terras, entre os quais os Battistella e Nodari. Outrossim, em 1906 Baggio colocou casa de negócios e, em seguida, pôs a primeira barca sobre o Rio Jacuí, para abrir o trânsito com Soledade. Foi chefe político do lugar por muitos anos, partidário do “Velho Borges”, como Conselheiro Municipal, subdelegado, subintendente e Juiz de Paz.

<sup>16</sup> “Histórico de Tapera”. *Livro Tombo da Paróquia Na. Sra. da Pompéia de Tapera*, fl. 3ss.

<sup>17</sup> Interessante anotar que, apesar de as autoridades incentivarem colônias mistas, houve casos em que se formam núcleos de quase exclusivamente uma etnia. Ou, automaticamente, cria-se uma divisão, separando a colônias em duas metades, cada uma com uma etnia.

<sup>18</sup> Mais dados sobre Tapera em: BATTISTELLA, de Mons. Vítor. *A História de Tapera*. Campo Real: Gesa, 1973; FONSECA, Lydia Monbelli de. *Tapera*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1987.

março, na capela primitiva, foi batizado, sendo portado pelos padrinhos Giuseppe Sarturi e Elizabetha Viero – conhecidos desde Nova Palma. A crisma deve ter acontecido em 1906, quando da primeira visita Pastoral à capela, por Dom João Pimenta, Bispo Auxiliar de Porto Alegre, que abarcava, então, todo o território do Estado. Outra data que marcou o pequeno Vítor foi a de 17 de outubro de 1915, quando recebeu a Primeira Comunhão, ministrada pelo Pe. José Innges<sup>19</sup>.

Tudo indica que os primeiros anos de Vítor tenham transcorrido com normalidade: com as elementares traquinices junto aos irmãos – todos mais velhos -, e, sem dúvida, dando muitas alegrias aos ditosos pais, sendo o caçula da família.

Podemos conferir cenas típicas na vida do menino através de um discurso proferido às crianças em São Sepé, onde Vítor, recém padre, evoca os verdes anos:

*Com que saudade relembramos os dias de nossa infância, as carícias de nossas mães, os folguedos inocentes de então quando, banhados pelo sol alegre de uma luminosa manhã, corríamos pelas campinas, à beira dos arroios, ou das águas da mansa lagoa, ouvindo extasiados o trinar das aves e o gorjeio dos passarinhos! Com que saudoso enlevo deixamos vaguar nossa imaginação pelas montanhas que galgamos, pelos bosques e silvedos que mais freqüentávamos em companhia dos amigos da meninice; como vive ainda em nosso espírito o chilrear das andorinhas, o canto meigo do sabiá; ninhos, arapucas, gaiolas, passarinhos...<sup>20</sup>*

Esta convivência com a natureza semi-crua, em um ambiente rural, interiorano, era motivo de orgulho para o religioso, que defendia como o melhor local para uma vida saudável e de acordo com os planos da Salvação. Tem-se a impressão de que Mons. Vítor queria resgatar o Paraíso perdido na reconstrução de um habitat “puro”, distante da Torre de Babel, configurada na *polis*, na cidade. Retomaremos este aspecto.

Outras passagens deste tempo encontramos no seu “*Diário Íntimo*” – que em seguida será esmiuçado -, quando da morte de seus pais, que revelam o apreço a seus velhos. A 12 de maio de 1930, sob o impacto da inesperada morte da genitora, escreveu:

*penso alla mia mamma e m'intrattengo com tenerezza in questo pensiero e parmi di vederla in vita e mi rappresento com amore e imenso affetto tutto quello che dessa há fatto per me, per noi figli, per la famiglia e i sudori per noi versati e le fatiche per noi patite lasciando l'Italia, in mare, in Brasile, in mezzo ai monti e ai boschi e in campagna, e di notte e di giorno; la cristiana educazione a noi data, e l'esempio de pietà da essa lasciato. Inanzi a tutto questo mi parve piccolezza di meite qualunque diffetto che come donna abbia avuto. Uno spino mi punge adesso; di non esser stato sempre figliuolo teneramente afetuoso e d'averla disgustada non poche volte.*

<sup>19</sup> Como se constata na *Kommunion Andenken* – lembrança da Primeira Comunhão.

<sup>20</sup> “De São Sepé - Ecos das festas de 24 de Outubro”, extraído de um recorte de jornal sem identificação, mas de Santa Maria. Trata-se de uma preleção de Mons. Vitor proferida no Grupo Escolar local, por ocasião dos festejos do primeiro ano da Revolução, que levou Getúlio Vargas ao poder.



Ardente ternura também devotava ao pai, como mostram suas comovidas palavras, ao saber da sua – também inesperada – morte (tradução nossa): “E agora estou órfão de tudo... primeiro a mãe, agora o papai que eu amava imensamente, com um amor apaixonado e que me amava com um amor extragrande. Eu era o seu *beneamino*, o seu *Vittorietto*... .. *oh, quão bom era o papai*...”.

Algumas recordações lhe vêm à mente. “Parece-me ver meu pai andando por aquela estrada até o Beppi, passo lento, mãos atrás, murmurando não sei que palavras, frases ininteligíveis, talvez alguma oração, e na volta eu o acompanhava. Eu queria muito bem ao meu pai”, desabafa. Escreve que lhe parecia vê-lo no corredor da cozinha, à noite, pernas cruzadas, quieto... depois se rezava o terço. Lembra que quando iam à missa de aranha... Em casa, o imagina sozinho, tirando as palhas do milho..., ou caminhando de trás para frente pela casa, sem saber o que fazer, sempre silencioso, surdo...

A partir destas lembranças, conclui-se que o período de meninice de Vitor foi realmente saudoso. Chama de beatos seus tempos de infância. Recorda que seu pai, podando as vinhas, contava-lhe a história dos porquinhos, do lobo e da raposa que foram roubar queijo. Depois o velho o mandava buscar um caneco de vinho, e Vítor, estando em casa, gritava: *Pupáaaa!*... o pequeno ou o grande?”, E o pai: “*tutti due!*”. “*Oh, lui mi voleva gran bene e anch'io*”.

O jovem seminarista chora sua orfandade. Sente dentro de si um vácuo imenso! O único consolo – confessa – é a esperança de abraçá-lo no Paraíso e encontrá-lo junto a sua mãe. Está convicto de que o pai está salvo, o seu coração o diz. E justifica: “Tanto trabalho, tantas fadigas, tantas preocupações e cuidados para o bem dos filhos, tudo colocamos em seu prêmio. Ele, pois era bom cristão, sem vícios, rezava, tinha grande fé, cumpria as suas obrigações. *Oh, Dio mio, dategli pace!*”.

Quanto aos primeiros estudos, pudemos apurar que, com cerca de cinco anos, começou a frequentar a *Aula Pública* em Tapera, onde lecionava a professora Maria Angélica Leite de Oliveira. Aí recebeu as primeiras noções de gramática, matemática, geografia... O currículo era essencialmente prático. Exemplo de um problema: “Quarenta e dois metros de riscado custam X contos. Quanto custa o metro?”. Apreciamos inserir um episódio cômico acontecido com Vítor neste tempo. Quem nos narrou foi o já octogenário Eugênio Danielli, que foi seu colega, e que tivemos ocasião de entrevistar em 1988. Certo dia – possivelmente no segundo ano – (1914-1915), Vítor foi à aula sem sacola e seleta (livro de leitura). A professora, vendo-o desocupado, perguntou-lhe sobre o material. Pelo que o menino responde à queima-roupa: - O boi comeu! Acontece – esclarece Danielli entre risos – que Vítor deixara a sacola, que era de pano, depen-

durada num prego. Um boi solto, atraído pelo sal do suor contido no tecido, se fartou comendo a sacola e os livros!

#### 1.4 - Morte dos pais

Às vésperas da ordenação, Vítor sofreu dois terríveis golpes: a morte dos pais. Em uma carta de pesar, seu amigo Pe. Valentin Ferrari, assim interpretou o fato: “Parece que Nosso Senhor antes de elevar seus escolhidos à dignidade do sacerdócio, antes de constituí-los dispensadores de seus santíssimos mistérios, quer purificá-los e desprendê-los, associando-se às amarguras por Ele experimentadas na sua Paixão, até das afeições mais legítimas como são os laços estreitíssimos que nos unem àqueles que nos deram a vida...”<sup>21</sup> Nas férias de fevereiro de 1930<sup>22</sup>, Vítor registrou no seu *Diário*, que, pelo fim das férias, preocupou-o muito o estado de saúde precário dos velhos, sobretudo do papai que, devido a forte soltura, ficara extremamente fraco. “Eles receiam muito morrer sem me ver padre”. Também foi amolado com as questões de partilha em casa, a ponto que resolveu dar cabo delas conforme o desejo do seu pai – “deu-se ao Fiorindo o pedaço de terra em que estão as benfeitorias e à Julú o Fiorindo ficou devedor, por documento, de 3:000\$000”.

Assim, prorrogou sua estada em casa à espera de melhoras do papai. Finalmente, a 17 de março despediu-se dos seus velhos. E presente: “...*que temo não ver mais, saí da casa. Poucas vezes me senti tão comovido*”.

Com efeito, a 12 de maio recebe via fonograma a infausta notícia do Pe. Luiz Müller, Diretor espiritual. Dirigindo-se ao quarto, Vítor escreveu no seu *Diário Íntimo* várias páginas, em italiano<sup>23</sup> – das quais já transcrevemos uma parte. Repentinamente se percebe que era órfão,

<sup>21</sup> Carta do Pe. Valentin Ferrari a Vítor Battistella. São Pedro – RS, 24.05.1930. Arquivo Particular.

<sup>22</sup> OBS: De 22 de janeiro até 20 de março não escreveu diário de férias, “devido em parte a relaxamento”.

<sup>23</sup> Porque teria escrito em italiano – vez única no seu *Diário*? Pe. Luiz Sponchiado conjectura: “... uma volta ‘às raízes’ de sua família, que ele, por seu caráter e educação mais esmerada, ia ‘abandonando e esquecendo’? por considerá-la menos apreciável? Ou, escreveria em italiano, por se ‘envergonhar’ de sentimentalismos, que ele, por caráter, repelia, e tinha pejo de demonstrar?...” CPG – *Cronologia*.

e pela primeira vez sentiu o que isto significa. Seu coração se encheu de amargura infinita e caiu em profundo pranto. Conclui que no mundo tudo é vão, precível. Mas acredita vivamente que vai ver a genitora novamente. “Longe de qualquer outro pensamento - sentença – minha mãe está com o Senhor”...”<sup>24</sup>

A dor continuou. No dia seguinte, imagina o que estava acontecendo em sua casa paterna:

*A amargura que me causou a notícia da morte da mamãe, continua intensa: é uma dor profunda, que brota do fundo do coração, que nasce da gratidão e é reclamada pela natureza, e está misturada com uma sensação de isolamento que me faz apalpar e caducidade de tudo o que é mundano. Parece-me ver minha mãe na caixa mortuária, aí na sala de casa, entre velas, sobre uma mesa.... suas feições, seu porte, sua bondade maternal... mãos juntas ao peito, estreitando o crucifixo e o terço que ela tantas vezes rezou e era sua oração predileta, pois não sabia ler... Aí ao redor muitas pessoas, muitas, e cá e lá pela casa, chorando meus irmãos e irmãs, sobretudo o José, a Julia, Lavinia, Adelaide, Amabile, Izeta... O papai vejo-o, mãos atrás das costas, caminhando de um lado pr'outro sem saber aonde ir, olhando para longe, mudo...*

Na morte da mãe, Vítor pediu: *Signore, conservate il mio pupà*. Mas, novamente caiu-lhe novo baque: a 30 de agosto do mesmo ano recebe notícia da triste partida do pai.<sup>25</sup> Novamente lhe revive as sensações que teve na morte: tudo está terminado, todas as suas esperanças e seus sonhos, a festa da Primeira Missa, a alegria de todos, tudo se foi... Vítor desejava que após padre o primeiro a abraçá-lo fosse o pai. Sua reação nesta solidão e niilismo não é outra que se agarra a Deus. Tudo no mundo é vão. Só Deus, só seu amor vive e rompe em seu coração e no seu pensamento,

*Stacato da tutto, voglio servirLo più fedelmente che mai, santificarmi, darmi tutto al Suo santo servizio. Datemi, oh Signore, questa grazia!... - Mi ricordo tanto ben dell'ultimo addio alla mia partenza quest'anno. Mama volle stringermi a se e baciarmi, diccendomi tra singhiozzi e lagrime 'prega al manco ti una Salveregina pei tuoi vecci'. Pupà mi strinse la mano e io volli abbracciarlo teneramente. Fecci per stacarmi e cosa strana! Lui, che non l'aveva mai fatto, mi lasciò, poi, comosso e senza dir parola, mi prese di nuovo la mano fortemente e mi attirò a si e io loabbracciai con impeto... Ma un vago presentimento m'invase il cuore.. Erano ambidue seduti uno accanto all'altro li nella saletta, innanzi alla tavola da pranzo. Io piansi ed ora intendo ogni cosa...*

<sup>24</sup> Ainda sobre o falecimento da mãe: No mesmo dia enviou fonograma à família: “Choro convosco morte boa mamãe. Beijo por mim despedida. Coragem, orações”. A pedido do irmão Florindo, escreveu dois epitáfios: “*Visse di fede e di lavoro – Augurate alle sue ossa eterna pace*”; e outro para a lousa: “*Riposa in pace, oh mama! Tu che à amasti tanto / Guarda del ciel chi t'ama / Esuli ancor e in pianto*”

<sup>25</sup> 9.9.30 – “Chega-me carta do Fiorindo e da Tranqüila sobre a morte do saudoso papai que não era esperada, pois estava ele apenas adoentado como há muito vinha sendo. Na véspera sentiu-se pior e na manhã do dia 29 enquanto Florindo foi pelo médico, morreu placidamente, falando até o último momento, assistido pelo José, Catina, Dille, Julia só. O sacerdote Pe. Agnello, chamado logo, só pode benzer o cadáver. Isso é que me dói. Pobre papai. Disse-ram que na véspera falou em mim dizendo assim que não me veria mais. Estas notícias despertaram-me profunda tristeza”.

A perda do pai evidentemente deixou no seminarista uma impressão profunda. Passou a viver como numa espécie de exílio, com a cabeça povoada de lembranças e saudades. Mas, “também me sinto muito mais inclinado à piedade e ao recolhimento”.<sup>26</sup>

Com estas colocações, pretendemos fixar alguns elementos do nosso protagonista relacionados com a sua família, convictos de que são indispensáveis para a compreensão da sua mentalidade e da sua ação. Os macro-valores do *modus vivendi* de Vítor Battistella foram assimilados, adquiridos, primeiro e fundamentalmente na sua família. Daí a análise das suas características básicas, no caso de uma família de imigrantes italianos que chegaram nas terras da Serra Geral gaúcha, trazendo uma bagagem de valores e sentimentos, que herdaram para seus membros. Não que maximizemos a influência da família, ou mesmo da genética, mas não podemos negar esta primeira carga. Que deve ser relativizada, pois novos e diferentes influxos sobreviriam na moldagem do seu perfil psíquico-intelectual-social. Ademais, e por fim, acresce que com a morte dos pais e a separação, não só geográfica mas social, não houve maior aproximação do nosso biografado com seus familiares. Consta, inclusive, quanto à sua família, “*que ele [Battistella], por seu caráter e educação mais esmerada, ia ‘abandonando e esquecendo’? por considerá-la menos apreciável?*”.

Com estes elementos, podemos nos ater a um segundo e crucial momento para a formação humana de Vítor: a sua formação seminarística, quando novas contribuições advirão na consolidação de seu caráter.

## CAPÍTULO 2

### FORMAÇÃO DO CARÁTER E DO INTELECTO

“O seminário forjava caracteres fortes  
e homens de fibra”

BOHNEN & ULLMANN, *A atividade dos jesuítas de São Leopoldo*.

Podemos, por razões didáticas, dividir - a grosso modo - o cotidiano no Seminário Menor e Maior de São Leopoldo em três partes, que englobam, no pensar dos formadores jesuítas, a vida de um vocacionado à vida sacerdotal. À medida que formos analisando e caracterizando estes momentos centrais, enfocaremos a pessoa do seminarista Vítor Battistella, atentando para seu comportamento frente à instituição do Seminário e seu projeto pedagógico e conjunto de

---

<sup>26</sup> *Diário Íntimo* - 5.09.30.

valores, de corte jesuítico. Entendemos que esta clivagem nos permite observar o modo e a intensidade com que o aluno, o formando foi formado, plasmado, construído para uma missão que, para os seus idealizadores e responsáveis - a Igreja -, havia clareza de como devia ser um padre e como deveria agir frente ao mundo. De outra parte, acreditamos que esta reconstrução histórica – conquanto complexa, pois implica pessoas e sua subjetividade, de difícil captura – permitirá melhor entender os fatos subseqüentes, sobretudo os de ordem política, objeto primeiro deste estudo.

Mas antes devemos nos deter sobre o primeiro período, em Vale Vêneto.

### **2.1 - No seminário de Vale Vêneto**

Consultando o *Livro de Registro de Matrículas do Seminário Provincial de Porto Alegre*, que anteriormente funcionara em São Leopoldo, descobrimos junto à matrícula do aluno Victor Battistella, no ano de 1919, o estranho termo “pal.”! Soubemos depois que tal vocábulo significava que o aluno pertencia ao Instituto dos Padres Palotinos. Esta descoberta não causou espanto somente em nós. Mas também nos padres que trabalharam com Mons. Vítor, pois nunca haviam ouvido falar que pertencera, mesmo no início de sua formação seminarística, a uma congregação religiosa.

Com a colaboração do Pe. Claudino Magro, padre palotino, recorreremos ao Arquivo do Seminário Palotino de Vale Vêneto.<sup>27</sup> Com efeito, consta no *Livro de Matrícula*, à página 45, que, em 1917, ingressou no pequeno seminário o aluno Victor Battistella.

Vê-se, portanto, que com apenas 12 anos, Vítor deixou o aconchego de sua família para se internar num colégio vocacional, onde haveria de começar uma escalada de formação intelectual e espiritual, que marcaria sua ação pelo resto de sua vida.

Embora tenha permanecido por nem bem dois anos em Vale Vêneto, importa ver um pouco deste período, e as influências ocorridas neste local.

Uma primeira questão que deve ser elucidada é o porquê de o adolescente ingressar na Sociedade dos Palotinos. A resposta, a nosso ver, está na presença destes padres na administração da paróquia de Passo Fundo, que, à época, abarcava a capela de Tapera, terra natal de nosso biografado.

Aliás, remonta ao ano 1903 o atendimento da extensa freguesia pelos padres de Vicente Pallotti, entre os quais sobressaiu a figura carismática do Pe. Valentim Rumpel, a quem coube batizar Vítor Battistella. As referências a este religioso o descrevem como “um gênio folgazão e otimista, para quem o tempo era sempre bom”; “era alegre e expansivo; ele chegava e junto

---

<sup>27</sup> Carta do Pe. Claudino Magro ao autor, Santa Maria, 26.04.1988.

vinha a alegria. Todos se aproximavam dele como de um amigo, de um bom companheiro. Um sorriso, abraços... todos satisfeitos e felizes pela presença do padre querido”.<sup>28</sup>

Já tivemos ocasião de tratar desta verdadeira simbiose entre os descendentes de imigrantes, sobretudo italianos, com seus guias religiosos. O fato de o Pe. Rumpel<sup>29</sup> ser de origem alemã não impedia esta empatia, compensada pelo gênio extrovertido e pela capacidade de dominar a linguagem universal, a música (tocava bombo e gaita!).

De modo que não é temerário supor que esta benquerença do padre tenha marcado indelévelmente o pequeno Vítor, fazendo desabrochar o desejo de seguir a mesma vocação. Em abono, o próprio Mons. Vítor, em sua *A História de Tapera*, de 1973, exara a imagem que detinha do Pe. Rumpel, a quem cognomina de “apóstolo do Alto Jacuí”. Ele viajava a cavalo e ao longo dos caminhos, convidava em alta voz para a missa todos que encontrava. “Zeloso cumpridor de sua missão, possuía temperamento jovial. Gostava de brincar com as crianças do catecismo correndo atrás delas e pondo-se de gatinhas para vê-las rir e distrair-se. Conquistou a confiança e a amizade de todos”.<sup>30</sup>

Por outro lado, podemos saber com precisão a data em que o pequeno Vítor, certamente acompanhado pelo pai e/ou por um padre, deixou seu lar em direção a Vale Vêneto. Em seu *Diário Íntimo*, na data de 17 de julho de 1929, encontramos o seguinte: “Faz hoje 12 anos que saí de casa. Escrevi ao papai e mamãe exprimindo-lhes meus sentimentos por isso. Como se passou ligeiro esse tempo. Como poderia ser hoje virtuoso, santo e culto se tivesse trabalhado com método e ardor na minha formação”.

Portanto, é na data de 17 de julho de 1917 que parte para o Seminário. Aliás, nem era um seminário no sentido pleno do termo. Tratava-se mais de uma Casa de Formação, instalada na Casa Canônica da Paróquia, e que abrigava pequeno grupo de vocacionados, sob os cuidados do Pe. Isidoro Kepler.<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> BONFADA, Genésio. *Os palotinos no Rio Grande do Sul. 1886 a 1919: fim da província americana*. Porto Alegre: Pallotti, 1991, p. 136 ss.

<sup>29</sup> Nasceu na Francônia, Alemanha em 1886; veio ao Brasil em 1892, para terminar seus estudos teológicos. Trabalhou em Vale Vêneto, Arroio Grande e, a partir de junho de 1903, Passo Fundo, onde, dado seu caráter empreendedor, chegou a eleger-se para o cargo de vereador. Em 1914 foi transferido para os EUA.

<sup>30</sup> BATTISTELLA, Mons. Vítor. *A história de Tapera*. Campo Real (Não Me Toque): GESA, 1973, p. 64.

<sup>31</sup> Curiosamente, oficiou a segunda missa na segunda capela de Barril, em 18 de junho de 1924. BATTISTELLA, Mons. Vítor. *Painéis do Passado – História de Frederico Westphalen*. Frederico Westphalen: Gráfica Marin Ltda., 1969, p. 40

De modo que, certamente, a maior diferença percebida pelo menino foi a paisagem: os montes íngremes da serra de São Martinho, que formavam amplo vale, mais parecendo um buraco gigante, circundado de falácias de rocha por todos os lados, menos um, onde havia uma estreita saída; aninhado no início da encosta, o pequeno povoado; tão diferente da paisagem ondulada da região do Alto Jacuí. Vítor já devia saber que a poucos quilômetros daí, num groto semelhante de Nova Palma, moraram seus pais e nasceram alguns (ou todos) de seus irmãos.

O povoado de Vale Vêneto, à época da chegada de nosso biografado, não era muito mais do que Tapera, somente mais velho. Igualmente habitado por moradores de origem italiana, que se dedicavam à agricultura, numa rotina pacata e monótona. Estes imigrantes chegaram ao local por 1878, fazendo parte da Colônia Imperial Silveira Martins, atualmente conhecida como “Quarta Colônia”. Estes pioneiros, contando com a liderança de Paolo Bortoluzzi – chefe de um clã e influente comerciante – gestionaram junto a agentes na Itália a vinda de um “*prete stábile*” (como os descendentes de italianos denominavam o padre residente, fixo no lugar); o que conseguiram, com a vinda em fins de 1881, do Pe. Vítor Arnoffi (ex-franciscano) e Pe. Antônio Sório (sacerdote diocesano de Verona). O primeiro foi designado pelo Bispo Dom Sebastião Dias Laranjeira para a Sede da Colônia - Silveira Martins, e o segundo como Cooperador residente em Vale Vêneto – a este tempo chamado Novo Treviso. Mas, em 1884, Pe. Sório foi nomeado pároco de Silveira Martins, fazendo com que novamente a comunidades envidasse esforços na busca de curas de almas, recorrendo ao agente na Itália, que contata com a Pia Sociedade das Missões ou Palotinos, que a 24 de fevereiro de 1885, decide enviar o Pe. Guilherme Whitmee a Vale Vêneto, para ver de perto.<sup>32</sup> De fato, a 24 de julho do ano seguinte chegavam sob geral júbilo os padres palotinos no Vale Vêneto. O pequeno núcleo tornava-se, assim, o berço dos filhos de São Vicente Pallotti no Brasil e América Latina.

Visto este retrospecto histórico, podemos voltar ao cotidiano do nosso pequeno Vítor. Ainda conforme o *Livro de Matrícula* do pequeno Seminário, ou, como consta “*Nota degli studenti che studiano in Valle Veneta*”, os pais, Antonio e Angela, podiam pagar 20\$000 (vinte mil réis) por mês e dar-lhe os livros e a roupa. Neste gesto, percebe-se o esforço e sacrifício empreendido pela família numerosa para o sustento do filho e mano. Importa recordar que, neste ano de 1917, reinava aguda crise, fruto da cruenta guerra mundial, que dilacerava as nações desde 1914.<sup>33</sup>

<sup>32</sup> SPONCHIADO, Breno Antonio. *Imigração & 4ª Colônia – Nova Palma & Pe. Luizinho*. Santa Maria: Palotti, 1996, p. 80 ss.

<sup>33</sup> Talvez isto explique também o ingresso no Seminário em época incomum – julho.

À época do ingresso, sabia ler, escrever e as quatro operações, fruto dos estudos preliminares em Tapera. Começou a estudar gramática e geografia, freqüentando as aulas no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, das Irmãs do Imaculado Coração de Maria<sup>34</sup>. Deve-se notar que este primeiro contato com esta Congregação de Religiosas vai originar um verdadeiro envolvimento afetivo e efetivo, que vai perdurar por toda a vida: na fixação de uma Casa na sua Paróquia, na educação dos vocacionados do Pré-Seminário de Barril e, depois, no Colégio Auxiliadora; na administração do Hospital que erguerá e que se tornará seu último campo de trabalho; por fim, na derradeira venda do Hospital para a Congregação, como forma de livrá-lo de sérios problemas.

Ainda neste primeiro período, cabe fazer referência a uma figura que, segundo o próprio biografado, o teria marcado. Dispomos de um Memorial, elaborado por Edgar Marques de Mattos, em 1964, com aprovação do Mons. Vítor, onde consta:

*Para bem entender a têmpera rija, a capacidade de direção e de trabalho deste padre devemos recordar que três exímios educadores exerceram influência profunda e decisiva na formação de seu caráter: A Revma. Madre Maria Stefania do Imaculado Coração de Maria<sup>35</sup>, durante três anos sua professora de curso primário, em Vale Vêneto, impressionava pela sua energia máscula, incansável trabalho, intransigência na disciplina e ao mesmo tempo afável e bondosa.<sup>36</sup>*

Mas é na fase posterior que ficará mais talhado o perfil intelectual e psicológico de nosso biografado, sob o influxo dos padres da Companhia de Jesus..

## 2.2 - No Seminário Maior, sob a égide dos Jesuítas

O *Diário Íntimo*: Imprescindível fonte para conhecermos em pormenores o cotidiano e os sentimentos do nosso biografado por um considerável período de sua formação seminarística é o seu *Diário Íntimo*. Uma caderneta, que nos foi dado folhear, preservada que foi, como espécie de relíquia. Abarca ela o período de 25 de março de 1929 até 24 de setembro de 1930; portanto, os dois últimos anos de Seminário Maior, envolvendo o tempo de maior gravidade na definição do “sim” à vocação sacerdotal. Trata-se de registros diários, em letra miúda, com algumas lacunas de dias, com descrições de caráter pessoal, sentimental - como sugere o título “Diário Íntimo”. Parece-se com um amigo de confiança, com quem podia “dialogar”, desaba-

<sup>34</sup> Já residentes em Porto Alegre, a 30.04.1887, Dom Sebastião Laranjeira, autorizou a fundação de uma casa religiosa em Vale Vêneto, mas só chegaram em 26.07.1892. Em agosto deste ano abriram a escola com 60 alunos, que logo se transformaria também em internato. “Modesto no início, mas sempre aumentando, aceitando meninos numa ala e meninas na outra, o colégio conseguiu muito renome. Chegou a trazer jovens de bem longe, inclusive de Porto Alegre, graças à boa fama granjeada com o trabalho das excelentes educadoras”. BONFADA, op. cit. p. 61.

<sup>35</sup> Seu nome real era Maria Stefania Suzin.

<sup>36</sup> “17 de março de 1932 a 13 de março de 1964 – 32º aniversário da chegada de Mons. Vítor a Frederico Westphalen”. Mimeog, 6 p.



far, examinar-se, sem guardar segredos e sem reservas. Uma espécie de divã, onde extravasava seus sentimentos, pensamentos, emoções, desejos, confidências. Com efeito, como veremos, ele tinha dificuldades de relacionar-se com outras pessoas, sobretudo em temas íntimos e da órbita pessoal. Ele tinha um objetivo com o registro: 1929. 25 de março: “Estou de retiro e decidi fazer este diário para toda a vida, para chegar ao conhecimento de mim mesmo e também para lembrar com maior facilidade certos traços e episódios de vida para o futuro”.<sup>37</sup>

Dois dias depois, informa que fará o diário sempre antes de dormir. E se propõe a fazer tal propósito pelo reto exame de consciência, uma vontade firme e notando no diário as faltas e progressos; e refletindo no que vai fazer e procurando ocupar-se só do que está fazendo, “*como faz Mussolini*”. Quanto a esta identificação com Benito Mussolini – cuja biografia estava lendo na época -, que é muito recorrente no escrito, voltaremos a examinar detidamente mais adiante.

Infelizmente, para nosso estudo, não perseverou nesta empreitada após a ordenação, executando-se os diários de suas viagens, que teremos ocasião de apreciar - talvez por substituir por um outro meio de registro, o Livro Tombo da Paróquia.

Continuando, pois, o percurso da formação do Pe. Vítor, vamos vê-lo durante 12 anos - entre 1919 a 1930 - ocupando os bancos dos Seminários Menor e Maior de São Leopoldo. Agora, já como candidato a padre diocesano. Desconhecemos quando e os motivos da saída da Congregação dos Palotinos. Cursando o Ginásio, Filosofia e Teologia, sofreu nova carga intelectual e psicológica dos Padres da Companhia de Jesus (jesuítas), famosos pela pedagogia elaborada por Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. A formação, marcadamente acadêmica, voltada para o conhecimento das ciências e artes clássicas, por certo imprimiu no jovem um *modus jesuítico* de ser padre, ou pelo menos características próprias desses padres ou da sua filosofia.

Para o adolescente de 14 anos deve ter sido uma notável mudança, pela distância e por confrontar-se com um mundo bem diferente do até então vivido: uma cidade grande, movimentada, industrializada, habitada preponderadamente por alemães, seminário grande, pessoas, colegas, superiores diferentes...

Dispomos de uma descrição do Seminário, que nos permite visualizar o novo mundo em que o jovem de Tapera passou a viver, elaborado por um dos seus ocupantes, o renomado historiador Mário Curtis Giordani:

*O prédio do Seminário Menor, com suas arcadas imponentes no primeiro e no segundo andar, com a imagem da Virgem no alto do centro da fachada principal acima da gale-*

---

<sup>37</sup> Não havendo paginação na Caderneta, optamos por indicar as citações pelo seu dia. Neste caso: *Diário Íntimo*, 25.03.1929. Fato, aliás, que não deve ser levado muito à risca; em 29.04.1929, confessa; “Ergo na enumeração dos dias do meu diário andei sempre atrasado de um”!

*ria superior, com uma pequena torre na ala da capela e o respectivo relógio a marcar com badaladas solenes o ritmo da vida do internato, com suas salas de estudo e de aula, com os enormes dormitórios que se estendiam pelos amplos sótãos, com seus pátios e áreas cobertas, com seus campos de esportes situados à margem do rio dos Sinos, com sua silenciosa e acolhedora capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, formava um ambiente austero, ordenado, tranqüilo que produzia uma impressão profunda e inolvidável a quem nele penetrasse pela primeira vez como seminarista novato, quer como simples visitante.*<sup>38</sup>

Acrescenta-se que até 1912, o prédio foi o famoso “Conceição”, onde se formaram não poucas lideranças leigas e políticas.

### **2.2.1 - Os jesuítas na formação de sacerdotes**

A formação do clero secular e regular se constitui em uma das metas da Companhia de Jesus, desde a sua fundação, em 1534, por Inácio de Loyola.<sup>39</sup>

Isso explica por que o segundo bispo da diocese de São Pedro do Rio Grande, Dom Sebastião Dias Laranjeira – empossado em 1861 -, no desejo de melhorar a formação do seu clero, pediu jesuítas para a direção do Seminário Episcopal. O Geral da Ordem, Pe. João Peckx, enviou, então, três padres da Província Romana da Companhia de Jesus; um deles era grego, o outro siciliano e o terceiro romano. Em setembro de 1861, já tomavam conta do Seminário e de seus 14 alunos. Não puderam, porém, permanecer neste posto por muito tempo. Uma das razões, conforme registra o padre jesuíta Lutterbeck, foi a “ação dos anti-clericalis, afirmando categoricamente que padres estrangeiros eram incompetentes para a formação de um clero nacional-brasileiro”.<sup>40</sup> Com a gradual retirada dos padres italianos, ficou todo o território sulriograndense como missão sob o comando da Província Alemã da Companhia de Jesus. No atendimento das paróquias, os próprios jesuítas alemães, diante do crescimento da população, viam-se insuficientes. Mais ainda: “Perceberam com realismo que o *filho da selva*, ou o descendente de alemães, era bastante diferente dos seus antepassados da Alemanha. Daí a necessidade de um clero próprio, tirado do meio ambiente”.<sup>41</sup> A abertura do Colégio Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, junto ao Rio dos Sinos, em 1869, embora com o plano de fazer

<sup>38</sup> GIORDANI, Mário Curtis. *O seminário de São Leopoldo*. Estudos Leopoldenses. São Leopoldo: UNISINOS, Vol. 23, nº 101, nov/dez 1987, p. 139-148. Giordani pertenceu à turma que se matriculou no primeiro ano da filosofia em 1939.

<sup>39</sup> A fundação dos Seminários foi prescrita pelo Concílio de Trento (1545-1563). Na Companhia de Jesus “Restaurada” (1814), a afluência de alunos aos Seminários e aos colégios dos jesuítas foi motivo de inquietação, para o governo francês, fazendo com que, em 1828, os jesuítas fossem expulsos de tais casas de formação. (BOHNEN, Aloysio e ULLMANN, Reinholdo U. *A atividade dos jesuítas de São Leopoldo*. São Leopoldo: Unisinos, 1989, citando Koch, p. 228).

<sup>40</sup> LUTTERBECK, Jorge Alfredo, SJ. *Jesuítas no sul do Brasil*. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, publicações avulsas nº 3, 1977, p. 84.

<sup>41</sup> Idem, p. 85.

um instituto para vocações sacerdotais, não cumpriu plenamente este objetivo. Somente em 1891, os mesmos padres alemães, a convite, tomaram conta da direção do Seminário Episcopal de Porto Alegre, situado no prédio que abriga hoje a Cúria Arquidiocesana. Iniciou com 19 seminaristas, procedentes do Colégio Conceição Leopoldense, estando entre eles o próprio João Becker, futuro arcebispo do Rio Grande do Sul. O objetivo de Dom Cláudio era o de reformar a instituição do Seminário, a fim de corresponder ao seu fim específico: formar bons padres. Tarefa nada fácil, diante do panorama, assim pintado por um autor jesuíta:

*Cabe ao Seminário a tarefa de proporcionar os meios de um profundo saber e imprimir um sólido caráter à alma dos futuros sacerdotes. Em fins do século passado [XIX] a formação filosófica e teológica exigiu de seus responsáveis cuidados e capacidades especiais. É que então a maré do Racionalismo ia alta: Harnack e outros destruíam com os seus métodos críticos os fundamentos da fé cristã, chegando a ponto de negar a própria existência histórica de Cristo. Haeckel, por sua vez, espalhava suas teses de um darwinismo extremo, e as filosofias hegelianas e marxistas propunham-se destruir as estruturas da sociedade moderna”.*<sup>42</sup>

Para tanto, o Pe. Jacó Fäh, a quem foi confiado o cargo de reitor, elaborou um plano detalhado de estudos seminarísticos, que compreendiam 12 anos de formação: 6 de Estudos Ginasiais, 2 de Filosofia e 4 de Teologia.

Aos padres jesuítas sucederam na direção do seminário os padres lazaristas (1900-1902) e depois os padres capuchinhos franceses (1903-1912).

Dom João Becker, tomando posse no cargo de arcebispo de Porto Alegre - 8 de dezembro de 1912 - tratou de logo contatar seus sufragâneos a fim de fundar um Seminário Provincial ou até Central para todo o Sul do Brasil, sendo que a direção do mesmo seria confiada a seus ex-professores em São Leopoldo e Porto Alegre. Já em março de 1913, ingressou a primeira turma no ex-Ginásio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, tendo alunos das dioceses de Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas e Uruguaiana.

A importância deste educandário para a igreja pode ser melhor avaliada nas estatísticas: nos seus 25 anos de existência, de 1913-1937, passaram 1.445 alunos. Destes, tornaram-se sacerdotes seculares 257 e 94 religiosos.<sup>43</sup>

Dentre os primeiros, encontra-se Pe. Vítor Battistella, cujo processo de formação, passamos a analisar.

---

<sup>42</sup> LUTTERBECK, op. cit., p. 86 s.

<sup>43</sup> Em 1934 o Seminário provincial passou a ser Central, recebendo alunos de filosofia e teologia das Províncias Eclesiásticas de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

Já dissemos acima que Mons. Vítor, no declinar da vida, atribuía a sua têmpera rija, sua capacidade de direção e de trabalho à influência de exímios educadores na formação de seu caráter, entre os quais o padre João Lütgen, SJ:

*jesuíta, por muitos anos extraordinário Reitor do Seminário Provincial de São Leopoldo, sacerdote idoso, de cativante bondade, larga visão, férreo na disciplina. Foi quem salvou a vocação do, então, seminarista Vítor. – Finalmente o Prefeito de Divisão e teólogo Jaime de Barros Câmara, no mesmo Seminário de São Leopoldo, hoje Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro. Amigo e companheiro dos seus seminaristas, gozava da estima e confiança de todos, mas era respeitado por sua vontade de ação e por seu amor ao estudo, à disciplina e à ordem.*<sup>44</sup>

Sobre a crise vocacional de nosso protagonista, trataremos logo adiante.

### **2.3 - Paradigmas da formação**

Podemos, por razões didáticas, dividir - a grosso modo - o cotidiano no Seminário Menor e Maior de São Leopoldo em três partes, que englobam, no pensar dos formadores jesuítas, os eixos vitais de um vocacionado à vida sacerdotal.

Do período ginásial, que abarca seis anos, entre 1919 e 1924, dispomos de poucos registros históricos diretos de nosso biografado. Valemo-nos do *Arquivo da Província do Brasil Meridional dos Jesuítas* – Porto Alegre, onde alcançamos algum êxito quanto às informações. Vítor ingressou a 27 de fevereiro de 1919, portanto com 14 anos. Foi matriculado sob número 6. Para marcar as roupas recebeu o número 29.<sup>45</sup> Iniciou cursando o primeiro ano ginásial, com mais 36 colegas.

Vejamos, agora, os três pilares da formação no Seminário Maior de São Leopoldo:

#### **2.3.1. Espiritualidade**

O eixo central da vida no seminário era, naturalmente, o cultivo da vida espiritual. A maior parte do tempo era dedicado às atividades de caráter espiritual; bem como as outras práticas – estudos, lazer, trabalhos - tinham, em última análise, um escopo de formação espiritual.

Seguindo um roteiro do dia-a-dia no seminário, descrito pelos profs. Bohnen e Ulmann, profundos conhecedores da história dos jesuítas em terras gaúchas, identificamos os seus momentos de espiritualidade.

<sup>44</sup> “17 de março de 1932 a 13 de março de 1964 – 32º aniversário da chegada de Mons. Vítor a Frederico Westphalen”. Mimeog, 6 p.

<sup>45</sup> Conforme Livro de Registro de Matrículas dos alunos do Seminário Provincial de Porto Alegre em São Leopoldo de 1913 a 1939., p. 90 – Seminário Menor. *Arquivo da Província do Brasil Meridional dos Jesuítas* – Porto Alegre.

“A assistência à missa diária era obrigatória.... Antes do meio-dia, cada um procedia ao exame de consciência, seguido de oração, na capela.... Finda a recreação, todos rezavam o terço, em particular. A visita ao Santíssimo, na capela, era parte da vida diária dos seminaristas (...). Antes de deitar, cada um fazia uma leitura espiritual, de um livro edificante. Ao mesmo tempo, preparavam-se os pontos para a meditação do dia seguinte.... O último ato do dia era cantar, em conjunto, o Salve Regina”.<sup>46</sup>

O *silêncio* merecia grande importância, como forma de favorecer o recolhimento. Durante as “grandes refeições”, eram feitas leituras de um livro piedoso ou de conteúdo mais leve, fiel à norma inaciana de que “enquanto se dá ao corpo a refeição, dê-se ao espírito também a sua” (regra 30 do Sumário das Constituições).<sup>47</sup>

Cotejando, agora, este programa com o a atuação de nosso biografado, percebemos pelo seu *Diário Íntimo* – 1929-1930 - que, sendo estas atividades ordinárias, não mereceram maior atenção, concluindo que as cumprisse rigorosamente, à exceção de alguma missa, que lhe causava arrependimento.

Bem diferente parece ter sido a luta na busca de uma vida interior marcada pela reflexão, compenetração, piedade. Este registro retrata a luta interior e seus Escrúpulos: “Estou notando que nestes últimos tempos sou vítima de uma certa despreocupação e indiferença pelas coisas espirituais”.<sup>48</sup> Em certo momento, chegou a pensar estar sendo vítima dos diabos (sic):

*À noite numa roda falamos sobre o livro “Il diavolo”, que narra fatos verdadeiros de dois meninos possessos e o que disseram os diabos por boca deles. Andei pensando se não serão os diabos que me estão atrás procurando por todos os meios afastar-me da prática da verdadeira piedade e vida interior, provocando-me. Ex.: tamanho sono à hora de preparar os pontos<sup>49</sup>, ou aquela invencível moleza e indisposição para o trabalho e o estudo. Talvez que N. Sr. me queira fazer um útil instrumento seu e eles me combatem sem trégua! Alerta! Oração!*<sup>50</sup>

Para o progresso espiritual, todos os seminaristas eram obrigados a apresentar-se, mensalmente, ao diretor espiritual, “a fim de pô-lo a par do estado de alma, das dúvidas e dificuldades a respeito do que lhes ia no ímo do coração”. Estas visitas eram de muito proveito para Bat-

<sup>46</sup> BOHNEN, Aloysio e ULLMANN, Reinholdo U. *A atividade dos jesuítas de São Leopoldo*. São Leopoldo: Unisinos, 1989, p. 249 s.

<sup>47</sup> Quanto a este item, nos chega a informação pelo seu *Diário*, em 28.4.29: “Empenhei-me para que se lesse, como de fato se leu, no refeitório, o tratado político entre a Itália e a Santa Sé”.

<sup>48</sup> *Diário Íntimo* - 27.5.1929.

<sup>49</sup> “Pontos para a meditação” – nos esclarecem BOHNEN e ULLMANN – constituem a preparação da matéria com que o religioso se ocupa, diariamente, por uma hora, com o objetivo de refletir sobre um assunto piedoso a fim de mover a vontade para a imitação de Jesus e firmar propósitos de O seguir fielmente, tais como a vida de Cristo, os Evangelhos, orações litúrgicas, vidas dos santos. Interessante a observação de que “contrariamente às demais Ordens religiosas, Santo Inácio prescreve a oração mental individual – *oratio mentalis individualis*”. Op. cit. p. 250, nota.

<sup>50</sup> *Diário Íntimo* - 23.8.1929.

tistella, sempre em voltas com problemas espirituais, onde recebia orientação e conforto às suas tribulações e inquietações de toda ordem; e saía reanimado.

Outro expediente que é marca da formação inaciana são os *Retiros espirituais*, sendo um no início do ano letivo - de pelo menos três dias - e outros, mensais, também chamados de *Reforma mensal*, que serviam “para reavivar os frutos e os propósitos do retiro, tendo a assistência e orientação do padre espiritual. Consistiam em momentos fortes, de interiorização, de exame de consciência, de formulação de propósitos, tudo sob a pedagogia de padres pregadores *experts* neste mister. Dispomos de registros de alguns desses recolhimentos no *Diário*. Já vimos acima a determinação tomada por Vítor no retiro de fins de março de 1929, que foi a de fazer o diário para toda a vida, para autoconhecimento. Já no Retiro do ano seguinte, o tema refletido foi *O seminarista casto*. Quanto aos efeitos no jovem retirante temos:

*Creio ter descoberto a raiz e fonte do meu desaproveitamento e frieza no caminho da perfeição. A leitura do “Guia do Seminarista” dizia (Pe. Dubois) e assegurava que o seminarista pouco casto não pode ser piedoso verdadeiramente. Reza, faz as práticas ordinárias de piedade até com certa atenção e apresenta devoção, mas essa piedade não lhe brota do fundo da alma onde de fato estão aninhadas afeições desordenadas que lhe distraem o pensamento e corrompem a vontade, tirando-lhe o gosto e a admiração pelas coisas da religião.*

Nesse momento forte, o Pe. Mestre do retiro penetrou mais a fundo na questão mostrando a necessidade de ser casto e os meios de o conseguir. Vítor achou que tudo era dirigido a ele e formou “propósito decidido de andar sumamente acautelado contra todas as leviandades nessa matéria para limpar mente e coração e assim me aproximar de Deus e viver vida nova, segundo o texto: ‘*Beati mundo corde quoniam ipsi Deum videbunt*’”.<sup>51</sup>

Como fruto deste retiro, propôs-se a observar três pontos: 1) Combater o orgulho - de que se sentia verdadeira vítima; b) Pensar bem dos outros; e, c) Cultivar melhor a castidade, banindo do coração todas as afeições menos puras.

Quanto à Reforma mensal, vejamos o comentário de uma, onde o seminarista procura – o que lhe é recorrente – se autoconhecer e encontrar as soluções:

*Dia de reforma: Examinei bem o andamento da minha vida, chegando a uma conclusão de grande importância: É que talvez a principal causa do meu pouco progresso na piedade e na ciência e na cultura do meu espírito deve atribuir-se às divagações contínuas da minha fantasia que não me permite fixar por algum tempo a atenção num ponto, analisando-o sob vários aspectos, deduzindo conseqüências, forjando comparações para elucidá-lo. Daí a confusão nas minhas idéias e o desânimo que me assalta vindo-me em geral incapaz de sustentar dignamente uma boa conversação, estéril de matérias para*

<sup>51</sup> Tradução: Bem aventurados os puros de coração porque eles verão a Deus. *Diário Íntimo* - 22.03.1930.

*conversas boas, devendo limitar-me a formular inacessivas perguntas sobre infinitos assuntos, ou responder só sim e não, coisa essa própria dos néscios...*<sup>52</sup>

A respeito do intelecto e sua autocompreensão em nosso biografado, nos deteremos no próximo item.

Outra prática, ainda de caráter espiritual, eram as *palestras* proferidas em sessões solenes realizadas nas datas festivas ou relevantes para a Igreja e/ou religião, como São Luiz, Imaculada Conceição, Assunção de Nossa Senhora, Cura D’Ars. Quanto a este último, em 1929, foi festejado em 9 de agosto, havendo conferência, enfocando episódios e aspectos interessantes da vida do santo – patrono dos sacerdotes. Eis suas impressões:

*O que mais me tocou foi ouvir como este santo prendado de tão escassos dotes de espírito, tanto conseguiu graças á sua extraordinária piedade. Pensei em mim!... Meu Deus! Tão pouco ilustrado e tão pouco piedoso! Um sacerdote sem piedade é uma coisa que repugna! Ele é talhado para as coisas do céu. Vive, trabalha, move-se numa atmosfera de piedade. Como não ser piedoso! É uma injúria à classe, uma afronta aos sentimentos das almas boas.*<sup>53</sup>

Ponto medular no *vade-mecun* jesuítico era a *obediência*, “devendo, cada seminarista, ver no Superior o representante de Deus”. Natural este procedimento, se levarmos em conta que estão formando pessoas que, em tese, vão fazer parte de uma instituição essencialmente hierárquica, cuja essência está no princípio da subordinação e no seguimento aos superiores. Neste ponto vamos encontrar bastantes impasses de nosso biografado com seus superiores. Embora admirador da hierarquia, da obediência irrestrita, tinha dificuldades de segui-las, sobrevindo problemas, geralmente de diferenças de opiniões e de questões unicamente técnicas. Este aspecto é sumamente importante, pois mostra como, nesse tempo de formação de seu temperamento, já sinalizava dificuldades de convivência e uma propensão ao tensionamento e conflito – que se verificará muito amiúde no seu apostolado. Para ilustrar esta faceta, vejamos dois casos. Em 15 de junho de 1929, Vítor, como Diretor, recebeu o segundo número da Revista *O Seminário*, onde figurava uma crônica de sua autoria, sobre a festa do Papa, considerada por ele “bastante picante, embora feita sem má vontade”. Tal escrito fez desabar sobre os redatores o furor do censor eclesiástico, Pe. Monsaert, que já neste tempo estava em tensionamento com Battistella. À noite, depois da ceia, na sala de redação, aquele tachou a coluna de crítica acerba, falou dos deslizes dos números passados, predisse anátemas do Reitor, do Provincial e do Arcebispo, a supressão da revista e demitiu-se do cargo de censor eclesiástico. A reação nos é da-

<sup>52</sup> *Diário Íntimo* - 12.5.1929.

<sup>53</sup> *Diário Íntimo* – 9.8.1929.

da conhecer pelo desabafo do estudante-teólogo: “A falar verdade fiquei assustado e sentido e foi então que experimentei o que quer **dizer ser responsável** [sublinhado no original]. Eu fui indiscreto e irrefletido; o Pe. Monsaert, porém, demais arrebatado. Cogitei... perdi boas horas de sono de noite, preparando a defesa e dispondo-me para o que desse e viesse”.

No dia seguinte, depois do café foi ter com o Reitor, receoso, mas decidido. Resultado: Leu, recomendou-lhe prudência e despediu-o paternalmente dizendo com riso nos lábios que fosse em paz... Agora só não sabia como se se acabaria o resto com o Pe. Monsaert.

No dia 17, resolveu que, se saísse bem dessa, “nunca mais dar ocasião a tais incidentes... Em todo o caso devo ficar calmo e aprender...”. E, finalmente, a 18, foi ter com o Pe. Monsaert. Foi uma pândega: “Ele engrossou, como aliás costuma fazer, torceu, concedeu, virou e revirou, ficou bom, brincou e ficamos em paz. Não o compreendo. Ou é muito medroso ou não sei o que ele é finalmente, pois por um nada levanta um alarme dos meus pecados”.

Adiante teremos ocasião de esmiuçar esta nota de certa teimosia muito presente.

A convivência com o Padre, ao que de depreende de suas anotações, continuou fria: “Ele faz cara séria e feia para mim e eu não sou daqueles que tão facilmente se abaixa a lhe ir pegar no bico. Pouco se me dá se ele por fora quer ser caprichoso!...”.<sup>54</sup>

O tensionamento chegou ao limite em novo fato, agora em torno do teatro, do qual era mestre-cena. A 20 de outubro de 1929, nas festividades do Dia do Papa, houve a encenação do “Zriny”, pela qual Vítor muito se debateu, obtendo - ao seu ver - sucesso brilhante. Mas – ancorado nas suas anotações - Pe. Monsaert veio apertar com os atores para que se fizesse muito mais depressa, quando mais depressa, entendia, não se podia absolutamente; além disso, proibiu que se soltassem bombas no palco, o que não foi obedecido:

*apareceu ele, depois do drama, todo zangado, passando-nos uma capina solene e dizendo que o final do drama fora péssimo visto como se havia cometido grave desobediência ao Pe. Reitor que fora quem proibira as bombas. – Eu, o Gallas e o Schröder lhe respondemos vivamente e energicamente – protestando. Teve que emudecer. Eu me excedi aos mais na veemência. Foi a 1ª vez que falei assim contra um superior. Aquela atitude dele, mais os fatos destes últimos dias em que ele andou falando contra mim injustamente exasperaram-me e com razão. Perdi toda a estima e simpatia para com ele.*

No dia seguinte, já antes de meio dia, ainda sob o influxo do despeito de ontem, apresentou demissão por carta, ao Pe. Monsaert, do cargo de mestre-cena. Seu fito principal era “protestar contra as atitudes injustificáveis do Pe. Monsaert”. Vítor teve a sensação que o sacerdote aceitou, mas proibiu ao bedel de comunicar isso em público. Estava até com vontade de pôr um aviso em público. Achava que a opinião pública o favorecia.



No dia seguinte, resume: “*O despeito contra o Monsaert não me passou ainda. Mas, sinto que me vou arrepender, não porque não tenha razão, mas porque eu sou assim mesmo: não posso guardar este amargor no coração*”.

Já quanto ao relacionamento com os Reitores, vimos acima a especial admiração e influência que Vítor reconhecia no Pe. Lütgen, jesuíta<sup>55</sup>, que dirigiu o Seminário de São Leopoldo de 1913 a 1922; portanto, esteve a ele subordinado por três anos – 1919-1922. Seus biógrafos o descrevem: “Sua figura heráldica retratava, como ninguém, o tipo de intelectual alemão”, “com um perfil de severidade”.<sup>56</sup> Qualidades, em geral, pouco amistosas e apreciadas por estudantes, mas valorizadas como excelsas pelo futuro Pároco de Barril. As indicações sugerem que a afeição não perdurou quanto aos demais reitores. Quanto ao Pe. Júlio Poether (reitor de 1928 a 1931), dispomos da descrição de um contato. Vítor foi consultar o Pe. Reitor a respeito dos Estatutos da revista e desagradou-se por seus modos bruscos e nada cativantes. “É tipo prussiano, sem contudo ser mau [sic!]. Ficou firme no que também havia dito o Pe. Monsaert. Isso me encheu a alma de rebelião, contra a qual, porém, resisti, pois eles são meus superiores. Sinto que me falta a humildade verdadeira”.<sup>57</sup>

Baixada a poeira, avaliando os fatos fora do calor do embate, Vítor mudava de idéia:

*No passeio andei com o diácono Affonso Schmidt e chegamos a falar dos “incidentes” da revista e o Pe. Monsaert. Fiquei com escrúpulos de ter talvez passado os limites da caridade e da justiça para com os superiores, pois censurei a valer, embora sempre pusesse a salvo sua autoridade e os considerasse só como homens. Eu caio seguido nestas faltas e atribuo-o ao meu temperamento meio arrebatado e pouco refletido que ameaça céus e terras, sem que, contudo, depois, no momento da refrega me sinta capaz de me impor...<sup>58</sup>*

Do mesmo modo que era considerado o relacionamento com os superiores, era avaliado, pelos membros da Companhia de Jesus, o convívio entre os estudantes seminaristas. A chamada “caridade fraterna, constituía uma aferição segura para avaliar a verdadeira vocação do candidato ao sacerdócio”.<sup>59</sup> Ora, isto é compreensível, quando se trata de congregação reli-

---

<sup>54</sup> *Diário Íntimo* - 28.11.1929

<sup>55</sup> Trabalhou como prefeito e professor do Colégio Conceição de São Leopoldo, voltando à Europa, em 1898, para estudar teologia na Holanda. De volta ao Brasil, de 1904 a 1909, foi Reitor do Ginásio Conceição e de 1913 a 1922, exerceu o cargo de primeiro Reitor do Seminário provincial. Dom Jaime de Barros Câmara, Dom José Baréa e Mons. Humberto Busato fazem parte da plêiade dos 70 seminaristas ordenados durante sua gestão. Afastado por razões de doença, faleceu em Santa Cruz, em 1930. - Vale mencionar que a Companhia de Jesus era muito cuidadosa na escolha de Reitores de Seminários. As qualidades postuladas eram de que estes fossem “exemplares, edificantes, com espírito de mortificação das más inclinações, provados especialmente na obediência e na humildade e exemplares em perfeita subordinação;... que saibam dosar, a seu tempo e lugar, a severidade com a benignidade...” (Epítome, nº 70, citado por BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 260).

<sup>56</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 261-263.

<sup>57</sup> *Diário Íntimo* - 31.7.1929

<sup>58</sup> *Diário Íntimo* - 1.8.1929.

<sup>59</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p 250.

giosa que exige e permite aos seus seguidores somente a vida em comunidade e, em se tratando de formação de futuros sacerdotes que deviam primar pela caridade, uma das três virtudes capitais.

Neste aspecto do convívio com os colegas também vamos encontrar em Vítor uma diuturna labuta, aflorando indícios que levam a concluir uma dificuldade de relacionamento. Emerge, neste sentido, uma pessoa propensa à solidão, quase taciturna. Eis um depoimento contundente, de 1929:

*Quanto às relações com os colegas, ando hesitante. Não há bons camaradas, como havia no ano passado, por exemplo Stenzel, Froglio, Bossa, Marchesi. Agora há um grupo dos “coleguinhas” Schmidt, Groth, Breitenbach, Jacobs, Busanello... que aparece viver só para si. Outros metem-se toda a vida a jogar dominó, outros são trocistas e conversadores a fiado por ex. Maschio, Pivetta, Bin, Bottari... que seguido se saem com grosserias. Os filósofos vivem separados. Não sei o que fazer. Vou aqui e lá e seguido para a Redação com os amigos, jornais, “artigos”, revistas e penso e sonho...<sup>60</sup>*

Interessante observar que muitas briguinhas entre os estudantes surgiam em torno de coisas irrelevantes, mas que, naquele contexto, serviam para um pé-de-encrenca. Um exemplo. Na mesa estava agora bem com o Maschio e Bin, mas andava quase amolado com um colega mais velho, Dalmer, pois este - justifica-se - estando a frente de Vítor, queria ser sempre o primeiro a se servir. E pondera: “É um motivo muito mesquinho, mas o que não está direito, não está direito. O que me amola é que me parece que ele faz de propósito, pois eu já lhe deixei ver que isso não é de boa educação”.<sup>61</sup>

É recorrente no seu *Diário* esta sensação de disputa, que denota concorrência e até certa inveja entre os colegas, que se avolumava em se tratando de pessoas em estágio mais adiantado nos estudos. Assim é que o simples fato de os novos diáconos, certamente por combinação, apareceram de barrete, foi interpretado pelo nosso protagonista como “uma exibição, uma vaidade”. Noutra ocasião, quando um diácono pediu para que se reservasse três bancos para os “reverendos diáconos”, recebeu este comentário: “O tom com que foi dado e o exterior e o modo de se haver de vários destes diáconos fizeram suspeitar que houvesse de permeio um pouco de exibicionismo e exclusivismo que a mim sempre desagradaram” - 26.7.1929. Também em outubro de 1929, Vítor ficou meio acabrunhado, por lhe parecer que certos companheiros não gostavam dele e o procuravam depreciar. “Eu acho que é por despeito e inveja por ser eu diretor da revista e do teatro”, conclui.

Outra atividade a que se dedicou foi na **Catequese**, exercitando aguerridamente uma prática que seria seu maior empenho na sua vida sacerdotal. Era ministrada às crianças nas es-

---

<sup>60</sup> *Diário Íntimo* - 4.5.1929.

colas públicas da cidade de São Leopoldo e circunvizinhanças, às quintas-feiras. Atingia, outrossim, capelas, bairros, quartéis e até operários das fábricas, que eram preparados para a Comunhão Pascal. Embora não haja referências sobre este apostolado em seu *Diário*, sabemos que participou pela existência de uma foto onde aparece junto com colegas e o vigário de São Leopoldo, Pe. Carlos Doppler (1923-1928), que sobressaiu pela admirável organização da catequese, aproveitando os vocacionados.<sup>62</sup>

Resta referir-se às organizações que os padres fundaram no colégio para promover a piedade, destacando-se a *Congregação Mariana*, que nos meses de maio e outubro prestavam homenagens especiais à Virgem Maria, com poesias, cantos e orações. O *Apostolado da Oração* também ocupava lugar de destaque; seus membros reuniam-se uma vez ao mês para refletir e orar sobre as necessidades mais urgentes da Igreja. Importante frisar que, como nas demais iniciativas, a direção destes órgãos era confiada aos educandos, que tinham, assim, oportunidade de exercitar-se. Estas posições eram disputadas acirradamente entre os seminaristas, consistindo lugar de status poder chefiá-las. Ao que parece, nosso biografado ocupou algumas delas, através de votação, como demonstra este recorte de seu *Diário Íntimo*:

*Na vida espiritual estou satisfeito. Tenho até mantido com feliz resultado meus propósitos. Hoje obtive vitória sobre o orgulho, apresentando sinceros e efusivos parabéns ao Stölbem, Bernardo, Bin que foram eleitos chefes da Congregação. Eu obtive 11 votos, e Internamente.*<sup>63</sup>

### 2.3.2 - Estudo

Outro pilar que sustenta a construção pedagógica inaciana para os seminaristas é o estudo. Ao lado do múnus de santificar estava a tarefa de ensinar, exigindo erudição, um conjunto de conhecimentos. Destarte, o Contrato entre a Cúria Metropolitana de Porto Alegre e os padres da Companhia de Jesus, em 1913, no segundo tópico, acorda que “aos padres compete toda a direção: deverão formar sacerdotes de sólida virtude e de *adequada doutrina*”.<sup>64</sup>

E, com efeito, levavam a sério esta missão de doutrinar – no seu melhor sentido. No seu sistema, os estudos obedeciam a um regime de tempo integral. Battistella, em seu *Diário*, apesar de seu apego aos livros, reclamava de, em épocas de exames, estudar sete horas diárias!

No programa diário, o estudo ocupava espaços privilegiados na vida dos seminaristas dirigidos pelos filhos de Loyola. Logo após o café, estudo preparatório para seguirem-se as três

<sup>61</sup> *Diário Íntimo* - 20.7.1929.

<sup>62</sup> *O Seminário*, ano III, nº 7, 25.03.1928, p. 17.

<sup>63</sup> *Diário Íntimo* – 30.03.1930.

<sup>64</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 236.

aulas da manhã. Após o repouso do almoço, mais duas aulas vespertinas separadas de outras duas horas de estudo por um recreio. Aqui não computamos os estudos especiais, como canto, línguas, círculos, leitura espiritual antes de deitar, que, apesar de serem esforços intelectuais, preferimos colocar no item lazer. Como se diria hoje: “Enquanto descansavam, carregavam pedras”.

Nos horários especiais e em salas apropriadas – chamadas “estudos” - os alunos preparavam os deveres e as lições. O tempo dedicado a estas atividades era designado como “estudo sério”. “Nas aulas e nas salas de estudo – observa Giordani - imperava uma severa disciplina que contribuía decisivamente para o aproveitamento escolar... Considerava-se a ‘cola’ algo inadmissível, grave falta de caráter incompatível com a vocação sacerdotal”.<sup>65</sup>

### 2.3.2.1 - O curso ginásial

Deste primeiro período em São Leopoldo, um documento que permaneceu guardado no Arquivo particular de Mons. Vítor foi o seu *Atestado do aluno*, onde constam as notas recebidas nas diversas disciplinas. Dada sua relevância, como mostra de sua aplicação e destaque, reproduzimo-lo, acrescentando outras dados obtidos no Arquivo citado:

**Atestado do aluno Victor Battistella<sup>66</sup> - Curso Ginásial**

	1º Ano 1919	2º Ano 1920	3º Ano 1921	4º Ano 1922	5º Ano 1923	6º Ano 1926
Comportamento/aplicação	10	10	10	10	9/10	10
Religião	9	10	10	10	10	10
Português	8	9	9	9	9	9
Latim	10	9	9	9	8	8
Italiano	10	9	9	9	8	9
Francês				10		
Grego			9	9	7	
Aritmética	8	8				
Álgebra			8	8		
Matemáticas					9	8
Geografia	10	10				
Arte					9	
Hist. Universal		9	10	9	9	9
Desenho					9	
Poética					9	
Lógica					8	
Retórica					8	
Lugar na Turma	3º	3º	5º	3º	2º	2º

<sup>65</sup> GIORDANI, op. cit., p. 142.

<sup>66</sup> Atestado expedido a 06.12.1935, em São Leopoldo, pelo Pe. Luiz Angerpointner, SJ, reitor. Também: “*Livro Notas finais no Seminário Menor de 1918 a 1925*” (II Caderno), fl. 10,20,33,46,63 e 80). *Arquivo da Província do Brasil Meridional dos Jesuítas* – Porto Alegre.

O estudo nesta parte se nos apresenta como bastante exigente, constando de, além da língua pátria, de quatro outros idiomas. Neste ponto, os filhos de Loyola levavam à risca as determinações da Congregação. O *Epítome*, nº 296, § 1, a esse respeito, prescreve que “os escolásticos não sejam enviados para o curso de Filosofia, a não ser quando tenham concluído os estudos humanísticos que preparem devidamente para estudos mais profundos e que convenham a um sacerdote verdadeiramente culto de sua época...”<sup>67</sup>

Já o historiador Giordani tece alguns comentários sobre o curso ginásial, que ele também experimentou como aluno do Seminário. Destaca que o currículo ginásial abrangia cinco séries. As disciplinas correspondiam, de um modo geral, aos programas dos ginásios oficiais. Dava-se ênfase especial aos estudo do latim, especialmente o latim clássico dos imortais autores da literatura latina. Textos de César e de Cícero, na prosa, de Ovídio, de Horácio e de Virgílio, na poesia, figuravam entre as leituras e traduções.<sup>68</sup> A língua portuguesa, acrescenta, merecia cuidado especial: gramática, leitura de bons autores com ampliação do vocabulário através de minuciosa relação de sinônimos e, sobretudo, redações feitas em cadernos especiais e escrupulosamente corrigidas pelo professor

Parodiando a historiadora da educação Maria Lúcia de Arruda Aranha, que afirma que, “se entrássemos num colégio [dirigido por jesuítas] em Paris no século XVII, pensaríamos estar em Roma de antes de Cristo”<sup>69</sup>, podemos dizer que a impressão não ia ser muito diferente se adentrássemos as salas de estudos do Seminário de São Leopoldo no início do século XX: conversações em latim e análise de autores latinos...

Como se depreende do documento, no curso ginásial logrou sempre excelentes lugares, cabendo-lhe várias vezes nos embates escolares a chefia de grupos. No item do comportamento, à luz dos registros, recebeu sempre 10, menos no 5º ano, 1923, quando recebeu 9/10.

### 2.3.2.2 - Filosofia

O *Epítome* nº 297, § 1, quanto ao curso de filosofia – ou juniorado –, prescrevia: “Segundo os princípios e o método do **Ratio Studiorum**, nossos escolásticos sejam formados solidamente na Gramática, nas Humanidades, na Retórica e, principalmente, na Eloquência sacra, nas Letras latina, grega e no vernáculo...”<sup>70</sup>

Dada a sua importância, vamos nos deter mais detalhadamente sobre a *Ratio Studiorum*, entendendo que sua compreensão permitirá conhecer melhor a pessoa e os atos que analisamos.

<sup>67</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 248.

<sup>68</sup> GIORDANI, Mário Curtis, op. cit., p. 142.

<sup>69</sup> ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. São Paulo Moderna, 1989, p. 111.

<sup>70</sup> Idem, *ibidem*.

Desde a sua fundação, Inácio de Loyola se preocupou em elaborar um plano de estudos para ser seguido pelos membros da sua Companhia de Jesus. Trinta anos depois, o Pe. Aquaviva – general da Ordem – concebeu o plano de reunir, coordenar e fixar um regulamento, formando para tanto um comitê com representantes dos diversos países onde a Sociedade atuava em colégios. Após acuradas revisões, saiu a lume, em 1599, o famoso de *Ratio atque institutio Societatis Jesus*, passando a ser o código obrigatoriamente observado em todas as províncias da Companhia, recebendo, entretanto, acréscimos posteriores.<sup>71</sup> A *Ratio studiorum* regulamentava a organização em classes, os horários, os programas e a disciplina. Eram previstos seis anos de *studia inferiora*, divididos em cinco cursos (três de gramática, um de humanidades ou poesia, um de retórica); um triênio de *studia superiora* de filosofia (lógica, física, ética), um ano de metafísica, matemática superior, psicologia e fisiologia. Após uma *repetitio generalis* e um período de prática de magistério, passava-se ao estudo da teologia, que durava quatro anos.

A 6 de março de 1925 Vítor encetou os estudos filosóficos. Atentamos paras as matérias e notas adquiridas durante os dois anos dedicados à arte de bem pensar.<sup>72</sup>

	1º Ano - 1925	2º Ano - 1926
Filosofia	7	7
Ciências Naturais	7	8
Alemão	7	8
Grego		7
História Eclesiástica	8	

Embora não conste neste currículo a retórica, sabemos que foi uma das preocupações do aprendiz de filósofo. Dispomos de uma carta – a única desse período – em que demonstra quanto significava deter uma obra do gênero, recebida de seu superior, Dom Ático Eusébio da Rocha. Ei-la, vazada em rebuscada literatura:

*Tenho finalmente em minhas mãos a sua suspirada “Retórica”. Que belo livro este! Como encantam suas páginas, como são atraentes seus ensinamentos! Bem haja, por isso, quem me proporcionou tão esplêndida aquisição! Bem haja mil vezes! - Quando o Nonato me entregou o livro quis, como com ele havia combinado, pagar-lho. Recusou porém ele, alegando que V. Excl<sup>a</sup>. nada aceitava! - Fiquei confundido e arrependido de ter causado a V. Excl<sup>a</sup> como ao Revdo. Pe. Custodio incômodos e talvez não poucos buscando satisfazer o meu pedido.- Mas seja! Fico-lhe devedor de mais um imerecido*

<sup>71</sup> DURKHEIM, Émile. *A evolução pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 224 s. FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas: o “Ratio Studiorum”. Trad. e introd. Leonel Franca. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

<sup>72</sup> Cf. *Caderno Notas Finais com indicação da matéria explicada no Seminário Maior de 1924 a 1927*”, 2º Caderno, p. 72 e 86.

*favor! - Pedindo humildemente sua bênção, subscrevo-me com os sentimentos de mais alta consideração e profundo reconhecimento.*<sup>73</sup>

Nos estudos de filosofia, como nos da teologia, os mestres se pautavam por autores europeus, máxime os manuais dos jesuítas de Pullach, Alemanha, e da Gregoriana, de Roma. Entre Eles citam-se Frick<sup>74</sup>, Cathrein, Fröbes, Pesch, Ubach, De Vries<sup>75</sup>, Brugger, Noldin-Schmidt, Lehmkuhl, Denzinger, Boyer, Lennerz, Jungmann, Garrigou-Lagrange.<sup>76</sup>

Os manuais, tanto de filosofia como de teologia, eram escritos em latim, e no mesmo idioma eram ministradas as aulas. A este respeito, em defesa do sistema empregado pelos seus confrades, observam dois autores jesuítas que, para os tempos atuais, isso tem ressaibos de anacronismo medieval. Mas observam: “Cumpro, no entanto, não obliterar que a língua latina se caracteriza pela clareza de conceitos e pela concisão nas definições, subtraindo-se, por isso, à plurivocidade típica do idioma português”.<sup>77</sup>

Ainda na Filosofia, há um fato a ser abordado: vimos que o curso para Vítor demorou dois anos, ao passo que tanto as *Constituições* da Companhia de Jesus como a *Ratio Studiorum* prescrevem três anos para a filosofia. A resposta dada pelos que se ativeram ao problema é que até o ano de 1927 “não houve curso sistemático de filosofia” no Seminário de São Leopoldo<sup>78</sup>, ficando ao livre critério dos padres escolher as disciplinas para o curso.

Outrossim, ao nosso ver, deve-se levar em conta a mentalidade da época, que via na filosofia um curso propedêutico, chamada também de “serva da teologia” (*ancilla Theologiae*).

Além das disciplinas gerais, é interessante anotar que se estudava latim, italiano, alemão, francês e grego!

Mário Giordani atesta que o curso de filosofia – que na sua época, 1939, já passara para três anos – proporcionava aos seminaristas uma formação superior de alto nível. E argumenta:

*Durante três anos, ao lado de outras disciplinas secundárias, estudava-se Filosofia pura (hoje é comum confundir-se estudo de Filosofia com estudo da História da Filosofia) em várias aulas diárias, obedecendo a um programa gradual em que os grandes temas filosóficos eram expostos, discutidos e revisados com uma clareza admirável e com tal amplitude de horizontes que o estudante podia examinar a tese enfocada sob os mais*

<sup>73</sup> Carta de Victor Battistella ao Bispo de Santa Maria. Seminário Provincial, 20.03.1925. Arquivo da Cúria Diocesana de Santa Maria. Pasta das Correspondências. Gentilmente fotocopiada e enviada pelo Pe. Erebyan Edú Vargas de Pádua – Chanceler do Bispado, em 03.08.1988.

<sup>74</sup> Autor dos compêndios de *Lógica*, “que ensinava a pensar clara e corretamente”; e *Ontologia ou Metafísica Geral*, “que focalizava o ser enquanto ser”. GIORDANI, p. 145.

<sup>75</sup> Autor do compêndio da *Crítica*, “que enfrentava inicialmente o problema fundamental da possibilidade de um conhecimento verdadeiro e certo”.

<sup>76</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 268 s.

<sup>77</sup> Idem, p. 269.

<sup>78</sup> Explicação dada pelo arquivista da Província Sul-Brasileira da Companhia de Jesus em Porto Alegre, Pe. Seno Etges, aos autores BOHNEN e ULLMANN (op. cit., p. 279). Estivemos também em contato com o Pe. Etges, em pesquisas no seu arquivo, em 1988.

*diferentes ângulos. Os compêndios adotados não só expunham as principais objeções que poderiam ser opostas às posições defendidas como também propunham as soluções adequadas. (...). Para a clareza de exposição contribuía o emprego admirável do método escolástico com seu **status quaestionis**, com a divisão proporcional dos assuntos e com a insuperável argumentação silogística que expõe com nitidez a verdade e põe a nu a falsidade disfarçada em sofismas.*<sup>79</sup>

Interessante nos ocuparmos desta prática aqui acenada, de argumentação, defesa - ataque, apologia das verdades e refutação das falsidades, que podemos sintetizar na palavra **apologética**. Ao nosso ver, como procuraremos demonstrar nos capítulos subseqüentes, este método imprimiu certo *espírito* de embate, disputa, conflito em nosso biografado. Não queremos dizer que todos os alunos introduzidos neste método tenham adquirido a mesma postura. Cada pessoa assimila as informações a seu modo, dentro do seu “eu” e das suas circunstâncias. – Ortega y Gasset já dizia: “Eu sou eu e minhas circunstâncias”. Queremos, sim, dizer que entendemos que uma prática, inculcada e colocada em ação reiteradamente, *pode*, associada a outros fatores, despertar ou/e maximizar um comportamento ou mesmo influenciar na formação de uma determinada *visão-de-mundo*.

Neste sentido, nos parece paradigmática a análise das chamadas “disputas” realizadas entre os seminaristas maiores (filosofia e teologia), dentro da pedagogia executada pelos jesuítas.

BOHNEN e ULLMANN, em seu trabalho repetidamente aqui mencionado, dão amplo espaço para esta atividade ao tratarem do dia-a-dia no seminário de São Leopoldo, percebendo nela um ingrediente fundamental na formação dos futuros sacerdotes.

*Disputationes* (disputas) – nos ensinam - é um termo que tem sua origem na Idade Média. Eram “discussões” ou certames intelectuais previamente preparados pelos estudantes, denominados *scholastici*, como forma de aguçar a inteligência.

As *disputas* não só foram mantidas pela Companhia de Jesus, como se tornaram obrigatórias nos Seminários dirigidos pelos Jesuítas. O próprio Instituto da Companhia, no seu Epítome, Art. 340, §1, manda: “Freqüentemente façam-se disputas, mediante as quais se exerçam mais os intellectos e mais se aclarem pontos difíceis que ocorrerem; deve presidi-las alguém que oriente os argumentadores e saiba extrair de tal exercício a doutrina que deve ser mantida”.<sup>80</sup> Já o §2 prescreve que seja feita pelo menos duas vezes ao ano, mais solene, pública, “que há de ser preparada diligentemente e tida em grande conta por todos”.<sup>81</sup> Aliás, consta que na Idade

<sup>79</sup> GIORDANI, op. cit., p. 142.

<sup>80</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit. p. 254.

<sup>81</sup> Idem, p. 232.



Média convidavam-se, também, autoridades locais, como príncipes e dignitários eclesiásticos. Estes podiam também argüir *ex corona*, em língua latina, que por todos era conhecida.

Já no primeiro período de atendimento no Seminário Episcopal de Porto Alegre pelos padres loiolanos - 1891-1899 -, o Reitor, Pe. Föh, introduziu as disputas, que se mantiveram na ordem do dia desde o começo do Seminário de São Leopoldo.

Mas em que consistiam as disputas?

As disputas, chamadas *disputationes*, na Teologia, e *dissertationes* na Filosofia, eram certames públicos, geralmente realizados antes das férias de julho, e antes do término do ano letivo.

A sistemática seguida era:

*Dois professores escolhiam, dentro de suas disciplinas, alguns tópicos ou teses, para temas da disputa pública. Ao mesmo tempo, designava-se um aluno, denominado de- fendente, para preparar bem todos os pontos que lhe cabia estudar a fundo. A dois ou- tros alunos tocava a tarefa de argüir o colega. Defendente e argüentes dispunham de algumas semanas para se prepararem, No dia marcado, dia solene, todos os professo- res e seminaristas compareciam à aula magna, para assistirem ao prélio intelectual. Exposta a tese pelo defendente,<sup>82</sup> entravam os argüentes a fazer as objeções contra o que fora defendido.<sup>83</sup>*

Acrescenta-se que, a fim de não haver digressões inúteis, os argumentos tinham que ser enquadrados em rigorosa forma silogística. O tempo de duração prolongava-se por mais de hora e meia. Exauridos os argumentos, de parte dos argüentes, qualquer um da platéia podia fazer objeções. Neste caso, dizia-se que o “ataque” vinha **ex corona**, ou seja, da assistência.

Analisando a presença e o interesse que Battistella dispensava a estes torneios de erudição, parece que não lhes devotava maior atenção. Senão vejamos alguns testemunhos deixados no seu *Diário*. A 26 de julho de 1929 aconteceram “Disputações” dos filósofos, e, ao seu ver, alguns distinguiram-se e outros não. “Havia pouca vida. O interesse que em geral se liga a estes certames é pouco”. Mesmo assim, repetiu diversas questões de filosofia para melhor as enten- der na disputa. Já nas disputações de maio, registrou que a rapaziada saiu-se mais ou menos. Atuaram o Pe. Tronco na tese e o Afonso Schmidt na conferência sobre o Dilúvio – “brilharam, mas em geral as disputas não agradaram e eu lhes liguei até pouca importância”.

Em 19 de junho do mesmo ano, o aluno chegou a saber que o Pe. Mors lhe tinha posto como “objiciente” para as próximas disputas. Com isso, segundo suas anotações, passou a an-

<sup>82</sup> “Ao defendente incumbia enunciar, com clareza, o teor da tese, explicar o *status quaestionis*, definir os concei- tos contidos na tese, explicar a posição dos adversários à tese, ou seja, a posição dos oponentes a ela, desenvolver o pensamento em prol da tese, e, finalmente, prová-la silogisticamente. Essa ordem ou seqüência era infrangível. Exposto tudo e provada a tese, entravam a fazer objeções os argüentes, valendo-se, por igual, de silogismos”. BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 252, nota.

<sup>83</sup> Idem, p. 252.

dar um tanto apreensivo, pois, não se considerando bom pensador, admitia não se dar bem com o objetar. A 22 do mês seguinte aconteceram as Disputas públicas. Nosso biografado fez suas objeções contra o Gallas. Achou que não brilhou lá muito. Reação: “Isso me mortificou um pouco o amor próprio, do que aliás gostei. Durante o terço refleti também que não vale a pena senão fazer tudo por Deus e só para Deus.”

Estas colocações parecem diminuir ou anular a influência que esta sistemática tenha provocado no nosso biografado, ou qualquer outro aluno; mas estas manifestações suas devem ser consideradas dentro do contexto psicológico em que se encontrava. Neste caso, este seu desabafo parece trazer luzes:

1.6.1930 – *No espiritual vou bastante bem. Mas devo lutar muito contra o orgulho e amor próprio que provocam em meu coração amargor e tristeza pelos menosprezos ou descasos que os outros parecem me fazer e pelos sucessos dos outros...* 18.7.1930 – *Sinto uma inclinação incrível para fazer pouco caso e julgar mal dos outros e de outro lado magoa-me profundamente qualquer menosprezo...*

Para concluir esta parte, vejamos a compreensão de um autor que se dedicou ao estudo da pedagogia inaciana e que vem em abono a nossa posição. São as observações de Durkheim, constantes da sua *Evolução da Pedagogia*, de 1938, sobre um dos dois princípios que apóia toda disciplina jesuítica: a **emulação**. Para formar os alunos – diz ele – para um trabalho formal, além da vigilância – tema abordado mais adiante – era preciso também estimulá-los. “O aguilhão utilizado pelos jesuítas era exclusivamente a emulação.”

*Pode-se dizer que, nos jesuítas, não havia um momento em que folgasse. Toda a aula era organizada para esse fim. Os alunos eram divididos em dois campos, os romanos de um lado, e, do outro, os cartigineses, que viviam, por assim dizer, em pé de guerra, esforçando-se para superar-se mutuamente. Cada campo tinha seus dignitários. À frente do campo estava o imperador, chamado também de ditador ou cônsul, seguido por um pretor, um tribuno e senadores. Essas dignidades, evidentemente invejadas e disputadas, eram conferidas após um concurso, o qual se repetia mensalmente. Por outro lado, cada campo estava dividido em decúrias, cada uma formada por dez alunos e comandada por um chefe chamado de decurião e escolhido entre os dignitários dos quais acabamos de falar. O recrutamento dessas decúrias não se fazia de maneira indiferente. Existia uma hierarquia entre elas. As primeiras continham os melhores alunos, e as últimas, os escolares mais fracos e menos estudiosos. (...). Finalmente, os próprios indivíduos eram emparelhados e cada soldado de uma decúria tinha um êmulo na decúria correspondente. Assim, o trabalho escolar implicava uma espécie de perpétuo corpo-a-corpo. O campo desafiava o campo, a decúria lutava com a decúria, e os êmulos vigiavam-se, corrigiam-se e censuravam-se mutuamente (grifo nosso).<sup>84</sup>*

<sup>84</sup> DURKHEIM, op. cit., 243 s. Também em: ARANHA, op. cit., p. 111.

A transposição para um educandário para vocacionados ao sacerdócio desta técnica, pode ser observada na escolha do bedel, prefeito, chefes de redação, teatro, Congregações....

O mesmo autor refere-se a outros *meios crônicos de emulação*, dizendo que periodicamente os melhores trabalhos eram lidos em público, quer no refeitório, quer no salão de Atos. Anualmente eram distribuídos prêmios, contando com solenidade, ao som dos trompetes, por uma declamação bem feita, uma obra literária de grande mérito... O prêmio servia para recompensar o mérito e solicitar o esforço. Da *Academia* só podiam fazer parte os melhores alunos. Nas reuniões públicas somente havia espaço para os alunos mais brilhantes. Conclui, dizendo que “uma riqueza infinita de procedimentos mantinha o amor-próprio dos alunos num estado de perpétuo eretismo”. Na sua percepção toda a disciplina dos jesuítas estava organizada para esse fim; “o estado de perpétua concorrência no qual os alunos viviam incitava-os a estender todas as molas de sua inteligência e vontade e até fazia disso uma necessidade”.

Já vimos acima alguns traços do nosso biografado que parecem encaixar-se dentro desse perfil desenhado pelos padres da Companhia de Jesus, com tons salientes de amor pela glória, gosto pelo elogio, sentimento de honra – que o autor francês citado chama de “sentimentos egoístas”. Mas só para lembrar, em maio de 1929, Vítor reconhece: “fiquei conhecendo que sou muito pouco humilde e cheio de amor próprio e orgulho; ressinto-me e entristeço-me porque me parece que os outros não fazem tanto caso de mim”<sup>85</sup>, confessa.

Longe de nós, repetimos, querer atribuir tais manifestações unicamente ao método utilizado no Seminário de São Leopoldo à época de seus estudos.

Outro aspecto relativo ao Pe. Vítor é quanto à sua relação com os estudos. Partindo-se das notas obtidas nas avaliações, poderemos concluir que tinha facilidade nos estudos; porém, as informações deixadas no *Diário* parecem dar outra direção. Evidenciam uma dificuldade e certa aversão ao estudo, enquanto exercício de reflexão profunda, como exigem os estudos filosóficos e teológicos. Em seu *Diário*, são encontradas passagens como esta: “Lutei bastante, porém, ainda contra aquela espécie de aversão ao estudo... mas vencerei”.<sup>86</sup>

De outra parte, Vítor tinha consciência – adquirida pelos anos de martelo de seus superiores – da importância de uma boa formação intelectual na vida pela qual estava optando. Não raro, conversava com os colegas sobre a cultura e instrução entre eles. Ocasão que novamente afloram os escrúpulos de nosso personagem: “Fiquei sentido, por isso, e renovei a firme decisão de reencetar com ardor a batalha contra mim e minha moleza e aproveitar de todos os instantes do dia para o estudo e a oração”. Outras vezes falavam do andamento de outros seminá-

---

<sup>85</sup> *Diário Íntimo* - 17.05.1929.

<sup>86</sup> *Diário Íntimo* - 05.07.1929.

rios. Neste sentido, o de Santa Maria era avaliado como ótimo e brilhante, o que era creditado “ao método pedagógico à salesiana dos padres jesuítas de lá e ao elemento ítalo que lá predomina”.<sup>87</sup>

Doutra parte, os exames consistiam em verdadeiros temores para o estudante, mesmo nos últimos anos de Teologia. Dizia não conseguir quase estudar com afinco e atenção. “Penso até num possível desastre. Mas hei de fazer todo o esforço agarrando-me à oração”.<sup>88</sup>

Dia 26 de novembro de 1929, finalizaram as aulas daquele ano letivo. Iniciavam os exames. Os alunos dedicam-se o dia inteiro aos livros. Nosso Vítor sente maior proveito: “Noto que agora, andando assim apertado e com a tranqüilidade do espírito, tenho muita facilidade no estudo e notável lucidez e penetração da inteligência”.<sup>89</sup>

Onde estariam as causas dessas apreensões?

Ele próprio procura respostas: “Devido à volubilidade da minha fantasia sinto grande dificuldade de me ocupar seriamente com o estudo. Custa-me muito pensar e refletir profundo. Acabei o dia com grande satisfação”.<sup>90</sup>

Ao que tudo indica, muitas dessas angústias não eram reais. Se as notas revelam o real aproveitamento nos estudos, Vítor podia ser chamado como um aluno exemplar. Os temores eram mais fruto de sua mente, bastante agitada com os diversas frentes de trabalho, e de escrúpulos inculcados pelos superiores e pelo medo de receber notas baixas, o que seria um desastre, não tanto pelo estudo em si, mas pelo que representaria de vexativo diante dos colegas, que mais do que colegas eram vistos como competidores ou concorrentes. Para ilustrar, em inícios de dezembro de 1929, até a hora do exame andou muito excitado, de forma que não teve mais lucidez e calma de espírito. Apenas fantasmas. Depois, ficou satisfeito. “Com o Pe. Ginster tive a tese da SS. Trindade provada pela escritura e com o Pe. Mors a tese da Perseverança completa atual (*est donum speciale*). Com o Pe. Mors podia ter saído melhor se tivesse feito um resumo e um estudo sério da tese”. De fato era um contentamento passar nas provas.

Uma última informação nesta parte é quanto a sua biblioteca. A 3 de abril de 1930, perdeu muito tempo em arrumar e pôr em ordem os livros nas prateleiras, quando saiu com esta elucubração: “Sinto grande complacência em os contemplar aí todos em fileira, numerosos, variados, bons. Pena é que não saiba algo mais do que contêm. Possuo atualmente uns 150”.

Um outro ingrediente nos estudos, implementado e muito incentivado pelos padres Jesuítas, eram as **Academias**. Quando não bastava o programa comum de estudo, que procurava

<sup>87</sup> *Diário Íntimo* - 09.07.1929.

<sup>88</sup> *Diário Íntimo* - 27.10.1929. Outro exemplo: “Prova de Jus. Can. Não me saí tão bem e ela me inspira certos receios. Faltaria mais essa! Veremos”. Idem, 14.12.1929.

<sup>89</sup> *Diário Íntimo* - 28.11.1929.

abarcam todo o tempo do aluno – concebido numa capacidade média – os padres procuravam ocupar e inserir os mais dotados para certas atividades. Seguiam o axioma “Mente vazia, oficina do diabo”.

E o Battistella, no critério de seus mestres, era o que hoje alguns chamam de aluno super-dotado. E como tal, lhe coube e teve o privilégio de ocupar funções que a poucos eram dadas.

“O zelo por forjar homens à altura de sua missão revela-se, por igual, nos meios utilizados pelos padres. Os seminaristas maiores tinham suas academias literárias e científicas”, justificam os autores jesuítas.<sup>91</sup>

Vítor, como não poderia deixar de ser, participou de Academias, ou, mais singelamente, grupos de estudos de conteúdos extra-curriculares ou trabalhos suplementares. A língua paterna mereceu atenção. Seu *Diário*, na data de 9.7.1929, registra, que foi convidado pelo Bottari a fazer parte de um grupo que se propunha estudar a língua dos clássicos brasileiros e portugueses. Aceitou e por sua vez propôs que também se aproveitasse a hora *post-coenam* para o exercício da língua italiana.

Do grupo que se exercitava no italiano participavam também seus amigos Bottari, Marin, Wastowski e outros. Tal turma, que se reunia regularmente após a janta, defende, “*sustenta conversa animada e que tem sentido*”.

Outra iniciativa já tinha também como objetivo o lazer; o que não impedia que aparecessem os já comentados fuxicos e ciumeiras :

14.4.1929: *De noite, no pátio, passeando com o Vitorino, Pivetta e Hickmann tratou-se de tornar os passeios grandes mais divertidos e de fundar um club de declamadores e cantores de pagode. Vamos ver*. 3.5.1929 - “-club-pagode para divertir-se e divertir no passeio grande. Veremos se a idéia vingará. Em todo o caso se terá que lutar com críticas da parte dos indiferentes e dos “grupinhos”. 28.8.29 – *Passeio grande á “Figueira”, frio e sem vida como sempre. A “Chocolatina” fiasqueou; não houve concorrência e parece que muitos a vêem com maus olhos.*

### 2.3.2.3 - Teologia

De 1927 a 1930 Vítor vai galgar o último período de sua formação sacerdotal, a teologia. Consistia no alvo principal da formação, estando, na compreensão da Igreja, os cursos ginasial e filosófico a ele subordinados e direcionados.

A doutrina a ser mantida pelos professores na Teologia – como também na filosofia – é a de Santo Tomás de Aquino. Assim foi desde os primórdios da Companhia de Jesus. Em 1879,

---

<sup>90</sup> *Diário Íntimo* - 03.11.1929.

na Encíclica *Aeterni Patris*, Leão XIII – que foi aluno dos jesuítas em Viterbo – prescreveu que os filhos de Santo Inácio seguissem fielmente o *Doutor Angélico*. O Epítome, nos artigos 325 e 316, inculca, de diversos modos, que Santo Tomás seja o mestre dos jesuítas, no que respeita à Filosofia e Teologia: “... ele deve ser o Príncipe, o guia dos estudos” (nº 316), “porque sua doutrina é mais sólida, mais segura” (nº 315).<sup>92</sup>

Os defensores desta postura apressam-se em fazer ver que “seguir a senda do Aquinate não significa subserviência, pois os grandes mestres da Companhia também não de ser consultados, dentre os quais se destacam Bellarmino e Suárez”.<sup>93</sup> Concordam que, não sendo a filosofia uma ciência exata, que se apresentem pontos controversos, mas “estes devem ser tratados de molde a não ferir a caridade, mas a fim de que transluzam, em tudo, a verdade”.<sup>94</sup>

Esta condescendência não se prolongava para a Teologia, que era vista como uma disciplina exata, não podendo nem se cogitar fugir das fórmulas e das respostas engessadas. Estudar teologia não era mais do que decorar os enunciados dogmatizados. Tudo já estava devidamente esclarecido e respondido, restava assimilar este conhecimento estabelecido. Sem inovações. Neste sentido, para ilustrar, vejamos o que mandava a *Ratio Studiorum*:

*Ainda em assuntos que não apresentem perigo algum para a fé e a piedade, ninguém introduza questões novas em matéria de certa importância, nem opiniões não abonadas por nenhum autor idôneo, sem consultar os superiores, nem ensine coisa alguma contra os princípios fundamentais dos doutores e o sentir comum das escolas. Sigam todos de preferência os mestres aprovados e as doutrinas que, pela experiência dos anos, são mais adotados nas escolas católicas.*<sup>95</sup>

Preso neste esquema engessado, o que cabia ao professor? Ler e explicar, também lendo, o que já foi dito pelos “autores antigos”. Isto era chamado de “Preleção”, que devia seguir esta forma:

*Em primeiro lugar leia seguidamente todo o trecho, a menos que, na Retórica ou na Humanidade, fosse demasiadamente longo. – Em segundo lugar exponha em poucas palavras o argumento e, onde for mister, a conexão com o que precede. – Em terceiro lugar leia cada período e, no caso de explicar em latim, esclareça os mais obscuros, ligue um ao outro e explique o pensamento (...). – Em quarto lugar, retomando o trecho de princípio faça as observações adaptadas a cada classe, a menos que prefira inserilas na própria explicação.*<sup>96</sup>

<sup>91</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 232.

<sup>92</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit. p. 254.

<sup>93</sup> Idem, p. 254.

<sup>94</sup> Idem, ibidem.

<sup>95</sup> FRANCA, Leonel. Citado por ARANHA, op. cit. p. 127.

<sup>96</sup> Idem, ibidem

Neste contexto, entende-se a importância da repetição, como meio de gravar as *verdades eternas*. Prevalencia o princípio “*Repetitio magistra studiorum est*” – “A repetição é a mestra do estudo”.

O mesmo código pedagógico prescrevia que todos os dias, com exceção dos sábados e feriados, se reservasse uma hora para repetição aos escolásticos, a fim de exercitar as inteligências e se esclarecer as dificuldades. Um ou dois alunos eram avisados com antecedência para repetir a lição de memória, durante 15 minutos! Em seguida, um ou dois formulavam objeções e outros tantos respondiam, e, se ainda sobrasse tempo, o professor devia propor dúvidas.

Esta opção e postura são consideradas pelos analistas como conservadoras ou até retrógradas e, tidas como tal, receberam por todos os tempos críticas das mais variadas origens e calibres.

Manacorda, historiador da educação, italiano, falando na estratégia do Concílio de Trento de combate ao protestantismo, qual seja, as escolas dos jesuítas, afirma que “o conteúdo do ensino herdado do humanismo foi cuidadosamente modificado, para ser utilizado a serviço do objetivo religioso”.<sup>97</sup> Para ilustrar, cita um trecho das *Constitutiones Societatis Jesu* (1583): “Quanto aos livros das letras humanas, latinos ou gregos, abstenha-se de ler aos jovens aqueles nos quais haja alguma coisa contrária aos bons costumes, a não ser que antes tenham sido expurgados das coisas ou palavras desonestas”.

Durkheim, situando a educação jesuítica dentro da evolução histórica da pedagogia, vê nele movimentos ambíguos. Para ele, a Ordem dos Jesuítas fora suscitada pela necessidade de o catolicismo deter e combater os progressos ameaçadores do protestantismo. Inácio de Loyola, destaca, teve a idéia de levantar uma milícia religiosa de um gênero totalmente novo. Em suas palavras:

*Entendeu ele que haviam passado os tempos em que era possível governar as almas desde um claustro. (...) era preciso construir um exército de tropas leves que, perpetuamente em contato com o inimigo, fossem, ao mesmo tempo, bastante alertas, bastante móveis para poder chegar ao menor sinal onde houvesse perigo. (...) Ao mesmo tempo em que mantiveram, sob sua forma consagrada, as prescrições tradicionais do cristianismo romano, souberam pô-las ao alcance não só da fraqueza humana em geral – não há uma religião que tenha escapado a essa necessidade – mas também da frivolidade elegante das classes abastadas do século XVI, com quem era importante disputar pela sua heresia e conservá-los na fé.*<sup>98</sup>

<sup>97</sup> MANCORDA, Mario Aliguiero. *História da Educação – da Antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez, 2000, 8ª ed., p. 202 s.

<sup>98</sup> DURKHEIM, op. cit., p. 217.

Para o cientista, os jesuítas entenderam que, para alcançar seu objetivo, era preciso “apoderar-se” da juventude, pois a educação dela era o verdadeiro instrumento para a educação das almas. E também viram – continua Durkheim – que a tendência dos novos métodos nas escolas só abria caminho para a heresia. “O humanismo constituía-se numa ameaça para a fé”, concluíram. “Querendo-se, portanto, atingir o mal em sua raiz, era necessário, ao invés de entregar a corrente humanista a ela mesma, apoderar-se dela e dirigi-la”.<sup>99</sup> “Assim que, - continua o estudioso - com os jesuítas, o centro da vida escolar vê-se levado de volta aonde estava três ou quatro séculos antes, ou seja, dentro do próprio santuário. Assim como no tempo de São Colombano ou de São Bento, embora sob formas e em condições novas, o ensino voltava a ser coisa de uma ordem religiosa”.<sup>100</sup>

Dáí esse cientista ver na origem do movimento loyolano um retrocesso da evolução da educação, visto na sua globalidade.

Aranha também lembra, para ilustrar a indiferença dos jesuítas às críticas que o Renascimento fez, que durante todo o século XVII, aqueles se recusaram a incorporar as descobertas científicas de Galileu, Kepler e Newton bem como a filosofia de Descartes – ex-aluno dos jesuítas.<sup>101</sup>

Vistos estes pontos, podemos agora, com maiores informações, focar o nosso biográfico nos estudos teológicos. É revelador o *Atestado do Curso de Teologia*, com as disciplinas estudadas, as respectivas notas ou conceitos.

#### Curso de Teologia<sup>102</sup>

	1º Ano 1927	2º Ano 1928	3º Ano 1929	4º Ano 1930
Dogma	6 resp. 8	bene attigit. Bene attigit	Superavit attigit	- -
Exegese	7	Satisfecit	Satisfecit	-
Moral	6 resp. 7	Satisfecit	Satisfecit	-
Direito Canônico	9 resp. 7			satisfecit
História Eclesiástica	9	Satisfecit		10
Pastoral			satisfecit	
Liturgia			Satisfecit	

Já nos referimos acima à atmosfera de temor e terror que envolvia os exames para os alunos. Era a hora da verdade, onde tinham que se defrontar com o conhecido ou desconhecido, do qual ia depender a nota, aquele número que, na sua crueza e frieza, representava a glória ou a desgraça.

<sup>99</sup> Idem, p. 219.

<sup>100</sup> Idem, p. 219 s.

<sup>101</sup> ARANHA, op. cit., p. 109.

<sup>102</sup> *Caderno Notas Finais com indicação da matéria explicada no Seminário Maior de 1924 a 1927*, 2º Caderno, p. 110. 3º Caderno, p. 3 e 16.



Em se tratando da teologia, vimos acima, como Vítor interpretava as avaliações, dizendo, em dezembro de 1929, que esteve, “até a hora do exame muito excitado de forma que não tive mais a necessária lucidez e calma de espírito”. Noutra parte, mais adiante, diz:

18.7.1930 – *Minha vida vai indo sem novidades. Está iminente o exame de jurisdição que me absorveu os estudos nestes últimos 20 dias. Estou bastante seguro. 22: “Exame de jurisdição. Passei bastante bem. Examinadores Pe. Luis, Rick, Leonardo Müller com o qual tive e resolvi 7 casos bastante difíceis: a) Filha em colégio protestante; b) filha quer casar com moço protestante, bem relacionado com a família etc. c) li livros e jornais protestantes; d) cometi adultério; e) fui à pesca e perdi a missa; f) duvidei da fé.*

Este último exame encaixa-se no estilo de *casus conscientiae*: representam problemas fictícios de ordem moral, propostos, uma vez por mês, pelo professor de moral, aos teólogos ordenados – quarto ano de teologia. Todos os estudantes de Teologia assistiam à proposição do problema e à solução dada pelo teólogo, submetido a uma verdadeira prova dos estudos feitos. Era tido pelos seus idealizadores como um valioso treinamento para a pastoral futura, envolvendo conhecimentos da psicologia humana e das repercussões nos atos humanos.<sup>103</sup>

Não é despropósito tratar alguma coisa sobre os professores que teve, certo de que influenciaram, em graus diferentes, na formação de nosso biografado. As informações são extraídas de seu *Diário* e da bibliografia jesuítica.

Na disciplina de Teologia Fundamental foi aluno do Pe. Eduardo Gierster, SJ. No Tratado da Santíssima Trindade, para Vítor ele era “*mesmo nebuloso. Estou cru com ele*”. 3.12.29 – Com o Pe. Ginster teve a tese da SS. Trindade provada pela escritura, saindo-se bem. 21.11.1929 – “*Acho-me amarranhado pra burro nas teses de Deo Trino do Pe. Giester. Vou, porém, enfrentando a situação com coragem*”. Ao que tudo indica, não reinava boa harmonia entre mestre e aprendiz. Transcrevemos um registro que, além de mostrar o que dizemos, evidencia o espírito de defesa/ataque que parece pairar dentro das paredes da casa de formação:

13.8.1929 – *O Pe. Giester, na aula de dogma, depois do meio dia, explodiu!... Tendo o Pivetta, na Véspera, feito um círculo bem mal (latinório huff!), e tendo explicado de maneira equívoca e escura o cânon sobre o mistério da SS. Trindade, referiu-se a isso o padre na aula. O Ronda levantou-se em defesa do Pivetta, explicando o pensamento deste e dizendo que a linguagem é que fora embrulhada. O padre considerou-se “atacado publicamente” e desandou numa tremenda apóstrofe 1) contra o “circulante” e 2) contra o Ronda. Eu, por mim, achei 1) que o Pivetta era o principal culpado por não ter preparado a tese 2) que o padre tinha razão em censurá-lo por isso, mas não tão acremente ao Ronda, pois 3) o Ronda, embora tenha falado num tom meio seco, o que lhe é natural, não merecia a reprimenda, pois a intenção dele, i. é, explicar o ponto de vista do Pivetta, era boa.*

<sup>103</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 270.

Com o Pe. Edmundo Monsaert, SJ - aquele com quem teve diversas encrencas – Vítor cursou diversas disciplinas, ocupando as cátedras de Moral e Direito Canônico (1927-1929). Foi com ele que, em 27 de setembro de 1929, fez pela primeira vez uma confissão em público para exercício. O professor “*baralhou uma porção de coisas feitas por um vigário suspenso... etc. Eu fui me cavando como pude. Nem tão mal, ao que parece*”.

Na importante disciplina de Dogma foi aluno do Pe. José Mors, SJ. A 3 de dezembro de 1929, teve a tese da Perseverança completa atual (*est donum speciale*) “*podia ter saído melhor se tivesse feito um resumo e um estudo sério da tese*”, admite. Na *Repetição* – de que nos ocupamos há pouco – atuou, entre outros, o Pe. Mors. Em 28 de outubro do mesmo ano, Vítor foi o primeiro a abri-la, e saiu-se bem. “*Foram várias perguntas sobre definição e natureza da graça*”.

Pe. Henrique Liese, SJ, por sua vez, passou os conhecimentos de exegese, no ano de 1930, mas lecionava também Teologia e História Eclesiástica.

No Diário não encontramos palavras de elogio, estima ou maior relacionamento com os professores, denotando certo distanciamento ou impessoalidade na convivência estudantil. Com exceção de um caso, onde o professor Pe. Zürcher deixava o Colégio. O 1º de setembro de 1929, registrou como um dia ingrato e inolvidável. Despedia-se do colégio o Pe. Zürcher, ia à Europa a chamado do Pe. Geral. Seus alunos calculavam “as audiendum verbum”, por ter, diziam, ensinado coisas um tanto duvidosas. Os alunos, que o amavam muito, resmungavam contra estas disposições que achavam injustas. O padre mostra-se obediente, resignado, modesto, amigo dos alunos, inclusive de nosso personagem:

*À noite veio despedir-se na sala de teologia durante os pontos, comovendo profundamente todos. Depois da oração fui ter com ele, disse-lhe do amor que os alunos lhe consagravam, etc. e não fui capaz de prosseguir de tanta comoção... chorei e ele me interrompia com mil expressões de carinho e gratidão. Parece que foi esta a 1ª vez que chorei dentro do seminário – Antes de deitar-me escrevi-lhe uma carta de 3 pg. Toda de carinhoso afeto e de saudades, em nome dos 3 cursos de teologia que o tivemos por professor, pedindo-lhe que a guardasse sempre consigo e ao relê-la se lembrasse de nós.*

Só para constar: Vítor pôde conhecer o famoso Pe. Rick, que, a 19 de maio de 1929, realizou uma conferência sobre organização católica em geral e das caixas rurais em especial. “*Tomei nota e acho que foi muito proveitosa*”, comentou. Também o famoso místico Pe. João Batista Reus, SJ, atualmente em via de canonização, também consta na plêiade de mestres, na Liturgia. Junto com o Pe. Luis Angerpointner<sup>104</sup> - já nosso conhecido - supervisionou o Exame

<sup>104</sup> Reitor de 1932 a 1937. Em 1928, tornou-se professor de Filosofia. Em 1930 foi nomeado sub-regente do Seminário, isto é, para desempenhar o cargo semelhante ao de ministro, nas residências dos jesuítas. Compete-lhe dar ou negar licenças aos seminaristas, saídas do seminário, censurar cartas... Além do reitorado ministrava aulas de

de Sacramentos em 1930, com “*todos os colegas presentes rindo e atrapalhando... Saí-me bem: tive Batismo, Viático, Confissão, Santos Óleos*”.

### 2.3.3 - Recreação

No esquema de formação dos padres jesuítas, que se dizia integral, não podia faltar o terceiro pilar da vida seminarística, o lazer. Concomitante ao *homo religiosus* e *homo sapiens*, havia espaço e tempo para exercitar o *homo ludicus*. Aqui cabe, além de discriminar as atividades consideradas de lazer, penetrar nos métodos aplicados e atentar para a mentalidade subjacente a estas práticas. Nesta parte, vamos tratar de outras atividades suplementares, que, embora não sejam diretamente de lazer, pois exigem esforço mental, mas podem ser aqui enquadradas por não fazerem parte da espiritualidade e do estudo – a oratória e a literatura.

No seminário de São Leopoldo, depois dos exercícios espirituais e dos estudos, as horas de recreação ocupavam um importantíssimo espaço na vida dos seminaristas. Pode-se dizer que se realizava plenamente o ideal expresso na Máxima de Juvenal: *Mens sana in corpore sano*. Temos que lembrar que o fundador da Companhia de Jesus era um soldado, afeito a uma intensa prática de exercícios e esportes no cultivo do corpo. Os padres tinham consciência de que um grupo de rapaziada em regime de internato, debruçados sobre livros diuturnamente, precisava de uma caminhada para espichar as pernas e ar livre e contato com a natureza para livrar-se do tédio, proveniente da rotina da casa.

O programa do seminário contemplava, após a missa matutina, tempo para ginástica nos pátios ou nos seus amplos corredores, em dias de chuva. Após o almoço, para quem quisesse, era permitida uma pequena sesta. Depois da quinta aula do dia, todos faziam um recreio de uma hora, consistindo em jogos, ensaios de banda ou de orquestra. Outro recreio após a janta, às 19h30min.

*Semanalmente, os filósofos tinham um dia livre, às quintas-feiras. O dos teólogos era a Quarta-feira. Denominava-se dies villae, ou seja, ‘dia da chácara’. Não se tratava de horas de dolce far niente, não. Embora não houvesse aula naqueles dias, muitos aproveitavam o tempo para estudar ou para dar catequese às crianças, nas escolas, aos operários, nas fábricas, ou aos soldados, nos quartéis. Era um pio exercício de apostolado.*<sup>105</sup>

Nos “dia de chácara”, pela parte da tarde, bem como aos domingos, todos iam, em fila, à chácara Gonzaga – onde hoje encontra-se o campus da UNISINOS. Na época do Seminário

---

hebraico e de grego bíblico. “Não há entre seus súditos quem não lembre com carinho o Pe. Argerpointner, sempre bondoso, mas firme em suas decisões”.

<sup>105</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 250.

Episcopal, o Pe. Föh ponteava a turma de alunos, enfileirados, marchando pela cidade. Uma vez por mês, realizava-se um passeio de dia inteiro para as montanhas nas proximidades da Capital.

Como o futuro pároco de Barril encarava esses passeios? Pelo seu *Diário*, podemos saber algo, pelo menos dos dois últimos anos de teologia. Ao que parece não tinha grande apreço por estes momentos de descontração. Não obstante, no seu apostolado, vai implementar estes passeios aos seus seminaristas. Já nos referimos ao fato de, em abril de 1929, passeando com o Vitorino, Pivetta e Hickmann, Vítor tratar de tornar os passeios grandes mais divertidos e de fundar um clube de declamadores e cantores de pagode, o “Club pagode” ou “Sociedade chocolatina”. Na estréia, no Passeio grande<sup>106</sup> à “Figueira”, não teve sucesso e, aos olhos de seu idealizador muitos viram com maus olhos o clube. A impressão dos passeios lhe era de “frio e sem vida como sempre”. Não que faltasse criatividade, para ocupar o tempo: Assim que no passeio grande ao Quilombo – ao lado da Lomba Grande -, em maio de 1930, foi simulado um processo contra o Franzoi, com advogados e muito barulho. Mas Vítor não assistiu, tomado de tristeza pela morte da mãe. No mês seguinte foi em Novo Hamburgo e Dois Irmãos. Caminhada de quase todo o dia. No acampamento, porém, no potreiro do Sr. Treis, não reinou muita animação, por falta de pessoal. Outras passagens, com episódios típicos:

*28.7.1930 – Passeio grande ao Sapucaia. Um forte grupo e eu junto subimos o morro. Subida e descida difícil. O Vasconcelos cai de alguns metros de altura na subida por um caminho incógnito. O Deschams e o Camargo extraviaram-se no mato. O Basso carregou até lá uma braçada de pés de cana. Panoramas... - 21.10.1930 – Passeio ao Meio-portão. Batalha no mato: dois pegas. Minha turma contra a do Vasconcellos. Gêtúlio contra Washington; triunfo até o acampamento, discursos: eu, Vasc. Pivetta.*

Já vimos acima a dificuldade que tinha no relacionamento com os colegas e superiores. Uma indicação deste comportamento nos é dada ainda por ele mesmo. Descrevendo um passeio realizado em abril de 1929, confessa: “*Fui passear ao campo do Beer junto com o Waterkemper rapaz de caráter, ao que parece, frio, assim como eu*”.

Além dos passeios, os superiores incentivavam diversos jogos competitivos obrigatórios e, por isso, designados com a expressão “jogo sério”. O futebol também era cultivado e para isso havia disponíveis amplos campos, tanto no Seminário como na chácara. Nossa personalidade não cultivava amizade com os esportes neste tempo, a não ser umas caçadas em épocas de

<sup>106</sup> Trata-se de um dia inteiro de folga, concedido, de surpresa, pelo reitor da casa aos estudantes, tanto de colégios como de Seminários. Chama-se passeio grande, porque se empreende uma longa caminhada, de duas ou mais horas, a um local previamente determinado. Acompanhados de padres e dos prefeitos, as divisões, em separado, preparam a sua comida, à beira de um arroio ou à sombra de um mato. Jogos os mais variados realizam-se, durante o dia do passeio. Após, retornam revigorados para mais um mês de estudos. Tais excursões costumavam ser realizadas mensalmente. Cf. BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 189.

férias. Caçadas que vai continuar praticando na vida de padre, que, associadas a esporádicas partidas de bocha ou de baralho, com seus paroquianos, geralmente nas tardes de Domingo quando havia festa nas capelas, resumem o pobre espírito desportista. Talvez por obrigação, se sujeitou a participar de uma partida, chamada então de “*Match de foot-baal*”, dos teólogos contra os filósofos. Interessante a tentativa de furta-se do esforço: *Ganhei uma ressaca formidável. Não tendo exercício cansei-me logo. – Procurei tirar uns instantâneos às escondidas, mas não deu.*<sup>107</sup>

Afora estes espaços determinados, o que se fazia que pudesse ser enquadrado como recreação? Pouca coisa. Consta, por exemplo, que numa noite de agosto de 1929, aconteceu uma farra medonha, numa roda numerosa e alegre. “O herói foi o Gallas. Eu tomei muita parte ativa. Chister; pilhérias, asneiras, risadas, etc”. E no dia seguinte consignou: “O Jogo de pular a corda me provocou uma ressaca que me indispôs para o estudo à tarde”.

Ressalva-se, contudo, que estas ocasiões são como que exceções para cumprir a regra. Já frisamos a dificuldade de relacionamento com os colegas, reclamava dos colegas, como isolados, ocupados com jogos, troças, conversas... o que não lhe fazia o gênero, e o obrigava a passar o tempo na redação da revista.

Não emerge, aliás, destes registros uma figura com gosto para a solidão, fechada, taciturna, séria? Ele mesmo, em certos momentos, pelo menos, tinha esta autocompreensão: 24.6.29 – “Parece-me que os colegas não prezam muito a minha presença e companhia. Talvez porque sou muito exigente com os mais e meio sério e de pouca conversação”.

Neste ponto, podemos intercalar uma outra interpretação dos fatos, analisando, desta feita, uma característica que vemos ser uma constante na pedagogia jesuítica e que, como poderemos ver nos próximos capítulos, deixou marcas indeléveis no caráter de nosso biografado. Referimo-nos ao fato de todas as atividades estarem sob a vigilância constante dos formadores, estando o aluno 24 horas por dia sob policiamento e sujeito às punições prescritas. Ao aluno cabia cumprir religiosamente o programa pré-estabelecido, ficando sua liberdade, pelo menos de escolha e de ação, senão anulada, bastante tolhida. Passemos em revista alguns autores, alguns pró outros mais críticos à postura dos inacianos.

Para Durkheim, a disciplina dos jesuítas apoiava-se sobre dois princípios, sendo o primeiro “que não pode haver boa educação sem um contato ao mesmo tempo contínuo e pessoal entre o aluno e o educador”; o segundo, que já analisamos, é o estímulo, ou emulação.<sup>108</sup> Quais eram os objetivos, segundo o pensador francês, do primeiro princípio?

<sup>107</sup> *Diário Íntimo* - 13.04.1930.

<sup>108</sup> DURKHEIM, op. cit., p. 242 ss.

*Primeiro, porque o aluno não deve nunca ser entregue a si mesmo. Para formá-lo, é preciso submetê-lo a uma ação que não conheça nem eclipses, nem falhas, pois, o espírito do mal sempre está acordado. Por isso é que o aluno dos jesuítas nunca estava só.*<sup>109</sup>

Nesta mesma linha de raciocínio, outro historiador da educação M. A. Manacorda, remonta ao Concílio de Trento, que instituiu os seminários (*Forma erigendi seminaria clericorum*), destinados, logicamente, a educar religiosamente e a instruir nas disciplinas eclesiásticas as novas levas de sacerdotes. A justificativa explicitamente afirmada – argumenta – baseia-se no **tradicional pessimismo pedagógico**, segundo o qual “a idade juvenil, se não for bem orientada, é levada a seguir os prazeres do mundo” (*Decretum de reformatione – Caput XVIII*).<sup>110</sup>

Antropologia extraída da Bíblia? São Paulo fala que no homem há um “declive prô mal”.

Retornando a Durkheim, a vigilância não tinha apenas a finalidade de prevenir os desvios de conduta dos neófitos.

*Havia também de permitir ao jesuíta estudar à vontade “os caracteres e hábitos, para conseguir descobrir o modo de direção que convinha empregar para com cada criança”. (...) Imagina-se a eficácia desse sistema de contínuo envolvimento. O meio moral que cercava a criança seguia-a aonde quer que fosse; por toda a parte ouvia expressar, ao seu redor e com a mesma autoridade, as mesmas idéias e os mesmos sentimentos.*<sup>111</sup>

Já os autores Bohnen e Ullmann, afinados com pensamento e a prática loyolana, referindo-se à sistemática pedagógica aplicada no Seminário Episcopal de Porto Alegre, asseveraram: “Quanto à educação, os jesuítas imprimiram não uma linha de espionagem, mas de liberdade e confiança”.<sup>112</sup> Para demonstrar, transcrevem as palavras que o Reitor, o Pe. Föh, repetia aos seminaristas:

*A diocese necessita de sacerdotes de confiança, de sacerdotes que, observados ou não, cumpram fiel e conscienciosamente seu dever. (...) Trata-se, agora, de formar o vosso caráter, de vos habituardes a cumprir o dever pelo sentimento do dever e de tomar vossa consciência como única norma de vosso agir.*<sup>113</sup>

Com certeza, após formados, os neo-presbíteros seriam devolvidos à sociedade, ao mundo, longe, muitos deles, dos olhos atentos dos formadores. Mas isto depois de formados. No sistema em apreço, as férias curtas de julho, de 15 dias, eram passadas no Seminário. So-

<sup>109</sup> Idem, ibidem, p. 242.

<sup>110</sup> MANACORDA, op. cit., p. 202.

<sup>111</sup> DURKHEIM, op. cit., p. 242 s.

<sup>112</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 232.

mente nas férias de verão os seminaristas podiam sair para a convivência com a comunidade e familiares. Os estudantes jesuítas, porém, não tinham esse privilégio.

Mesmo dentro do seminário, no regime de internato, imperava um *apartheid* entre os alunos, ficando distribuídos a critério principalmente da idade, em três “divisões”, com áreas próprias para estudo, lazer e dormitório. Os grandes não podiam nem conversar com os pequenos, e vice-versa, a não ser eventualmente nos dias de festa.

Ainda tratando da censura, cabe registrar – como vimos acima no caso dos telegramas recebidos por Vítor Battistella – que ao sub-regente incumbia censurar as cartas que os seminaristas enviavam para fora ou recebiam de quem quer que fosse. Sobre tal matéria, legislava o *Regulamento Interno do Seminário*: “Toda correspondência epistolar, telegráfica, etc., deve passar pelas mãos do Pe. Sub-regente. Só as cartas dirigidas aos Ordinários (= Bispos) próprios podem ser entregues fechadas. O mesmo vale das cartas, pacotes, livros, etc.”.<sup>114</sup>

Bohnen e Ullmann se fazem a pergunta: Por que tal norma severa? E respondem que o comércio epistolar, quando muito freqüente, pode ser prejudicial aos estudos, pois distrai a mente. O controle, acrescentam, faz com que o escrevente aprenda a relatar apenas o necessário, exercitando, assim, a moderação e a prudência no seu agir e falar. Entendem que não é exagero nem puritanismo afirmar que, sem censura epistolar, “as relações de amizade poderiam, o que é humano, abrir uma brecha na esfera afetiva, mormente no que tange ao mundo feminino”<sup>115</sup>. E lembram que o *Regulamento* prescrevia taxativamente: “Nunca escrevam a pessoas de outro sexo, que não sejam parentes ou benfeitores”.

Quanto à demasiada severidade na educação jesuítica aos seminaristas, os autores admitem, e procuram justificar apelando para a “força do tempo”:

*Para compreendê-la, devemos situar-nos no espírito da época. Tudo era muito bem disciplinado e não gregário, porque se deixava a cada um a responsabilidade de seus atos, porém sob vigilância prudente. Por que essa disciplina que a muitos poderia parecer medieval? Porque os padres educadores sabiam que, uma vez ordenados, a maioria dos futuros sacerdotes ficaria a sós, numa paróquia, longe do Superior religioso ou do Bispo. Mister se fazia, pois, aguerrir o espírito de cada um para a vida de piedade, de oração, de sacrifício e de autodeterminação. Em suma, **o Seminário forjava caracteres fortes e homens de fibra** [grifo nosso]. Tanto é isto verdade que são raríssimos os casos de apóstatas.*<sup>116</sup>

Contudo, parece-nos um enigma a observação dos dois autores, que chegaram a saber por oitiva: “é que o alto percentual de persistência na vocação dos seminaristas parecienses se

<sup>113</sup> Idem, ibidem em Nota.

<sup>114</sup> *Regulamento*, p. 14. Citado por BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 265.

<sup>115</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 265.

deve, talvez, à maneira de o Ir. Lück, como prefeito, **educar maniqueisticamente os jovens seminaristas** (sic)".<sup>117</sup>

Quanto às punições, as quais o Regulamento do Seminário contemplava, inclusive com a demissão, não encontramos no Diário de nosso biografado maiores fatos, a não ser admoestações e conselhos por parte de superiores, quando recorria a eles. O único caso que encontramos de castigo – mas que por certo houve outros – é um em que, à hora da preparação dos pontos, o Pe. Monsaert de repente apareceu no estudo e passou uma reprimenda severa pela falta de silêncio daqueles dias e como castigo deu leitura no refeitório de manhã e ao meio dia amanhã que começavam as férias da metade do ano.<sup>118</sup>

Com efeito, na pedagogia jesuítica, ao silêncio atribuíam-se grande importância, tanto para favorecer o recolhimento interior como para proporcionar a concentração nos estudos. Ou seja, mesmo o silêncio era um tempo de ação. Dentro de uma sã pedagogia, o ócio era simplesmente inadmissível.

### 2.3.3.1 - Ora et labora... para os outros

Um outro aspecto que estranha a quem se detém no estudo da pedagogia inaciana aplicada aos vocacionados neste período das primeiras décadas do século passado é a completa ausência nos programas de horas de trabalho, entendido como esforço braçal na obtenção do sustento diário, forte traço da tradição cristã. Este aspecto do trabalho, nos programas atuais de seminários constitui a quarta dimensão ou aspecto, justificada pelos superiores como uma necessidade para o educando valorizar o trabalho braçal e pelo seu conteúdo pedagógico de ensinar como – as pessoas em geral - conseguem o sustento diário. Causa maior espécie esta constatação quando se sabe que uma máxima seguida pela Companhia de Jesus era o famoso “*Ora et labora*”. Tem-se a impressão de que a segunda parte do axioma cabia como discurso para os padres que devia ser praticado somente pelos fiéis.

Seguindo o programa constante do *Diário* do nosso biografado, percebemos que não há registro de algum momento se dedicar a um trabalho, afora os esforços intelectuais complementares, que logo abordaremos. De fato, o dia-a-dia no seminário descrito por Bohnen e Ullmann, resume-se, quanto ao labor diário, a dizer que “Cada qual tinha como tarefa matutina deixar sua ‘alcova’ (quarto separado do vizinho, por meio de um biombo) limpa e arrumada.

---

<sup>116</sup> Idem, p. 251.

<sup>117</sup> Idem, p. 242, em nota. O Seminário de Pareci (hoje Pareci Novo) funcionou de 1895 até 1913, quando seus alunos se transferiram a São Leopoldo, sendo propriedade e dirigido pelos padres da Companhia de Jesus. Ficou célebre pelas estatísticas de perseverança dos seus seminaristas: dos 70 alunos de Pareci ingressos no Seminário Provincial, 48 chegaram ao sacerdócio, 22 desistiram; dos 80 vindos de outros lugares, 29 se ordenaram, 58 abandonaram os estudos.



Cabe observar – completam – que os teólogos do terceiro e quarto anos já tinham seu quarto individual”.<sup>119</sup> Bastava dirigir-se à mesa e fartar-se.

De modo que podemos observar algumas pontuações: a vida, o *modus vivendi* no seminário, no mundo do trabalho, era descolado, profundamente distinto do modo de vida das demais pessoas da sociedade; pode-se dizer que seguiam a regra bíblica que diz “o sacerdote viverá do altar”. Neste sentido, afastado do trabalho braçal, o padre se distinguia dos seus iguais, dedicando-se exclusivamente às coisas do altar, sagradas, e não sujando as mãos no árduo amanho da terra ou qualquer outra atividade pesada. O distanciamento do sacerdote dos labores mundanos ajudava a transformá-lo numa figura ainda mais diferenciada, e como tal, reforçava a aura mítica que o cercava.

De outra parte, a educação para esta postura e a prática mesma acabavam por criar pessoas que há algum tempo eram chamadas “pequenos burgueses”, enquanto portadoras de distinções, privilégios, modos refinados..., enfim que não se misturam com a gentinha comum. Embora este fosse o tipo de gente de onde saíra, o que é quase regra geral, em Vítor vemos esta preocupação, um tanto exagerada pela época e pelo meio, pelo cuidado constante ao asseio do corpo, na organização das coisas, no modo de falar e comportar-se. Embora tratando com pessoas da colônia, de poucos recursos, não perdia ocasião de observar atentamente estes detalhes, mas que para ele eram grandes sinais, razão para formar juízos e reiterar xingações. Vamos a alguns exemplos. Em meados de dezembro de 1929, Battistella entrou em férias das aulas, e encetou uma viagem pela região da Serra Gaúcha, onde também visitaria parentes que convidaria para a sua ordenação, que se avizinhava. Após passar por Caxias do Sul, deslocou-se até Galópolis, onde ficou impressionado com o Cônego Donato: “*apesar de ser bom, causa dó pelo relaxamento no exterior de sua pessoa e de suas coisas. O Pe. Zanetin ... tem suas boas qualidades, mas é meio tresloucado e desajeitado*”.<sup>120</sup>

No dia 30, visita à casa velha do seu tio, situada entre altos montes, numa encosta escabrosa. E vêm as impressões: “casa velha, pouco confortável, parcimônia na mesa, sem cerimônia destes parentes; ... pousamos, passando eu uma noite desgraçada por causa dos roncões do titio e do calor da cama. Gaita e brinquedos e dança do titio”.

A 4 de janeiro de 1930, em Bento Gonçalves, e a metralhadora volta-se contra o Pároco: “Vou tendo má impressão do Pe. Mascarello. Amola e é impertinente com suas conversas. Está convencido de que sabe, e põe-se a dogmatizar sobre tudo. Parece também meio maluco. Mas mostra ter boa intenção e piedade”.

---

<sup>118</sup> *Diário Íntimo* - 26.7.1929.

<sup>119</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 250 s.

<sup>120</sup> *Diário Íntimo* - 24.12.1929.

E continua no velho padre de Prata: “O Pe. Sanson causou-me péssima impressão. Relaxado no exterior, descurado; apesar de o observar atentamente, não pude definir os caracteres da sua personalidade. Parece, porém, ser inteligente, mas não tem traquejo social e por isso vive isolado e sem visitas. Leva um século para dizer um fato e mesmo uma frase. Gosta de caça, de rapé; vive a pão e queijo e salame e goiaba; ordem na sua, aliás, boa biblioteca, onde também guarda armas. O cheiro do baralho.”<sup>121</sup>

A imagem mudou ao chegar a Alfredo Chaves: “O convento é um paraíso. Situado no alto, entre arvoredos de eucaliptos e laranjais. Comprei hoje a máquina fotográfica [adendo]. Os padres, irmãos e estudantes, agora de férias, estão sempre em atividade. Aqui não se conhece o ócio, nem a tibieza. Reza-se e trabalha-se. Transparece em tudo a simplicidade e a piedade sem afetação. Aqui cheguei a conhecer o pe. José, grande pregador, simples, sincero, robusto, e franco. Frei Onésimo, porteiro e garçom, alma cristalina, serviçal e boa. Pe. Claudio, superior do convento, alto e jovial; Pe. Timóteo, piedoso e modesto”.<sup>122</sup>

Partindo para Erechim, a 14, passa pela localidade de Formiga, adiante de Sananduva onde havia parentes: “Chego á casa da Izeta, onde tudo me inspira asco pelo desleixo e sujeira. De noite as pulgas me assaltam incessantemente... Má criação dos guris na mesa...”; 16: “Visita aos velhos Todero e família, gente *alla vecchia*, simples e boa. As moças fizeram a polenta sem sal. Sem cerimônias na mesa”, reclama.

Em 17, segue a Erechim: “Pe. Farinon parece ser ótimo, mas traz luto nas unhas!...”. À tarde para Passo Fundo: “Campeia na Serra a moda dos braços completamente nus”.

Esta característica vai acompanhá-lo por toda a vida. Tivemos, inclusive, informação de que evitava visitar certos parentes pela situação da casa ou dos seus modos.

Para finalizar esta parte, ousamos buscar uma explicação para este comportamento, que certamente deve estar em muitos outros egressos do Seminário de São Leopoldo. Nos socorremos novamente de Durkheim. O cientista traça o perfil de religioso idealizado e pretendido por Inácio de Loyola. Na concepção do fundador, o jesuíta era um padre regular, mas ao mesmo tempo, possuía todos os traços de um padre secular; usa seu hábito; exerce suas funções, prega, confessa, catequiza; não vive à sombra de um mosteiro, mas sim se mistura à vida do mundo. E prossegue:

*Para ele [Loyola], o dever consiste, não em mortificar sua carne, em jejuar, abster-se, mas sim em agir, realizar o fim da Sociedade. “Deixemos, dizia Inácio de Loyola, as ordens religiosas superar-nos com os jejuns, a severidade do regime e o hábito que se*

<sup>121</sup> *Diário Íntimo* - 09.01.1930.

<sup>122</sup> *Diário Íntimo* - 01.01.1930. Outro registro, agora estava no Seminário: 14.06.1929 – “Chegou o Pe. Rampi. Deixou-me mal impressionado. Brusco, sem modos, voz modulada à moda de negro... Meu Deus!... Onde a dignidade e suavidade do sacerdote, discípulo do Divino Mestre?...”.

*impõem piedosamente. Acredito ser melhor, pela glória de Nosso Senhor, conservar e fortificar o estômago e as outras faculdades naturais do que enfraquecê-las... Vós não deveis atentar à vossa natureza física, pois, se a esgotardes, a natureza intelectual não pode mais agir com a mesma energia”*.<sup>123</sup>

Nos dias de hoje, um ex-aluno dos jesuítas concorda com este pensamento. Pe. Arlindo Rubert, pároco emérito da Catedral de Frederico Westphalen e renomado historiador da Igreja, em uma de suas crônicas sobre santos que estampa no periódico da Diocese, diz: “Um venerando sacerdote jesuíta, no tempo do seminário, costumava dizer que Deus criou as coisas boas para os bons, pois somente os filhos têm direito a elas. Aos outros, somente as migalhas. Não é o uso, mas o abuso das coisas que é reprovado”. E passa a desfilhar exemplos de santos que, não obstante sua vida edificante, não deixaram de desfrutar do seu lado prazeroso.<sup>124</sup>

Pensamos que com estes elementos pode-se compreender melhor esta faceta de Vítor, de extremo cuidado – beirando à neurose – com pequenos detalhes de higiene, de postura... e seu comportamento distinto, superior, amigo do bom prato, culto às manias tidas como eruditas, clássicas, e uma atitude de não se desviar do conforto e de certo luxo – para sua época e seu meio, claro.

#### 2.3.3.2 - Oratória e canto

A vida do seminário, monótona enquanto acompanhava a cadência invariável do horário cotidiano, era interrompida de quando em vez por episódios e emoções novas. Ora eram datas nacionais e religiosas, ora novas ordenações ou outros eventos quaisquer que vêm quebrar o ritmo de existência pacífica dos vocacionados.

Aliás, outros ingredientes que pertencem ao *vade mecum* jesuítico e que certamente contribuíram na formação dos seus discípulos foram a oratória e o canto. Tais artes, outrossim, imprimiram suas marcas no nosso biografado, que as soube assimilar – no jeito peculiar dos seus mestres – e usá-las no seu ministério, tanto como padre, como em outras atividades da vida humana.

Durkheim, tratando do modelo jesuítico de educação, ressalta que eram aproveitadas todas as oportunidades que pudessem estimular os alunos a exercitarem-se, um tratado de paz, uma vitória, a canonização de um novo santo, a chegada de uma autoridade. “Havia – esclarece o autor -, no entanto, um gênero literário que gozava de uma verdadeira preeminência; era o gênero oratório. A eloquência era a arte suprema, cuja conquista havia de coroar os estudos, e

<sup>123</sup> DURKHEIM, op. cit., p. 218.

<sup>124</sup> *Mensageiro Diocesano – Órgão oficial de comunicação da Diocese de Frederico Westphalen*, Ano XV, nº 148, novembro de 2001.

por isso é que a retórica era a coroação da vida escolar”.<sup>125</sup> Se isso valia para os alunos comuns – não candidatos ao sacerdócio –, o que dizer aos seminaristas, cujos mestres muito conheciam a sentença: “a fé entra pelos ouvidos”; e para quem aos padres recaía a incumbência de refutar também em alta e boa voz as heresias, sofismas e tudo que afrontasse “a” Doutrina?

Já vimos como, no 6º ano do curso ginasial, Vítor teve a disciplina de retórica e poética - obtendo em ambas a nota 8 - e na Teologia a disciplina de Liturgia - obtendo conceito satisfatório. De modo que ele tinha em boa conta a importância de uma boa oratória no múnus sacerdotal. Referimo-nos há pouco à iniciativa, em 1929, de criarem um *Clube pagode* ou *Sociedade Chocolatina*, que oportunizava, nos Passeios grandes, aos seus membros discursarem “com pleno êxito e com admiração geral”. Deixando de lado os auto-elogios, Battistella admitia dificuldades nesta lide. Após uma demonstração, no mesmo ano, anotou: “Faltou-me bastante a clareza da mente. Para tê-la devo andar calmo e refletir com profundidade e energia. Sinto também que devo exercitar a memória. Tenho grande dificuldade em decorar e reter”.<sup>126</sup>

Numa Reforma mensal, pregou um sermão sobre as almas do Purgatório.

*O Padre Müller que presidia ao toni*<sup>127</sup> disse que fui até hoje o melhor. Da minha parte achei que não vendi tão caro quanto devia o meu sermão que me havia custado bastante esforço: a memória, coitada, não me foi bem fiel, a ação também não foi tão boa como eu me tinha imaginado; a modulação da voz e pronúncia também não foram como eu queria: a preocupação do momento faz isso: falta exercício. Mas sobretudo a memória!... Ei de trabalhar para aperfeiçoar as qualidades que Deus me deu, para um dia ser bom pregador e Lhe dar glória e salvar almas”.<sup>128</sup>

Mesmo assim, por diversas ocasiões Vítor era o escolhido para dinamizar celebrações e festas com discursos ou prédicas (encarregado de preparar a manifestação aos neo-presbíteros com discurso, Festa de São Luis<sup>129</sup>, Sete de Setembro, funerais do Pe. Teschauer SJ<sup>130</sup>). Assim é que, folheando o segundo número da revista *O Seminário*, 1928, vamos encontrar que o dia 3

<sup>125</sup> DURKHEIM, op. cit. p. 232.

<sup>126</sup> *Diário Íntimo* - 13.6.1929. Outras manifestações: 3.9.29 – “Lidando com a distribuição dos papéis do “Zriny”. – Hoje senti muito a fraqueza da minha voz. Devo exercitá-la”. 14.11.1929 - “...Eu porém tenho uma fala meio atrapalhada. Não penso antes de falar e não destaco bem as sílabas.” 21.6.30 – São Luis – Tive que fazer eu o discurso oficial e saí-me bem, graças a Deus. Mas, se tivesse uma voz clara, segura e possante!”. 2.04.1930 – “Estou preocupado com o sermão em português. Vou falar sobre o pranto de Jesus sobre Jerusalém. Custa-me achar as idéias e concatená-las de forma a produzir efeito, ao menos assim me parece. Devo ler e estudar mais livros de Homilias e catecismo e sobretudo, como disse o Pe. Mors, meditar a vida e os ensinamentos de N. Sr.”

<sup>127</sup> BOHNEN e ULLMANN nos ajudam: “Os seminaristas menores tinham que exercitar-se na arte declamatória, quer em prosa quer em verso. Esses exercícios denominavam-se *toni*”. Op. cit., p. 232.

<sup>128</sup> *Diário Íntimo* - 7.7.1929.

<sup>129</sup> A 21.06.1930 - Festa de São Luis. “Às 19 hs, reunido o corpo docente e discente e outros convidados na sala do teatro, a orquestra deu começo ao festival, cujo programa contou de vários números. Com brilhante comparação com os heróis do século, o Sr. Victor Battistella justificou nosso culto e homenagem ao herói da castidade...” *O Seminário*, ano V, nº 3, p. 96.

de maio [comemorava-se o descobrimento do Brasil] foi entre os seminaristas comemorado. Não havendo passeio grande devido ao tempo chuvoso, o Seminário Maior reuniu-se pela tarde no salão do teatro para uma festinha íntima e patriótica. “Saudou a data com um belo discurso o Menorista Victor Battistella, sendo seguido pelo clérigo Pedro C. Victorino, que em apreciáveis conferências, historiaram o descobrimento do Brasil”.<sup>131</sup>

Prova de como havia uma severa auto-exigência no tocante à oratória são suas palavras inquietas do último ano de teologia, constantes do seu Diário. Após fazer o seu último sermão em português, reconhece que foi bem sucedido, mas apesar das “laudes” lisonjeiras, achava que estava longe de ser um bom pregador. “*Noto que me falta a doutrina, a memória e a voz. Vejo também que só vale a pena se esforçar e trabalhar por amor de Deus, o único que merece nossa dedicação. Trabalhar para conquistar aplausos é estupidez, é vanglória, é insânia!*”.<sup>132</sup>

Paralelo à oratória havia o cultivo do canto e, para alguns prendados, a música. No cotidiano seminarístico, era comum no período de recreio de uma hora, os alunos se ocuparem em ensaios de canto para solenizar as missas e outros eventos de relevância. Era a *Schola Cantorum*. “Visto que formavam sacerdotes para celebrar, com a maior pompa possível, a missa, em suas futuras paróquias, os jesuítas não deixaram, jamais, de fomentar o canto gregoriano”.<sup>133</sup>

No canto e na música, a atividade de nosso biografado foi menos intensa, e até tímida no caso da música, não se familiarizando com nenhum instrumento. Apenas sabia deleitar-se com a “boa música”, que adquiria nas viagens (discos de vinil) e saboreava em momento de descanso. As passagens de dedicação ao canto são mínimas, como a de 17.10.1929, que narra que à noite teve que fazer um ensaio junto com o menino que iria cantar a romança “Só no mundo” no teatro. “Eu, que nem sou cantor, menos músico. Trata-se, porém, sobretudo dos gestos e do jogo em cena”. E esta outra, da Sexta-feira Santa: “Cantei pela vez primeira na vida, em público, uma lamentação ‘Incipit oratio Jeremiae’. A emoção abalava-me a voz, mas saí-me bem” - 18.04.1930.

---

<sup>130</sup> 16.8.30 – Morre o Pe. Teschauer, na chácara. Enterrado depois do meio-dia. Presentes Dom Becker, Mons. Leopoldo Neis, Adroaldo Mesquita e outros. Vítor escreveu: “Eu estava engatilhado com um discursinho arranjado e feito a pedido do Pe. Regente para o caso de alguém ter que falar”. Cf. *Diário Íntimo*.

<sup>131</sup> “Pelos Diocese e Seminários”. *O Seminário*. Ano 3, nº 2, 1928, p. 87.

<sup>132</sup> *Diário Íntimo* - 9.4.1930.

<sup>133</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 245. O nome canto gregoriano provém de Gregório I Magno (540-604), fundador da *Schola Cantorum*. Mas, já Santo Ambrósio (333-397) havia iniciado esse tipo de música vocal na Igreja. Sua origem última radica nos ritos culturais judaico-sírios e greco-romanos, conhecidamente monódicos. (Idem, ibidem, em nota). Interessante também observar, ancorado nos mesmos historiadores, que a música e o canto não remontam ao fundador da Companhia de Jesus. Loyola havia dispensado, nas *Constituições*, os ofícios divinos com coro, próprio de outras Ordens Religiosas. Por quê? Para ocupar o tempo em outros trabalhos. Contudo, a vida ensina e as novas circunstâncias fizeram com que a música e o canto fossem acrescentados.

### 2.3.3.3 - Teatro

Três coisas não podiam faltar num educandário dos filhos de Loyola: um salão para teatro, uma dependência para ensinar música e um museu. E justificam, que o “teatro e a música representam um meio pedagógico excelente para educar a sensibilidade, a voz, a elegância dos movimentos. Todos sabem quanta edificação e enlevo causam nos espectadores”.<sup>134</sup>

Já a *Ratio Studiorum* ordenava que se fizessem representações teatrais, ressaltando que “no fundo e na forma fossem morais, excluindo personagens femininas, e que só fossem escritas em latim”. Os responsáveis pelo Seminário de São Leopoldo sabiam disso e esmeraram-se em cultivar a arte cênica e desenvolvê-la nos seus alunos. Tinham claros seus objetivos pedagógicos: apuro do sentido estético, educação dos sentimentos puros, nobres e generosos, domínio perfeito da língua latina, adestramento em todas as formas de declamação, do gesto, da emissão da voz, da expressão dos afetos e do domínio dos grandes auditórios; e objetivos apostólicos: ao final, os assistentes deviam sair com a mensagem de triunfo do bem sobre o mal, da justiça sobre a injustiça, da verdade sobre o erro, ou mostrar a falácia das ilusões do mundo.<sup>135</sup>

Neste particular, Vítor teve destacada atuação, cabendo-lhe a honra de dirigir no ano de 1929 o Teatro do Seminário Maior de São Leopoldo.<sup>136</sup> O jovem tinha consciência das vantagens em ocupar tal cargo:

*18.4.1929: Além do 2º nº da revista entrou a preocupar-me a comédia para 3 de Maio [natal da Pátria] e o grande drama “As Pistrinas” para 21 de junho. Seguido reflito se não será melhor para mim não me encarregar destas coisas em vista dos prejuízos que parecem me trazer na vida espiritual. Por outro lado, penso que também é útil e bom saber dirigir teatros para mais tarde. Deus queira me iluminar! -*

Em 21 de abril seguinte, começou o ensaio da farsa “O Distraído” para 3 de maio. Era o primeiro ensaio teatral que fazia em sua vida “oficialmente”. “Aceitei esse cargo para me exercitar no manejo dos afetos, na declamação, etc. Sinto-me um tanto incompetente, por causa do meu caráter frio, mas vou contudo tentar. A idéia de um fiasco me aflige, porque sinto-me bastante vítima do amor próprio”.

Nas anotações não deixa de esconder o orgulho após a exitosa empreitada. Sempre na festa de São Luis Gonzaga, padroeiro da juventude e dos seminaristas, celebrado a 21 de junho, representava-se uma peça teatral de monta.<sup>137</sup> Pessoas gradas, benfeitores, autoridades civis,

<sup>134</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 186.

<sup>135</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 186 e s.

<sup>136</sup> É possível que Battistella tenha se iniciado no teatro ainda em Tapera, onde consta ter havido um grupo teatral dirigido pelo Seminarista Dionísio Basso, que, por sua vez, foi co-diretor também entre 1931 e 1933.

<sup>137</sup> A célebre tragédia histórica “Santo Hermenegildo” foi levada a efeito na festa de São Luiz, a 27 de junho de 1927, tendo Vítor atuado no papel de rei. Cf. *O Seminário*, ano II, nº 3, 30.07.1927, p. 80.

militares e eclesiásticas eram convidadas para a solenidade. A de 1929 ficou a cargo do nosso biografado. Exclama que, apesar de tão batido, o drama teve um êxito pleno. Estava satisfeito. “Estou naturalmente ansioso por saber a opinião dos colegas”, escreveu.

Em agosto do mesmo ano foi lançada a idéia de representar a famosa tragédia “Zriny”, na festa em homenagem ao Papa Pio XI, em comemoração da próxima comemoração do seu jubileu sacerdotal, em fins de outubro. A grandiosidade da peça lhe custou muita canseira e, por fim, lhe custou o afastamento voluntário do cargo de mestre-cena. Enquanto os colegas iam ao Passeio grande “mas eu, Schröder e outros ficamos em casa trabalhando como burros pelo teatro imaginando e preparando a indumentária”.

20 de outubro: Dia da encenação do *Zriny*: Reina animação. Vieram até muitíssimas pessoas de fora. “O drama teve sucesso brilhante”, ufana-se seu maior responsável.

Uma fotografia testemunha a pomposidade dos cenários e o realismo das indumentárias dos diversificados personagens, do drama em cinco atos “Napoleão e Pio VII”, apresentada na festa de São Luiz de 1928. E muito significativo: ao centro, no alto, uma figura imponente representando o Papa: o teólogo Vítor Battistella!<sup>138</sup>

Mostra da complexidade da encenação nos é dada conhecer pelo artigo *Zriny*, da autoria do próprio Battistella – que assina “*Battistella (mestre-cena)*” - estampado na Revista *O Seminário* – de que daqui a pouco falaremos - ano 4, nº 5 e 6, out.-nov. 1929, p. 151-153.

Vejam os alto grau de conhecimento desta difícil arte que detinha nosso biografado, seguindo as notas de seu artigo, que fez “para interesse e talvez utilidade dos que têm gosto pelo teatro”. Muitos personagens<sup>139</sup>.

*1. A encenação de “Zriny” foi brilhante e esteve a contento geral. - A escassez de pessoal para os múltiplos acidentes da ação fora do palco e o tempo chuvoso deram causa a algumas ligeiras falhas e impediram a execução de algumas manobras. Mas, estas deficiências, nem sequer notadas pela maioria dos espectadores, nada tolheram à beleza do conjunto. - 2. Na fuzilaria foram utilizados 209 cartuchos festim, 200 pequenas bombas, 14 cartuchos de espingarda de caça, 24 cartuchos de pistola, 12 bombas de dinamite, 36 bombinhas de foguete, 900 traques de ótima qualidade e 8 disparos de 2 pequenos canhões. - 3. Para o ótimo sucesso da representação concorreu, além do es-*

<sup>138</sup> “Tendo se distinguido na interpretação do papel de Pio VII, o nosso amigo de redação, Sr. Victor Battistella, bem como no de Napoleão nosso ajudante, Sr. Dionysio Basso”. *O Seminário*, ano III, nº 3, 15.07.1928, p. 64-65; a foto acha-se na p. 77.

<sup>139</sup> Personagens e atores da tragédia: Solimão, o grande, imperador da Turquia - Sr. Pedro Ulrich; Levi, médico - Sr. Bento Zorzi; Mahomet, general em chefe - Sr. Henrique Gelain; Ibrahim, governador da Anatólia - Sr. Germano Wagner; Alí Portuc, comandante da artilharia - Sr. Ludovico R. Redin; Mustafá, pachá da Bósnia - Sr. Pedro Wastowski; Aga (criado da casa imperial) - Sr. José Horn; Mensageiro - Sr. Luiz Bem; Nicolau, Conde de Zriny, comandante de Szigeth - Sr. Dionysio Basso; Jorge - Sr. Antonio Alessi; Estevão - Sr. Leopoldo Morsch; (filhos de Zriny) Pedro Vilaki - Sr. João Trocourt Gaspar Alapi - Sr. João Camargo; Guelfo Paprutovitsch - Sr. Benjamin Ragagnin; (Capitães húngaros) Colono - Sr. Aldolino Gesser, Sbinheo, castelão - Sr. Arno Antonitsch; Capitães - Soldados - Pagens.

*forço e dos dotes naturais dos atores, a abnegada generosidade de vários colegas que prontamente se ofereceram para auxiliar.*<sup>140</sup>

Mas nem tudo foram flores, houve encrencas com o Pe. Monsaert, que já narramos atrás e com colegas<sup>141</sup>, que levaram Vítor a pedir demissão do cargo de mestre cena, passo doído, porquanto era muito apaixonado pelo teatro, mas, em contrapartida, acreditava ser compensado por uma vida mais recolhida.

O fito principal da retirada, confessa, foi protestar contra as atitudes injustificáveis do Pe. Monsaert. “A opinião pública me favorece”, festeja.<sup>142</sup>

O Pe. Espiritual desaprovou seu ato de apresentar demissão de chefe do teatro e lhe informou que o Pe. Monsaert estaria se despedindo. Mas, ficou firme. Quando o Pe. Luis veio pedir-lhe indicação a respeito de dramas para o dia de S. Luis, ponderou: “Cheguei assim a saber que estou fora de perigo de me meter de novo em coisas de teatro, o que me causou grande alegria. De outro lado, o meu amor próprio gostaria que o teatro daqui em diante fosse águas abaixo, porque assim sobressairia a minha ‘obra’”.<sup>143</sup>

Assim mesmo, foi de muitíssimo proveito pastoral esta atividade, como mais tarde admitirá na sua obra autobiográfica *Painéis do Passado*: “A natureza, por bondade do Criador, doou-me imaginação fértil e percepção fácil dos mínimos detalhes. Aprimorei este Dom dirigindo durante anos o teatro do Seminário. Sinto-me bem dentro de grandes movimentos”.<sup>144</sup>

Concomitante aos trabalhos do teatro, desenvolveu atividades de organização de eventos e festas, muito proveitosas igualmente para seu apostolado. “Desde seminarista tive paixão por festas aparatosas, complexas e de grande movimentação”, confessa na mesma obra.<sup>145</sup> Assim, que no festival comemorativo de 7 de setembro de 1929, organizou o programa de oito pontos e bem variado. Disseram-lhe que nunca tal festinha fora tão bem feita.

#### 2.3.3.4 - Gosto pela literatura e participação na revista O Seminário

“Sempre gostei de escrever”, afirma Battistella. Com efeito, toda a sua vida esteve intimamente ligado à leitura e à escrita: no seminário, como Redator da revista *O Seminário* e no

<sup>140</sup> Registra os nomes: Luis Schröder, contra-mestre, ao qual se deveu grande parte do aparato cênico e a quem o teatro devia relevantes serviços; Adolfo Gallas (no palco e no tiroteio), Estanislau Malmann (no tiroteio), F. Steffen, bedel (no tiroteio), A. Etges e Ody (tambores), B. Beuren e Spengler (cornetas); F. Steffen, Carvalho, Kieling, na ornamentação do salão.

<sup>141</sup> Dispomos deste registro: 9.9.1929 – “Hoje foi um dia meio endiabrado. A encrenca que o Troener andava suscitando entre os filósofos para derrubar o teatro ‘Zriny’ lhe valeu uma reprimenda do Pe. Monsaert e um dia de silêncio. O Trocourt quis se retirar também e então eu me impus e decidi pôr em pratos limpos a coisa. Exigi do Basso que fosse explicar a encrenca ao Pe. Monsaert. Foi também o Wagner, bedel-filósofo. O padre tomou a decisão e por cima impôs ao Trocourt de aceitar o papel”.

<sup>142</sup> *Diário Íntimo* – 21.10.1929.

<sup>143</sup> *Diário Íntimo* – 04.04.1930.

<sup>144</sup> BATTISTELLA, Mons. Vítor. *Painéis do Passado – História de Frederico Westphalen*. Frederico Westphalen: Gráfica Marin Ltda., 1969, p. 95.



seu *Diário Íntimo*, no apostolado através de mil maneiras (costumava escrever as prédicas e esquemas de suas preleções, registros de *Livro Tombo*, cartas, impressões de viagens), mais tarde sem cargo contínuo, com mais tempo, dedica-se a escrever livros<sup>146</sup> e esporadicamente artigos para semanários locais. Conhecedor da língua materna, dotado de um estilo literário suave, não precisava de rascunho. “Suas idéias vinham aos borbotões”, lembra o seu ex-coadjutor Pe. Orestes Trevisan.

Esta vocação de beletриста também foi cultivada com muito carinho no período de Seminário. Durkheim, de quem vimos nos valendo há tempo, na sua análise da pedagogia jesuítica, mostra fartamente como nela o exercício ativo exigido do aluno, além da lição de memória, era o *tema escrito*<sup>147</sup>, que, depois, foi herdado pela Universidade e se perpetua até nossos dias. Na aula de retórica – continua – fazia-se diariamente pelo menos um exercício de composição, quer em prosa, quer em verso. “Ao mesmo tempo em que os Jesuítas queriam manter os alunos sempre ocupados em escrever, faziam questão também de que a diversidade dos exercícios prevenisse a saciedade”.<sup>148</sup>

Com os jesuítas de São Leopoldo não era diferente. Um ex-seminarista, e depois coadjutor do Pe. Battistella, Pe. Luis Sponchiado, recorda como seu mestre insistia nas aulas de redação que era “para dar pasto para a imaginação”. Os historiadores de corte inaciano atestam: “A todos, seminaristas menores e maiores, era proporcionada chance para iniciar-se nas atividades literárias”.<sup>149</sup> Para tanto, os superiores criaram revistas, com o objetivo de incentivar a atividade artístico-literária e, também, tornar conhecido o Seminário no mundo leigo. Houve diversas: no Seminário Menor – *Perilampo*, *Cabo Verde*, *Tribuna Juvenil*, *Vozes da Mocidade*. Para o cultivo dos talentos literários em potencial, os filósofos e teólogos tinham oportunidade no *Farol* e no *Der Brummbär* (O Rosnador), *Ecos Acadêmicos*. Em 1926, finalmente, vem a lume a mais importante de todas as revistas editadas por filósofos e teólogos de São Leopoldo, na qual Battistella teria destacado papel: *O Seminário*. Com quatro a cinco edições ao ano, destinava-se a todos os Seminários do Brasil. Grande parte de suas despesas, informa BOHNEN e ULLMANN, pagavam-na anúncios de casas comerciais de São Leopoldo e de Porto Alegre. Sua finalidade era imprimir um espírito de união entre todos os candidatos ao sacerdócio por

---

<sup>145</sup> Idem, ibidem, p. 94.

<sup>146</sup> Livros foram três, a saber. BATTISTELLA, Mons. Vítor. *Painéis do Passado – História de Frederico Westphalen*. Frederico Westphalen: Gráfica Marin Ltda., 1969, p. 95. BATTISTELLA, Mons. Vítor. *A história de Taperá*. Campo Real (Não Me Toque): GESA, 1973. BATTISTELLA, Mons. Vítor. (org.) *Congresso de Ação Social Rural em Frederico Westphalen*. Porto Alegre: Livraria do Globo: 1953. Os artigos e demais escritos, que pudemos elencar, encontram-se no Inventário, anexo no final.

<sup>147</sup> DURKHEIM, op. cit., 229.

<sup>148</sup> Idem, p. 232.

<sup>149</sup> BOHNEN e ULLMANN, op. cit., p. 254.

este Brasil afora, conforme seu significativo lema: “*Ut omnes unum sint*” - Para que todos sejam um.

Pois, como já disse, é nesta revista que Vítor vai aprimorar sua veia literária e sua capacidade de coordenação. Testemunhas daquele tempo lembram que este “Órgão dos Seminaristas” transformava-se em campo de luta, onde os alunos se degladiavam, cada um querendo mostrar mais preñado no manuseio da pena, esforçando-se ao máximo para assinar artigos comovedores, valentes; vazados no melhor português, com direito a rebusqueios e explorando ao máximo a “última flor do Lácio”. Entre estes, destacam-se Luiz Vítor Sartori, que foi um dos fundadores e o primeiro Diretor do periódico, em 1926, e Vítor Battistella. Coincidentemente, os dois Vítor, muitos anos depois, vão irromper em novas lutas e disputas, ocasionando de ambas as partes muitos desencontros e dissabores.

Ao analisarmos as confidências que Battistella deixou no seu *Diário Íntimo*, evidencia-se que também nesta atividade de direção da revista enfrentou outros tantos problemas, angústias, embates. Num registro, de meados de 1929, fica nítida a sua vocação jornalística; após ler com avidez os *Osservatore Romano* e *Corrieri della Sera*, sonha: “Ah! se um dia chegasse a escrever assim e fundar um jornal deste nível!... Quão longe anda a nossa modesta revistasinha. Mas, adiante! Um passo após outro. Aqueles escritores também não nasceram tais. Tornaram-se talvez a custa de uma tenacidade inaudita. Meu Deus, ajudai-me”.<sup>150</sup>

Os altos e baixos proliferam. A 30 de julho do mesmo ano, informa que correu voz entre alguns dos redatores que o Provincial sob segredo andou declarando a um “Bruder” que, para o ano, a revista ficaria suspensa, devido especialmente aos “incidentes” ocorridos. Não podemos saber o que houve. Mas, reflete:

*Esta notícia a falar verdade, de um lado me agradou, pois gostaria de estar para o ano livre de todos estes embaraços e cuidados e dar-me todo à preparação ao sacerdócio. De outro lado não gostaria, pois com isso sempre se aprende a língua e mais, sou responsável perante os seminaristas.*

O atraso da revista, que era impressa na Capital e vinha pelo porto, era um martírio. Mas, depois de vê-la, compensava: “Chega o 4º nº da revista. Esplêndido como o 3º. Não me canso de o olhar! Esses triunfos me tornam ambicioso e me preocupam constantemente a alma, pois penso sempre no modo de conservar a revista como está e de melhorá-la”.<sup>151</sup>

No ano de sua ordenação, 1930, apesar das ameaças, continuou na direção: Mas lhe surgem duas novas dificuldades: “neste ano tenho muito trabalho e não posso me ocupar muito

<sup>150</sup> *Diário Íntimo* – 10.5.1929.

<sup>151</sup> *Diário Íntimo* – 19.9.1929.

com a revista; parece que querem excluir da redação e expedição os filósofos. Isso seria irremediável”.<sup>152</sup>

As anotações, geralmente imprecisas e resumidas, indicam que Vítor desejava criar ou alterar os Estatutos da revista, no que não era secundado pelos superiores. Pois, embora sendo um órgão dos seminaristas, constava no frontispício *com aprovação eclesiástica*.

27.04.1930 – *O 1º nº que ainda não chegou me fez perder a paciência. Escrevi ao Pe. Kolling uma carta... A passeio fui com o Vasconcelos... e falamos sempre das coisas da revista e lhe contei as encrencas velhas e novas. Resultado: achei que devia acabar de vez, como protesto e represália, com a revista. À noite fiz roda com o Viero e o Was-towski e ficou mais ou menos deliberado gastar-se todo o fundo de reserva nos números deste ano e suspender a publicação.*

Contudo, no dia 30, quando chega enfim o primeiro número de 1930, transmuda-se: *“Belíssimo, esplêndido! Uma vitória. Entusiasmo indefinível no qual quase reprovoo a decisão de cima... Entretanto sei eu quanto trabalho e tempo essa publicação me vai custando”*.

Isto posto, podemos passar a analisar os escritos de Battistella em *O Seminário*. Interessante anotar que ele assina com o pseudônimo *Viriato Taperense* e uma vez Vitor Battistella e outra Battistella. Ao que parece, antes de ser Redator-Chefe, em 1929 e 1930, ele tomava “parte assídua do corpo redatorial da revista”.<sup>153</sup> Com efeito, consta que, em 1928, “ficou constituinte do corpo redatorial da Revista como Redator efetivo”.<sup>154</sup>

**1928 – “S. Francisco de Assis Brasileiro”.** Este artigo, que consta no nº 2, ano III, p. 38-39, datada de 28 de março de 1928, enfoca a pessoa do Fr. Joaquim do Livramento. Um trabalho:

*Na galeria dos homens que mais honraram a nossa pátria pela elevação de espírito e de coração, destaca-se a figura de Frei Joaquim do Livramento. Alma talhada pela Providência nos moldes da caridade heróica, que leva o indivíduo à abnegação mais completa de si mesmo para viver todo para o próximo por amor de Deus, é ele com razão intitulado o São Francisco de Assis Brasileiro. Francisco, por refletir fielmente as virtudes do santo humilde e pobre; brasileiro, porque filho desta terra generosa que de Norte a Sul sentiu o bafejo vivificador do seu zelo operoso e infatigável!*

**1929 – “A Tiara e o ‘Fascio’”** – Consta do número 1, ano IV - 1929, p. 3-4. Aparece com o pseudônimo “Viriato Taperense”. Sua elaboração foi envolta de agitação e custou crítica

<sup>152</sup> *Diário Íntimo* – 20.3.1930.

<sup>153</sup> BATTISTELLA. *Painéis do Passado*, op. cit., p. 6.

<sup>154</sup> *O Seminário*, ano 3, nº 2, 1928.

cas ao autor, sendo tachado de “mussolinista”. Adiante, voltaremos a tratar dele, haja vista que é de relevância para este estudo.

**1929 – “Celebrando o dia do trabalho (1º de Maio) –** Sob o mesmo pseudônimo, o número 2, do ano IV – 1929, páginas 45 e 46, Battistella elaborou este escrito. Falaremos mais adiante sobre este escrito.

**1929 – “Só anathemas” -** Versa sobre o valor da imprensa. Encontra-se no número 4, ano IV - 1929, p. 1.

*Dotai as massas de leituras sadias, de orientação moldada nos princípios da ordem e da disciplina e tereis um povo morigerado e trabalhador. - Ponde-lhe, ao contrário, nas mãos jornais, livros, folhetos que decantem despidoradamente a “poesia” do vício, que condenem ao pelourinho tudo o que é sagrado, que desacreditem a autoridade; que promovam, numa palavra, o reinado da desordem, e tereis criado um exército de maltrapilhos sem freio, que a qualquer momento e sob qualquer pretexto, a voz de improvisados demagogos, não temerão erguer a grita de revolta contra os poderes legitimamente constituídos, e em bandos assanhados, animados do espírito de Satanás, invadirão templos e palácios, assassinarão aos gritos de - Viva a liberdade! - sacerdotes e magistrados: penetrarão no sacrário das famílias, não lhe respeitando a santidade, entregar-se-ão a toda a espécie de depredações e em tropel fascinioso se lançarão à escaldada dos Capitólios.*

**1929 – “Visões de S. João Chrisostomo” -** A visão triunfalista da igreja é a mentalidade que perpassa este artigo que foi estampado, com o pseudônimo de “Viriato Taperense” na Revista *O Seminário* (nº 5 e 6, p. 144, out.-nov. de 1929). Teremos oportunidade de analisá-lo daqui a pouco.

**1929 – “Zriny” -** Este artigo, assinado por “Battistella (mestre-cena)” está inserido na Revista *O Seminário* (ano 4, nº 5 e 6, out.-nov. 1929, p. 151-153). Já tivemos ocasião de comentá-lo acima.

**1930 – “No cenário da discórdia” -** Estampado novamente com o pseudônimo “Viriato Taperense”, ano 5, nº 4, agosto-setembro 1930, p. 103-104. O autor já antevia onde o país ia desembocar: no Golpe que levará Vargas ao poder. Adiante trataremos dele.

**1930 – “Recordações do Passado” –** 1930, ano V, nº 4, p. 104-106. Que fala de seu tempo de reservista – fato tratado adiante.

Este exercício literário, além da parte da organização de uma revista, serviu muito para o apostolado do futuro sacerdote. Nunca mais iria deixar de escrever, revelando-se um bom escritor, e que sabia usar esta arte para doutrinar, emocionar, convencer, defender-se e... reprimir e ameaçar.

## 2.4 - Crise vocacional

Partindo-se das informações contidas no seu *Diário*, podemos dizer que, pelo menos naquele biênio, não constam crises na sua vocação. Havia, sim, momentos efêmeros de preocupações sobre como seria seu futuro como sacerdote, aliás, às vezes com escrúpulos, como vimos. Como este:

*Pensei várias vezes no sacerdócio que já se aproxima achando-me, me parece, tão pouco preparado!! Meu Deus, ajudai-me! Maria, mãe minha, neste mês das flores que hoje começa quero ser-vos mais fiel e devoto. Obtende-me vós a graça e ajudai-me a me santificar para me poder ao menos tornar um sacerdote menos indigno!...*<sup>155</sup>

E tudo indica que via com naturalidade a desistência de colegas. Quando abandonou o seminário o Mário Villanova ficou pouco impressionado: E contemporizou: “Andei pensando na seriedade da vida sacerdotal e na necessidade de me santificar e robustecer na vocação e na fé pela oração para não fracassar no futuro”.<sup>156</sup>

Mas não foi exceção, sofrendo também sua natural crise ou crises vocacionais. O próprio Vítor, bem mais tarde, nos narra um episódio de crise. Consta numa conferência pronunciada no salão nobre do Edifício da Ação Católica em Santa Maria, em fevereiro de 1951(?), a convite da Comissão Organizadora do Congresso Mariano, versando sobre a Pia Obra das Vocações Sacerdotais. Estavam presentes o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, o Arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer; o Bispo de Santa Maria, Dom Antonio Reis, e quase todo o clero secular e regular da diocese de Santa Maria. Daí a linguagem um pouco mais elevada e técnica do que a costumeira.

*Minha crise da vocação sobreveio durante o 4º ano ginásial [1922] em São Leopoldo. Assenhorou-se de mim por completo durante meses, dando-me a ilusão plena de que eu não tinha vocação e faria muito melhor viver no mundo. Terríveis dias! Perdi totalmente o gosto pelo estudo e pela vida seminarística e só pensava em casa. Entretanto rezava muito. Minha oração predileta era a do Espírito Santo e Nossa Senhora do Bom Conselho. Pedia orações aos meus da família. Parecia nada adiantar, e um dia aí pelo mês de julho, o próprio Padre Espiritual, o bom Pe. Diebbels, que conhecia todos os detalhes da borrasca, me aconselhou a desistir do seminário, dando-me ordem de escrever aos pais marcando o dia do regresso.*

Foi quando o Reitor, o Pe. Lütgen, informado do caso, o mandou chamar. Vítor assentou-se defronte a ele. E ouviu: “Como?... Você está querendo ir para casa?... Não, meu filho. Você não vai para casa. Eu estou convencido que você tem vocação e que será um bom padre. Fique este resto de ano. Não pense mais nas suas dúvidas. Estude, reze bastante, brinque como

<sup>155</sup> *Diário Íntimo* – 01.05.1929.

se nada fosse. Nas férias, se a crise continuar, ficará em casa. Mas, não deve sair agora...”. O jovem sentiu profundo alívio.

*Fiz como o Reitor pediu. A cerração foi dissipando. Voltou o sol e a alegria. Fui para as férias e nem sequer falei de ficar em casa. Hoje, sou padre, bom ou mau, não sei. Já tenho 22 anos de sacerdócio. Apesar dos trabalhos, cruces, calúnias e contradições próprias de toda a vida sacerdotal, sinto-me feliz e não troco minha vocação por nenhuma outra do mundo.*<sup>157</sup>

Concluí dizendo que muitas vocações havia salvo, contando este simples episódio e recomendando calma e serenidade. Sobressai o fato de ver as cruces, calúnias e contradições como naturais para o exercício do sacerdócio; ou seja, as vicissitudes que de quando em quando pipocavam sua vida, eram encaradas pelo padre como elementares a sua opção de vida, vista como uma batalha, como um eterno e ferrenho combate. Tanto melhor assim, pois o pouparia de choques angustiantes que poderiam ameaçar qualquer vocação.

## 2.5 - Serviço militar

Ainda no período seminarístico, Vítor participou de outra atividade que, por certo, lhe deixou marcas indeléveis: o serviço militar. À severidade da casa de formação – que já frisamos – associa-se, agora, a disciplina e outros ingredientes típicos da caserna. E, a contar pelas suas recordações, foi um tempo que deu saudades e nostalgias! Talvez a vida sob o controle dos membros da Companhia de Jesus o tinham já deixado refratário às pesadas normas do Quartel e aos incômodos dos exercícios e manobras militares. De outro lado, as atividades de reservista bem podiam ser encaradas como espaços de fuga da monotonia do seminário.

Deste tempo dispomos da *Caderneta Militar do Exército Brasileiro – 1ª Linha*. Battistella entrou na 2ª categoria.<sup>158</sup> Pelo *Regulamento do Serviço Militar* nela contido, podemos saber como funcionava naqueles anos. Diz que a duração da obrigatoriedade do serviço no exército é dos 21 aos 30 anos de idade no exército de 1ª linha, ou nos centros preparadores de reservistas de 2ª categoria; mas há a ressalva de que, por motivos de interesse público, poderá o Governo adiar ou antecipar o licenciamento. Ao reservista da 1ª e 2ª categoria era obrigado, pelo Art. 16, letra “c”, “a dois períodos de manobras ou de outros grandes exércitos (R.M.E.), de duração máxima de quatro semanas cada um, sendo o primeiro até os 25 anos de idade e o

<sup>156</sup> *Diário Íntimo* – 23.11.1929.

<sup>157</sup> *A Obra das Vocações alma do apostolado sacerdotal, e os meios de torná-la conhecida, difundida e amparada na paróquia*. Datilog. p. 6.

<sup>158</sup> A segunda categoria era formada pelos cidadãos instruídos militarmente, entre outros, os que tenham recebido instrução militar nos tiros de guerra, associações e estabelecimentos de ensino, etc. e aí adquirido a caderneta de reservista. Regulamento, Art. 13, In: *Caderneta Militar*.

segundo dos 25 aos 30 e a comparecer uma vez por mês em qualquer linha de tiro, para fazer durante 2 anos somente até aos 25 de idade os exercícios de uma classe de tiro”.

A 17 de abril de 1925 – com 21 anos – foi matriculado na escola de soldados da E. S. M. 89, localizado no Seminário Provincial de São Leopoldo. Já os dados de identificação foram preenchidos em 4 de novembro de 1925, pelo 2º Sargento Instrutor Murillo Marques. Vejamos os dados: Folha de identidade 8063; altura - 1,78; cor – branca; cabelos – claros (!); barba – imberbe; bigodes – idem; olhos – castanhos; boca – regular; rosto – redondo; nariz – grande; lêm? – sim; escreve? – sim; conta? – sim; Outros sinais – “um pequeno defeito natural no olho direito”.

Interessante esta última observação, pois ficamos sabendo que Battistella possuía somente um olho que enxergava, fato que guardava sob segredo absoluto.

Nas declarações, entre outros dados já conhecidos, consta que nasceu em 13 de janeiro de 1904, profissão estudante, é vacinado, e sabe nadar “pouco”.

No item *Aproveitamento na Instrução*, consta que a 12.12.925 foi aprovado com grau 2,2 nos exames, ficando considerado reservista de 2ª categoria do Exército de 1ª linha. Era capitão José Ricardo de M. Veiga Abreu.

No item *Outras alterações*, vê-se que a 15-12-925 prestou o juramento à bandeira perante a comissão examinadora. Abaixo consta: “O detentor da presente caderneta compareceu dois anos consecutivos à Linha de Tiro, conforme determina a letra e do artigo 16 do R. S. M. Não completando porém os 24 exercícios devido ao mau tempo. Quartel em São Leopoldo, 31 de dezembro de 1927. Abrahão Gregorio de Carvalho Vaira – 2º sargento instrutor”. E a 8 de dezembro de 1927, ficou encerrada a caderneta, “visto o detentor ter satisfeito as exigências regulamentares”. Seguindo determinação, vemos também na Caderneta os registros (selos) que, nos anos de 1941, 1942, 1943 e 1946, já Pe. Vítor, compareceu ao 8º depois 9º D. R., na Prefeitura de Palmeira.

Conservou-se, também, deste período, a *Caderneta Individual de Tiro pertencente ao reservista Victor Battistella*, onde aparecem os gráficos de “Tiro real á distância real”, sendo o primeiro a 18.09.1926 e último a 8-10.9.1927. 1927. Mas, não passou de posição, errava muitos tiros ao alvo!

Outros detalhes do dia-a-dia do Serviço Militar podemos saber pelo Artigo “*Recordações do passado*”, inserido na revista *O Seminário* (agosto/set. 1930, ano V, nº 4, p. 104-106), assinado por “Viriato Taperense”, que oferece “aos reservistas de minha turma (1923-1925), da Escola de Instrução Militar nº 89 – Seminário de São Leopoldo”. Descreve os movimentos da tropa, arma ao ombro, avançando garbosamente ao rufar dos tambores, coluna por dois aqui,

escalonado-se ali, desdobrando-se em colunas por quatro mais adiante. Ao sargento Murillo Marques de Oliveira, que comanda e acompanha em todas as evoluções, refere-se como “um bravo soldado de quem guardamos respeitosa memória, um exemplo de seriedade e correção militar (...). Atencioso sem descer à condescendência, mostrava-se intransigente quando se tratava da disciplina”. A certa altura a nostalgia prevalece:

*... Oh, como me lembro com saudade daqueles tempos. Éramos uns 65 rapazes e servimos no tiro três anos a fio, devido aos tempos da inquietação política que então reinavam para o Rio Grande, que vivia em lutas fratricidas. Também por este motivo foi que a princípio só pudemos dispor de uns trabucos, sistema fuzil, mas enferrujados e da pior espécie, e só no 3º ano, depois de repetidas instâncias, é que nos foram remetidas armas tipo moderno.*

Os exercícios de menor estilo eram feitos no pátio do Seminário. Frequentemente saíam à rua com destino a algum lugar mais aberto, adequado aos exercícios de campo.

*...e lá se iam aquelas esperanças da pátria percorrendo as ruas sob o olhar curioso da gente da cidade que, ao ouvir o rufar característico dos nossos tambores e os floreios dos corneteiros - por algum tempo os tivemos, mas depois foram considerados uma espécie de anacronismo e deixados - não podia abster-se de meter o nariz fora das janelas para apreciar aquela mocidade em flor que ali vinha, passo cadenciado, trazendo n'alma dois ideais, os mais belos que existem: Deus e Pátria. - Aquela gente, bem como o nosso sargento, gostava de nos ouvir cantar e nós, que do nosso repertório conhecíamos as canções que mais lhe iam ao sabor, fazíamos ecoar nossas vozes - havia boas e havia ruins - comum entusiasmo indescritível. (...). Chegara, entretanto, o mês de dezembro do terceiro ano, e nada sabíamos ainda de positivo sobre os nossos exames. - O seminário fechou e com a nossa presença ficou transformado numa espécie de quartel. E tão verdade é isto que alguns até aventaram a idéia de montar guarda às portas de entrada, para melhor compreensão do serviço de segurança. Víamos com tristeza sair os nossos colegas, mas, aos poucos fomos nos reanimando e constatamos, enfim, que muitos males vêm para bem, mesmo se considerados só sob o ponto de vista natural.*

Fato incomum e paradoxal para nosso protagonista taciturno, aqueles dias de taverna, se afiguraram dias de férias e das melhores.

## 2.6 - Ordenações

A partir de 1927, Vítor foi recebendo as várias *Ordens*, menores e maiores, degraus que culminariam no presbiterato. Antes de tratar delas, vejamos como via sua preparação para o passo final de sua ordenação. Em 1929, como já dissemos, muitas preocupações perpassavam a cabeça, do tipo:

*Convenço-me cada vez mais que em mim deve haver alguma coisa que não deveria haver. Sinto-me tão vazio de saber e de virtude, i. é, de vida interior, que me parece inau-*



*dito chegar o ano que vem ao sacerdócio. Atribuo em grande parte isso à minha inconstância. Não sou homem de princípios e de firmeza de caráter como deveria.*<sup>159</sup>

6.10.1929 – *Sinto que ainda não possuo o verdadeiro espírito sacerdotal. Tenho uma certa levandade em todo o meu modo de sentir e de pensar e de agir. Não possuo firmeza de convicção e de caráter. A chave para alcançar tudo isso creio que só está na oração.*

É recorrente, aliás, esta inconstância e angústia. Em julho do mesmo ano, nota novamente que não tem um caráter formado e definido, “*pois um momento resolvo uma coisa, depois esmoreço para logo depois tornar a abraçá-la ou tomar outra; um dia sem energia e vontade*”. Retoma os propósitos de lutar contra este mal: “*Preciso ir adiante até conquistar posições seguras...*”. Evidencia-se que o candidato seguidamente pensava seriamente no sacerdócio que o esperava. Quando ouviu de um colega o caso de um padre que saiu do mesmo seminário em que estava e sentia-se sem fé já na primeira missa, ficou entristecido e meditou sobre o futuro.

Já no último ano, a julgar pelas anotações, não se repetem tão freqüentemente estas recaídas e depressões; pode-se dizer que há um amadurecimento e mais estabilidade emocional. Para o que certamente concorreu o falecimento de seus pais. Dia primeiro de 1930, em férias: “O primeiro pensamento que me acode ao levantar é que 1930 é o meu último ano de estudo e que pelo fim deste ano serei, *Deo adjuvante*, sacerdote. Sinto-me impressionado e tomo propósitos salutareis”. “A vida do seminário corre serena e boa. A diferença com o ano passado é como da noite para o dia”.<sup>160</sup> 13.1.1930 – Alfredo Chaves – férias: “*Hoje completo 25 anos. Já sou moço feito e um terço da minha vida se foi. Agradeço a Deus todas as graças que me tem dado e peço-lhe humildemente perdão pelas omissões e ingratidões que contra Ele tenho cometido.*”

Já neste tempo, Vítor havia recebido algumas Ordens Menores. Conforme o *Registro sistemático das Ordenações do clero secular – 1908 – 1954*, no dia 11 de junho de 1927, recebeu a Ordem Menor da *Tonsura*.<sup>161</sup> O cerimonial, que contou com outros treze colegas, foi presidido pelo Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, na Capela Central do Seminário – aliás todas as ordens foram conferidas pelo mesmo prelado e no mesmo local. A Tonsura simboliza a coroa de espinhos de Nosso Senhor. Símbolo da realeza do sacerdócio em que se inicia o clérigo, o corte do cabelo simboliza o desprezo das vaidades terrenas e dos bens caducos do mundo; o sacrifício dos cabelos sob a tonsura do pontífice lembra ao clérigo que sua vida será

<sup>159</sup> *Diário Íntimo* - 6.12.1929.

<sup>160</sup> *Diário Íntimo* - 21.6.1930.

<sup>161</sup> *Registro sistemático das Ordenações do clero secular – 1908 – 1954*, fl. 6, nº 148. Também conforme o “*Registro cronológico das ordenações do Seminário provincial (1924-1940)*”, p. 24A, 27, 31, 38. In: Arquivo da Província do Brasil Meridional dos Jesuítas – Porto Alegre – RS.

também um sacrifício contínuo. Os cabelos são cortados em forma de cruz para mostrar que a realeza do clérigo se exerce pela cruz e com Jesus crucificado.

Exatos dois anos depois, o tonsurado lembrou o fato e registrou: “Este pensamento me impressionou. Sei que aquela vez andei muito bem disposto e fervoroso..., mas fui bastante inconstante e não fiz os progressos espirituais que deveria... o sacerdócio já vem próximo... Contudo tenho a vontade séria de me santificar e luto contra mim mesmo. Deus me ajudará”, suplica.<sup>162</sup>

No ano seguinte, a 28 de maio, recebeu mais duas ordens: *Ostiarato e Leitorado*, junto com 18 colegas. Pelo Ostiarato é conferido o ofício de abrir e fechar a porta da Igreja e convocar o povo para a Missa. Já o Leitorado confere o poder de ler a Sagrada Escritura na igreja e catequizar o povo.

As ordens de *Exorcista e Acólito* recebeu, simultaneamente, a 19 de outubro de 1928, com outros 14 clérigos. Neles é conferido ao minorista o poder de expulsar os demônios – pelos Exorcismos da Igreja – e, pelo Acolitado, é conferido o ofício de ajudar a Missa.

No ano de 1929 não registra nenhuma ordenação. E não sabemos o porquê desta travada, que é sentida pelo próprio Battistella, em abril de 1930, onde registra:

*Ordenações de diáconos, meus colegas. Eles vão adiante e eu e o Pollom ainda somos apenas minoristas... Não se fez nenhuma manifestação, porque o Pe. Luis acha que se deva queimar Incenso só aos presbíteros e assim o meu breve discurso preparado para um “improviso” ficou na ponta da vassoura.*<sup>163</sup>

É possível, já que, pela sua vontade, Vítor receberia o quanto antes a ordenação, que houvesse problemas com o seu superior, que era de Santa Maria. Aliás, nesta época, Santa Maria estava sem Bispo, estando no seu lugar, como Vigário Geral, o Mons. Luis Scortegagna. Este, no mesmo abril de 1930, envia carta ao seu seminarista taperense, falando-lhe da possibilidade de receber o subdiaconato no próximo mês de junho.<sup>164</sup> O que não acontece. Mas, a expectativa aumentava e sabia-se que estava próximo o grande momento da primeira ordem maior, pois, em meados de agosto, o curso tirou fotografia oficial de novos padres, o que deu razão para mais um rusga-rusga. Só porque o Vitorino teve o desprazer de aparecer de capa romana para tirar foto sozinho. “*Esse papel ridículo me indignou que foi barbaridade. Aliás é já um mês que não fala mais comigo, nem eu com ele, por causa do incidente na mesa em torno do Viecceli. Ele meteu bronca e eu rebati*”.<sup>165</sup>

<sup>162</sup> *Diário Íntimo* – 11.06.1929.

<sup>163</sup> *Diário Íntimo* – 5.4.1930.

<sup>164</sup> *Diário Íntimo* – 13.4.1930.

<sup>165</sup> *Diário Íntimo* – 13.8.1930.

Mons. Scortegagna, ávido por novos padres, desloca-se, em setembro, até São Leopoldo para visitar seus vocacionados e tratar de suas ordenações. *O Seminário* registra o fato:

*27.9.1930 - O Seminário hospeda o pró-Vigário Capitular de Santa Maria, Mons. Scortegagna. S. Excia., por seu caráter franco e amável, fez-nos passar momentos saudosos de interessante palestra. Ficou no dia 28, com uma sessão acadêmica em homenagem aos Mártires Canadenses e S. Roberto Belarmino. No fim, Mons. Scortegagna terminou a bela sessão com palavras sinceras e entusiásticas, agradando a todos.*<sup>166</sup>

No dia seguinte, dá-se a conversa entre o superior e nosso biografado, que vai desembocar na decisão que vai determinar o futuro de nosso biografado. Eis o que nos legou no seu *Diário*:

*Entretive-me bastante com ele. É um ótimo sacerdote, camarada e amigo. Deu-me a entender que eu como o **Pollon ficaremos lá por cima e disse-me que tem um jogo pela cabeça e que... me preparasse** [grifo nosso].*<sup>167</sup>

O que quer dizer com o enigmático “ficaremos lá por cima”? Acontece que, ainda em fevereiro, Mons. Scortegagna havia recebido uma comissão de líderes de Barril (desde 1928, na elevação a distrito, Frederico Westphalen), pleiteando um padre para a comunidade que crescia rapidamente – fatos de que trataremos no próximo capítulo. E via no futuro padre o “escolhido”. O próprio Battistella, trinta anos depois, recordar-se-á deste fato, que esclarece o processo histórico em análise:

*Em setembro do mesmo ano [1930] Mons. Scortegagna visitou o seminário de São Leopoldo, reuniu os seus seminaristas, entre os quais eu estava, para uma festinha íntima na chácara do seminário. Falando sobre sua diocese contou-nos que havia visitado Barril, colônia nova, de gente boa, de grande futuro e que se tinha comprometido enviar um padre forte, disposto e “guapo” de andar a cavalo. Não podia eu sonhar que este padre seria eu mesmo e que a sorte me reservava para primeiro vigário de Barril.*<sup>168</sup>

Outro fato que entra em cena é que neste tempo corria como certa e oficial a notícia da criação das dioceses de Passo Fundo, Vacaria e Caxias, o que causara “grande júbilo entre os seminaristas”.<sup>169</sup>

Coincidentemente, um dia antes do estouro da Revolução de 30 - 3 de outubro -, o Reitor trouxe de Porto Alegre a data fixa das ordenações: Subdiácono – 30 de outubro; diácono e presbítero em 1º e 30 de novembro. Dia 14 seguinte, começa o “santo retiro” para o subdiaconato e diaconato que se prolonga até 18. Faz uma confissão geral das faltas desde o retiro de

<sup>166</sup> *O Seminário*. 1930, Ano V, nº 5 e 6.

<sup>167</sup> *Diário Íntimo* – 28.9.1930.

<sup>168</sup> BATTISTELLA, *Painéis do Passado*, op. cit., p. 49.

<sup>169</sup> *Diário Íntimo* – 25.6.1930.

1929 e se acha em muita paz e tranqüilidade e cheio dos ideais do sacerdócio, o que, aliás, não lhe é raro acontecer.<sup>170</sup>

Mas que nada, depois do café da tarde de 22, são chamados pelo Reitor que os avisa que o subdiaconato seria daí a dois dias; informava a data do diaconato e do sacerdócio - 4 de novembro:

*Foi um verdadeiro Alarme, um embrulho. Fomos fazer logo a profissão de fé e o juramento antimodernista, muito comovidos. A impressão que tive de tudo foi que vou assumir uma função cheia de responsabilidade. E tão elevada que me sinto pequenino e incapaz de as suportar. Despachei logo 5 fonogramas: Florindo, Dr. Avelino, Mons. Teixeira, Linda, Izeta. Razão da precipitação pensa-se que seja a ausência de muitos padres.<sup>171</sup>*

Lembremos que alguns padres estavam acompanhando as tropas revoltosas do Sul, em marcha ao Centro. Quanto ao juramento anti-modernista, trataremos adiante. A apreensão pelo acontecimento deve-se ao fato de o subdiaconato ser a primeira ordem maior: confere o poder de ministrar ao Diácono na missa solene e cantar solenemente a Epístola. Quem a recebe fica obrigado perpetuamente à reza do breviário e a guardar a castidade por toda a vida. Na celebração – explica o ritual -, o subdiácono cai prostrado, simbolizando a morte para as coisas terrenas. É um ato de suprema adoração a Deus e inteira dedicação ao seu serviço.

Enfim o esperado dia da ordenação:

*Fico ordenado subdiácono. Sentia grande ânsia e temor em ter que dar este passo. Mas dei-o com firmeza, rezando muito e entregando-me a Deus, a Maria e ao meu Anjo da Guarda. – Recebi notícias pormenorizadas do João Basso sobre as encrencas sobre herança entre a minha gente. Ainda está tudo em foco. Fiquei tristíssimo.*

Infelizmente é a última anotação do seu *Diário*, que até aqui nos guiava. Mas, recorrendo ao Arquivo dos Jesuítas em Porto Alegre, podemos saber que recebeu esta ordem maior de Dom Becker, na Capela do Seminário Menor, com mais 8 colegas.<sup>172</sup> Quatro dias depois, recebeu a ordem do *Diaconato*, com mais cinco colegas. O coroamento, por fim, de toda essa caminhada foi em 4 de novembro, quando recebeu a ordenação presbiteral, junto com 10 colegas, desta vez na Capela Central. Tendo em vista que por diversas vezes Battistella se refere a esses colegas, indicando apenas o sobrenome, é útil colocar aqui a nominata: Afonso Flach, Bernardo Malmann, Estanislau Malmann, Guilherme Maschio, Luis Pritsch, Estanislau Pollon, Fernando Steffen (seculares); Pedro Luis Bottari, Rafael Pivetta e Fioravante Trevisan (palotinos).

<sup>170</sup> *Diário Íntimo* – 14.10.1930.

<sup>171</sup> *Diário Íntimo* – 22.10.1930.

<sup>172</sup> *Livro Registro Cronológico...* op. cit. Subdiaconato: p. 31, nº 79; diaconato: p. 31, nº 80; presbítero: p. 31, nº 81.

Já a primeira missa solene teve lugar na igreja matriz do Curato de Na. Sra. do Rosário da Pompéia de Tapera, a 9 de novembro de 1930, junto com seus irmãos, parentes e a comunidade que se regozijou com seu primeiro seminarista. Foram padrinhos Dr. Avelino Steffens e esposa Leonora – um dos primeiros médicos do local e cidadão de notável destaque social, tendo, inclusive, auxiliado financeiramente o afilhado. Após a cerimônia, ao meio dia, houve festivo almoço, com muitos convidados, no *Hotel Sarturi*, de seu padrinho de batismo José Sarturi.

## 2.7 - Estréia no ministério pastoral

Recém ordenado, Pe. Vitor recebeu a primeira tarefa como padre, sendo nomeado Vigário Cooperador da paróquia de São Sepé. Aí teve a satisfação de trabalhar ao lado do Pe. Mario de Luy, que desde 1903 se encontrava à testa da paróquia. Era de origem francesa, mais idoso. Conquistou inúmeros merecimentos e as simpatias de todo o povo. “Sua mão caridosa – consta – distribuía as espórtulas entre os pobres da Freguesia. Construiu diversas capelas na campanha. Em 1934 foi nomeado monsenhor”.<sup>173</sup>

Além do fato de ser um sacerdote exemplar, a quem cabia acompanhar e orientar os primeiros trabalhos apostólicos dos padres novos, parece, segundo nos informou o Pe. Fiorindo Grassi – ex-seminarista do biografado –, outro fator que levou a esta nomeação foi o fato de ser necessário que aprendesse a cavalgar, visto que, como vimos, o seu destino era na extensa região do Alto Uruguai.

Deste primeiro estágio, que abarca o ano de 1931, dispomos apenas de um artigo, extraído de um jornal de Santa Maria, com o título “*De São Sepé - Ecos das festas de 24 de Outubro*”. Trata-se de uma calorosa preleção proferida no Grupo Escolar local, por ocasião dos festejos do primeiro ano da Revolução que levou Getúlio Vargas ao poder e que derrubou o presidente Washington Luís, no dia 24 de outubro de 1930. Pelo seu conteúdo, pode-se ver a posição do religioso frente à Revolução, de que trataremos mais adiante.<sup>174</sup>

---

<sup>173</sup> Faleceu na Cúria, piedosamente, a 22 de outubro de 1947, aos 83 anos de idade e 55 de sacerdócio exemplar. Cf. RUBERT, Arlindo. *A Diocese de Santa Maria*, p. 49. Preservou-se uma carta do ex-pároco de São Sepé ao seu ex-coadjutor: Santa Maria 30 de Março 1943. Ilmo. e Revmo. Pe. Vitor Battistella. – Cumpro em primeiro lugar o grato dever de saudar fraternalmente a Va. Revma. A quem almejo todos as bênçãos celestiais. – Acabo de receber o seu magnífico trabalho: “Recenseamento da parochia de Barril comemorativo do décimo aniversário de criação” e venho comovido lhe agradecer essa gentil remessa. Admiro o seu esforço, aliado a uma tenacidade bem rara e tudo quanto o zelo apostólico de Va. Revma. vem pondo em prática para salvação das almas de seus dignos paroquianos. – Com a segurança da minha mais sincera estima e consideração subscrevo-me. – De V. Revmo. Irmão humilde e servo dedicado em Jesus Cristo. – Mons. Mario Deluy

<sup>174</sup> *De S. Sepé – Ecos das festas de 24 de Outubro*. O recorte não traz o nome do jornal, nem a data, mas deduz-se pelo seu verso que é de Santa Maria.

Mas o rumo da história era outro. Ao cabo de um ano, foi transferido para outra função. A população de São Sepé não gostou, pelo que se deduz de um artigo do mesmo jornal – intitulado “*De S. Sepé*”, também sem data – onde consta:

*Daqui foram passados vários telegramas ao Bispo de Santa Maria sobre a transferência inesperada do padre Vítor. - Entre eles se destaca o telegrama seguinte, passado por intermédio do monsenhor Luiz Scortegagna, vigário geral do Bispado: - Remoção inesperada, brusca, padre Victor Baptistella, coadjutor da paróquia, causou desoladora impressão fundo pesar, seio família católica tanto vila como distritos município. Sacerdote virtuoso, trabalhador infatigável, dedicado extremo seu sacerdócio, não podemos atinar motivo remoção, vem prejudicar gravemente interesse religião desta paróquia, além causar desânimo, diminuir fervor religioso seus habitantes e geral descrença permanência doutro coadjutor nesta paróquia já importante e trabalhosa. - Cordiais saudações. Seguem-se cento e dez assinaturas.*

Pelas indicações, o padre já havia granjeado a estima da comunidade, que lutava para não perdê-lo. Confirma-se o fato pela homenagem de despedida, oferecida pelo Apostolado da Oração, que consistiu numa “lauta mesa de chá e doces” que se realizou na residência da Sra. Ritoca Simões Pires. Em nome do Apostolado da Congregação Mariana, o advogado Manoel N. Simões Pires, que presenteou ao religioso uma estola e outro mimo; falando também a Senhorita Nilza Matta Kieling.<sup>175</sup> “O padre Vítor – continua a notícia – comovido, agradeceu todas essas homenagens e concitou a todos que continuassem a acatar o Padre Mario Deluy, que há 29 anos está governando esta paróquia e que observassem verdadeiramente os mandamentos da Igreja”. No dia seguinte foi rezada em homenagem ao que partia uma missa solene, com cem comunhões, seguida de uma homenagem pelas crianças do catecismo. Com efeito, este período marcou a vida de nosso biografado, pois, além de guardar estes artigos citados como lembrança, lembrou dele no seu *Testamento*, nestes termos: “*Lugar muito especial tem neste momento no meu coração e na minha lembrança os meus estremecidos paroquianos de São Sepé e de Barril. Ao longo dos anos e de tantos trabalhos nos conhecemos, estabelecemos amizade e confiança mútua*”.<sup>176</sup>

Após este primeiro estágio, foi designado coadjutor de Ivorá, permanecendo porém, por apenas um mês. A Paróquia de Ivorá era bem diferente da de São Sepé: esta em região da cam-

<sup>175</sup> Encontra-se no arquivo particular de Mons. Vítor uma folha datilografada, sem data e local, mas que, como somente uma vez o religioso deixou uma paróquia, deduz-se que seja desta ocasião. Diz: “Exmo. e Reverendíssimo Padre Vitor. Talvez que a linguagem muda das flores que vos ofereço em nome de minhas companheiras, exprima com maior relevo do que a minha palavra aquilo que sentimos de pesar pela vossa partida. – A limpidez de vosso caráter, o devotamento com que cumpristes o vosso dever de sacerdote, a inquebrantável fé que demonstrais nos destinos da religião católica, e a pureza de vossos sentimentos fez do povo religioso de minha terra um dedicado admirador de vossa reverendíssima. – Imploraremos ao Senhor vos assista sempre em todos os momentos de vossa existência para que mais se robusteçam a vossa fé, e a vossa coragem para enfrentardes as contrariedades que soem assaltar aqueles que cumprem sem tibieza os seus deveres. – Tenho dito.....”.

panha, aquela de serra; esta colonizada por lusos, aquela imigrantes italianos; esta com a economia baseada na pecuária latifundiária, aquela na agricultura minifundiária. Da mesma forma, o pároco, Mons. Deluy, destacava-se pela piedade e brandura; já em Ivorá imperava o Mons. Humberto Busato: italiano, desde 1918 na paróquia. “É incalculável a soma de realizações e os méritos que conquistou.... Além de acendrado zelo pastoral, manifestou sempre particularíssimo interesse pelas vocações sacerdotais, quer encaminhando para o Seminário numerosos meninos, quer auxiliando generosamente sua formação”.<sup>177</sup>

De fato, um paralelo entre Mons. Busato e Mons. Battistella revela muitos pontos em comum (dinamismo, caráter enérgico, espírito empreendedor, envolvimento em fatos políticos – mas nesse caso em campos diferentes -, enfrentamento de muitas lutas e obstáculos...), mas não podemos maximizar este período, pois, além de ser curto, apenas um mês, parece que não estivera todo o tempo juntos, pois Pe. Vítor informa que, “em cartão que me mandou das Águas do Mel, onde se encontrava em estação de banhos, Mons. Umberto Busatto, pároco de Ivorá, dava-me suas impressões sobre o ‘maravilhoso vale do Rio Uruguai’”.<sup>178</sup>

E era neste vale que logo partiria, para ser o primeiro pároco de Barril e lá ficar o resto de sua existência. Mas esta é outra história, que ainda veremos adiante.

## CAPÍTULO 3

### PENSAMENTO POLÍTICO

Glória a Pio XI, sol da nova manhã da Igreja Católica!

*O Seminário*, 1929.

Sinto que esse homem [Mussolini] exerce uma influência muito grande sobre mim, a qual pode ser-me útil ou prejudicial.

*Diário Íntimo* – 1929

Aqui tudo é pelo Getúlio.

*Diário Íntimo* – 1929

<sup>176</sup> Dispomos de duas versões, com pequenas variações, do Testamento: uma que ficou com o Arquivo Pessoal; e outra que entrou no Tabelaionato de Pedro Cañellas em 30.08.1966, e aberto em 20.06.1973. Existe ainda o “*In Memoriam*”, impresso pela Gráfica Marin, que traz partes do texto original. Aqui é do original, p. 3.

<sup>177</sup> RUBERT, Arlindo. op. cit., p. 109. Mais detalhes do Mons. Busato em: RUBERT, Hélio Adelar. *O Segredo de um monsenhor*. Santa Maria: Pallotti, 1982; e BELLINASO, Severino T. *Ivorá 100 anos de história 1883-1983*. Santa Maria: Pallotti, 1984.

<sup>178</sup> BATTISTELLA, Mons. Vítor. *Painéis do Passado*, op. cit., p. 67.

Três líderes se destacam e parecem sintetizar o pensamento de Vítor Battistella, a partir da literatura por ele produzida no período de Seminário: São eles, o Papa Pio XI, Benito Mussolini e Getúlio Vargas. Aqui cabe analisar as fontes inspiradoras dessa postura, ou quais as correntes de pensamento ou grupos que defendiam seus postulados e avaliar o grau de adequação à ortodoxia da igreja católica, permitindo visualizar se o pensamento que o clérigo - seminarista maior e primeiro estágio de apostolado – elabora está no senso comum ou traz algo de inusitado. Esta análise, que se circunscreverá unicamente à produção literária de nosso biografado, cotejado com outros historiadores, ao nosso ver, servirá para detectarmos os temas-eixo de seu pensamento e, assim, melhor compreendermos a ação pastoral e política, assunto dos próximos capítulos.

### 3.1 - Pio XI – e o ultramontanismo

Nada há de extraordinário em um seminarista ou neo-sacerdote mostrar-se servil e admirador ao chefe da Igreja a que pertence. O contrário seria espantoso. Mas, neste gesto e na forma como o faz, traz subjacentes alguns aspectos que, para nosso estudo, tornam-se relevantes. E como Battistella tratava a figura do Papa?

Na Revista *O Seminário*, nº 1 de 1929, aparece um artigo sob o pseudônimo de Mons. Vitor, “Viriato Taperense”, intitulado “A tiara e o fascio”. Sua elaboração foi envolta de agitação e custou críticas ao autor. A 14 de abril de 1929, escreveu no seu *Diário Íntimo*, que estava incomodado por se ter feito com pouco interesse e entusiasmo a celebração do Acordo Romano. Queria dar a entender isso na crônica e protestar. Mas, não tinha certeza disso, receava que o repreendessem depois.

E, de fato, da parte dos colegas, passou por “mussolinista”. Quanto a esta segunda figura que entra em cena, Mussolini, trataremos a seguir como outro ícone na concepção de Battistella.

Eis o panegírico que elabora aos dois ídolos, ainda sob frenesi entusiástico do histórico Acordo Romano<sup>179</sup>:

*A quadra que atravessamos, poder-se-ia chamar com razão uma epopéia de júbilos incontidos e das mais gratas satisfações. É que a justiça triunfou sobre a iniquidade, fazendo aparecer à luz meridiana do século XX, o celebrado acordo romano, esta criação luminosa da diplomacia sapientíssima de Pio XI que forma ao mesmo tempo o laurel mais lídimo do Fascismo, representado no seu “Duce” imortal.*<sup>180</sup>

<sup>179</sup> Também chamado “Concordata de Latrão”, de 11.02.1929, entre Pio XI e o Duce, onde o governo italiano reconhecia a soberania do Papa sobre o Estado do Vaticano e dava à Igreja italiana uma posição privilegiada em termo escolares e matrimoniais.

<sup>180</sup> *O Seminário*. São Leopoldo, ano IV, nº 1, p. 3-4, 1929.



O articulista apóia-se no órgão oficial do Vaticano, o *Osservatore Romano*, que chamou de hora solene aquela em que se efetuou o memorável acontecimento. E desfila um rosário de razões:

Hora solene para Roma que destarte se vê colocada na estrada que a grandes passos a levará ao seu antigo esplendor!

*Hora solene para a Itália, o jardim invejado da Europa, a “Alma Mater” da civilização, que na aurora de seu novo dia, não podia já suportar no tricolor amado o labéu do 70, impresso pelo cinismo maçônico, para desonra de suas gloriosas tradições. - Hora solene para a Europa que assim pode assinalar uma conquista a mais na arena do direito e da justiça! - Hora solene para o mundo católico e para todos os homens de bom senso por se ter infligido uma tremenda humilhação à seita negregada da maçonaria, aborto nefasto da humanidade!*

Exposta a relevância do fato, volta-se para seu protagonista, o Papa Achille Ratti, em palavras prodigiosas de louvação:

*Glória a Pio XI, o Pontífice sábio, último na galeria dos papas, mas igual a seus predecessores na constância com que salvaguardou os sagrados direitos da Sé Apostólica, erguendo alto protesto contra a usurpação dos manequins do 70, até alcançar enfim esta vitória pacífica que lhe laureia de fulgor a veneranda frente!*  
*Glória a Pio XI, que, por este triunfo da justiça, vem pôr na maior evidência a vitalidade fecunda da Igreja! - Quando um papa é lançado em ferros e arrastado por entre os apupos da canalha revolucionária, na Cadeira da Verdade surgem Pontífices gigantes que assombram os povos. - Pio IX, Leão XIII, Pio X, Bento XV e Pio XI reinaram após o cataclismo da Brecha de Porta Pia e foram astros de máximo fulgor no céu do catolicismo. (...). Glória a Pio XI, sol da nova manhã da Igreja Católica!*

O personagem em apreço, Pio XI (1857-1938; foi Papa de 1922 a 1939), é descrito pelo historiador eclesiástico Pierre Pierrard como “um homem atarracado, vivaz, autoritário, prodigiosamente inteligente e culto, só havia exercido por cinco meses uma função pastoral; sua carreira fora a de um diplomata e de um sábio”.<sup>181</sup> Notabilizou-se pela sensibilidade aos progressos, criando a estação da Rádio Vaticana (1931) e a Academia Pontifícia das Ciências (1936); e também instituiu a festa do Cristo-Rei. “Esse Papa, – continua Pierrard – que tanto falou e escreveu – além de trinta encíclicas, deixou um milhar de atos oficiais -, não era um doutrinário. Seu idealismo levou-o a oferecer a todos os católicos condições jurídicas suficientemente sadias para permitir-lhes cumprir seu papel na sociedade”.<sup>182</sup>

Mas, talvez o maior motivo do panegírico acima não seja a pessoa de Pio XI, mas por ele ser papa e por ser italiano. E este seguimento inquestionável ao papa é marca do *ultramontanismo*.

<sup>181</sup> PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 263.

*tanismo*<sup>183</sup>, onde podemos enquadrar o autor das linhas acima. Azzi ensina que os ultramontanos “professavam fidelidade inquestionável ao pontificado romano, aceitando simultaneamente o projeto de dar às expressões de fé católica características ‘universais’, embora na realidade fossem todas originadas da própria tradição romana”.<sup>184</sup> Os ultramontanos também defendiam o primado da autoridade espiritual sobre o poder político, a primazia da fé sobre a ciência, bem como a incompatibilidade da Igreja com a sociedade moderna laicizada.

Esta mentalidade está explícita nas colocações acima e fica arrematada na conclusão do artigo *A tiara e o fascio*:

*É que o papado participa por excelência dos dotes galardoados por Cristo à sua Igreja que quanto mais sofre e é perseguida tanto mais cresce e prospera. Onde tomba um mártir da nossa fé ali brotará uma pujante floração de crentes. Onde se tenta ofuscar uma estrela, ali assomarão sóis.*

Aqui o autor já invade o campo da eclesiologia, ou seja, a sua visão ou modelo de igreja que defende<sup>185</sup>. E esta visão é corolário da imagem do papa, que acabamos de ver. A mentalidade que Vítor fazia da Igreja podemos conhecê-la através de um artigo que foi estampado, novamente com o pseudônimo de “Viriato Taperense”, no mesmo órgão dos seminaristas de São Leopoldo, intitulado *Visões de S. João Chrisostomo*.<sup>186</sup>

De início, o autor explicita sua fé numa igreja que comunga da natureza divina, denominando-a de “divina instituição”, dizendo: “A Igreja foi dotada por Jesus Cristo de todas as prerrogativas de firmeza e indestrutibilidade de que carece em sua missão salvadora através dos tempos”.

Como provas, elenca a luz da história, as solenes promessas do Redentor e a própria finalidade da Igreja. Recorre a uma visão de São João Crisóstomo:

*... Nada há como a Igreja! Não me faleis em armas e fortalezas! As fortalezas o tempo as consome, mas a Igreja nunca envelhece; as fortalezas caem desmanteladas sob os golpes dos bárbaros, mas a Igreja nem pelos demônios pode ser vencida! - Quantos abalroaram já contra a Igreja e tombaram aniquilados! A Igreja, ao invés, ergue sua frente até os Céus, e isto é sua grandeza. Triunfa quando guerreada e fulgura mais resplandecente quando ultrajada! Cobrem-na de feridas, mas jamais a vencem, envolvem-na vagalhões, mas jamais submerge. É batida por tempestades, mas nunca naufraga,*

<sup>182</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>183</sup> A designação católicos ultramontanos deriva do fato de que, a partir da ótica francesa, o poder do papa, cuja sede era em Roma, situava-se além das montanhas dos Alpes, ou seja, *ultra-montes*.

<sup>184</sup> AZZI, Riolando. *O estado leigo e o projeto ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 7.

<sup>185</sup> Sobre os modelos de Igreja, veja-se, entre outros, BOFF, Leonardo. *Igreja, Carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1982, 3ª ed., p. 17 ss.

<sup>186</sup> *O Seminário*. São Leopoldo, ano IV, nº 5 e 6, p. 144, 1929.

*luta e combate sem sofrer jamais derrota! - E porque é que Deus permite estas lutas? - Para que mais estrondosa seja sua vitória...*

E mais adiante acrescenta que “não há nada mais forte que a Igreja! tua espada, tua salvação, teu refúgio é a Igreja, ela é mais sublime que os Céus e mais vasta que a terra, jamais envelhece, mas é animada de juventude e força perene”.

Agora faltava expor, segundo o raciocínio do religioso, como os fatos históricos da evolução da igreja vêm ao encontro desta visão, de uma igreja invencível, “una e santa”, única “arca da salvação”.

*E, com efeito a Igreja tornou-se uma potência mundial. Nascida para a grandeza, para crescer e cobrir a terra com os benefícios da verdade haurida à sombra tutelar Da Cruz, ela acolheu em seu materno seio Gregos e Romanos, Bárbaros e Gentios, fazendo ecoar em breve sua voz de um continente a outro, chamando todos à salvação, ensinando a todos as veredas do Céu. - Sem meios termos, defendida a princípio apenas por homens fracos, obteve sua independência através de lutas e assaltos; consolidou-se depois com meios espirituais e temporais, insinuando-se sempre mais na vida dos povos. E na obscuridade em que se viu obrigada a viver sua primeira vida, surgiu para as grandes obras da civilização, desenvolvendo todo o potencial de sua atividade e deixando em tudo e em toda a parte o cunho de sua eficiência: na vida do povo, nos costumes, na educação, nas artes, e nas ciências.*

Sobressai ainda mais uma instituição invencível, que derrota os obstáculos que o inferno lhe interpôs, como as heresias e os cismas. A igreja, nesta concepção, é incólume ao tempo, atemporal, é sempre jovem, sempre virente, sempre galharda. “Ampara os homens no berço, protege-os na vida, conforta-os na morte, transmitindo a todos seus filhos os benefícios de sua vitalidade, rica de bênçãos, de paz e de esperança”, finaliza.

Como xeque-mate, o autor faz um paralelo entre a instituição católica e as demais, no objetivo de mostrar a diferença, e daí fazer ver a sua natureza transcendental:

*Enquanto as monarquias se desmoronam e as instituições humanas sucedem abaladas por mil vicissitudes, a Igreja Católica permanece de pé, com a sua capital romana, com os seus sumos hierarcas, com seus bispos, presbíteros e diáconos, com sua Cruz Redentora, com seu Credo, com seu Padre Nosso e Ave Maria, com seus Concílios, com suas Escrituras, com sua doutrina, com seus Sacramentos, com seus mistérios, com sua Missa, com seus dias de guarda, com sua catequese, com suas pregações, com sua disciplina, com seu celibato, com seus religiosos e religiosas, com seus pobres, com suas virgens, com suas igrejas e basílicas, com seus altares, com sua liturgia, com seus cânticos, com suas imagens, com seus vasos sagrados, com suas relíquias, com seus milagres, com seus santos, com suas grandiosas instituições, com as benemerências incalculáveis dos seus Dogmas e da sua Moral! - Nada há, pois, como a Igreja, porque só ela é a arca do Novo Testamento, só ela não se abate, só ela não se dobra, só ela não morre, porque imortal, filha da Imortalidade mesma que é Deus!*

Importa salientar que esta concepção é a base, o alicerce que permite erigir toda a construção posterior do discurso e prática de nosso biografado. No momento em que fica estabelecido que a instituição pertence à esfera divina, que goza de suas qualidades, isso implica o mesmo que dizer que ela não pode ser objeto de contestação, questionamentos... Mais ainda, a sua natureza, per si, associada à perfeição de Deus, importa que a forma como está é a certa, a ideal; portanto não permite mudanças, transformações. No momento em que busca através da história, a “imortalidade” da instituição, está implícita a mentalidade não de que a Igreja não enfrenta problemas e sofre com eles – lembremos que à época do escrito, 1929, verificavam-se em diversas partes do mundo perseguições e conflitos com nações –, mas, sim, que esses revezes não representam nada a mais do que abrolhos semeados pelo inferno e que serão removidos fatalmente, pois a vitória sempre será da Igreja. E por fim, que à Igreja também cabe aperfeiçoar as instituições não só espirituais, mas as temporais, profanas, aí incluída a política e seus mecanismos.

### 3.2 - Benito Mussolini – o *italianismo*<sup>187</sup>

É impressionante a admiração que Battistella, no período de Seminarista, à luz dos seus escritos, dispensou ao *Duce* italiano Mussolini. O que é compreensível em se tratando de pessoa que reúne diversas características que, para nosso biografado, eram as magnas virtudes, tais como, ser italiano, homem carismático, do tipo “salvador da pátria”, estar alinhado com a Igreja, valorização da moral, nacionalista, apreço à autoridade.

Ao que tudo indica, a gota d’água desta admiração, quase adoração, irrompeu por ocasião do *Acordo Romano* (11.02.1929), que permitiu que Vítor desse vazão a este sentimento. Nas férias, em Tapera, fez ensaios de cantos para a missa e festa do Papa pela solução da *Questão Romana*, comemorada lá aos 11 de março de 1929.<sup>188</sup> Provavelmente este forte empenho, associado ao fato de o vigário de Tapera não ser da mesma nacionalidade é que causou novo desentendimento, quando o vigário teria taxado o seminarista de *italianista*.<sup>189</sup>

<sup>187</sup> Optamos por esse termo por entendermos que expressa mais que *italianidade*, que se limita ao vínculo étnico, ao passo que *italianismo*, ao nosso ver, designa, além desse sentimento atávico, a faceta da elaboração de um pensamento sistematizado, de uma ideologia, e a prática de ações – militância - em defesa da Itália.

<sup>188</sup> *Diário Íntimo* - 20.4.1929.

<sup>189</sup> 1.7.29 – “À tarde escrevi uma longa carta ao Pe. Polycarpo, meu vigário, sobre as encrencas do povo de Tapera contra os Franciscanos, nas quais também eu e o Dionysio nos achamos envolvidos. Defendi-me da acusação de ‘italianismo’ que dito Frade levou contra nós ao Pe. Reitor no fim das férias.” 6.8.1929 – “Recebi resposta do Pe. Polycarpo. Mostra-se um tanto sentido e explica as acusações que me fez: a) parece-lhe que apoiamos mais ao povo que aos padres; b) não assistimos missa em Selbach; e) não lhe apresentamos o atestado, e não nos despedimos dele. Diz que não disse mais. Mas como é então que os Superiores aqui me avisaram de que fomos tachados de ‘italianistas’?”

Já no Seminário, como vimos, dois meses depois do dito acordo, escreveu no seu *Diário* que estava incomodado por se ter feito com pouco interesse e entusiasmo a sua celebração.<sup>190</sup> E veio o artigo “A tiara e o fascio”, já mencionado; e veio também a conseqüência esperada.

*A crônica sobre a festa do Papa, bastante picante, embora feita sem má vontade, fez desabar sobre os redatores o furor do Pe. Monsaert, de noite, depois da ceia, na sala de redação. Tachou-a de crítica acerba, falou dos deslizes dos números passados e predisse anátemas do Reitor, do Provincial e do Arcebispo e a supressão da revista e demitiu-se do cargo de censor eclesiástico.*

Dizendo falar a verdade, num caso raro, admite que ficou assustado e ressentido; e foi então, acrescenta, “que experimentei o que quer dizer ser responsável”. Como já sabemos, esta celeuma não deu em nada mais do que numa admoestação do Reitor, recomendando prudência. Além disso, o estudante ouviu dizer que também entre os rapazes houve certo alarme: “acreditam que escrevi aquilo para rebater a frieza dos teutos na celebração destas festas. Pelos olhares e pela expressão do rosto de alguns noto o que lhes vai na alma. Resolvi, diante disso e se me sair bem dessa, nunca mais dar ocasião a tais incidentes...”.<sup>191</sup>

Este culto ao *Duce* se amplia em junho de 1929, quando recebe do Pe. Irineu Mascarello o livro *Dux*: “Li alguns trechos do livro e vendo a energia e o passado de luta de Mussolini fiquei cheio de altivez e entusiasmo eu também”. Mas ele tinha consciência da influência que estava exercendo:

*Renovei o propósito de caprichar na minha formação e cultura. Um discurso de Mussolini, reacendeu-me entusiasmos e ideais. Mas devo tomar cautela para que isso não exerça algum influxo nocivo à minha vida e formação **espiritual-clerical**. Devo ver, sentir e pensar com a Igreja. Das lições dos homens devo tirar o que for útil à minha formação e à minha futura missão.*<sup>192</sup>

Na continuidade da leitura vê-se num dilema: “Sinto que esse homem exerce uma influência muito grande sobre mim, a qual pode ser-me útil ou prejudicial, conforme me souber utilizar daquelas lições de vigor, tenacidade, desassombro e altivez, sem sentido bom para minha missão que será da paz e da religião”.

Noutros registros, podemos ver a sintonia ou convergência de ideais entre os dois. Da leitura de “*Dux*” concluiu: “O que mais me impressiona é a coragem, a altivez, o desassombro, a abnegação levada por vezes até o sacrifício por ideais que para o *Duce* eram nobres, dignos,

<sup>190</sup> *Diário Íntimo* - 14.4.1929. Também consta, a 28.4.1929 – “Empenhei-me para que se lesse, como de fato se leu, no refeitório, o tratado político entre a Itália e a Santa Sé”.

<sup>191</sup> *Diário Íntimo* -17.6.1929.

<sup>192</sup> *Diário Íntimo* -14.7.1929.

sagrados, a saber, a salvação, a prosperidade, a grandeza moral e material da pátria e da sua raça”.<sup>193</sup>

Ao finalizar a leitura, em fins de julho, admite ter recebido impressões ainda mais fortes. E irrompe um arroubo de obstinação: “Sinto - escreveu - que essa leitura me transforma noutro homem e o que agora sinto deveras é de ter aproveitado tão mal o meu passado. A estas horas poderia ser muito mais do que sou. Contudo quero ver se não recuperarei de qualquer forma o que perdi. A batalha que comecei prossegui-la-ei e ela me levará á vitória. Eu quero! E Deus me ajudará”, acredita.

Este fascínio não era exclusividade de Battistella, tendo alguns colegas com o mesmo posicionamento, embora não extremados. Num Passeio Grande de 1929, em um grupo com o Bottari, Mario, Noal, Wastowski, Vítor leu-lhes os melhores trechos do “Dux” e um dos discursos do Duce ao fechar o Acordo Romano. Depois dele o Bottari era quem mais admirava o ditador italiano. E justifica:

*ambos o fazemos não por capricho ou fanatismo, mas porque, aspirando a elevados ideais, sentimo-nos arrastados pelas soberbas lições de energia, desprendimento, constância e dedicação deste homem genial. Anatematizamos um artigo do Soares de Azevedo nas Vozes de Petrópolis tesourando com aspereza toda a obra de Mussolini baseando-se exclusivamente na carta de Pio XI. Vê-se que está eivado de prevenção contra a Itália e não escreve com são critério.*<sup>194</sup>

De outro parte, já nos referimos ao artigo “A tiara e o fascio”, onde esbanja laudatórias a Pio XI e ao *Duce*, ainda embalado pelo Acordo Romano, onde, a seu ver, “a justiça triunfou sobre a iniquidade, fazendo aparecer à luz meridiana do século XX, o celebrado acordo romano, esta criação luminosa da diplomacia sapientíssima de Pio XI que forma ao mesmo tempo o laurel mais lídimo do Fascismo, representado no seu ‘*Duce*’ imortal.” O acontecimento vinha ao encontro de um anseio de todos os filhos da Itália e saudosistas do seu tempo áureo.

*Hora solene para Roma que destarte se vê colocada na estrada que a grandes passos a levará ao seu antigo esplendor! - Hora solene para a Itália, o jardim invejado da Europa, a “Alma Mater” da civilização, que na aurora de seu novo dia, não podia já suportar no tricolor amado o labéu do 70, impresso pelo cinismo maçônico, para desonra de suas gloriosas tradições. - Hora solene para a Europa que assim pode assinalar uma conquista a mais na arena do direito e da justiça!*

Depois de glorificar o Papa, pergunta:

*Mas, e Mussolini? Vergonha àquele que, em obediência a preconceitos mesquinhos hoje lhe regateia aplausos! Se o passado em alguma coisa o desabona, o presente o exal-*

<sup>193</sup> *Diário Íntimo* -27.7.1929.

<sup>194</sup> *Diário Íntimo* -29.7.1929.

*ta! Se o passado foi de dúvidas, o presente é de certezas! - Que importa se seus defeitos são legião, quando do mundo inteiro lhe chovem palmas? - Que importa se lhe votam ódios profundos, rancorosos, se estes mesmos ódios são a característica mais palpável da sua grandeza? Que importa?!*

Percebe-se que o fã tinha consciência dos limites e reservas que a opinião em geral e particularmente a Igreja tinha do agora parceiro. Ato contínuo, o articulista busca emprestada uma passagem de Pandiá Calógeras em apreciação de uma instituição de ordem bem diferente da do Fascismo, mas que, para ele, modificada em sua aplicação, podia adaptar-se perfeitamente ao seu caso:

*É que um regime como o Fascismo dificilmente será julgado com ânimo isento de prevenções. - Admirado e exaltado por uns, denegrido e caluniado por outros; nesse vórtice de juízos contraditórios se evidencia o plano superior em que paira na história do pensamento moderno. - Não inspira tais ódios a mediania, nem provoca tanto endeuamento a banalidade. - Com efeito, o Fascismo é a surpreendente realidade que tirou a Itália de um cataclismo certo para pô-la na estrada de um risonho presente e de um futuro grandioso. E Mussolini é a figura mais extraordinária que haja aparecido no cenário da política contemporânea, a figura gigante que surgiu às margens do Tibre para coroar Rei o Pontífice e com o Pontífice tecer a coroa nobre que faz de Roma, da “Urbs” eterna, a capital legítima e altiva da altiva e formosa Ausonia, o foco donde irradia com maior fulgor e pureza o pensamento católico, a tribuna donde se dão lições magistrais de alta diplomacia, de justiça e de bom governo. - Para o governo fascista, disse ele, a justiça na administração não é uma fórmula vã abandonada às discussões teóricas dos juristas e sim um programa político concreto. - Diante de tamanhas realidades, rendamos graças ao Eterno, glória a Pio e palmas ao “Duce” Benito Mussolini.<sup>195</sup>*

Ressalta no texto um aspecto do caráter de Battistella, qual seja, o caráter prático, ativo, concreto, pragmático; pouco afeito a teorias, reflexões, elucubrações...

Vinculado a esta afinidade ao *Duce* está o gosto por tudo o que se refere à Itália, a sua Segunda Pátria. Esta preferência se evidencia em alguns registros seus. Em dezembro de 1929, recebeu a visita do Pe. Spengler, que lhe caiu no agrado, por ser muito jovial e farrista, sem exorbitar em seu exterior. “Seria ideal nesse ponto para uma colônia italiana. Sabe as três línguas, mas gosta mais do italiano que se adapta mais ao seu caráter, por ser maleável e belo”, acrescenta. Já dissemos do grupo de estudo da língua italiana, formada por Bottari, Viero, Wastowski, Ferrari, Hickmann, que falavam com ardor e eloquência no *dolce idioma*. “Numa alentada conversa com o colega Marin, em italiano, sobre livros e estudo do italiano, que o Pe. Giordani contou-lhe que o Papa, a professores e estudantes de Milão que o interrogaram, disse

<sup>195</sup> *O Seminário* - ano IV, nº 1, p. 3-4, 1929.

que recomendava, como livros melhores para o estudo, a S. Escritura, Dante e o Manzoni”<sup>196</sup>, curiosamente autores italianos!

Outro ingrediente deste italianismo é a visão ufanista da imigração da península para a América. O imigrante é visto como o herói, forte, valente, que deixa o seu País – como se fosse num gesto unicamente voluntário e despido de interesses – para lançar-se destemido para uma aventura, na qual traria progresso para o Brasil, tiraria o país do atraso e o guindaria para um porvir cheio de progresso. Esta mentalidade perpassa a carta que nosso biografado enviou do Seminário de São Leopoldo, em 1925, para a *Comissão dos Festejos do Cinquentenário e a todos os italianos de Tapera*, em que vimos, como estava profundamente impregnado da percepção que via nos filhos da Itália, os portadores da “*seme della civiltà*”, os forjadores da prosperidade, o exemplo de heroísmo, chegando ao exagero de dizer, textualmente: “*non troverà città dove non si conosca il valore italiano, non troverà paese, borgo e campagna dove regna sangue italiano che non siano ripieni d’attività*”

Este espírito italianista vai continuar a expandir-se na atividade subsequente do sacerdote, ocupando, inclusive, o cargo de agente consular da Itália, com uma viagem *in loco* para ver o milagre do fascismo; até que irrompe a grande Guerra, e Battistella vai se ver às voltas com problemas de ordem ideológica, por ver os planos caírem por terra, e de ordem prática, com conflitos lançados por elementos da Liga de Defesa Nacional. Tudo isso veremos detidamente no terceiro capítulo.

### 3.3 - Getúlio Vargas e a regeneração da Pátria

A terceira figura que emerge dos escritos de Battistella no concernente à política em amplo sentido é a de Getúlio Vargas. Este sintetiza, diferentemente dos outros dois que personificam a mentalidade quanto à Igreja e à segunda Pátria, a política em nível nacional. Sintetiza, outrossim, a política enquanto luta partidária, busca de cargos, formas de governar o país... Assim, nesta parte, poderemos ver como o primeiro pároco de Barril concebia o poder político enquanto espaço de disputa partidária e arena de confrontos e encontros de diferentes segmentos sociais.

Adiantamos que são poucas as informações diretas, neste campo, de que dispomos deste período. As que nos chegam são de forma indireta, o que mostra como a política, enquanto teoria e teorização pouco ou nada lhe interessava. Não que em certas épocas não aparecesse nas conversas. Como o registro em seu Diário, de 30 de outubro de 1929, onde comenta do entusiasmado bate-papo no Passeio grande sobre política. Acrescentando essas expressivas palavras:

---

<sup>196</sup> *Diário Íntimo* - 3.11.1929



“essa meio suja que se está fazendo em todo o Brasil pela sucessão presidencial pelos candidatos Getúlio Vargas – Júlio Prestes. Aqui tudo é pelo Getúlio”.

Neste tópico, nosso biografado já abriu o voto e a preferência. Um outro aspecto presente é uma análise ou visão negativa sobre a política (“suja”), o que não deixa de ser verdade, mas que pode ser entendida como pouca afeição pelo processo democrático da eleição, compreensível para alguém que pertence e defende uma instituição onde esta prática é inconcebida. Esta depreciação é recorrente, como nesta passagem da comemoração da proclamação da república: “O feriado de hoje foi frio como nunca. É que, vendo-se a anarquia em que anda o Brasil republicano, a gente não tem vontade de celebrar tais datas e gritar vivas”.<sup>197</sup>

Parece que Battistella estava ainda contagiado pelo movimento dos bispos, que manifestaram pouco entusiasmo diante da mudança do regime no Brasil, e passam mesmo a questionar a legitimidade ética da república. Como observa Azzi, “a contestação principal do episcopado ao regime republicano provinha do caráter leigo que o Estado passou a ostentar a partir de então. Os bispos consideravam a tese da laicidade do Estado como sinônimo de declaração de ateísmo, e por isso negam a legitimidade ao governo republicano”.<sup>198</sup>

Segundo a hierarquia, tratava-se de um Estado ateu que abocanhava uma pátria de profundas tradições católicas. Esta tese, depois de três décadas decorridas, permanecia bem viva na Igreja e nos padres, como teremos oportunidade de verificar ao tratarmos da luta do Pe. Battistella na questão do casamento civil e no ensino leigo.

Temos também neste tópico, nas expressões “política suja”, “república anarquizada”, uma outra característica ou postura da igreja hierárquica no Brasil neste período da primeira república, qual seja, a de formularem um quadro pessimista sobre a situação do país e do mundo. Nos seus estudos sobre os dirigentes da Igreja, Azzi concluiu que esse pessimismo já era marca do episcopado desde meados do século XIX. “Como no período anterior [Império], prevalece ainda entre os membros do clero a idéia de que as forças do mal estão invadindo o mundo gerando por toda a parte a apostasia e a imoralidade”.<sup>199</sup> Confusa e impotente – acrescenta o autor – diante dos novos valores que surgem em consequência das transformações políticas e sociais por que passa o país, a Igreja com freqüência denuncia a nova situação como alarmante e desesperadora.

Esta mentalidade fica translúcida no artigo que Vítor escreveu e estampou na revista *O Seminário*, com o pseudônimo de “Viriato Taperense”, na segunda metade de 1930 - portanto,

<sup>197</sup> *Diário Íntimo* – 15.11.1929.

<sup>198</sup> AZZI, op. cit., p. 23.

<sup>199</sup> AZZI, op. cit. p. 36. Também pode-se consultar LUSTOSA, Oscar F. *A Igreja católica no Brasil república*. São Paulo, Paulinas, 1991, p. 39 s.

nota-se, às vésperas do golpe revolucionário - sob o título *No cenário da discórdia*.<sup>200</sup> No início o autor adverte:

*Ponha-se uma nação poderosa e forte sob o domínio da discórdia. Vê-la-eis a breve trecho desarticular-se em toda a sua possante estrutura primitiva, desorganizar-se nas funções do seu governo, desorientar-se em todos os atos da vida pública, abandonada ao desequilíbrio de todas as suas forças como um organismo que se dissocia e desfaz pela dispersão das suas moléculas.*

E passa a pintar um panorama carregado de cores sombrias, enxergando perigos e ameaças em toda a parte:

*As paixões políticas de um lado, as preocupações partidárias do outro, os ódios de raça tumultuando por toda a parte, dão-nos esse mundo que aí vemos, cheio de rancorosas rivalidades, pronto a deflagrar em lutas fratricidas e a inundar de sangue a terra se o não detivesse o medo de ruínas irreparáveis. (...) - No palco, os homens de toga, às vezes bem intencionados, entretêm a platéia com promessas fagueiras de paz, com palavras balofas de colaboração mútua e por traz dos bastidores elaboram-se inteiros programas navais, votam-se enormes verbas para o aparelhamento e sustentação de forças de terra e mar. Sob semelhantes auspícios como pode vingar a concórdia? - No campo mais restrito das instituições sociais existentes no seio das nações, o terreno também vacila sob o peso dessa avalanche de princípios subversivos que rolam pelo mundo. Prega-se às escancaras a revolução, apresentando a autoridade como tiranete das massas, e engoda-se o povo com promessas de uma liberdade efêmera, conquistada a preço da conspurcação dos mais sagrados direitos de Deus e da consciência: o banimento da Religião e da moral. - Não! Responderão com invectivas e ameaças, zombarão, descrentes, das medidas do governo, e a qualquer hora estarão dispostos a apupar a autoridade. E isso é tão verdade que, conforme se está afirmando, jamais se fez sentir tão aguda a crise da autoridade como em nossos dias.- E não é tudo isso espírito de discórdia?*

---

<sup>200</sup> *O Seminário*. “No cenário da discórdia”. São Leopoldo: ano 5, nº 4, agosto-setembro 1930, p. 103-104.

E finaliza como que profetizando onde desembocaria o processo político em andamento: no Golpe revolucionário que levaria Vargas ao poder.

*Quanta parte tenha neste estado de coisas a grande família brasileira, constatamo-lo de tudo quanto vem sucedendo, de certo tempo para cá, sob o céu de nossa pátria. - Respira-se, onde quer que seja, uma atmosfera carregada de descontentamento, de inquietude e desconfiança. E não é isso uma prova de desarmonia, não é esse um sinal certo de que reina a discórdia no seio do país?*

A saída, a solução? Não pode estar em outro lugar senão na religião, na Igreja Católica:

*Deus nos acuda para que, reconciliados, voltemos a trabalhar, unidos em espírito e coação, pelo advento de uma pátria digna, engrandecida na escola da justiça, da ordem e da fraternidade. - Apelamos para a Religião Católica que é o único manancial e sacrário das grandes virtudes sociais. Preguemo-la aos responsáveis pela sorte do povo para que, revestindo-se do hábito da honestidade e da justiça, façam um bom governo. E pregamo-la também ao povo, antes de tudo ao povo, a fim de que, caldeando-se com o espírito de subordinação, e respeito, de disciplina, marche pelo caminho do dever e não estorve a ação dos governantes retos e bem intencionados.*

Fica patente neste texto a afinidade que o autor tinha com a estratégia dos bispos gaúchos da época: congregar, unir todas as forças católicas sob a ética da ordem e da obediência, como elemento importante para levar avante o combate contra as doutrinas adversárias, tanto filosóficas como políticas (liberalismo, socialismo).<sup>201</sup>

E note-se que a preferência de Battistella e colegas era flagrante por Vargas que foi derrotado, mas, mesmo assim, e apesar das fraudes que foram de parte a parte, era legítimo o Governo eleito. Aqui, a cartilha a ser seguida pode ser vista nas *Resoluções e Estatutos Provinciais* aprovados pelo episcopado do Centro-Sul do país, durante as conferências celebradas em São Paulo de 25 de setembro a 6 de outubro de 1910, onde ordena: “Ensinem a todos o respeito devido aos poderes constituídos, como depositários que são da autoridade de Deus, pois dele dimana todo o poder: inculquem o dever da obediência e submissão aos que governam, como representantes de Deus, tanto na sociedade civil, como na religiosa e doméstica”.<sup>202</sup>

Nesta ótica é inadmissível a subversão ou a revolução, embora, como veremos, quando fato consumado, devia ser tolerada e tirar-se proveito dela!

Outra nota que o texto *No cenário da discórdia* também evidencia é um elemento importante do pensamento eclesial da época, que é a descrição do momento como de guerra entre

<sup>201</sup> Comenta Riolando Azzi: “Na mente dos bispos, a disciplina e a ordem constituem elementos intrínsecos e essenciais da própria Igreja, e que devem ser preservados a todo custo, para que ela não desvirtue de sua finalidade. São valores indispensáveis para que a estrutura interna da Igreja não venha a ser abalada pela influência das ideologias liberais e pelo espírito democrático”. Op. cit., p. 41.

<sup>202</sup> Citado por AZZI, op. cit., p. 44.

o catolicismo e as outras formas de expressão religiosa, entre a verdade e o erro, entre o bem e o mal, entre a ordem/disciplina e anarquia/discórdia. O ambiente criado é de constante beligerância, no qual não há mínimo tempo de tregua, o que pode representar a perda da luta. Esta interpretação vamos encontrar num outro escrito de Battistella, *Só anátemas*, que veio a lume no mesmo periódico, edição de agosto/setembro de 1929. Inicia com estas palavras sintomáticas:

*Hoje, por todos e por toda a parte, na luta encarniçada que se vai travando entre as forças descristianizantes e cristianizadoras [grifo nosso], reconhece-se na imprensa uma fator máximo e decisivo. É ela que plasma e corrobora o pensamento moderno e mui poucos são os homens em nossos dias que procuram haurir nas elucubrações do espírito intuições próprias, ao menos de algum modo alheias às sugestões da imprensa. A agitação febril que invadiu quase por completo a sociedade, dominada pelo interesse, pela faina dos negócios, não lhe dá tempo para isso. Prefere-se manter-se ao nível do superficial, desprezando o esforço que procura, que indaga, que busca a verdade.*

Mais adiante faz contundente apologia da imprensa, colocando-a em meio a um verdadeiro combate, cujo texto vimos atrás. Pintada a cena dantesca provocada pela má imprensa, vaticina, que a tal ponto chegados, seria inútil invocar os princípios da justiça e da religião. O terreno longamente preparado pelos elementos malsãos rendera seus frutos, graças ainda aos perversos pendores da humana natureza.

Não encerra, sem antes voltar à conclamação costumeira:

*Não se trata de formar uma literatura; trata-se precipuamente de enfrentar as massas destruindo preconceitos nocivos, educando-as na escola do bem, criando-lhes o hábito da ordem, da disciplina e do trabalho, caldeando-as com os princípios sobrenaturais da religião, únicos garantidores do bem estar social e individual. Diante desta afirmação a boa imprensa deixa de ser uma profissão para revestir-se de caráter de legítimo apostolado, para o qual devem concorrer todos os bons se a este título querem fazer jus. Atitudes remissas, papéis equívocos, indolências culposas, improvidências inescusáveis diante de interesses tão sacrossantos, só merecem anátemas.*

Voltando ao relacionamento entre nosso protagonista e Vargas, vamos encontrá-los juntos numa visita deste a São Leopoldo, o que causou grande expectativa para a cidade. No registro do raro acontecimento, o seminarista escreve que todo o dia foi ocupado com a recepção e manifestação ao presidente do Estado. Houve muito povo, mas pouco entusiasmo. O seminário, porém, lhe pareceu que fez boa figura. O seminário menor, com seu uniforme bem decente, esperou-o lá perto do Carmo e fechando dentro de suas fileiras os dois automóveis dos graúdos acompanhou-os até perto da intendência com muito agrado do Pe. Reitor e do presidente. Já o “Seminário Maior ficou esperando na praça e muitos entramos com o povo dentro da sala da

intendência e apertamos a mão ao presidente que é muito amável. Devido aos atos oficiais a que teve que presidir, a saber: inauguração da nova usina e do novo hospital, visita ao quartel e colégio São José, churrasco e banquete<sup>203</sup>, não pôde vir ao seminário. Quase que vinha... até corri risco de ter que botar o discurso, por encomenda do Reitor e do bedel e de muitos outros, que elaborei às correrias... mas não veio, o que causou pesar entre nós, pois todos lhe votamos muita estima e apreço”.<sup>204</sup>

Apesar da impressão positiva que lhe causou, Battistella volta a mostrar a inferioridade das coisas da política frente às coisas do sobrenatural: “As festas de hoje - escreveu - fizeram-me ver a vacuidade das coisas da terra. Sai-se delas com a alma vazia e com uns graus mais na escala das desilusões. Não tem aquela significação, aquele perfume que nas festas religiosas satisfaz a alma e nos leva a nos tornar melhores, convencendo-nos de que não somos só para esta terra”.

Quanto ao esperado pleito, temos que no Natal do mesmo ano, estando em férias em Caxias do Sul, foi se qualificar para eleitor, ficando por receber o título dentro de alguns dias. Outro tópico significativo que mostra a preferência pelo candidato gaúcho do clero e certo fervor político é um fato ocorrido em 22 fevereiro de 1930, quando houve um churrasco em Tapera. Vítor ficou orador oficial, a pedido do Dr. Avelino. “Falei com sucesso sobre a concórdia. Falou mais o Dr., o Dionisio e o Pe. Osmari que foi muito apreciado por ter esboçado idéias sobre política e recomendado a candidatura Getúlio Vargas”.

A 1º de março tomou parte nas eleições. A experiência foi negativa e a impressão frustrante: “*Foi uma ladroeira vergonhosa e não achei nenhum gosto. Os chefes mesários, inclusive o Baggio, são uns canalhas*”, registrou.

Lembremos que Baggio era um líder local, o pioneiro do lugar, gozando de prestígio geral. Já de volta ao Seminário, Vítor vai ter que viver simultaneamente os fatos e boatos da revolução com os derradeiros dias de sua formação seminarística. Ainda em março, anota em seu *Diário*: “Assunto predileto na nossa ‘roda’: Bottari, Marin, Gallas, Viero, Pivetta, Wiest... , é a política e os boatos da revolução que parece estar iminente. Chega-se até a discutir sobre os diferentes planos da revolução, tropas, etc”.<sup>205</sup> A 27 de julho, “chegam-se notícias e pormenores em torno do terremoto de Nápoles e do assassinato do sr. João Pessoa, que são acolhidas com muito sentimento por todos”.

Deixemos o próprio expressar o modo como observou os fatos e seus sentimentos:

<sup>203</sup> “Perto da ‘Figueira’”, *Diário Íntimo* - 27.10.1929.

<sup>204</sup> *Diário Íntimo* - 17.11.1929.

<sup>205</sup> *Diário Íntimo* -30.03.1930.

**Dia 3 de outubro de 1930:** *Correm boatos de que arreventou a revolução, tendo-se unido o exército com a brigada do Estado. Na cidade pela tarde ouviram-se gritos e foguetes. - Dia seguinte:* *Agitação de espíritos. A revolução rebentou e diz-se que está triunfante, tendo recebido adesão do povo, da brigada e do exército. Já vão marchando para o norte. Chefes: Borges, Getúlio, Flores da Cunha, Osvaldo Aranha. Todo o Brasil está de pé. - Dia 6:* *Assunto obrigatório: a revolução. Durante o dia ouve-se o apito freqüente e lúgubre dos trens que passam levando tropas do exército, da brigada e civis voluntários que dizem ser em grande número. Hoje veio de Porto Alegre o nosso 8º batalhão que foi recebido entre orações e depois de uma volta pela cidade puxado pela banda, todos de lenço encarnado. - Dia 8:* *São esperados e lidos com extraordinária avidéz os jornais de fora cheios de notícias da revolução que marcha vitoriosa. Já se fala em 30.000 homens parte deles já atacou a polícia em 3 pontos de S. Paulo. – Por aqui a gente anda toda de lenços vermelhos no pescoço, fitas, etc. Muitos voluntários, entusiasmo louco. Estas preocupações estorvam o recolhimento que me seria necessário aproximando-me do sacerdócio. Ao sair do refeitório forma-se a roda e vá!! Uma prosa que não acabaria mais. – Mons. Scortegagna obteve do Getúlio permissão para que sacerdotes reservistas acompanhem as tropas como capelães. - Dia 12:* *Dias de intensa comoção pela marcha da revolução triunfante. A gauchada está toda em movimento. O Getúlio partiu para o ‘front’ esta noite. O Arcebispo enviou ao episcopado nacional e estrangeiro um manifesto vibrante de protesto contra as falsidades espalhadas pelo Catete sobre a conduta das nossas tropas e os boatos da campanha comunista aqui. Já partiu a 1ª turma de capelães: Pe. Zattera, Pe. Sartori, Pe. Carvalho, Pe. Scherer, Pe. Mascarello, Claudio SJ, Pe. Fernando SJ, Frei Gentil e Fr. Chrisostomo. De Santa Maria foi o Pe. Osmari, o Pe. Valentin Ferrari, Pe. José e Benjamin Busato.*<sup>206</sup>

**Dia 14:** *Ontem chegou a notícia da tomada de Florianópolis pelos revolucionários e da revolta das fortalezas Laje e Santa Cruz, do Rio. - Dia 24:* *Enorme e geral regozijo pelas notícias da revolta da esquadra, fortalezas e cidades do Rio e S. Paulo, prisão do Washington e Prestes. Passeata cívica à noite – foguetões às dezenas, discursos, delírio popular.*

Sobressai: Que estava relativamente bem informado do que acontecia, inclusive dos acordos entre D. Becker/Dom Leme e Vargas, devido aos jornais, e certamente às informações dos superiores jesuítas, também envolvidos; o posicionamento – unânime? – dos seminaristas e superiores favorável aos revolucionários.

Como o neo-sacerdote viu a Revolução e o governo de Vargas? Pelo menos do seu início, dispomos de um documento onde expressa seu pensamento. Como já dissemos acima, o primeiro estágio de Mons. Vítor como padre foi na paróquia de São Sepé, onde trabalhou por um ano, em 1931. Foi aí que proferiu uma preleção no Grupo Escolar local, por ocasião dos festejos do primeiro ano da Revolução. O texto nos chega de um recorte encontrado entre seus documentos e que foi extraído de um jornal de Santa Maria, com o título “*De São Sepé - Ecos*

<sup>206</sup> A respeito da presença de capelães militares na Revolução de 30, veja-se a entrevista de Dom Antônio Zattera, In: PLANELLA, João José. *Contribuição para o estudo da assistência religiosa às forças revolucionárias e seus*

das festas de 24 de Outubro”. O texto é um resumo, e deve ter sido precedido da leitura bíblica de Jesus e as crianças (Lc 18,15-17).

No longo escrito, que devemos reter que é uma fala destinada à crianças, vemos o seu pensamentos sobre a Pátria e o dever que todos temos de amá-la. Num primeiro momento reporta-se para o momento:

*O Brasil, na hora que passa, necessita mais de tudo do amor de seus filhos, pois a hora que passa é de sacrifícios, de desprendimentos, de renúncia. - As festas mesmas que nesta semana o governo manda celebrar e o povo delirante está celebrando, tem o alto fim de sacudir os corações, dirigi-los à contemplação das necessidades da Pátria, fazelos vibrar de entusiasmo, de amor mais intenso e voltando-lhes a atenção para os triunfos já conquistados, torná-los capazes de novas abnegações, de maiores esforços e maior sacrifício.*

O autor parte de uma premissa, qual seja: “amando a nossa Pátria, mas, amando-a deveras, achar-nos-emos capazes de um completo desapego de nós mesmos para só trabalharmos por ela”.

*Que é a Pátria? - É a terra onde nascemos, onde vimos pela vez primeira a luz do mundo e continuamos a vê-la, cercados das mil riquezas e maravilhas que fazem do nosso torrão um dos mais privilegiados do orbe. Este o primeiro motivo de amor. (...) - Mas, nossa Pátria é alguma coisa mais que simplesmente a terra onde nascemos: Ela é a terra de nossos pais, por isso se chama “terra pátria”. (...) - Como não amarmos a terra que lhes deu abrigo, que eles pisaram e cobriram de suores, que ouviu seus soluços e ecoou de seus cânticos e júbilos? - Isto que agora vemos e possuímos nos vem de nossos antepassados. Que se deve dizer de um filho que tendo recebido em herança de seus pais uma linda casa, jardins e bons campos, tudo magnificamente cultivado, deles não cuidasse antes votasse ao abandono e ao desperdício, esquecido de quanto tais bens custaram a quem lhos deixou?*

Por fim, apresenta um outro motivo poderosíssimo de amor ao Brasil: O Brasil é terra privilegiada entre todas as do Universo. E passa a fazer uma apologia da grandiosidade, das maravilhas e riquezas do país (o céu estrelado, as campinas em flor, as matas sombrias, os sertões, os rios caudalosos, o oceano imenso, a flora exuberante, a fauna incomparável, os minerais...), concluindo que “Deus parece ser brasileiro”.

E, nesse raciocínio, como se estima a Pátria?

*Portanto, para estimardes nossa terra, vosso povo, vossa Pátria, para amá-la querê-la deveis conhecê-la. Conhecer sua origem, sua história, seus feitos, seus homens ilustres, seus costumes, sua religião, suas línguas. - Estudai com diligência e amor a história do Brasil, sua geografia, seu idioma.- Meditai nos grandes exemplos dos que mais bata-*

*lharam e se sacrificaram pela grandeza da Pátria. - Este estudo lhes dará grande satisfação e um nobre orgulho de serdes brasileiros, da mesma maneira, como o valor e a santidade dos heróis do cristianismo nos orgulham de sermos cristãos. - Dar-vos-á estímulo e coragem para imitardes o seu amor à Pátria, seus atos, sua bravura, fazendo de vossa parte alguma coisa de útil e de bom por ela.*

Como exemplo, desfila os tantos heróis brasileiros: Matias de Albuquerque, Camarão e Enrique Dias, D<sup>a</sup>. Clara Camarão, D<sup>a</sup>. Rosa Maria de Siqueira, D<sup>a</sup>. Maria de Souza – estes o autor buscou nas “páginas familiares da nossa Seleta” -, Pe. Anchieta, Pe. Nóbrega, Sorore Joana Angélica, os irmãos Andradas, Bento Gonçalves, Osório, Caxias. Na sua percepção, estes seriam preclaros exemplos de devotamento à Pátria, de amor à honra do Brasil, que devem servir de incitamento a sermos patriotas intemoratos.

Note-se que, ao mesmo tempo em que o religioso apregoa uma nova etapa para a história do País, faz com que este novo período futuro esteja vinculado ao passado; não se observa ruptura, mas o passado – na sua parte positiva, claro – é resgatado, é rememorizado para iluminar o projeto em construção. O projeto é, ao mesmo tempo, renovador e conservador/tradicionalista.

Nesta concentração de energias na re-construção do Brasil, insere-se o fato que estava sendo celebrado, onde o autor explicita sua compreensão sobre a Revolução de 30:

*A data mesma que hoje se celebra deve servir de estímulo ao nosso fervor patriótico. - O governo provisório mandou que se comemorasse solenemente o dia de hoje, como o dia da dignidade nacional. - Não devemos, com isso, crer ingenuamente terem as cousas depois da revolução mudado (tão) radicalmente que já não se encontrem abusos e cidadãos sem patriotismo; nem é de se crer que antes dela não houvesse homens retos, verdadeiras dedicações pró Pátria. - Afirma-se como fato incontestável que os abusos eram tantos e a ausência de escrúpulos tamanha que foi preciso pegar em armas e apesar do governo à força os que o faziam. Foi preciso varrer a casa da Pátria para ela servir de morada digna de um povo como é o nosso.*

A legitimidade da revolução – que já dissemos, teoricamente deve ser evitada, como desorganização da sociedade – está no fato de ela ser necessária para tirar o país do caminho em que estava, cujo rumo não era aquele que a Igreja apontava e desejava. Aponta a corrupção e politicagem como práticas dos mandatários da Primeira República. E volta a lançar agudas farpas aos antecessores de Vargas. Para o teólogo, “toda a política daqueles homens girava mais ou menos em torno da algibeira. Embolsar a mais não poder, gastar sem medida e sem tino, pedir emprestado quando não tinham mais, relegar para o fundo das gavetas as questões mais vitais da Nação, eis todo o patriotismo da maioria deles”.

1930, nesta ótica, representou, guardadas as ressalvas acima, que salvam o autor de uma visão ingênua e infantil, a possibilidade de um novo rumo, de um país alicerçado em ou-



tros princípios, não baseado num estado leigo, liberal e agnóstico, mas sim marcado pelo catolicismo, o plasmador da identidade nacional. Sinal e garantia disso, segundo a argumentação em apreço, é a constatação de que os que subiram ao poder são superiores, imbuídos de melhores objetivos: “Mudamos de governo. Há um ano a esta parte nos estão governando homens cheios de boa vontade e do desejo de melhorar a sorte do país. - Amam a nossa Pátria e por isso, trabalham, pensam, sacrificam-se, lutam denodadamente para torná-la próspera e feliz”.

Mas a tarefa é de todos, cada um deve dar seu quinhão de contribuição:

*Eles, só, porém, não podem conseguir seu alto intento; precisam do concurso de todos os brasileiros. - Na hora de reforma e reconstrução que está soando no relógio da Pátria é preciso que cada brasileiro seja um soldado do dever! (...). A medida do amor é o sacrifício. - Amamos realmente a Pátria dando-nos todos ao cumprimento fiel de nossos deveres; obedecendo de boa vontade, sem murmurar, às autoridades, quando nos mandam ou pedem legitimamente alguma coisa; dominando as más inclinações, os vícios, as paixões, para desta maneira nos tornarmos salvaguardas seguros da honra da Pátria, pois, repito, a Pátria vale o que valem os seus homens. - Quanto a vós, em particular, estudando com afinco, a fim de vos aparelhardes com suficiente bagagem de saber para o desempenho digno dos cargos e misteres que mais tarde haveis de desempenhar; enfim, obedecendo filialmente a vossos pais e mestres para serdes cidadãos submissos e respeitadores.*

Esta noção recorrente da necessidade de uma união nacional, de congregamento de todas as forças, da valorização de todos os segmentos da sociedade, já está presente num escrito anterior na revista *O Seminário*, “Celebrando o dia do trabalho (1º de Maio)”.<sup>207</sup>

Nele, no intuito de dar a significação adequada ao dia do trabalho, o autor propõe “passar em revista todas as forças que, por um trabalho útil e honesto que dignifica e honra, dão vida ao organismo da nação e forjam o futuro da Pátria”. Nesta empreitada, o autor pondera de fazer-se de forma distinta a certas práticas, ou seja, de forma que podemos chamar de *realista*, bem a seu gosto: “Nada de arrebatamentos que destoam em espíritos retos e moderados que preferem a realidade das atuações às facções dos sonhos de retórica, preferem a atividade que se coroa de realizações úteis à que se some nos devaneios de um palavreado vão, querem ver, em suma, a forma esculpida nas obras e não as obras só vislumbradas no colorido das formas”.

Para Battistella, ainda nos estudos teológicos, era este o espírito que então animava as coletividades mais progressistas. Certos tipos de discursadores/demagogos, ao seu ver, devem ser repelidos pelos que encaram com sinceridade o grave problema da salvação do povo. Pois, após bradar à boca-cheia “Pátria! Pátria!”, abandonam-se depois a uma conduta estéril.

Mas, e quais são os verdadeiros patriotas? Responde que são os que cifram seu amor à pátria no cumprimento consciencioso dos próprios deveres. Aqueles que, com esforço diuturno

e com o esgotamento das próprias energias, vão abrindo e conservando abertas as fontes do bem estar moral e material da nossa gente, completa.

A seguir faz passar os segmentos que, ao seu ver, constituem a força principal e a garantia mais segura do seu futuro do Brasil: nesta ordem - os homens que regem com dedicação e desinteresse seus destinos, emancipados deste egoísmo brutal e interesseiro que leva a desprezar os interesses da nação para só cuidar dos da própria algibeira: Honremos os governantes esforçados e honestos!; os nossos missionários; o episcopado e o sacerdócio católico; honremos a boa imprensa e o jornalismo católico!

Mas, superando uma visão elitista, que atribui tudo aos detentores de cargos elevados, o autor resgata a instituição da família. Qualifica a família cristã como ninho abençoado, onde, ao calor das mais ternas afeições, crescem os filhos da nossa pátria, robustecidos na virtude e educados na prática do verdadeiro civismo, amparados contra a invasão crescente dos vícios e da descrença que esmaga as modernas gerações”.

E os agricultores (que chama de cultores dos campos):

*Se é verdade, como não se duvida, que a grandeza presente e futura do Brasil depende do desenvolvimento da agricultura como primeiro fator, então vamos aos campos procurar os verdadeiros patriotas. Lá na solidão das roças, à beira dos rios, à sombra das matas, ou alcandorados em escabrosos montes, acharemos os grandes beneméritos da nação. - Eles esquecidos, eles menosprezados, eles ludibriados por vezes pela gente culta das cidades, na sua vida agreste e laboriosa, no amanho ingrato da terra, estão nos dando o melhor e o mais acrisolado exemplo de um patriotismo útil e desinteressado. Cada sulco aberto nas entranhas desta terra hospitaleira e boa é uma veia de ouro que brota para a prosperidade do Brasil!*

Por fim, levanta uma defesa dos povos de além-mar, como potencialidades destinadas a integrar uma nova nacionalidade:

*O Brasil é um país de imigração, precisa de mãos de obra eficientes, eficazes e prestantes! Respeitem eles nossas leis, acatem as autoridades constituídas, dêem-se a um trabalho ativo e ordenado, amando a terra que lhes deu abrigo, e não seremos nós os estóolidos que, deixando-nos levar pelos sentimentos de um nativismo exclusivista e desorientado, iremos lançar em rosto a estes hóspedes beneméritos, insultos descabidos que lhes amargurem o coração.*

O texto finaliza com um arroubo de otimismo no País, um gesto de confiança no futuro; e dá a receita:

*O Brasil foi, é e será sempre um país hospitaleiro, generoso e bom, cumulado por Deus de todas as riquezas, abundâncias e prodigalidades, fadado a ser, ao que parece, o celeiro da humanidade em dias que não estão longe - Meios temos, temos força, tudo te-*

---

<sup>207</sup> O Seminário, São Leopoldo, ano IV, nº 2, 1929, p. 45-46.

*mos, elementos para o trabalho também temos, heterogêneos embora, mas inteligentes, mas fortes, mas ativos, brotos desprendidos de raças robustas, parcelas ativas dessas nações gigantes de civilização milenária! Dê-nos Deus bons governos, hábeis pilotos para a nau da nação e espírito de abnegação aos subordinados e ao povo e teremos andado meio caminho pelo futuro que nos espera. - O que é preciso é que estas energias que fervilham no seio da nossa pátria se compreendam, é preciso que se unam, é preciso que se divorciem do hábito do próprio interesse, é preciso que se fundam com os mesmos sentimentos, com a mesma consciência de nosso porvir, convencidos de que se queremos e o Senhor Deus das Nações que assiste à órbita de todas as ações humanas e dirige os destinos dos homens, nos for propício, o Brasil virá a ser em breve uma nação pujante que há de temer a Deus e a mais ninguém.*

Justamente numa comunidade interiorana, o empolgado religioso teria ocasião de pôr a prova esta crença; receberia de seu superior uma paróquia onde poderia colocar em prática seus projetos, seus desejos, suas confianças... Ao futuro caberia dizer se estava certo ou não.

### **À guisa de conclusão**

Nesta parte tomamos como propósito a análise do período de seminário de Vítor Battistella, partindo da premissa de que não é possível o entendimento de sua prática e seu posicionamento no seu ministério sem compreender a sua formação, as influências recebidas e seus condicionamentos sócio-culturais. Para tanto, privilegiamos a análise da instituição onde estava inserido - Igreja - e a instituição que se encarregou de sua formação espiritual e intelectual, identificando suas características e a mentalidade presente nelas à época em estudo. Para formar este quadro, recorreremos principalmente ao *Diário Íntimo* do nosso biografado, como fonte insuspeita por revelar sentimentos, conflitos, confidências que, apesar de refletir emoções de momento, trazem à luz com realismo tudo o que se passa no íntimo de um jovem. Para traçar o cenário ideológico em que o nosso personagem atua, lançamos mão de diversos autores, com diferentes posicionamentos e campos de análise: religiosos, historiadores, sociólogos... Além disso, dispomos de textos que Battistella publicou na revista *O Seminário*, que foram extremamente úteis, por tratar-se de documentos – diferentemente do *Diário Íntimo* – de caráter público e portadores de um pensamento elaborado do seu autor.

De tudo quanto vimos, podemos fixar alguns pontos, que teremos ocasião de retomar nos próximos capítulos:

Primeiro, quanto ao contexto eclesial, do macro para o micro, podemos assinalar, no âmbito da Igreja Romana, uma autocompreensão como “sociedade perfeita”, ela, neste sentido, identifica-se com o *corpo místico de Cristo*; é vista como “*arca salutis*”, espaço e instrumento da salvação, contraposto ao mundo, espaço do pecado e da perdição, daí a famosa e terrível expressão “*extra ecclesiam nulla salus*”. O método que prevalece é a apologética: tudo se orienta

para a defesa e a conservação da única e verdadeira igreja. A Igreja, outrossim, é centralizada no papa e na cúria. No dizer de Pio X, a Igreja é “uma sociedade de homens na qual alguns presidem os demais com plena e perfeita potestade de governar, ensinar e julgar” (Encíclica *Veherementer Nos*). E diante do avanço do liberalismo, a instituição torna-se reacionária. Como paradigmas desta postura, temos, no período em apreço, a encíclica *Quanta Cura* e o *Syllabus*, emanado por Pio IX (8.12.1864), que condena tudo o que representava a base do Estado leigo: liberalismo, socialismo, racionalismo... ; e, em 1910, Pio X com seu *Motu Proprio...*, que impunha a todos os padres o juramento antimodernista. Mas o pontífice que mais marcou o período do recém pós-guerra foi Pio XI (1922-1939), que sobressaiu-se pela iniciativa da Ação Católica: apostolado organizado dos leigos, colaborando, em seu próprio meio, para a extensão dos leigos. Não esqueçamos a abertura para o ecumenismo, o avanço no mundo do trabalho da sua *Quadragesimo Anno* (1931) e as assinaturas de concordatas e acordos, sobretudo a de Latrão, que acabou com a irritante “questão romana” – e que daria pano para muita manga pelo personagem Mussolini, e euforia para nosso biografado.

Na perspectiva de Brasil, vemos uma Igreja oficial, atordoada com a sua separação do Estado, imposta pelo novo regime republicano, deixando-a excluída da ordem pública e social. Na busca de reconquistar seu antigo status, como assinala Beozzo, a Igreja busca “sua aceitação pelos detentores da nova ordem (oligarquias conservadoras)”, distanciando-se das camadas populares e trabalhadoras. Outra nota altamente significativa é o processo de europeização ou romanização da Igreja, como conseqüência da vinda de dezenas de congregações e ordens religiosas masculinas e femininas da Europa, acarretando a mudança do catolicismo brasileiro marcado pela religiosidade luso-brasileira – esta postura de plena obediência ao Sumo Pontífice chamamos de *ultramontanismo*. A organização de uma rede de colégios dirigida por religiosos(as) é a principal estratégia na cristianização das elites. No cenário nacional emerge a singular figura de Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, que inaugura uma tomada de consciência nova do catolicismo brasileiro e propõe um plano de ação, para o que vai contar com o *Centro Dom Vital* (1922) – de que trataremos noutro capítulo, por ser uma de suas iniciativas a criação da *Liga Eleitoral Católica*.

No Rio Grande do Sul, Dom João Becker é que dá o tom em que se movimenta a Igreja oficial. Sua visão pragmática fez o milagre de – como analisa o estudo de Artur Cesar Isaia<sup>208</sup> – conviver em relativa paz no Rio Grande do Sul o projeto castilhistas e o catolicismo. Na Revolução de 1930, o prelado gaúcho, no franco apoio a Vargas, vê a oportunidade de a Igreja reatar a aliança desatada em 1889, ou pelo menos reaver os seus direitos e regalias perdidas.

<sup>208</sup> ISAIA, Artur Cesar. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

Neste mesmo tempo, Dom Becker está confiante na formação de um clero para enfrentar os novos tempos. Essa tarefa confiou aos padres jesuítas, com quem estudara e sentira na carne o sistema educacional e a formação espiritual.

E o que emerge do aluno e clérigo Vítor Battistella?

Já tivemos ocasião de falar do influxo que recebeu de sua família e de sua comunidade. Temos um adolescente que deixa sua pacata vida na Tapera para ingressar num colégio vocacional, primeiro como pretendente a ser sacerdote religioso, palotino, em Vale Vêneto. Aí já inicia a influência marcante de pessoas de caráter forte: a Madre que dirigia o educandário. Não pudemos saber porque abandonou este propósito de ser padre religioso. A entrada no Seminário Menor e depois Maior de São Leopoldo, ao nosso ver, foi decisiva para sua formação e posterior atividade. Procuramos mostrar os grandes eixos da formação dada pelos filhos de Loyola aos seus seminaristas, fazendo ver a mentalidade subjacente e o efeito de sua aplicação nos educandos. É neste sentido que frisamos o espírito apologético (tomando como paradigma as *disputaciones*), a relevância para a formação intelectual via *Ratio Studiorum*; as implicações da *formação integral*, que oportunizava aos alunos exercitarem-se em atividades extra-classe.

Não queremos dizer que a formação foi unicamente a responsável pelo modo como Battistella passou a pensar e agir; mas de algum lugar ele assimilou idéias e posicionamentos.

Se formos analisar Vítor por ele mesmo, temos este importante registro em seu *Diário Íntimo*, de fins de outubro de 1929:

*Começou a repetição com o Pe. Mors... – Também tentei hoje definir o meu caráter, estudando o que sobre os caracteres traz o Tanqueray. A tarefa, porém, é muito difícil, pois ainda não me conheço suficientemente. Acho contudo que predomina em mim uma mistura de caracteres. Sou um pouco indolente, bastante melancólico e também impulsivo ou emotivo irritável. Isso quanto à sensibilidade. Quanto às minhas faculdades espirituais, não posso quase definir-me. Parece-me ser um intelectual ativo e quase nada especulativo; voluntário e de ação, mas pouco constante.*

Emerge, outrossim, uma personalidade conflitiva, em constante conflito interior. Para ilustrar, vejamos esta confissão de 6 de dezembro do mesmo ano: “Convenço-me cada vez mais que em mim deve haver alguma coisa que não deveria haver. Sinto-me tão vazio de saber e de virtude, isto é, de vida interior, que me parece inaudito chegar o ano que vem ao sacerdócio. Atribuo em grande parte isso à minha inconstância. Não sou homem de princípios e de firmeza de caráter como deveria”.

Até onde podemos atribuir ao moralismo puritano da pedagogia dos inicianos certas tiradas, onde aflora um extremado escrúpulo?

*... além disso quero banir da minha alma o orgulho que me faz desconfiar do próximo e crer que está sempre pensando e dizendo mal de mim. Para isso preciso trabalhar sempre em tudo com reta intenção sem procurar a mim mesmo e comportar-me com a seriedade, dignidade e modéstia que convêm a um clérigo e que são conformes ao meu caráter, pois, eu sou adverso às maneiras de “palhaço”, levianas, atiradas, sem nobreza e crítico até demais os que as têm, embora a elas não esteja sempre alheio.<sup>209</sup>*

O que tudo isso representou na prática, no apostolado religioso do Pe. Battistella, no relacionamento com a sociedade e na atuação política é o que procuraremos analisar nos próximos capítulos.

---

<sup>209</sup> *Diário Íntimo* – 2.06.1929.

## Anexos

### PARTE I

- A** Publicações de Mons. Vítor Battistella:
- 1 – *Estatutos da Matriz e Capelas* – 1937
  - 2 – *Congresso de Ação Social Rural* – 1953
  - 3 – *Painéis do Passado* – 1969
  - 4 – *A História de Tapera* – 1972
- B** - 1 - Título eleitoral  
2 - Certidão de Óbito
- C** - 1 - Ao fundo, a primeira capela de Tapera, onde Vítor foi batizado. Em primeiro plano José Sarturi, seu padrinho.  
2 - Família de Antônio Battistella e Angela Nodari.
- D** - 1 - Vítor com 12 anos  
2 - Seminário Central de São Leopoldo
- E** - 1 - Cabeçalho da Revista “O Seminário” – 1929  
2 - Pio XI e o *Duce*, ilustrando o polêmico artigo de Vítor Battistella
- F** - 1 e 2 – “*A Segunda Pátria*”: Propaganda da Campanha Anti-Blasfêmia na Itália.  
3 – Cartão de Pe. Vítor como “Régio Agente Consular de Itália”  
4 – Na Praça de São Marcos – Veneza – Viagem de 1937















## PARTE II

### O PADRE: QUAL O PASTOR, TAL A GREI

“Quantas vezes me senti inspirado e encorajado  
pela fé e pelas virtudes do meu povo!”  
Mons. Vítor, Testamento Espiritual, 1966.

## CAPÍTULO 4

### ORIGEM E CONTEXTOS SOCIAL E POLÍTICO DE *BARRIL*

#### 4.1 – Origens do lugar

A pré-história de Frederico Westphalen remonta aos fins do século XIX. O próprio Mons. Vítor ouviu dos mais antigos moradores que em 1893, fugitivos de Nonoai, escapando às agruras da revolução, teriam se estabelecido no local da cidade de Iraí, talvez atraídos pelas qualidades medicinais daquelas águas.<sup>210</sup>

Em abono desta versão, afirma-se que os primeiros visitantes de Iraí encontraram aí diversos capoeirais. Já a este tempo era conhecido o “Sítio dos Galvão”, velha vivenda, cercada de laranjais, fundada por F. Galvão, sita à margem esquerda do rio da Várzea.

Cerca dos anos 1912 a 1915, caçadores de Palmeira e de outras bandas, atraídos pela abundante caça do Vale do Uruguai, antas, veados, onças, cortavam o mato em várias direções, indo muitas vezes parar no Sítio dos Galvão, como único lugar de pouso. Foram tais caçadores os primeiros a tomar conhecimento da existência das águas minerais de Iraí e Prado, talvez por notícias colhidas no dito sítio, ou de passagem pela mata em busca de caça. A grande quantidade de abelhas e mel aí encontrados deram o nome de rio do Mel. A fama de tais águas espalhou-se pelo então vasto município de Palmeira, levada pelos caçadores, não poucos dos quais haviam encontrado nelas tratamento e cura para várias moléstias. Daí por diante foi aumentando a frequência às águas do Mel, hoje Iraí, a princípio enormemente dificultada pela falta absoluta de

---

<sup>210</sup> *Frederico Westphalen*, este histórico foi elaborado por Mons. Vítor especialmente para o jornal *A Madrugada*, de Palmeira das Missões (edição de 19.12.1953 - Ano I, número 24, p. 1) - portanto quando já estava deflagrada a campanha emancipacionista.

estradas, devendo os viajeros abrir caminho pela mata espessa à custa de facão, puxando atrás de si o cargueiro.

No setor norte da atual cidade de Frederico Westphalen, então mata virgem, passava um pique que, partindo de Fortaleza (hoje Seberi), dava no Rio da Várzea e seguia para as Águas do Mel, que era atravessado por um córrego d'água, formando a nascendo da lajeado Perau. Os viajeros, vencidos pela sede e pela canseira, não resistiam àquela boa aguada. Acampavam e sesteavam. Era parada obrigatória.

A vinte três de agosto de 1917 teve início a primeira estrada para o Mel com a derrubada do primeiro pinheiro em Fortaleza, sendo empreiteiro Antonio Zanatto, chegando daí um tempo até a mencionada boa aguada.

Para facilitar o aproveitamento dela, resolveu-se colocar um meio barril para pegar aquela água. Daí por diante o ponto de referência seria o “barril”. “Vamos ao barril” - “Acamparemos no barril” - “Queremos sestear no barril” - E o nome passou ao lugar e à região.

Os primeiros moradores<sup>211</sup> lusos que as crônicas registram foram os seguintes: Pedro Vargas (1916), de General Osório; Pedro Alves dos Santos, alcunha Paraguai (1919), de Ijuí, o qual se localizou no lajeado das Tunas, hoje da Linha 7 de Setembro; Pedro Leopoldino (1916), de Soledade; Otacílio Moreira (1917) de Soledade.

Em 1918, um grupo de famílias, chegadas ao “barril” no ano anterior, acamparam durante seis meses a fim de fazer roça à beira da estrada para o Mel e fundaram a *Vilinha*, que tomou este nome daquele ajuntamento. Foram eles João, Joaquim e Santo Copatti, Ângelo Serafin, Adão Norlof, Augusto Nering e F. Riva, procedentes de Ijuí.

Contemporaneamente vieram chegando vários caçadores: José Gutcoski, José Copatti, João do Prado, José Borges e outros, os quais, ao mesmo tempo em que se entregavam à caça, começaram a cultivar as terras.

A estes primeiros colonos seguiram outros: Máximo Ambrosi (1918), de Garibaldi; Carlos Dallanora (1918), de Tapera; Natal, Ângelo e Otávio Francescato (1919), de Alfredo Chaves; José Vanelli, Aníbal Orlando, José e Pedro Romitti (1919), todos de Guaporé e Alfredo Chaves; José Grassi (1919) de Júlio de Castilhos; Rodolfo Barbieri (1920), de Boa Esperança; Rodolfo Bazanella (1921), de Bento Gonçalves.

Quanto aos fatores que determinaram essa migração, o primeiro historiador de Barril, o próprio Pe. Vítor, elenca: “despertados pela fama das águas medicinais de Iraí, atraídos pelas notícias da riqueza das terras, da abundância de madeira de lei, da quantidade incrível de animais

---

<sup>211</sup> Dizem as notícias que o morador mais antigo desta colônia foi um tal Domingos Schöelz, residente nas cabeceiras do Pardo desde o ano 1882, da colina fronteira ao local hoje chamado “Lapazin”.

de caça; fascinados pela imagem do sertão imenso com suas florestas cheias de mistérios; iludidos de encontrar aqui o Eldorado que lhes iria dar nova vida e próspero futuro, acossados, talvez, muitos pela necessidade e pela pobreza”.<sup>212</sup>

#### 4.2 - Primórdios da comunidade religiosa – a capela

Uma marcante característica da colônia, anotada pelo Pe. Vítor num histórico exarado no Livro Tombo, foi a profunda religiosidade da sua população pioneira, especialmente italiana:

*Oriundos das paróquias velhas de Guaporé, Alfredo Chaves, Garibaldi, Nova Palma, etc. estes bravos batedores da civilização trouxeram a estes bravios sertões, junto com a coragem indômita e dir-se-ia temerária da raça latina, a fé que anima robusta as almas de quase todos os imigrados da Itália Católica. E foi certamente esta fé viva que os pôde manter através das enormes dificuldades por que passaram nos primeiros tempos da colonização, lutando com a falta de tudo e com a miséria que os sujeitava à espoliação e às tropelias por parte dos revolucionários de 1923/24.*

Por força desta marcante fé, foi praxe em todas as comunidades nascentes a preocupação com a construção da primeira capela, como espaço sagrado e, em decorrência, ponto de sociabilidade. No caso de Barril, os colonos italianos contaram com o reforço de polacos vindos de Erechim. No dizer do mesmo cronista, essas capelas, “situadas nos pontos principais, se tornaram como que oásis de esperança, onde estas boas almas de cristãos se reuniram para fazer oração e buscar graça e conforto no sacrifício”. Na região, tomaram particular incremento as capelas de Nossa Senhora da Paz de Fortaleza (Seberi), Nossa Senhora de Lourdes da Vila Mussolini (Osvaldo Cruz), São Roque de Taquaruçu e Santo Antônio de Barril.<sup>213</sup>

Consta que em 1920 foi erguido o primeiro oratório de Santo Antonio, no topo de uma colina próximo aos esparsos moradores - onde hoje está o Grupo Escolar Sepé Tiaraju. Pouco tempo depois, foi derrubado para ser levantada aí a primeira capela que, iniciada em 1921, teve seus trabalhos paralisados pela revolução Assis-Borges, podendo ser concluída só em 1924.<sup>214</sup>

A primeira missa nesta terra foi celebrada a 20 de maio de 1921, em casa do colono Natal Francescato, pelo Padre Manuel Roda, enquanto a primeira missa na capela foi rezada a 4 de outubro de 1923 pelo Pe. Gonzales, mais tarde assassinado em Feijão Miúdo (Três Passos), e a segunda missa, na mesma capela, a 18 de junho de 1924 pelo Pe. Isidoro Klepper.<sup>215</sup>

<sup>212</sup> BATTISTELLA, Mons. Vítor. *Painéis do Passado*. Frederico Westphalen: Gráfica Marin Ltda, 1969, p. 23.

<sup>213</sup> Estas duas últimas mais se salientaram no seu movimento religioso, a ponto de serem rivais quando se tratava de obter a criação da paróquia, pleiteando cada qual para a honra de Sede Paroquial.

<sup>214</sup> Conforme o livro *História Administrativa Judiciária e Eclesiástica do Rio Grande do Sul*, p. 240, a capela foi eclesialmente criada a 6 de fevereiro de 1923. Já, por outro lado, consta num *folder* do *Recenseamento da Paróquia*, em 1943, a data de 15 de setembro de 1921 para a fundação. Ignoramos as fontes.

<sup>215</sup> Na margem do artigo, Monsenhor acrescentou a caneta: “A 1ª missa na colônia 25/1/1920. Casa Antonio Milani (Virti) Pe. Manoel Gonçalves”. Retificamos o nome do sacerdote: Pe. Manuel Gomez Gonzalez.



Iniciadores da capela foram João Gutcoski, Carlos Dallanora, José Vanelli, José Gutcoski e Aníbal Orlando, o qual encorajava a obra a custo de “pinga” e discursos. Os primeiros fabricantes foram José Vanelli, João Gutcoski e Carlos Dallanora.

Frise-se que Orlando era proprietário da bodega-loja que ficava ao lado da capela, tendo interesse, portanto, na construção do templo, sabido que assim a comunidade gravitaria em torno do seu ponto de comércio. O status de vizinhar com a capela é proporcional ao valor que os fiéis devotavam por aquele lugar sagrado e posteriormente profano, pois, em geral, ao seu redor eram erigidas a escola, um salão social, cancha de boxa, campo de futebol, cemitério...

É neste contexto que se entende o fato da transferência da capela para outro lugar, atendendo também a interesses de ordem econômica. Acontece que em 1926 veio residir no lugar uma pessoa que passaria a figurar em todos os momentos mais significativos da história do Barriil: Vergínio Cerutti, cuja atuação no campo político e suas relações com Mons. Battistella analisaremos no próximo capítulo. Este senhor, já contando com recursos adquiridos no comércio de madeiras em Santa Catarina, adquiriu por compra a casa de Diogo Esteles, onde passou a negociar. A sua casa de negócio foi no lugar a primeira e por vários anos a única. Nesta condição, vai interferir na localização da capela, o que resultaria em desacordos e até desavenças duradouras, visto que estava em jogo a disputa pelo controle do ponto mais estratégico da localidade.

Como Cerutti agiu e interpretou este fato, inclusive com os seus detalhes, o próprio personagem nos narrou em entrevista de 1985:

*Quando vim morar aqui, tinha capelinha lá em cima, onde tá o Hospital Santo Antônio, que é do meu filho Aires Cerutti. Eu achei que lá não era lugar pra paróquia [igreja templo], o lugar alto, achei que lá não era centro, pra matriz. Eu então combinei com os fabricantes, uma parte concordaram, outra parte [não] concordaram, de mudar de lá a igreja. Mas, diz, aonde? Bom, digo, lugar pra igreja nova é aí onde ela está hoje, eu disse pra ele. Metade dos fabricantes se revoltaram comigo, teve uns que pegaram a chorar, porque eu tirei de lá.*

Cerutti, colocando-se como “mocinho” da história, continua dizendo que, com o apoio da metade dos fabricantes e do padre, foi ter com o Dr. Frederico, Chefe da Comissão de Terras e Colonização em Passo Fundo, e teria conseguido de graça o terreno onde está atualmente a igreja e a praça. “... E mudemo a igreja. Aquele dia, de desmanchá a igrejinha lá em cima, foi uma revolta, eu tive que pegá uns e trazer na minha bodega e dar uns traguinho pra ele, pra acalma, tudo, porque não queria que a igreja saísse de lá, conclui.

Para sublinhar a importância que os colonos, sobretudo de origem italiana, davam para a capela e paróquia, como meio de reproduzir seu mundo da longínqua Itália ou das suas comunidades das Colônias Velhas, acrescido, é claro, das motivações de ordem econômica ou de eleva-

ção pessoal/social, inseriremos no próximo capítulo um episódio ocorrido com o Pe. Vítor Battistella, que bem mostra as diferentes formas de focar a localização da sede da paróquia, fundamental para a consolidação de uma localidade.

#### 4.3 - As Condições pré-existentes de mando local

Na esfera administrativa Barril pertencia ao Município de Palmeira e, até 1928, esteve subordinado ao distrito de Fortaleza - hoje Seberi -, ano em que foi organizado o distrito. De modo que para a compreensão do contexto sóciopolítico da Vila de Barril faz-se necessário abrir a lente e analisarmos estes aspectos em âmbito de região e mais precisamente na sede do município, onde estava localizada a sede do poder. Tratando do antigo município de Palmeira, no aspecto político, assim analisa o historiador local Mozart Pereira Soares:

*Nosso município representou para o riograndense, durante muito tempo, uma espécie de último baluarte da civilização plantado à beira da mata do Rio Uruguai. O domínio deste laboratório político tem cabido sistematicamente aos grandes proprietários do campo que através de suas relações com as cúpulas dirigentes do Estado manejam a engrenagem administrativa do município. A eles se opõem, também com admirável constância ao longo do tempo, os proprietários mais poderosos na zona florestal, ou pelo menos aqueles que aí mantêm grandes interesses.*<sup>216</sup>

Para Soares, havia na região, pois, uma nítida polarização de poderes entre os homens do campo - fazendeiros, criadores e tropeiros e os da mata - ervateiros, lavoureiros e madeireiros. Evidencia também que a política regional estava marcada, entre outras, por uma luta aberta entre grupos politicamente adversários que, por repetidas vezes, deflagrarão lutas armadas. Já o estudo da prof. Loiva Otero Félix complementa, analisando a conotação político-partidária:

*O fundamental é termos presente a força do coronelismo em Palmeira, produto do atraso geral em que vivia o município somado a uma grande extensão territorial que dificultava medidas efetivas para superá-lo. Tal atraso histórico permitiu que se desenvolvessem em redutos isolados identificados em geral com distritos longe da sede focos de poder dos coronéis que, ao se reunirem na sede, disputavam o poder. Por outro lado, temos a evidência de um poder estadual forte, consciente da necessidade de manter um dos maiores municípios do estado (em extensão territorial) sobre o controle do PRR, quando exatamente proliferavam lá não só o domínio dos potentados locais mas também o da oposição maragata, sede do líder federalista Leonel Rocha, possuidor de forte contingente eleitoral entre os marginalizados do poder oficial, os pequenos lavradores, chacareiros e ervateiros. Em face da situação, o governo mantinha-se permanentemente atento e intervindo na política palmeirense”.*<sup>217</sup>

<sup>216</sup> SOARES, Mozart Pereira. *Santo Antônio da Palmeira*. Porto Alegre: Ed. Bels, 1974, p. 250.

<sup>217</sup> FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, borgismo e cooptação política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 112.

Esta observação é importante para nosso estudo, pois Barril deve ser visto como um desdobramento desta realidade política marcadamente polarizada.

Para um maior entendimento do panorama, podemos tratar mais minuciosamente de um personagem importante na trama em apreço, o Cel. Vazulmiro Pereira Dutra, líder político regional, e que, como Intendente de Palmeira, 1928-1930, criou o distrito de Frederico Westphalen. Oportunamente, veremos a sua relação com Pe. Battistella. Cel. Vazulmiro, filho de fazendeiros de São Borja, transferiu-se para Vila Rica, hoje Júlio de Castilhos, donde seguiu para Palmeira, tornando-se fazendeiro abastado e “maior chefe político do município de toda a República Velha”. Foi intendente de Palmeira, subchefe de polícia, com sede em Passo Fundo, e diretor do Instituto do Mate em Porto Alegre. Já residia no município de Palmeira quando o Gen. Firmino de Paula o convidou para ajudar num pleito eleitoral em Júlio de Castilhos. “Sua ação eficiente agradou, de tal modo, ao velho caudilho serrano que nunca mais o perdeu de vistas, na expectativa de lutas futuras”.

Ao eclodir a Revolução de 1923, Firmino elevou Vazulmiro a Tenente-Coronel comandante do 3º Corpo Provisório. “Esteve sempre ocupado com as correrias de Leonel Rocha nos matos e rincões palmeirenses, numa luta de surpresas e emboscadas, contra um inimigo fugidivo que surgia, ameaçava e desaparecia, nas dobras e coberturas de um terreno que conhecia a palmo”<sup>218</sup>.

Alguns depoimentos sobre certas atitudes de Vazulmiro Dutra, foram deixados pelo historiador Arthur Ferreira Filho, que foi seu confidente, na função de secretário<sup>219</sup>.

Um dia, indo ao Palácio tratar de assuntos políticos e administrativos, foi recebido com secreta pelo Presidente que, havia pouco, recebera graves queixas contra a ação do caudilho no município missioneiro que chefiava:

*Borges de Medeiros foi diretamente ao assunto: - Cel. Vazulmiro, não estou nada satisfeito com as últimas mortes verificadas em Palmeira. - O Caudilho, surpreendido pela interpelação, tenta desviar o assunto por uma pilhéria de grosso calibre: - E com as primeiras, doutor, o senhor está satisfeito? O Presidente encerrou a audiência. E a partir de então, as relações entre ambos se tornaram ainda mais frias. Nunca Vazulmiro possuiu o mínimo pendor para cortesia. E fazia praça, perante os poderosos, de sua repugnância à subordinação incondicional. Tinha até prazer especial em sacudir o penacho na frente dos que mandavam.*<sup>220</sup>

Outro fato aconteceu em Palmeira, na época de Getúlio Vargas, seu ídolo. Vazulmiro, vendo passar na calçada fronteira um funcionário da polícia, chamou-o e disse: “- Olha moço, diga ao delegado que eu, hoje, resolvi assumir todos os poderes neste município. Deste momento

<sup>218</sup> Idem, pp. 91-92.

<sup>219</sup> Idem, p. 116.

<sup>220</sup> FERREIRA FILHO, Arthur. *Revoluções e Caudilhos*. Passo Fundo: Berthier, s/d. 2ª ed., p. 101.

em diante quem manda na polícia, na Prefeitura e na justiça sou eu. Ele que tome suas providências porque as minhas já foram tomadas.” Acrescenta que as autoridades ausentaram-se durante a noite, deixando-o senhor único da praça <sup>221</sup>.

O mesmo historiador arriscando esclarecer - “para o julgamento do futuro” - o aspecto de “apregoadada maldade” do seu amigo biografado, afirma que “não ficou provado nada de tudo o que de mal o acusaram” <sup>222</sup>. Retenha-se, para nosso estudo, a força política do caudilho, advinda de da sua influência eleitoral, sobretudo no período do governo de Flores da Cunha, quando “nomeava e desnomeava” prefeitos, delegados, juízes municipais, professores, nos municípios de Palmeira, Iraí, Passo Fundo, Erechim e outros mais.

Embora não seja aqui o lugar de polemizar a esse respeito, mas por trazer luzes sobre o nosso objeto de estudo, trazemos um depoimento que obtivemos de Leopoldo Moura Garcês, em Nonoai, em 1996, falando do episódio da morte do Pe. Manuel Gomez Gonzalez e seu coroinha Adílio Daronch, em 1924, cujas suspeitas recaíram sobre o caudilho palmeirense. <sup>223</sup> Leopoldo recorda que o padre atendia a região que abrangia as paróquias de Nonoai e Palmeira de Missões. Justamente a região tomada por Joaquim Francisco de Assis Brasil, líder dos Maragatos.

*Agora vem a vez do Cel. Vazulmiro Pereira Dutra que era dono desta zona de Palmeira de Missões a Xanxerê. Recebeu denúncias de [contra] Pe. Manuel Gomez Gonzalez, que estava se comunicando com os companheiros políticos. Se coloque na posição do Cel. Vazulmiro Pereira Dutra. Ele recebeu um aparte (aviso) dos companheiros políticos do que estava acontecendo. - O Cel. Vazulmiro - não estou em favor dele em parte nenhuma - fez um banditismo heróico. Recebendo aparte ele chamou - ele têm os carrascos, pessoas de confiança dele - chamou o Turibião ou Turíbio - é tio da Mocinha do finado Murílio, minha cunhada - e o Jeremias, e mandou cuidar aqui nesta passagem. Eles distraidamente [= disfarçadamente], os dois juntos, e pousaram junto com o Pe. Manuel Gomez Gonzalez. Já preparados e receberam instrução do Chefe desta zona que era o Cel. Vazulmiro Pereira Dutra. - Então pousaram lá. O Pe. Manuel tinha o Coroinha. Levava sempre um animal: podia cansar ou estropiar o joelho... tinha que trocá-lo. E eles estavam a pé, distraidamente, para poder segurar a instrução que tinha do Cel. Vazulmiro. Localizaram bem o Padre. Pousaram junto, conversaram a noite inteira. No outro dia o Padre deu um animal para ele para vir a Palmeira de Missões. Nesta ocasião, caminharam um pouco e um deu um assoviozinho: era a hora da morte do Padre.*

Quando dizia estas palavras, verdadeira confissão vinda de alguém de dentro do grupo político que maquinou o assassinato do sacerdote, era de estranhar a tranqüilidade do ancião cabeleireiro. Mas, torna-se mais compreensível esta atitude se levarmos em conta sua percepção do fato ou a sua lógica. “Agora, justificou, em época de revolução quem poupa seu inimigo na mão

<sup>221</sup> Idem, p. 109.

<sup>222</sup> Idem, p. 111. E arremata: “Do estudo da personalidade de Vazulmiro Dutra o que, desde logo, transparece em relevo é a vontade forte e disciplinada, a vocação do comando, a agudeza mental e um espírito de solidariedade que, tantas vezes, o levou ao ponto de prejudicar-se, de impopularizar-se, para cobrir com seu poncho protetor amigos em situações difíceis”.

<sup>223</sup> Entrevista de 19 de agosto de 1996, Nonoai. Leopoldo Moura nasceu em 11 de outubro de 1892.

do seu inimigo perece. Vazulmiro, como Chefe desta zona - não estou a favor dele, nunca fui; e era meu amigo. Vinha de Palmeira de Missões por causa do corte do cabelo. Eu tenho 75 anos de corte de cabelo. Graças a Deus”.

O pano de fundo destes episódios, como vimos, é a chamada Revolução de 1923<sup>224</sup>, que, por envolver a região da futura paróquia de Barril e expressar o comportamento das suas forças políticas, merece algumas linhas. Para Ferreira Filho, “as causas remotas da Revolução de 1923 vinculam-se à Revolução Federalista, persistindo a inconformidade com o regime instituído pela Carta de 14 de julho de 1891, de nítida inspiração positivista. E, somados a esses motivos de ordem ideológica, os fortes ressentimentos pelo revés sofrido naquela guerra civil, onde se praticaram, de parte a parte, as maiores violências em requintes de crueldade”.<sup>225</sup>

Na Revolução de 1923, no dizer do mesmo historiador, “nos dez meses de sua duração, não se registrou um só combate decisivo. Foram lutas dispersas pelas campanhas riograndenses, correrias e tiroteios, sem que se assinalasse o encontro de forças consideráveis em autêntico encarniçamento de duas vontades opostas”<sup>226</sup>.

Contudo, o epicentro desta revolta foi Palmeira, onde as forças estavam sempre em estado de alerta. A situação aí criada pela revolução nos é dada a conhecer por alguns escritos dos padres Manuel Roda e Pe. Manuel Gomez Gonzalez que vivenciaram na região conflagrada de Palmeira. Pe. Roda, a 18 de junho de 1923, com tristeza informava seu superior:

*Há quase oito meses que a vida social, comercial e religiosa de este município de Palmeira está em ruínas. Todo esse tempo o município, menos a Vila, está em poder dos revolucionários que impedem toda comunicação. Neste tempo não tenho podido percorrer a paróquia; a última vez, 22 de janeiro, fui preso por duas horas, e não saí mais. A Vila ameaçada de ser atacada a todo momento e em efeito no dia 4 deste acordamos antes de amanhecer ao ruído de cerrada fuzilaria. Mais de 1.000 homens cercavam e atiravam sobre a Vila. Devido a essas ameaças mais de cinquenta famílias abandonaram seus lares indo para outros municípios e convertendo esta Vila já pequena em verdadeiro lugar abandonado.*<sup>227</sup>

<sup>224</sup> Em 1923 desenvolveram-se eleições para Governador do estado para o quinquênio 1923-1928, concorrendo Borges de Medeiros, pela reeleição, e Assis Brasil, como oposição. O ambiente era pejado de apreensões. Antes mesmo de apurado o pleito, os principais opositoristas já manifestavam sua inconformidade com o resultado previsto, alegando parcialidade na Comissão encarregada de examinar e dar o parecer sobre o processo eleitoral. Pelos dados “oficiais” Borges obteve 106.319 sufrágios, num total apurado de 138.536, mais, portanto que as três quartas partes exigidas para vencer. Alegando fraudes - anulação de votos válidos - os opositoristas não aceitaram tal julgamento. O Presidente da República Artur Bernardes, contrário ao partido tido como vencedor, omitiu-se de dirimir o impasse. Estava desencadeada a revolução. A 7 de novembro de 1923 passou a vigorar um armistício. Depois de muitas delongas foi assinado o Tratado de Pedras Altas, pondo fim à guerra civil. Borges de Medeiros, com seu Partido Republicano fez algumas concessões, concordando na reforma da Constituição de 14 de Julho, no sentido de ficarem proibidas as reeleições do presidente do Estado e dos intendentes municipais, bem como de serem eleitos e não mais nomeados os vice-presidentes e vice-intendentes.

<sup>225</sup> FERREIRA FILHO, Artur. *Revolução de 1923*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1973, p. 22.

<sup>226</sup> FERREIRA FILHO, Artur. *História Geral do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1978. 5ª ed., p. 220.

<sup>227</sup> Carta de Pe. Manuel Roda ao Bispo do Ático Eusébio da Rocha, Palmeira, 18.06.1923. Arquivo da Cúria Diocesana de Santa Maria. Dom Ático tomou posse como segundo Bispo de Santa Maria a 27 de maio de 1923.

Em nova missiva de 1º de julho seguinte, lamenta que projetava sua saída, com mais oito famílias, esperando apenas ficar livre a estrada de Santa Bárbara ocupada militarmente pelas forças revolucionárias. Na leva partiriam, entre outros, o Intendente Municipal, o Dr. Hidelbrando Westphalen, “único médico que aqui ficava e mais pessoas que julgam perigosa sua residência neste lugar”.<sup>228</sup>

Pe. Manuel, citado acima, em carta ao mesmo prelado, de Nonoai, em julho de 1923, coloca sua ótica sobre a situação:

*Nonoai tem sido quase o centro dos revolucionários em cima da Serra, o correio é poucas vezes que tem funcionado e o telégrafo igualmente, hoje felizmente com a permanência das forças federais aqui tudo está correndo regularmente. - As autoridades legais estão ausentes desde o dia 6 de Fevereiro no vizinho estado de Santa Catarina, assim como 75 por cem da população. Pelo movimento paroquial pode V.<sup>a</sup> Revma. calcular como está isto, desde o dia 1º de Janeiro até o dia vinte e sete de Junho, fiz 37 batizados, dez casamentos e várias encomendações, sou respeitado por ambos os partidos, não obstante estou com receio de sair pelo sertão, porque se têm dado crimes bárbaros e horrorosos, peço a Deus que isto que se está dando no nosso Estado, cesse quanto antes e venha uma paz honrosa para ambos os partidos...*<sup>229</sup>

Quanto à situação criada no território da futuro paróquia, é narrada pelo Pe. Vítor Battistella, que conviveu com muitas testemunhas dos fatos, como Pároco de Barril. Conta que os piquetes de saqueadores e desordeiros que, sob o falso rótulo de maragatos e chimangos, operavam no interior “roubaram literalmente tudo, deixando os colonos de mão abanando, na total miséria”.<sup>230</sup> Mesmo depois de assinado o armistício, grupos dispersos continuaram praticando distúrbios e depredações em menor escala. “Resultou para a colônia uma situação de intranquilidade que atrasou e entorpeceu a retomada do desenvolvimento”, complementa.

#### 4.4 - Distrito

Este fato, que representou certa autonomia para o lugar, deu início a uma nova fase na história de Barril, que em termos de controle político e administrativo, podemos denominar de *período luso-militar*, caracterizado pela presença nos cargos administrativos-públicos e de comando de pessoas de origem lusa, provenientes da sede do município, e por serem pessoas portadoras de títulos militares - alguns de fato, outros de caráter honoríficos ou fictícios. Outra nota é a íntima relação entre a política ou os políticos e a Comissão de Terras e Colonização, que, em 1939, mudou-se de Palmeira para Frederico Westphalen. O Escritório de Terras passou a ser co-

<sup>228</sup> Idem, 01.07.1923. Ibidem.

<sup>229</sup> Carta de Pe. Manuel Gomez Gonzalez ao Bispo do Ático Eusébio da Rocha, Palmeira, 07.1923. Arquivo da Cúria Diocesana de Santa Maria.

<sup>230</sup> BATTISTELLA, Mons. Vitor. *Painéis do Passado*. Frederico Westphalen: Gráfica Marin Ltda, 1969, p. 43.

mo que o “QG” da política frederiquense. Este grupo, evidentemente, vai estar afinado com o projeto do governo gaúcho (PRR), ou, em outras palavras, como uma ponta-de-lança ou uma extensão da base de sustentação do aparelho do Estado, caracterizado pelo *borgismo*, com tudo o que representa de arbitrariedades, autoritarismo, fraudes eleitorais, cooptação e coerção.<sup>231</sup> Nesta engrenagem merecem menção os *Inspetores Secionais* ou de *Quarteirão*; sua atuação e verdadeiro sentido como elos de ligação dos coronéis com os núcleos interioranos não foi ainda alvo de pesquisas, mas, com certeza, sua presença como únicos representantes da lei, da justiça, e da ordem, serviram para o fortalecimento do projeto dos mandatários nos lugares mais longínquos. Este período vai perdurar até o término da segunda administração de João Muniz Reis, o último representante deste ciclo, em 1968. Desde então, gradativamente, passam a assumir os postos de decisão pessoas de origem italiana, ao passo que os representantes do grupo anterior vão perdendo força, eclipsando-se e, muitos, deixam o lugar.

Passando agora ao aspecto ideológico do contexto histórico da região, vamos encontrar uma situação de *crise eclesial*. Arlindo Rubert, escreve que à época do fim do Império (1889) e nas primeiras décadas da República, a Igreja do Brasil se achava em decadência, sob diversos aspectos.

*Viu-se, de repente despojada, na parte material, pela Lei da Separação. O clero ficou sem cônica. Os fiéis pouco habituados a colaborar para o culto divino e sustento dos ministros. Faltavam sacerdotes. A Revolução federalista (1893) fez muitos estragos. As duas únicas paróquias que existiam em toda nossa região tiveram sérias crises. Os índios continuavam abandonados à própria sorte. O sertão do Alto Uruguai continuava sem colonização. O desenvolvimento econômico da região foi nulo. As populações viviam a braços com dificuldades de toda a espécie, no âmbito da instrução, das comunicações, da produção, da política e até da religião.*<sup>232</sup>

Quanto à situação religiosa na paróquia de Palmeira, as informações revelam o mesmo quadro. Em 1915, o Vigário de Palmeira, Pe. Horácio Giraldi, reclamava ao Bispo de Santa Maria, que “a população é completamente indiferente, e será uma coisa difícil excitá-la do seu letargo. Felizmente há mais religiosidade na serra e no campo”.<sup>233</sup>

Em 1923, na vacância da paróquia, o agente consular da Itália fixado em Palmeira, Romano Mota, lamenta em carta com abaixo assinado, ao Bispo:

*un'altra chiesa, sovrzionata da capitali inglesi e nortamericani, sorgeva rapidamente per combattere la nostra povera cattolica... la popolazione si incontra completamente disorientada ed a passi giganteschi va perdendo la fede alla nostra religione... - Anche i miei convazionali coloni che se trovano ni piú di 600 famiglie in Fortaleza fanno bisog-*

<sup>231</sup> Veja, a respeito da caracterização do castilhismo/borgismo na coloração tomada na região Norte o estudo: FÊLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, Borgismo e Cooptação Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

<sup>232</sup> RUBERT, Pe. Arlindo. *A Diocese de Frederico Westphalen*, op. cit. p. 47.

<sup>233</sup> Carta do Pe. Horácio Giraldi ao Bispo Dom Miguel de Lima Valverde. Palmeira, 1915. ACDSM.

*no del sacerdote essi da mesi e mesi spettano il vocario per fare battezzati e casamenti ed assistire almeno una volta la S. Messa, ma in Vicario non cè e se cè non può essere in ogni luogo come iddio.*<sup>234</sup>

Outra nota é o *Anticlericalismo*. Grupos de pessoas, seguidoras de outras ideologias: Maçonaria - Em Palmeira a Loja foi fundada em 1898, contando entre seus membros a maioria das pessoas influentes do lugar. Positivismo - Irradiado desde Porto Alegre pelas autoridades e funcionários públicos, orientados por Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, adeptos desta doutrina. Em Palmeira teve seguidores, como Frederico Westphalen - com certa ortodoxia - e outros funcionários da Inspeção de Terras (fundada em 1917) - com menos intensidade.

Flagrante cena do tratamento que as “autoridades” e a classe dirigente da Palmeira davam aos sacerdotes é deixada pela carta do pároco Pe. Frederico Blass, PSM. Em longa carta de agosto de 1913, Pe. Blass, historia uma contenda havida entre os padres e um grupo de cidadãos palmeirenses. A certa altura escreve:

*No dia 5 de agosto, ao meio dia para tarde, o negociante Francisco Martins queria tratar com Pe. Guilherme uma Missa festiva na Igrejinha [capitel do Bom Jesus, particular, esclarecemos] para 6 de agosto. Logo depois, achando-se o Padre na Matriz, o negociante voltou à igreja junto com o novo senhor Vice-Intendente Doutor Valentim Aragão que receberam outra vez uma resposta negativa. Então o digno Vice-Intendente Dr. Valentim chegou a gritar terrivelmente, com frases, que numa festa popular o Sr. Bispo nada havia a dizer, que não podia proibir a Missa, se o povo ela queria, que ele seria o primeiro para pôr abaixo a Igreja e a tocar fora os Padres... Saiu e logo voltou a entrada da Igreja, ameaçando o Padre com um telegrama ao Correio do Povo, caso que não satisfizesse a vontade do povo, mostrando-se ele como o único representante do Município palmeirense. Depois chegou a nossa casa uma comissão dos Srs. Frederico Hoffmester e Theodomiro Moreira, e logo uma segunda comissão, composta dos Srs. José Leite do Amaral, Cândido Westphalen, Justiniano Menezes para obrigar o Padre a rezar a Missa...”.*<sup>235</sup>

Como se vê, pelo menos na parte da futura paróquia de Barril, com características da vida de campo – pecuária e erva-mate – e com a população de origem lusa, o futuro pároco Pe. Battistella iria defrontar-se com um ambiente pastoralmente hostil.

#### **4.5 - Os primeiros mandatários**

Na criação do distrito assumiram como primeiro subprefeito e subdelegado o cel. Vercidino Camargo, primeiro escrivão José Cañellas, Juiz Hortêncio José Pinheiro, primeiros comissários José Borges, José Grassi e Atílio Zatta. Dois vultos resta mencionar que pertenceram a

<sup>234</sup> Carta do Romano Motta ao Bispo Dom Miguel de Lima Valverde. Palmeira, 1923. ACDSM.

<sup>235</sup> Carta do Pe. Frederico Blass, PSM ao Bispo Dom Miguel de Lima Valverde. Palmeira, 10.08.1913 ACDSM.



este remoto período. O major Fermino Leal da Costa, chefe do Serviço Florestal, tido por todos em alto conceito “por sua honradez no cumprimento zeloso de seus deveres”. O engenheiro Frederico Westphalen, diretor da colonização e intendente municipal de Palmeira (1924-1928), descrito pelo Pe. Vítor como caráter bondoso e benfazejo. Esta colônia guardou dele grata memória, razão por que entenderam alguns ser justo emprestar seu nome a esta terra. Interessante anotar que Westphalen, sendo seguidor do positivismo de Augusto Comte, que não admitia receber homenagens em vida, de tal forma que recusou a honraria, não comparecendo no dia da instalação do distrito – 06.01.1929 -, que contou com a presença do cientista brasileiro Dr. Belizário Penna.<sup>236</sup>

A primeira aula particular foi construída em 1924/1925, sendo sua primeira professora Amélia Sanvido, 1926, seguida por Narciso Paz, 1927, 1928 e Lydia Camargo que passou a professora municipal.

Através do *Relatório administrativo* de 1928-1929, podemos traçar um quadro da economia de Barril à época da sua elevação a categoria de distrito. Contava com oitenta e um contribuintes para pagamento de impostos. No *Comércio*: oito moinhos, um sapateiro sem oficial, uma trilhadeira de trigo. Na *Indústria*: cinco cantinas de vinho, doze engenhos de rapadura, seis engenhos de aguardente; uma exportadora de madeira de segunda classe, uma fábrica de banha, três ferrarias de segunda classe, seis fábricas de fumo, um depósito e uma bomba de gasolina, um hotel. Cinquenta e três veículos de tração animal. As *Profissões*: Duas alfaiatarias, cinco casas comerciais de 15/30 c. [?], sete de 6/15 c. e oito até seis c.; duas casas de bebidas e cigarros, quatro curtumes com oferta de obras; sete carpinteiros; Na *Educação*: quatro escolas; professorado municipal: João Fontana, Oládia Camargo, Máximo Manfredi, Maurícia José Reis.<sup>237</sup>

Já as pessoas e suas etnias da formação da população da localidade podemos saber parcialmente pela *Ata da instalação do Distrito*, que traz as assinaturas dos presentes. Claro que

<sup>236</sup> Cfme. *Ata da inauguração da Sede Frederico Westphalen e 13º Districto de Palmeira*. Cópia do original.

<sup>237</sup> Cfme. *Relatório administrativo de 1.10.1928 à 30.09.1929 apresentado ao Conselho Municipal em 20.10. 1929 pelo Intendente Municipal, Cel. Valzumiro Dutra*, pp. 19; 24 ss.

muitas pessoas que residiam no lugar não constam da nominata – sobretudo os mais simples. O quadro das etnias é este:

**Italianos:** Elvira Siliprandi Quintella, Hermelinda Helena Gemelli, Favorita Gemelli, Alice Siliprandi, Irene Sanvido, Genoefa Grassi, Alfredo Cerutti, Luiz Cerutti, João Fontana (professor e inspetor em Taquaruçu), João Sponchiado (inspetor em Taquaruçu), José Zanatta (Taquaruçu), Pedro Primo Sanvido, João Franciscatto, Igenes Sanvido, Theodolina Basanela, Natale Franciscatto, Ernesto Frieda, Luiz Franciscatto, Arcangelo Franciscatto, Dante Bortoluzzi, Angelo Trevisol, Luiz Trevisol, José Fabbris, Angelo Franciscatto, Anselmo Franciscatto, Bortolo Franciscatto, Adom Franciscatto, Agostinho Franciscatto, Saulle Franciscatto, Alfonso Franciscatto, Otavio Franciscatto, José Grassi (32).

**Lusos:** Vercedino Camargo, Wilma Camargo, Irma Camargo, Oswaldo Marques da Silva, Dorizel Paim, Waldomiro Camargo, Juventino Paim, Inocencio Borges, Hortencio José Pinheiro, Tiburcio Ramos, Amado Silva, João Antonio Borges (12).

**Alemães:** Erna Maria Petter, Celina Petter, Nicolau Petter, Eliza Hercenbergover, Melania Urban, Zebina Urban, João Piebe, Jacó Priebe, Felipe Engel, Hugo Engel, Rudolfo Engel (11).

**Espanhóis:** José Cañellas, Diogo Estelles (2 ?).

**Obs: Visitantes:** Dr. Belizário Penna, Dr. Ibanez Verney, Vazulmiro Dutra, Graciosa Dutra, Paulo Westphalen, Emilia Westphalen, Dr. Vicente Dutra (7).

Evidencia-se que predominam neste tempo as famílias de origem italiana, seguidas pelos lusos e alemães, e uma minoria espanhola. Nos anos seguintes, a tendência vai ser aumentar o grupo de origem italiana e gradativa retirada dos alemães e lusos, consolidando a configuração de uma sociedade etnicamente italiana, tipicamente colonial e religiosamente católica.

#### 4.6 - O Rebanho

Pe. Vítor confessa que começou sua vida de cura de almas e continuou por vários anos “limitando-se à primeira regra de toda a boa ação pastoral, reflexo da sentença do Evangelho: ‘Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e minhas velhas me conhecem’. Conhecer as ovelhas e por elas ser conhecido”.<sup>238</sup> Importa, pois, também para nós, que desejamos perscrutar a ação e o pensamento deste líder religioso-político, traçar o perfil ou perfis do seu rebanho, da população com quem trabalhou. Por certo este aspecto é relevante para nossa pesquisa, pois trata-se do outro elemento que permite o inter-relacionamento líder-liderados, ou agente-pacientes.

<sup>238</sup> BATTISTELLA, Mons. Vitor. *Painéis do Passado*, op. cit., p. 70.

Não numa relação tão simples, unilateral, pois o vetor é duplo, sofrendo ambos os elementos influências recíprocas.

Já acenamos alguns aspectos quanto às características da população da região da antiga paróquia de Barril. Aqui nos ateremos a outras descrições e, mais importante, focalizaremos a imagem que Pe. Battistella formava, em diferentes épocas, do povo com quem se relacionava. Esta análise nos permitirá explicitar qual a concepção que ele detinha da população, evidenciando sua ótica, seu modo de interpretar a sua identidade e, na seqüência, as estratégias de ação que traçou, o seu comportamento. Permitirá, outrossim, perceber se houve ou não uma mudança ou evolução na imagem que ele formou da população nas quatro décadas em que se relacionou com ela e as possíveis mutações também no seu modo de agir, as novas articulações que criava para fazer frente às mudanças do seu meio social.

Iniciamos com alguns dados objetivos. A população com quem Pe. Vítor se defrontou inicialmente era numerosa e encontrava-se dispersa sobre extenso território, quase todo ainda coberto de matas virgens. Ao ser criada, a paróquia de Barril possuía os seguintes limites: ao Norte: o rio Uruguai, desde a foz do rio Guarita até a do rio da Várzea; ao Leste: o rio da Várzea, até a desembocadura do arroio Jabuticaba; ao Sul: o arroio Jabuticaba até as suas nascentes e daí uma linha seca em direção Oeste até o rio Fortaleza; ao Oeste: o rio Fortaleza até a sua desembocadura no Guarita e daí até a entrada deste no rio Uruguai<sup>239</sup>. Já a 3.02.1934, houve retificação de limites, trocando o arroio Jabuticaba pelo Arroio Pinhal. Começou com 22 capelas, e possuía uma população, orçada pelo pároco, em 12 mil pessoas.

Com a criação da paróquia de Iraí (23.02.1935), desmembraram as capelas do Prado (Vicente Dutra, paróquia a 05.02.1967), Porto da Várzea e São Paulo. A 03.05.1939, foi a vez de Fortaleza (hoje Seberi) separar-se, levando apenas a capela da sede. Pelo desmembramento da freguesia de Caiçara (16.04.1053) foram desanexadas cinco comunidades. Assim mesmo, em 1955 (Jubileu Sacerdotal de Mons. Vítor), a paróquia contava com 29 comunidades e uma população de 20.755 habitantes, sendo 99% católica. Às vésperas da elevação à sede de Diocese, foram erigidas as paróquias de Taquaruçu e de Palmitinho (13.06.1961). Da primeira derivou a paróquia de Vista Alegre (1989) e da segunda a paróquia de Pinheirinho (31.12.1963).

#### ***4.6.1 – Aspecto étnico***

Quanto à formação étnica desta população, sobre a qual já tivemos ocasião de trazer algumas considerações, dispomos de um levantamento muito completo, por ocasião dos dez anos

<sup>239</sup> Cfme. “Portaria criando a Parochia de Barril”, Santa Maria, 17.01.1933.

de paróquia, em 1943<sup>240</sup>, realizado sob a orientação do Padre Vítor. Este circunstanciado recenseamento, além de mostrar a realidade da paróquia neste período, nos aspectos étnico, religioso, econômico e familiar, evidencia como o religioso levava a sério a regra acima de conhecer seu rebanho, pois conhecendo o mapa social dos paroquianos, melhor podia controlá-los e projetar suas estratégias em todos os campos de sua atuação. Por exemplo, em se tratando de uma campanha de arrecadação de recursos para uma determinada obra, dispondo dos dados da capacidade de cada lar, não era difícil prever o que podia reunir. Sem falar que, em sabendo a situação financeira de cada família, estas não podiam “sonegar” os auxílios pedidos sem que o padre as descobrisse.

Vejam cada umas das etnias conforme o *Recenseamento*, destacando as características mais relevantes e acrescentaremos algumas observações ou resenhas que Pe. Vítor deixou sobre estes grupos. Esta segunda parte permite captar a imagem que tinha de cada grupo étnico, portando a sua leitura pessoal, subjetiva.

Vejam inicialmente o quadro geral da situação da paróquia em 1943, separadas por comunidades:

---

<sup>240</sup> *Recenseamento da Paróquia de Barril Comemorativo do Xº Aniversário de Criação* – Pe. Vitor Battistella, 13.03.1943.

ASPECTO GERAL														
Situação Familiar								Sit. Religiosa				Sit. Econômica		
Famílias	Filhos em Casa	Filhas em Casa	Amasiados	Cas. Só Civil	Cas. Só Religioso	Cas. Relig. – Civil	Chefes de Família Católicos		Indiferentes	Não-católicos	Ricos	Remediados	Pobres	
							Fervorosos	Praticantes						
<b>Matriz</b>	425	928	960	6	38	67	314	129	139	147	10	15	227	198
<b>Taquarussú</b>	100	231	205	6	11	15	68	35	29	31	5	3	36	64
<b>Vista Alegre</b>	79	208	219	-	1	6	72	37	33	7	1	3	54	24
<b>Lagoa da Figueira</b>	146	293	276	5	8	41	92	31	62	51	2	1	37	108
<b>Castelinho</b>	100	215	180	11	16	31	42	26	9	62	3	-	8	92
<b>Palmitos</b>	110	279	254	12	22	30	36	23	17	69	-	1	16	93
<b>Boa Vista</b>	103	206	227	6	20	28	49	9	27	63	4	-	20	83
<b>Sete de Setembro</b>	40	114	96	-	-	7	33	21	8	-	-	-	22	18
<b>São José</b>	36	74	82	-	-	3	33	18	15	2	-	2	28	8
<b>São Paulo</b>	37	96	103	1	1	6	29	12	13	12	-	-	4	33
<b>Pardo</b>	46	110	83	5	2	16	23	8	15	22	-	1	5	40
<b>Perau</b>	99	216	214	4	9	32	54	2	40	57	-	-	4	95
<b>Getúlio Vargas</b>	55	93	96	1	-	6	48	3	32	13	5	-	1	53
<b>Pedras Brancas</b>	55	130	112	6	10	11	28	5	9	31	5	-	9	46
<b>Pavão</b>	54	105	90	15	10	22	27	1	7	45	-	-	-	54
<b>Barra do Suco</b>	43	100	86	9	11	18	5	-	13	30	-	-	1	42
<b>Pinheirinho</b>	27	79	71	-	2	2	23	8	10	8	-	-	2	26
<b>Lageado União</b>	25	49	46	2	2	5	16	-	11	13	-	-	-	25
<b>Capivara</b>	40	80	86	2	2	3	33	-	26	13	-	-	-	40
<b>Lageado dos Mendes</b>	33	62	50	5	3	2	23	3	11	18	-	-	1	32
<b>Chiquinha</b>	41	75	80	-	1	21	19	1	22	18	-	-	3	38
<b>Barra do Pardo</b>	13	18	28	7	2	2	2	-	2	3	-	-	-	13
<b>Kilometro 16</b>	19	17	19	-	4	3	12	-	-	19	-	-	-	19
<b>Kilometro 10</b>	16	29	14	-	2	10	32	-	-	16	-	-	-	16
	1747	3807	3680	103	175	387	789	372	540	748	35	26	478	990

Para uma melhor interpretação dos dados, é necessário esclarecer que no quadro da *Situação Religiosa* foram contemplados somente os chefes de famílias. Os critérios usados para a catalogação seguem esta conceituação, elaborada pelo Pároco: a) *Fervorosos*: fiéis a todos os deveres essenciais da Religião, comungam 3 ou mais vezes ao ano; b) *Praticantes*: Cumprem o dever da Comunhão pascal e assistem regularmente à missa dominical; c) **Indiferentes**: não cumprem o dever da comunhão pascal e em geral os outros deveres mais importantes do bom católico.

Na *Situação Econômica*, foram seguidos estes critérios: a) *Ricos*: têm mais de 50 mil Cruzeiros de capital; b) *Remediados*: de 10 a 50 mil Cruzeiros de capital; c) *Pobres*: menos de 10 mil Cruzeiros de capital. Em nota, o recenseador lembra que os “cálculos são aproximados”.

O total da população da paróquia de Barril, neste ano de 1943, chegava a 10.981, o que dá uma média de 6,28 filhos por família. Número expressivo, que mostra o fenômeno de famílias grandes, em concordância com a orientação da Igreja de não evitar filhos e vê-los como uma graça divina. Esta população estava bem dividida entre os sexos, sendo 5.554 do sexo masculino e 5.427 do sexo feminino.

#### 4.6.1.1 - Ítalos

Considerando por origem, a **Italiana** foi e é a origem que predominou, com exceção dos primeiros anos, quando só existiam na região os caboclos. De tal forma que Mons. Vítor vai chamar sua paróquia de *Colônia Italiana*, portanto tratava-se da origem que dava a configuração da região. Eram adventícios das chamadas “Colônias Velhas”; salientando-se as de Guaporé, Alfredo Chaves, Bento Gonçalves, Garibaldi, Silveira Martins - Nova Palma, Antonio Prado. Já dissemos que estas paróquias eram marcadas por um ambiente eminentemente religioso, sentimento que acompanhou a emigração interna e deu a configuração social das novas nucleações. O *Recenseamento* de 1944 mostra esta predominância e dá outras marcas dessa etnia.

	ASPECTO ÉTNICO														
	Ítalos														
	Situação Familiar							Sit. Religiosa					Sit. econômica		
	Famílias	Filhos em Casa	Filhas em Casa	Amasiados	Cas. Só Civil	Cas. Só Religioso	Cas. Relig. - Civil	Chefes de Família Católico		Indiferentes	Não-católicos	Ricos	Remediados	Pobres	
Fer-voro-								Prati-cantes							
Matriz	234	546	573	-	3	23	208	110	88	35	4	11	157	66	
Taquarassú	62	178	151	-	1	6	55	35	25	2	-	2	34	26	
Vista Alegre	74	199	198	-	-	6	68	37	32	4	-	2	51	21	
L. da Figueira	81	169	183	-	-	19	60	25	46	10	-	1	34	19	
Castelinho	28	64	65	-	-	2	26	23	3	2	-	-	7	21	
Palmitos	34	103	90	-	-	9	25	23	11	-	-	1	11	22	
Boa Vista	53	121	149	1	2	10	40	8	24	20	1	-	18	35	
7 de Setembro	30	96	90	-	-	5	23	20	6	4	-	-	21	9	
São José	33	76	77	-	-	2	31	16	15	2	-	2	28	5	
São Paulo	25	76	84	-	-	2	23	10	11	4	-	-	4	21	
Pardo	26	69	66	-	-	7	10	8	15	2	-	1	5	20	
Perau	9	14	34	1	-	2	6	-	2	7	-	-	1	8	
Getúlio Vargas	5	5	9	-	-	-	5	-	5	-	-	-	1	4	
Pedras Brancas	23	55	56	-	-	2	21	16	5	2	-	-	9	14	
Pavão	6	14	20	-	1	2	3	1	4	1	-	-	-	6	
Barra do Suco	10	26	31	1	-	8	1	-	9	1	-	-	1	9	
Pinheirinho	5	23	23	-	-	2	3	-	5	-	-	-	1	4	
Lajeado União	15	33	38	-	-	-	15	1	11	3	-	-	-	15	
Capivara	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Laj dos Mendes	1	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	
Chiquinha	7	18	23	-	-	1	6	1	2	4	-	-	1	6	
Barra do Pardo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Quilômetro 16	3	-	-	-	-	-	3	-	-	3	-	-	-	3	
Quilômetro 10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
	764	1877	1957	3	7	108	644	335	319	106	2	20	384	334	

O quadro revela como quase a metade da população da paróquia de Barril (43,7%) era de origem italiana, portanto a predominante no total geral. Porém esta prevalência não se verifica na maioria das comunidades, pois apenas dez comunidades, das vinte e quatro, mais da metade da população, é de origem italiana. Ressalta-se que esta etnia está presente majoritariamente nas maiores comunidades e nas mais próximas da Sede paroquial<sup>241</sup>, como são a Matriz, Vista Alegre, Taquaruçu, Lagoa da Figueira, que irão se tornar sedes de municípios e de paróquia. Mostra também que é nesse grupo que está o maior número de *ricos* (20 dos 26). Já no aspecto religioso

<sup>241</sup> Saliente-se que quanto mais distante da sede da paróquia mais aumenta o índice de pobreza, pelo fato de o terreno ser mais acidentado – próximos aos cursos de água -, de difícil cultivo e distantes das vias de comunicação e centros de comércio.

aí se encontra o maior índice de fervorosos (43,8 %) e o menor índice de indiferentes, (13,8 %), como também o menor índice de amasiados (0,39 %) e de casamentos só pelo civil (0,91%).

Este quadro que é, digamos, o mais próximo ao padrão considerado por Mons. Vítor já acena que os comentários sobre a etnia italiana, que é também a sua, vai merecer os melhores comentários e elogios. Onde não deixa de transparecer certo etnocentrismo, que já tangenciamos acima. Num Histórico que o pároco deixou no Livro Tombo já encontramos alguns elementos nesse sentido, como o panegírico, em que identifica os colonos adventícios das paróquias de Guaporé, Alfredo Chaves, Garibaldi e Nova Palma, como “bravos batedores da civilização”, semeadores nestes bravios sertões, da coragem indômita e temerária da raça latina, e, sobretudo, a fé que anima robusta as almas de quase todos os imigrados da Itália Católica. Na sua ótica ,foi esta fé que pôde manter através das enormes dificuldades porque passaram nos primeiros tempos da colonização, lutando com a falta de tudo e com a miséria.

Mais tarde, em 1936, numa *Resenha psicológica* que elaborou sobre sua paróquia, voltou a citar as virtudes deste elemento, analisando suas origens: “há muita fé, firme e sincera, entre o elemento católico da colônia italiana, levadas em conta as inevitáveis exceções. As práticas de piedade e os deveres essenciais são geralmente levados a sério, contribuindo para isso, além da docilidade aos chamadas da Igreja, o hábito, a tradição, o meio ambiente favorável e nada hostil”.<sup>242</sup>

Para o pároco, pois, na colônia italiana havia grande pureza de costumes, não havendo em geral corrupção de costumes; portanto, tratava-se da cultura ideal para o desenvolvimento do cristianismo, havendo como que uma simbiose entre o catolicismo, a Igreja e a italianidade. O fenômeno da blasfêmia, sabidamente mais freqüente nesta etnia, era visto como uma “desordem” e seguidamente era exorcizada em suas prédicas. É latente, outrossim, nos seus escritos a vibração pela chegada de novos elementos de origem italiana, vendo nisso a possibilidade de uma colônia mais homogênea, marcadamente desta cultura. Em fins de 1939, regozijava-se com o aumento da vida católica: A população católica cresce – escreveu - em número e qualidade também com a vinda de numerosas famílias de ótimas paróquias como Nova Palma, Marau,

---

<sup>242</sup> “*Resenha psicológica da sociedade de barril para a orientação dos vigários futuros*”. Livro Tombo I, p. 47 v-49. O título sugere que o pároco estava esperando sua substituição no comando da paróquia. Acrescenta-se que, neste tempo, 1936, Pe. Battistella estava sofrendo acusações de ordem moral, que inclusive ganhou as páginas da imprensa (Jornal “Três de Outubro”, de Palmeira das Missões).



Tapera, Guaporé.<sup>243</sup> Cinco anos depois, observava um incremento no progresso da paróquia, cuja população estimava em 14 mil pessoas. A colonização também tinha se expandido progressivamente, tendo encontrado facilidades da existência da Inspetoria de Terras e Colonização, aí sediada naquele ano. Verdadeiras levas de agricultores de outros municípios, especialmente Sobradinho, Guaporé e Poro Alegre, vieram fixar-se dentro do distrito: “e mais ainda de Júlio de Castilhos e notadamente da paróquia de Nova Palma, cujos moradores, trabalhadores e profundamente católicos, encontraram clima favorável nesta freguesia **que se considera como que uma filial de Nova Palma**”<sup>244</sup> [grifo nosso] .

Esta identificação com a paróquia de Nova Palma é sintomática, pois a família do religioso, como vimos, residira naquele lugar, que se caracterizava por uma população de vida pacata, profunda religiosidade e até por não possuir o vício da blasfêmia, bastante presente nas demais colônias italianas do Estado. De tal forma, que as pessoas que vão servir de assessores do padre – *fabriqueiros* - serão na maioria de adventícios de Nova Palma.

#### 4.6.1.2 – *Nacionais*

O segundo grupo étnico em número de lares são os **nacionais** ou luso-brasileiros, embora seja a primeira população que aportou nos sertões da paróquia de Barril. Abarca a etnia portuguesa, tanto a de origem continental como a das ilhas açoritas, e os chamados *caboclos*, resultantes da miscigenação de portugueses – vindos de São Paulo e Paraná – com índios e negros. Instalaram-se sem qualquer preocupação formal/legal, como *intrusos*, nas terras devolutas, preferentemente à beira dos rios piscosos.

Não poucos vinham em fuga de perseguições políticas das revoluções de 1893 e de 1923 e até da Justiça por crimes. Foram os responsáveis pela fama negativa que ganhou o antigo município de Palmeira de “terra de bandidos”. Neste contingente de *Nacionais*, incluem-se os chamados *taquarianos*, ou seja descendentes de açoritas - que já citamos – que, a partir dos anos trinta do século passado, deixaram a região de Taquari para fixarem-se na paróquia. Outros aspectos dessa etnia afloram do gráfico do levantamento de 1943:

<sup>243</sup> “Aumento de vida religiosa”. *Livro Tombo I*, p. 66v.

<sup>244</sup> “Apanhado Sintético da Situação da Paróquia em fins de 1944”. Idem, tomo 2, p. 6.

ASPECTO ÉTNICO														
Nacionais														
Situação Familiar							Sit. Religiosa				Sit. Econômica			
Famílias	Filhos em Casa	Filhas em Casa	Amasiados	Cas. Só Civil	Cas. Só Religioso	Cas. Rel. – Civil	Chefes de Família Católicos			Indiferentes	Não-católicos	Ricos	Remediados	Pobres
							Fervorosos	Praticantes						
Matriz	136	245	223	6	31	32	77	10	21	99	6	3	38	95
Taquarassú	38	50	54	6	10	9	13	-	4	29	5	1	2	35
Vista Alegre	3	13	15	-	1	1	1	-	-	3	-	-	2	1
Lagoa da Figueira	56	103	78	5	6	15	30	6	11	37	2	-	3	53
Castelinho	66	141	125	11	14	32	9	3	5	57	1	-	1	65
Palmitos	74	185	163	12	21	21	20	-	6	68	0	-	5	69
Boa Vista	48	90	94	5	10	20	13	1	3	42	2	-	2	46
Sete de Setembro	10	18	16	-	-	2	8	1	2	7	-	-	1	9
São José	3	2	5	-	-	1	2	2	-	1	-	-	-	3
São Paulo	12	20	22	1	1	3	8	2	2	8	-	-	-	12
Pardo	20	52	33	5	2	7	6	-	-	20	-	-	-	20
Perau	26	78	56	2	4	9	11	-	-	26	-	-	-	26
Getúlio Vargas	1	2	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	1
Pedras Brancas	30	69	52	6	9	8	7	-	4	27	3	-	-	30
Pavão	47	90	66	15	9	20	3	-	3	44	-	-	-	47
Barra do Suco	32	72	48	7	9	9	7	-	4	28	-	-	-	32
Pinheirinho	3	10	8	-	2	-	1	-	-	3	-	-	-	3
Lajeado União	9	16	15	2	2	3	2	-	-	9	-	-	-	9
Capivara	12	14	28	2	2	3	5	-	3	9	-	-	-	12
Lajeado dos Mendes	30	66	44	3	3	2	19	2	11	17	-	-	1	29
Chiquinha	2	8	10	-	-	1	1	-	-	2	-	-	-	2
Barra do Pardo	12	17	27	7	2	2	1	-	2	10	-	-	-	12
Quilômetro 16	16	27	19	-	4	3	9	-	-	16	-	-	-	16
Quilômetro 10	16	29	18	-	2	10	4	-	-	16	-	-	-	16
	704	1317	1226	95	144	212	257	27	81	570	19	4	55	649

Salienta-se o fato de que representam 40,39% das famílias da paróquia; sendo a totalidade em uma comunidade, a quase totalidade em quatro, e maioria absoluta em outras quatro comunidades. Torna patente o fenômeno de formarem agrupamentos homogêneos. É o grupo, conforme o *Recenseamento*, mais pobre, com um índice de 92,1%, como a de casamentos que chamaremos em contraposição ao padrão, de irregulares (64,06%).

Outros aspectos, para não sermos repetitivos, deixamos para as análises e interpretações que Pe. Battistella fez a respeito desta camada social de seu rebanho. A comunidade de Fortaleza – depois Seberi, que pertenceu a Barril até 1939 – caracterizava-se por ser povoada preponderantemente por elementos luso-brasileiros, numa região formada em parte por campos. A descrição que o pároco faz dela já evidencia seu relacionamento com esta etnia, como esta de 1934:

*Sensibilíssima é a necessidade de uma capela na zona do campo, distrito da Fortaleza, onde o povo esparso e sem cultura alguma, vive na mais completa ignorância religiosa, apesar de uma certa boa vontade que nele se nota. Sendo freqüentes outrossim, nestas zonas as inimizades entre famílias, sucede que muitos não comparecem às reuniões, porque a casa que hospeda o vigário é de desafeto.*<sup>245</sup>

Somente neste ano, após um triênio de permanência na paróquia, o vigário pôde ver realizada a festa da padroeira Na. Sra. da Paz na localidade. Explicou o fato “pela lamentável indolência daquele povo, em bom número dos chamados taquarianos, e outros sem cultivo algum religioso”.

Na já citada Resenha psicológica, de 1936, encontramos novas e eloqüentes impressões do religioso a respeito desta etnia:

*Entre os sertanejos e o elemento brasileiro a fé católica é comum, mas à moda “brasileira”. Os deveres essenciais são encarados arbitrariamente. Quando muito, 3% se confessam e assistem à missa dominical. Deve-se isso à carência de energia, atividade e seriedade no cumprimento do dever que caracteriza em geral este elemento étnico, e também a falta de formação religiosa, ou melhor, catequética. Meras exterioridades, algumas orações, não poucas superstições, batismo retardado, às vezes missa por distração, em geral casamento religioso, por ser mais barato, outras vezes por espírito religioso, e em cima de tudo: o título de católico. Eis tudo.*<sup>246</sup>

Chama a atenção o fato de a análise coincidir com as características e conclusões enumeradas pelos estudos sobre o “catolicismo brasileiro”, notando-se, outrossim, que Pe. Battistella foi refratário aos pontos positivos desta forma de expressão religiosa<sup>247</sup>.

Outra constatação, agora de ordem social-econômica, é exarada em 1944, quando se refere ao surto de desenvolvimento que se verificava na agricultura e da qual o elemento caboclo estava sendo excluído. Este, diz, “gradualmente, foi cedendo lugar à população de origem que invade o sertão à procura de terras e de melhores condições de vida, obrigando o caboclo, estacionário e indolente, a debandar para mais longas terras”.<sup>248</sup>

Este mesmo festejado surto progressista traria preocupações para o sacerdote, cinco anos após a emancipação de Barril - 1959, sendo novamente os motivadores a lusa gente. Explicando as razões que contribuem para o afrouxamento do fervor religioso, cita, entre outros, os “maus

<sup>245</sup> “Nova Capela na zona do campo” - Idem, p. 20 e 20 v.

<sup>246</sup> “Resenha psicológica da sociedade de barril para a orientação dos vigários futuros”. Idem, p. 47 v-49.

<sup>247</sup> Entre outros estudos, consulte-se: HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800. Ensaio de interpretação a partir dos oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1974.

<sup>248</sup> “Apanhado Sintético da Situação da Paróquia em fins de 1944”. Idem, t. II, p. 6. Outro comentário na mesma linha, mas com um tópico de positividade é o do Bispo Dom Luiz Vitor Sartori, em Visita Pastoral de 1957, que escreveu: “Há também muitas famílias de chamados taquarianos, vindos do município de Taquari. São elementos que guardam a tradicional fé católica, porém com muita falta de instrução religiosa e prática dos S. Sacramentos. São gente de boa vontade e boas qualidades que com o exemplo cristão dos colonos e uma boa assistência religiosa, se aproximarão cada vez mais à prática da vida cristã. Neste particular de suma importância será a catequese da vida das crianças.” Idem, tomo 3, p. 90v, “Termo de Visita Pastoral”.

exemplos, indiferentismo da maioria do elemento luso aqui aportado de outros municípios à procura de um emprego e de facilidades da vida e sem nenhuma formação religiosa, a não ser a tradicional e quase inata fé em Deus, em N. Sra. e nos Santos e a praxe de batizar, em hora às vezes tardiamente”.<sup>249</sup>

#### 4.6.1.3 - Poloneses

O terceiro grupo em proporção na população é a de origem **polonesa**, comose percebe no quadro seguinte:

	ASPECTO ÉTNICO													
	Poloneses													
	Situação Familiar							Sit. Religiosa				Sit. Econômica		
	Famílias	Filhos em Casa	Filhas em Casa	Amasiados	Cas. Só Civil	Cas. Só Religioso	Cas. Relig. - Civil	Chefes de Fam. cat		Indiferentes	Não-católicos	Ricos	Remediados	Pobres
Fervorosos								Praticantes						
Matriz	40	113	142	-	-	9	34	9	25	6	-	-	24	16
Taquarassú	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Vista Alegre	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
L. da Figueira	2	3	2	-	-	2	-	-	2	-	-	-	-	2
Castelinho	1	4	2	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	1
Palmitos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Boa Vista	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7 de Setembro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
São José	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
São Paulo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pardo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Perau	59	140	126	1	1	15	32	2	37	20	-	-	-	59
Getúlio Vargas	36	55	56	-	-	4	32	3	27	4	2	-	-	36
Pedras Brancas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pavão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Barra do Suco	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pinheirinho	1	5	5	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	1
Lajeado União	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Capivara	1	3	1	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	1
L. dos Mendes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Chiquinha	30	44	58	-	1	19	10	-	20	10	-	-	2	28
Barra do Pardo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Quilômetro 16	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Quilômetro 10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	170	377	292	1	2	49	108	14	114	40	2	-	26	144

<sup>249</sup> Idem, p. 16v. “Síntese da vida paroquial”.

Representa, como se vê, 9,73% das famílias, estando quase toda concentrada em três comunidades, além da Matriz onde representa cerca de 10%. ; sobressai, segundo o levantamento de 1943, além disso, a pobreza na maioria dos lares, 84,70%.

Perante esta etnia, tem-se a impressão que Pe. Battistella posta-se mais compreensivo e condescendente, diferentemente da origem lusa, que reiteradamente focalizava com aspereza e desconfiança. Na mesma *Resenha* de 1936, vemos um pastor obsequioso na busca de explicações para esta parte do seu rebanho:

*A colônia polonesa acha-se em circuns tâncias desfavoráveis ao progresso religioso. Falta de um sacerdote polonês ou de língua polonesa; falta de capelas devido à desunião do povo e à pobreza e também à indiferença comum; notáveis distâncias do centro paroquial; ignorância da língua portuguesa. Por isso a fé está um tanto lânguida e a prática dos deveres cristãos muito deixada. Contudo, quando, ano por ano, se provê a vinda de um padre que fala polaco, é notável a freqüência aos sacramentos. O polaco permanece enraizadamente católico. É exemplar o cuidado que tem de batizar logo as crianças e o respeito e devoção na chegada do sacerdote com o Santíssimo Viático para os doentes.*<sup>250</sup>

Noutra parte, acrescenta que entre a população de nacionalidade polaca campeia sobremaneira o abuso do álcool (1934), e observa a demasiada liberdade dos pais em relação aos filhos.

#### 4.6.1.4 – Teutos e russos

O quarto grupo é formado pelos **teutos**, comparecendo no *Recenseamento* de 1943 com 85 famílias; na matriz aparecem 13 famílias e prevalecem em apenas duas comunidades - Pinheirinho (com 18 lares) e Capivara (com 27) - o que se explica pela proximidade da colonização alemã levada a efeito pelos padres jesuítas em Itapiranga no vizinho Estado de Santa Catarina. Não que fossem protestantes, pois consta que apenas oito famílias não são católicas.

Talvez por não terem maior expressão no quadro geral (4,86 %), Pe. Vítor não esboçou qualquer comentário sobre os teutos.

Da mesma forma, o quinto e último grupo constante da pesquisa demográfica, os **russos**, não são mencionados nos escritos do Pároco - talvez por serem confundidos com os poloneses. Mas figuram em quadro próprio no *Recenseamento* com 24 famílias, todas pobres (!), e em maior número na comunidade de Getúlio Vargas (13 lares).

Assim, passamos em revista os diversos grupos étnicos que formavam a população da Paróquia de Barril, procurando traçar e destacar seus perfis, inclusive na ótica singular de nosso biografado. É com este elemento humano que Pe. Battistella vai se relacionar, buscando impri-

mir uma nova imagem, mais de acordo com o padrão que ele acreditava o mais certo e adequado. Cumpre agora destacar e analisar as estratégias e metas de seu apostolado, tarefa que se torna possível e mais compreensível após este quadro contextual, pois se “qual o pastor tal a grei”, até onde também vale a recíproca “tal a grei, tal o pastor”?

#### 4.7 - Empenho para uma paróquia

Nesta parte enfocaremos o processo que culminou com a criação da paróquia e, conseqüentemente, a vinda do Pe. Vítor para Barril. A paróquia não é vista aqui apenas como uma ramificação da entidade da Igreja, de ordem religiosa, mas também como um espaço ou lugar que contém uma ideologia, uma proposta; um arcabouço definido de controle religioso e social. E, como tal, vai ter que articular-se com as outras esferas de poder e outras mentalidades. Importa, pois, ver os diferentes interesses envolvidos no estabelecimento de um padre no lugar, a elevação à categoria de Paróquia e as transformações advindas destes fatos.

O processo da criação da Paróquia Santo Antônio de Frederico Westphalen contou com diversas etapas e perdurou por anos. Já dissemos que foi fato comum entre as nucleações coloniais nascentes, principalmente de origem italiana, o anseio por possuírem um padre residente ou se constituírem em sede de Paróquia. O Arquivo da Cúria de Santa Maria guarda muitos documentos com apelos de comunidades desejosas de um sacerdote, geralmente acompanhados por um abaixo-assinado, para comprovar a premente necessidade de sensibilizar as autoridades clericais. Com Barril não foi diferente. Consta que a primeira ação articulada neste sentido se deu por ocasião da Primeira Visita Pastoral ao lugar, em 4 de dezembro de 1926, na pessoa do Bispo de Santa Maria, D. Ático Eusébio da Rocha. Um fabriqueiro<sup>251</sup>, no discurso de saudação, externou o desejo da comunidade de sede de Paróquia ou ter um padre efetivo (*prete stabile*, em italiano). Respondendo, teria dito, textualmente: “O coração me chora em não poder atender-vos de momento. Mas, continuai abraçados à Cruz de Nosso Senhor e dentro em breve vosso apelo será satisfeito”.<sup>252</sup> Visto a autoridade e o valor da palavra de um Bispo na concepção dos ouvintes, os mais entusiasmados com a idéia receberam a expressão como uma promessa, que infalivelmente iria se cumprir.

Neste tempo, importa frisar, a região era atendida pelos Párcos de Palmeiras das Missões, sobressaindo o Pe. Luiz Quattropiani, que atuou de 1925 a 1931. Com o aumento das nucleações e devido às enormes distâncias e à imensa extensão da paróquia de Palmeira, não podia acudir

<sup>250</sup> “Resenha psicológica...”. *Livro Tombo I*, p. 47v.

<sup>251</sup> “Fabriqueiro” (*fabricieri*, em italiano) são denominados os membros da *fábrica* da paróquia e capelas, que corresponde à diretoria, composta pelo presidente, tesoureiro, secretário e auxiliares. Adiante, veremos mais detalhes.

<sup>252</sup> BATTISTELLA, Mons. Vitor. *Painéis do Passado*, op. cit. p. 48. Também no histórico *Frederico Westphalen*, elaborado por Mons. Vitor. Op. cit.

convenientemente às necessidades espirituais desta porção do seu rebanho, o que fez com que o projeto de uma paróquia ou um padre fixo no lugar ganhasse mais corpo.

Acontece que, neste tempo, já se constituía próximo a Barril uns 10 Km, uma outra comunidade, Taquaruçu, que, por ter uma população mais homogênea e com uma religiosidade “padrão” (entendendo por isso “cordial, sincera, autêntica, patriarcal”), atraiu a estima do sacerdote, que encorajou o povo com a idéia da paróquia. “Era preciso que trabalhassem – incitava - certos de que o lugar que fosse mais à frente podia esperar com mais razões também a paróquia”. Tal fato é assim analisado pelo nosso biografado:

*Com este sopro de esperanças Taquaruçu criou alento. Gente simples, acostumada a viver à sombra de seu campanário, sem maior visão dos problemas da Igreja, acreditava que a simpatia do vigário era garantia suficiente para suas nobres aspirações, e começou a agir.*<sup>253</sup>

Evidencia, o texto que, para seu autor, havia um hiato ou dicotomia entre os “problemas da Igreja”, entendida como sua política de ação enquanto instituição, e o pensamento popular. Aquele superior, elevado, iluminado; este inferior, rústico. Aquele estava restrito aos ilustrados, aos poucos agraciados em participar da esfera superior da Igreja e da sua formação.

Na ânsia ingênua de sediar a freguesia e vencer a concorrente Barril, dizíamos, a população de Taquaruçu fez esforços extraordinários para uma gente reduzida e pobre: adquiriram terreno, construíram espaçosa capela, reservaram junto à Inspetoria de Terras uma ampla área para futuro povoado, enviaram notáveis auxílios ao Seminário Diocesano. O afã era tanto que abriram campanha para compra de três grandes sinos, através de líderes locais, o que acabou por trazer problemas para a comunidade. Pe. Battistella registrou o fato, que é significativo, enquanto traz à tona acontecimentos vinculados à administração “das coisas da Igreja”. Lembramos que o contexto do episódio é o da Crise Financeira Mundial de 1929.

*Mais tarde surge a questão da compra dos três grandes sinos. Época de bem estar, os fabricantes João Sponchiado, José Zanatta e Achilles Zanatta, gente bastante empreendedora, percorrendo a zona com subscrições, insistem e importunam os colonos para que assinem avultadas somas. Tudo fica no papel. Vêm os sinos e tempos depois a crise. Muitos não podem pagar os compromissos. A igreja endividada, os fabricantes importunam, apertam. Queixas, protestos, teimosias, mexericos, despeitos. Os dois partidos<sup>254</sup> aproveitam ocasiões para se hostilizar e mostrar animosidade. Outros incidentes, às vezes*

<sup>253</sup> Idem, p. 65.

<sup>254</sup> “Formação de dois partidos na escolha de fabricantes, aproximadamente ano 1929. De um lado João Fontana, professor local e algum tempo inspetor, porque dado a bebedeiras cometeu arbitrariedades e violências, conquistando antipatias; com ele, que também foi fabricante, formavam Lourenço Albarello, família Zanchet, família Piaia, Volpatto, etc. De outro lado João Sponchiado, sucessor de Fontana na Inspetoria, votado e depois eleito fabricante, homem decidido, a princípio um tanto rígido, depois mais moderado, com ele formavam e ainda hoje formam as várias famílias Zanatta, Sponchiado, Rech, etc.”

*verdadeiras ninharias. Todos os esforços do vigário, apelos a caridade e a concórdia, pouco valeram.*<sup>255</sup>

O pároco defende-se, dizendo que sua atitude “foi sempre conciliadora, mantendo-se numa linha de imparcialidade tanto quanto era possível”. Mas, acaba por colocar-se favorável ao grupo que preponderava: “A razão geralmente estava com João Sponchiado e seus companheiros, que segundo se sabe, de ordinário têm procedido em sua gestão de fabricante e inspetor corretamente e muito tem trabalhado em prol dos interesses da capela e da escola, ao lado, especialmente de José Zanatta, elemento excelente de trabalho e iniciativa”.<sup>256</sup>

Mas no andar do tempo, Barril mantinha-se na vanguarda do movimento da colocação de sacerdote efetivo: já fora elevado à sede de Distrito. Sobre o sentido disto, observa o autor dos *Painéis do Passado*:

*A política eclesiástica, muito acertada, usa, via de regra, não separar os elementos essenciais que constituem a vida social. O distrito, célula da vida civil, é o corpo. A paróquia célula da vida espiritual, é a alma. Corpo e alma devem estar juntos formando a unidade que é a comunidade. Origina difíceis problemas para o povo a separação destes fundamentais elementos.*<sup>257</sup>

Abrindo-se um parêntese: Tal texto não evidencia resquícios do regime do padroado?

Além disso, estava situado em ponto mais favorável ao desenvolvimento econômico e material – servido pela rodovia que o ligava a Palmeira e Iraí -, e contava com “fortes elementos católicos”. Segundo Pe. Vítor, estes “homens influentes”, ou maiorais, eram, na ordem como registrou no *Livro Tombo*: Angelo Michelin, Vergínio Cerutti, José Cañellas, Vercidino Camargo, Atilio Zatta, Vicente Trombeta, José Vanelli, João Cerutti e José Magalski.<sup>258</sup>

Um destes homens, Vergínio Cerutti, que já citamos, em entrevista, coloca como viu os fatos, que bem retrata seu peculiar foco de visão a respeito da disputa da sede da paróquia:

*Então sempre dizia que precisava arrumar um padre vir pra cá, precisava criar paróquia aqui. E surgiu que, um padre que vinha provisoriamente, que era lá não sei de onde, tal Ângelo, surgiu que achava que o Padre devia ser em Taquaruçu, porque a colônia era mais forte lá, não resta dúvida, a colônia era mais forte do que aqui, a colônia mais antiga, mais forte. Então surgiu que o padre e a paróquia ia ser criada em Taquaruçu. E chegou o padre influi o pessoal que compraram o sino, até o sino de hoje lá, compraram pra intenção de pegar o padre. Então eu disse pros pessoal de Taquaruçu, falecido meu compadre Sponchiado, falecido José Zanatta, eu disse: - Olha, vocês compraram o sino, mas vou dizer pra vocês: vocês o sino e nós o padre. Dito e feito.*<sup>259</sup>

<sup>255</sup> “Dissidências no Taquaruçu” – julho de 1935. *Livro Tombo da Paróquia Santo Antônio de Frederico Westphalen*, t. 1, p. 30-31.

<sup>256</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>257</sup> BATTISTELLA, Mons. Vitor. *Painéis do Passado*, op. cit. p. 65.

<sup>258</sup> Idem, p. 2v.

<sup>259</sup> Frederico Westphalen, em sua residência, 5 de novembro de 1986.



Consta, por outro lado, que em fevereiro de 1930 uma comissão de alguns dos líderes barrilenses advogou junto ao Governador do Bispado, Mons. Luiz Scortegagna<sup>260</sup>, a efetivação de um padre no lugar. Efetivamente, encontramos o seguinte documento no Arquivo do Bispado de Santa Maria, de abril de 1930, que traz novas luzes sobre a trama:

*Sede Frederico Westphalen, Palmeira 9-IV-1930. - Ex<sup>o</sup> Snr. Monsenhor Luis Corteganha. Santa Maria. Exmo. Snr. - São portadores o Sr. Alfredo e Virginio Cerutti, que vão a presença de V. Exc<sup>a</sup> representando a Directoria desta Igreja. No seguinte sentido: Como fazem 4 anos aproximados, que aqui esteve em visita Pastoral o Ex<sup>o</sup> Bispo desta diocese don Attico Euzebio da Rocha, e esta Directoria aproveitando a oportunidade, expôs as necessidades que de momento urgiam, isto é a criação de uma freguesia p<sup>a</sup> este lugar – o Sr. Bispo allegou falta de Padres, mas no entanto prometteo, que nossas supplicas seriam attendidas logo. E como até o momento nenhuma esperança nos deram, Voltamos a presença de V. Ex<sup>a</sup> no mesmo sentido – Appelando para o vosso sentimento religioso, que nosso pedido, nossas supplicas sejam attendidos, pois aqui o lugar cada ves desenvolve mais. Por outra esta Sede é o coração deste Sertão, sem medo de errar estes sertões contam com 10 000 habitantes que quasi sempre vivem nas trevas, e não querendo sermos mais importunos, a vinda de um Padre para cá urge. Pela mesma comissão será submettido a V. Ex<sup>a</sup> um officio que redigimos à Associação Universal de Santo Antonio de Padova – Italia<sup>261</sup>. Pois quem precisa procura todos os meios legaes, pelo que vossa Ex<sup>a</sup> queira perdoar-nos esta nossa resolução. Sem outro motivo beijando as mãos de V. Ex<sup>a</sup> somos admiradores obrigados. (assinam) Angelo Michelin, Cecilio Zatta, João Cerutti, Vicente Trombetta, José Vanelli.<sup>262</sup>*

Nos últimos meses do mesmo ano, em passagem de volta a uma estação de banhos em Iraí, esteve *in loco*, e propôs-se a satisfazer o apelo da criação da paróquia em Barril, encarecendo-lhe a importância junto ao novo Bispo que para Santa Maria fosse nomeado. O xeque-mate desta decisão, ao que tudo indica, foi o fato de os barrilenses terem se prontificado em sustentar as despesas que houvesse com a criação da paróquia e manutenção do vigário, como assevera Pe. Vítor.<sup>263</sup>

Uma versão oral de Cerutti, um dos protagonistas do episódio é, resumindo, assim:

<sup>260</sup> Com transferência de Dom Ático, Mons. Luiz Scortegagna foi nomeado Governador da Diocese e, logo depois, Vigário Capitular até janeiro de 1931, quando foi designado Bispo Coadjutor de Vitória – ES.

<sup>261</sup> Há uma hipótese de que a criação da Paróquia recebeu particular impulso da interferência oportuna e providencial do Bispo de Pádua - Itália. Aquele Bispo relacionado com a colônia italiana de Barril por intermédio da mundialmente conhecida Sociedade Antoniana, mandou escrever ao zelador desta em Barril, Atílio Zatta, pedindo informações sobre a situação religiosa dos italianos e o nome do Bispo de Santa Maria. O zelador respondeu comunicando as graves dificuldades e falhas da vida católica. Enquanto se aguardava o resultado desta correspondência, passaram por Barril os Padres palotinos José e Rafael Iopp, em fins de 1919. - Acompanhados até o Mel, ida e volta, pelo fabricante Aníbal Orlando, resolveram demorar-se três dias em Barril e foi quando, sabedores do interesse tomado pelo Bispo de Pádua, cientes da promessa de D. Ático, impressionados pela insistência da população, dos fabricantes e das autoridades e, mais que tudo, pela evidente necessidade espiritual, prometeram interceder vivamente junto ao Bispo Diocesano. Mons. Vítor procurou o possível documento do prelado italiano, mas nada encontrou, da mesma forma, também não logramos êxito.

<sup>262</sup> Arquivo da Cúria Diocesana de Santa Maria. O texto deve ter sido escrito por José Cañellas, que curiosamente não o subscreveu.

<sup>263</sup> BATTISTELLA, Mons. Vitor. *Painéis do Passado*, op. cit. p. 66.

*Bem. Daí fizemo uma comissão pra ir a Santa Maria, eu, Ângelo Michelin, José Magalski, Acilio [Cecílio] Zatta, fomos a Santa Maria; mas toda despesa minha, sempre era eu que tinha que güentar com erário. (...) e o bispo nos prometeu que quando viesse aqui de novo, nas crisma, na visita que ia fazê, nós ia falá, ia combiná, ia vê que eu formasse uma comissão e falá com ele. Bom. Então quando veio o bispo, na viagem dele, quem levava ele pra vir no hotel era eu de auto, era eu que levava ele lá pra canônica e no hotel pra almoçá. E fumo falá com ele, ele não quis dá nada, solução aqui, Frederico Westphalen. Então ele me disse pra mim, que eu arrumasse uma comissão e que fôssemos a Iraí, ... que lá ia dar a resposta. Dito e feito. Então eu arrumei: José Cañellas - escrivão, Ângelo Michelin e Vercidino Camargo, Coronel Vercedino Camargo, eu, fui com meu auto, toda despesa minha,... Mas eu disse pra comissão: quando chegemo lá, vocês vão por aí, no Iraí, mas deixa primeiro eu falar sozinho com o bispo; e depois, se for preciso, então, eu chamo vocês. Dito e feito. Eu fui sozinho falar com ele – tava tomando café – o Bispo Dom Antonio Reis, não, o Scortegagna, Dom Luis Scortegagna, tava tomando café no Hotel de Iraí. Então, eu digo, nós viemos aí Sr. Bispo, como o Senhor falou e tal. – “Há, muito bem”. ... Fomo falando, falando. ... ele, então concordou, dentro de dois anos, dentro de dois anos, vinha um padre aqui, não disse quem era. Mas diz ele:- “Mas tem uma despesa de aprontá ele, uma despesa de aparelho que precisa trazê, pra vir pra cá”. Não, eu digo, quanto é que custa a despesa essa? Diz: - “Dois contos de réis”. – Pois o Senhor me dá o recibo? Diz: - “Dô”. – Então, o Senhor pode dar o recibo que eu lhe dou o dinheiro... Ele me deu o recibo, eu saí. Digo: Agora vou ver a comissão... encontrei eles .... Eu disse: - Tá tudo arrumado, é assim, assim, assim. Agora vamo lá se despedi, e pronto, né. Então, tinha o compadre Castello [alcunha de José Cañellas], dizia: - “O padre tá no bolso”. Por causa do recibo. Era assim, aconteceu assim.*

Afora estes depoimentos personalistas, que correm por conta do entrevistado, dispomos do Termo de compromisso para pagamento do *quartal*, tomado em março de 1931, pela comissão da Igreja de então, junto ao Mons. Luis Scortegagna, Pró-vigário capitular da Diocese de Santa Maria. A certa altura diz:

*Nós abaixo assignados, como representantes dos Catholicos desta localidade e em nosso nome, convencidos da necessidade de um sacerdote que resida entre nós, pelas razões que V. Exc. bem conhece, nos compromettemos coadjuvar efficazmente para obter e conservar o necessario sacerdote do modo seguinte: I Observar as instrucções que V. Ex<sup>a</sup>. nos indicar neste sentido. II Coadjuvar em tudo o que o sacerdote aqui residente precisar e desejar, a quem se prestará obediência. III Concorrer com a espórtula de Dous contos de Réis (2:000.000) annuaes pela sua manutenção, allém de receber elle, o sacerdote, as espórtulas das missas, baptisados, casamentos, enterros, festas, etc, etc. IV Construir a casa canônica o mais breve possível e mobiliá-la..<sup>264</sup>*

Na mesma data, saiu um Requerimento para o terreno da Matriz e Canônica junto ao Governo do Estado. Os encarregados da construção da Igreja, com o consentimento da Mitra Diocesana, requerem “a concessão à Mitra de Santa Maria a área de dez mil metros quadrados no po-

<sup>264</sup> Arquivo da Cúria Diocesana de Santa Maria. Frederico Westphalen, 14.03.1931. Da comissão assinam: Vercidino Camargo, Virgínio Cerutti, José Cañellas, Firmino Costa, Ângelo Michelin, Vicente Trombetta, Cecilio Zatta, Luiz Ruani, José Gutkoski, José Magalski.

voado Frederico Westphalen, gratuitamente, para a construção da Igreja e colégios anexos conforme promessa do Bispado. Confiante no alto espírito progressista de V. Exc. desde já antecipamos agradecimentos”.<sup>265</sup>

#### 4.8 - Chegada do primeiro administrador – Pe. Vítor

Mons. Scortegagna cumpriu seu propósito. Logo que D. Antônio Reis foi empossado Bispo – 03.01.1931 -, em lugar de D. Ático, transferido para Cafelândia - SP, empenhou-se junto a ele para que, sem demora, como medida preliminar, fosse mandado um coadjutor para Palmeira, com residência no Barril, evidentemente com o intuito de preparar o caminho para a decretação da paróquia. A indicação recaiu no sacerdote Pe. Vítor Battistella, coadjutor da paróquia de São Sepé, ordenado havia apenas um ano, o qual, entrou no Barril a 13 de Março de 1932, recebido em forma solene pela população cheia de júbilo.

No ver do visitante, o estado da futura paróquia à época antolhava-se animador, devido às missões pregadas por aqueles dias pelos Frades Capuchinhos de Garibaldi: “havia produzido notável resultado dispondo as almas para uma vida melhor, robustecendo-lhes a fé e purificando-lhes as intenções. Mais de 3.500 comunhões feitas naqueles dias de santificação animavam as esperanças e davam a entender que muito era o trigo de permeio ao joio que em parte alguma deixa de faltar. Aliás não se podia esperar menos de uma população calculada aproximadamente em 12.000 almas, esparsas pelo sertão imenso e quase sua totalidade católicas.”<sup>266</sup>

Os pormenores da chegada foram registradas em um Painel de sua autobiografia, donde podemos destacar:

*A 12 de março de 1932, Sábado, desci do trem em Santa Bárbara com destino a Barril. Esperava-me o caminhãozinho, agora Chevrolet, tipo Pavão, do Vergínio, tendo Dante Cerutti como chofer e Benjamim como auxiliar. Foram os primeiros barrilenses que encontrei. O padre Valentim Ferrari, vigário de Palmeira, que me havia pleiteado para seu coadjutor, tinha combinado com o pessoal de Barril o programa, e me ordenou que permanecesse com ele aquela noite. Dia 13 foi um Domingo de sol, e cedo o caminhãozinho roncou campo afora, rumo ao Barril, onde chegamos às 10 horas. (...) Houve foguetório e toque de sinos. Recebi os cumprimentos do Ângelo Michelin, demais fabriqueiros e autoridades distritais. Abraços cordiais e grande prazer para mim. Via em todos os olhos a*

---

No livro Tombo t. 1, p. 46 – “Documentos de interesse parochial”. Pe. Vítor transcreveu um documento quase idêntico, porém com a data de 7 de setembro de 1931, e com somente os nomes de Cerutti, Michelin e Roani.

<sup>265</sup> “Carta dos Fabriqueiros de Barril ao General José Antônio Flores da Cunha - Interventor Federal”. Frederico Westphalen, 07.09.1931. [assinam] Virgínio Cerutti, Ângelo Michelin, Luis Ruani. “Reconheço como verdadeiras as três firmas retro de Virgínio Cerutti, Ângelo Michelin, Luis Ruani, do que dou fé. Em testemunho da verdade, José Cañellas – escrivão Distrital. Sede de Frederico Westphalen, 9º distrito de Palmeira, 7 de Setembro 1931. Livro Tombo da Paróquia Santo Antônio de Frederico Westphalen, t. 1, p. 46 s. - “Documentos de interesse parochial” – 1936.

<sup>266</sup> Idem, 3 ss. “Prólogo”.

*curiosidade de conhecer que projeto de padre era esse que chegava para tomar conta da paróquia depois de tanta espera.*<sup>267</sup>

No mesmo mês, Cerutti, dizendo-se em nome da população e dos fabriqueiros, enviou carta ao Bispo, que fornece a primeira impressão do novo padre e explicita o desejo – pessoal ? - de garantir a permanência do sacerdote:

*Em nome da população Católica desta futura “Paróquia” viemos a vossa presença, cumprir o grato dever de apresentar-lhe os nossos sinceros agradecimentos pela consideração que nos dispensou em mandar um Padre fixar residência nesta Zona; onde a grande população Católica, já de a muito tempo, viviam com razão, sentindo essa falta. Estamos todos satisfeitiíssimos com a permanência entre nós, do Padre: Vitor Battistella, nosso futuro Vigário, que já bem tem sabido com sua inteligência, no curto prazo que está aqui, em harmonizar a todos com seus bons conselhos. Crentes na permanência efetiva deste Sacerdote, e na próxima criação da Paróquia: penhorados a V. Excia. , mais uma vez agradecemos este grande e justo ato de generosidade e justiça, que acabais de praticar, trazendo a satisfação geral, para esta imensa região Católica.*<sup>268</sup>

Já materialmente a capela de Barril apresentava-se desprovida de quase tudo. Ainda sem forro interno, sem bancos, possuindo apenas um pequeno altar de cedro, uma bela estátua de Santo Antônio em tamanho quase natural, um grande armário para sacristia, as alfaias indispensáveis para o culto, um sino de tamanho regular e seis belos castiçais de metal.

Destarte, os primeiros problemas que o recém-chegado enfrentou foi de natureza financeira. Diferentemente do que depôs Vergínio Cerutti, Pe. Vítor afirma que,

*para enfrentar as primeiras despesas com a criação da paróquia, o povo havia generosamente subscrito uma lista que atingia a notável soma de onze contos de Réis, que porém só parcialmente pôde ser reunida em parte pela crise financeira que sobressaltava a colônia, e uma parte pela má vontade de certos elementos prontos a prometer com esperança de lucro e tardios a cumprir por falta de sólido caráter. Estes onze contos constituíram em certo modo o crédito da paróquia, ao passo que a dívida real já então existente subia a 4 contos mais ou menos.*

A ampliação, pintura e mobiliamento da antiga igreja, transformada logo em casa canônica - aliás, com cômodo, gosto e conforto invejável - exigiu mais uma despesa de 4.500\$000, aproximadamente, subindo assim em pouco tempo a dívida a quase 9:000\$000, acrescidos com mais 1.700\$000 gastos em compras de alfaias para a futura matriz. Porém, não faltaram muitos homens prontos a ajudar à custa, às vezes, de não pequenos sacrifícios pessoais e pecuniários. Sobre estes, Pe. Vítor exarou sua compreensão:

<sup>267</sup> BATTISTELLA, Mons. Vitor. *Painéis do Passado*, op. cit. p. 66 s.

<sup>268</sup> *Carta dos fabriqueiros de Barril a Dom Antonio Reis. Sede Frederico Westphalen, 26.03.1932.* Pelos Fabriqueiros assina Vergínio Cerutti. Arquivo da Cúria Diocesana de Santa Maria.

*O escol da colônia que melhor avalia o padre como ministro de Deus, sacerdote e pastor das almas, merece aqui particular menção de honra, conquanto não mereça a população da sede, feita exceção de poucos que trabalharam mais por interesse próprio com vistas a lucros futuros, do que por intuitos superiores de bem fazer as almas e glorificar a Deus.*<sup>269</sup>

Infelizmente não indigitou o nome dos últimos. Mas confirma nossa tese de que no processo da vinda do padre e na efetiva instalação da paróquia convergiram interesses pessoais e motivações políticas.

Veio, por fim, o ano de 1933 e com ele a decretação da paróquia. Os melhoramentos verificados, a casa canônica pronta e em pleno conforto, a constatação do notável movimento religioso no ano de 1932, a necessidade de prover o bem-estar espiritual de uma parte tão notável e futura do seu rebanho, fizeram D. Antônio Reis lavrar sem mais demora o decreto da criação da nova paróquia.

D. Antônio, em seu rápido passeio feito pelo território da nova paróquia, em princípios de janeiro, disse que o decreto viria dentro de poucas semanas e recomendara que, por ocasião da sua leitura e publicação, se realizassem grandes festejos. Assim se deu. O auspicioso documento veio trazido pelo próprio administrador em fins de janeiro, quando de volta do retiro do clero diocesano. Da solene instalação da paróquia – 25.02.1933 - foi lavrada Ata. Dela extraímos algumas passagens que ilustram a importância dada ao evento: presença de grande massa popular; participação das mais conspícuas figuras da sociedade; por indicação do Vigário, a comissão das festas, compôs-se de Vergínio Cerutti - comerciante, Ângelo Michelin - agricultor, Giocondino Bortoluzzi - industrialista, Firmino Leal da Costa e Leoveraldo Fortes - funcionários públicos, Pedro Lisoski – professor; secundados pelos fabriqueiros da Igreja, José Magalski, Pedro Romitti, Otto Petter, Luis Modesti.

No segundo dia, na Matriz, se deu solene ação de graças pelo assinalado benefício obtido. Além disso:

*Constituiu inédito espetáculo a grande passeata cívica de perto de trezentos cavalaria- nos, que à sombra do pavilhão da Igreja da Pátria e do Rio Grande e de outras oito na- ções amigas, precedidos de um automóvel ricamente adornado em cuja capota ostenta- va-se uma grande fotografia do Papa Pio XI, em vestes pontificais e da banda de música, desfilaram pelas principais ruas entre vivas e aclamações. Falaram nesta ocasião o Ma- jor Firmino Leal da Costa, saudando o Santo Padre em cuja honra se lavava a manifes- tação e o professor Velocino de Camargo que teceu inspirado hino à bandeira da Pátria. A Senhorita Doca Borges recitou bela poesia em homenagem ao Exmo. E Revmo. Sr. Bis- po D. Antonio Reis.*<sup>270</sup>

<sup>269</sup> “Prólogo” - Livro Tombo da Paróquia Santo Antônio de Frederico Westphalen, t. 1, p. 3v .

<sup>270</sup> Assinam o documento: Pe. Vitor Batistella – Vigário, Pe. Pio Redin – Vigário da Palmeira, Coronel Vercidino de Camargo, José Cañellas, Ângelo Michelin, José Zanatta, João Sponchiado, Luiz Modesti, Otto Pedro Petter, Pedro

Como se vê, a largada da nova fase de Barril foi grandiosa e prometedora. Com efeito, seu líder maior vai empenhar-se por inteiro para dar uma nova configuração a todos os setores da vida da comunidade.

## CAPÍTULO 5

### TRABALHO ESPIRITUAL

Já nos referimos atrás como a primeira etapa de organização da vida espiritual implementada pelo Pe. Vítor, que coincide, grosso modo, com o período Vargas (1930-1945), é marcada pela formação espiritual da população da paróquia de Barril. Nesta parte, analisaremos os principais componentes desta ação pastoral, quais sejam, pregação catequética, missões e retiros, festas e celebrações, e Associações Religiosas. Não enfocaremos estas práticas e instituições fechadas em si mesmas, mas enquanto componentes do projeto maior do Pároco e enquanto reveladoras de seu pensamento e de suas estratégias de evangelização e promoção humana. Faremos ver que cada uma destas ações procura fazer frente a uma determinada demanda ou necessidade, que vai surgindo no correr do tempo, e como fruto da preocupação de envolver todos os segmentos da sociedade, tanto na sua dimensão religiosa como na social, dentro, portanto, de sua visão globalizante da *crístandade*.

#### 5.1 - Pregação Catequética

A pregação catequética, segundo o próprio Pe. Battistella, foi, desde o início da paróquia, a grande preocupação, fazendo frente à necessidade de maior instrução religiosa para o povo, que, ainda em fins de 1934, o sacerdote observou:

*Há que constatar com tristeza também a grande ignorância religiosa da população dispersa pelo sertão, longe e sem recursos, sem igrejas e sem escolas. É um problema este que só o tempo e um intenso e exaustivo trabalho do sacerdote, sob as bênçãos de Deus e com a colaboração da autoridade civil, poderá resolver satisfatoriamente.*<sup>271</sup>

A partir da visão do pároco, interessava fazer uma doutrinação, imprescindível para transformar seus paroquianos num grupo monolítico de cristãos-católicos, conhecedores das ver-

---

Romitti, Cecílio Zatta, José Vanelli, José Magalski, Vergínio Cerutti. *Livro Tombo da Paróquia Santo Antônio de Frederico Westphalen*, t. 1, p. 4v –6v. “Ata da Solene Instalação da Paróquia”.

<sup>271</sup> *Livro Tombo I*, p. 25. – “Aspecto geral religioso –social-econômico da Paróquia em fins de 1934”.

dades da fé e da moral. Nas pregações, em consequência, prevalecem os assuntos apoloéticos, isto é, em defesa do patrimônio doutrinário da Igreja e ataque às heresias, ou doutrinas e teses discordantes das *Verdades* apregoadas pela Igreja. Outra característica desta pregação é a sua faceta pragmática, sempre voltada em atacar um objetivo claro, pelo menos para o seu protagonista. Assim, a cada campanha ou obra que desejava instaurar, precedia uma acirrada pregação, inculcando nos fiéis a necessidade de tal medida. Adiante, ao tratarmos de alguns empreendimentos, teremos ocasião de focar esta característica.

Falando das linhas mestras da Organização da vida paroquial, em 1946, Pe. Vítor registrou no Livro Tombo:

*As pregações ordinárias são feitas com a máxima regularidade, tanto na Matriz como nas capelas, abrangendo as quatro partes sucessivamente da doutrina cristã, procurando-se emprestar às prédicas simplicidade, clareza e cunho prático. Cada Domingo na Matriz, e em todas as ocasiões nas capelas, são dados avisos enérgicos sobre disciplina, de vida cristã, bons costumes, fatos e fenômenos da vida quotidiana.*<sup>272</sup>

Vê-se que o religioso estava convicto, como ele mesmo afirma, “de que nada possui tanta força e autoridade como a palavra do pároco”<sup>273</sup>, de modo que chamava para si esta responsabilidade e tanto trabalho. Por outro lado, comentando o seu método de pregação, revela, que usava o estilo catequético e missionário, ou seja, “expondo com clareza, simplicidade, vivacidade e colorido as verdades da Fé e da Moral, nos moldes recomendados pela Pastoral Coletiva dos Bispos, entremeando abundantes e oportunos avisos sobre os principais problemas da vida familiar, social e profissional, higiene, saúde, agricultura, educação”.<sup>274</sup>

Uma análise dos diversos cadernos de prédicas e conferências do Pároco, revela a presença desses aspectos extradoutrinários, mas que, por força de sua visão holística, também lhe pertenciam. Seu múnus, transcendendo o limite do sacerdócio, abarcava não raras vezes a função do professor, do médico, do advogado, do prefeito, do delegado... O padre, pois, assumia uma onipresença na comunidade, ocupando-se das coisas do céu e da terra, da alma e do corpo. O próprio doutrinador reconhece a força de persuasão de seu método:

*Semelhante preocupação pelo bem estar das populações, quando não havia nenhuma assistência técnica e quase nenhuma médica, conquistou a estima e confiança do povo que, em retribuição, procurava mostrar-se dócil e obediente. Quantas vezes ouvi e continuo até hoje ouvindo velhos paroquianos me dizerem: “O que sei e aprendi na minha vida devo-o àquelas suas pregações”.*<sup>275</sup>

<sup>272</sup> Livro Tombo II, p. 26. – “Detalhes da organização da vida paroquial”.

<sup>273</sup> *Painéis do Passado*, op. cit., p. 180.

<sup>274</sup> Idem, p. 180 s.

<sup>275</sup> Idem, p. 181.

O que representaram três décadas deste constante martelar nas populações atingidas pela sua pregação, permanece uma incógnita que procuraremos decifrar, aos poucos, neste estudo.

## 5.2 - As Associações Religiosas

Esteios da vida paroquial foram as associações paroquiais e, por conseguinte, do controle dos paroquianos. No contexto mais amplo, as associações paroquias devem ser localizadas dentro do processo de romanização, onde se procurava diminuir a autonomia dos leigos na condição das práticas religiosas e submetê-los à esfera clerical, porquanto a decisão estava concentrada no pároco e no Bispo a quem cabia dar o aval<sup>276</sup>. Note-se também que estas organizações visavam aglutinar sob a direção do pároco todos as idades de ambos os sexos. Assim, a Pia União das Filhas de Maria reúne as donzelas; o Apostolado da Oração, os casados de ambos os sexos; a Confraria do S. Sacramento, os homens casados, geralmente de mais idade; a Congregação da Doutrina Cristã abriga todas as crianças em idade de catequese; a Cruzada Eucarística para os adolescentes e a Juventude Católica Brasileira congrega a mocidade masculina. Portanto, todos os segmentos tinham seu espaço numa ou outra associação religiosa, que dava oportunidades de instrução, lazer, formação. Sem esquecer o seu aspecto de status social para os membros das diretorias – escolhidos em geral a dedo - , que podiam ficar próximos ao líder maior, o Pároco, e projetar-se em vãos mais altos. De modo que muitas das lideranças destas associações irão mais tarde galgar cargos políticos, sociais e econômicos, tornando-se uma elite leiga de origem das esferas paroquiais. Desnecessário, pois, ver a importância que assumem para o pároco, que vê nas associações espaço privilegiado de conduzir seu rebanho e fazer discípulos “à sua imagem e semelhança”.

Em Barril, as associações religiosas foram organizadas ao longo dos anos, à medida que o Pároco via a demanda e a sua necessidade, viabilidade e função dentro do seu projeto pastoral e político. Tiveram épocas de grande influência e prosperidade e épocas de declínio. Chegaram a somar sete.

Vejamos sumariamente alguns tópicos destas associações, destacando suas especificidades enquanto instrumento do pároco de enquadramento dos fiéis.

**1. Irmandade do Santíssimo Sacramento** - Tinha um caráter mais condecorativo, ou seja, seu intuito principal era de abrilhantar as procissões do Santíssimo Sacramento. Contudo, foi a Associação mais antiga da paróquia, embora existindo de forma precária. Seus es-

---

<sup>276</sup> A ereção canônica de uma associação nas paróquias sempre é determinada por decreto do governo diocesano, atendendo a requerimento do vigário.



tatutos prescreviam aos confrades os deveres: comparecer às procissões trajando opa e carregando vela, prestar guarda de honra, periodicamente deviam receber os Sacramentos e levar regularmente uma vida exemplarmente católica. Em 1935 o Pároco observava: “A maioria dos confrades se mostram escrupulosos e fiéis ao regulamento; há todavia, certa apatia, numa minoria de irmãos que é preciso corrigir para bem da confraria e estímulo mútuo”<sup>277</sup>. Em 1942 contava com 25 associados, que se reuniam três a quatro vezes por ano em assembléia para fins de organização, disciplina e formação espiritual, sob a direção do Pároco que é seu Diretor”.<sup>278</sup>

**2. Apostolado da Oração** - Existia antes da vinda do Pe. Vítor. Participavam da tradicional e comovente procissão noturna da Sexta-feira Santa, e nas cerimônias próprias da Quinta-feira; prestavam também guarda de honra ao Santíssimo Sacramento em horas sucessivas de adoração, escalados em grupos para cada hora do dia.

Conhecendo-lhe a importância e sua influência para a vida cristã do povo, o vigário, em 1933, desde logo cogitou da refundação de tal associação<sup>279</sup>. Conforme determinada os Estatutos, depois de rezarem o ato de Consagração ao S.S. Coração de Jesus, os zeladores e zeladoras foram concitados pelo Diretor a refletir nos fins e nobreza do Apostolado e se darem com verdadeiro zelo ao desempenho de seus cargos, edificando a todos pelo exemplo de uma vida genuinamente cristã. Já em 1943, nos seus dez anos, a paróquia contava com cinco centros do Apostolado da Oração para Homens, na Matriz e Capelas de Taquarassu, Vista Alegre, Sete de Setembro, Osvaldo Cruz.

**3. Associações de cunho Vocacional** - Para Pe. Vítor uma verdadeira e rápida constatação foi a de que sua paróquia se constituía em terreno propício para as vocações. Estas circunstâncias, ao seu ver, se resumiam: a) na religiosidade do povo; b) na pureza dos costumes, fruto da primeira, e do isolamento em que se achava a Colônia dos maiores centros com seus inúmeros focos de corrupção da mocidade.<sup>280</sup> Mais tarde, acrescentava outros fatores que imprimiram vigor à iniciativa vocacional: a ausência de escândalos do clero nesta freguesia, a alta estima em que são tidos os sacerdotes da paróquia pela sua conduta irrepreensível e pelo

<sup>277</sup> *Livro Tombo I*, p. 39.

<sup>278</sup> *Livro Tombo II*, p. 26 – “Detalhes da organização da vida paroquial”.

<sup>279</sup> *Idem*, p. 6v. Festa do S. S. Coração de Jesus e Solene instalação do Apostolado da Oração. O fim primordial do Apostolado e do qual deriva seu próprio nome é trabalhar como os apóstolos trabalharam pela dilatação do reino de Jesus Cristo no mundo utilizando a oração como meio principal, não qualquer oração, mas a oração associada, isto é, de todos os membros do apostolado no mundo inteiro, num total de 35.000,00 abrangendo as preces, os sofrimentos, os sacrifícios, os trabalhos, enfim, todas as boas obras de cada dia, oferecidas a Deus em união com o sacrifício que de si faz Jesus Cristo no altar e por meio de Maria S.S<sup>a</sup> Mãe de Deus e pelas mesmas intenções. Essas intenções são mês por mês escolhidas pelo Papa e ocupam-se dos grandes interesses de Deus, da Igreja, das almas e da humanidade.

<sup>280</sup> *Livro Tombo I*, p. 2v. - “Obras das Vocações Sacerdotais”.

seu devotamento ao seu sagrado ministério, as pregações do púlpito sobre a necessidade de vocações e a excelência do sacerdócio, bem como as repetidas instruções da Cúria Diocesana.

**3.1 - Associação das Mães Cristãs** - Criada em 1930 pelos Padres Quatropanni e Ferrari, de Palmeira, quando mandaram para o seminário de Santa Maria quatro vocacionados. Pe. Battistella, à semelhança do que se tem feito em algumas paróquias da Europa, com os mais preciosos resultados, incrementou a associação em 1934. Seu fim principal era alcançar para os seminaristas a graça da perseverança e as mais graças que precisassem para uma completa e exemplar formação. Faziam dela parte, de preferência, as mães mais piedosas, não se excluindo, porém, as jovens que espontaneamente pedissem admissão. Em 1935, acrescentou dois novos graus de sócias, e a obrigação de cada sócia entrar com uma taxa de R\$ 200,00 mensais, para formar fundos para missas a serem rezadas pelos seminaristas da paróquia na Matriz e nas capelas. Cada capela formou um centro autônomo sob a presidência geral do vigário. O número de associados até fins de 1935 atingia a quinhentos.<sup>281</sup>

**3.2 - Obra das Vocações Sacerdotais (O.V. S.)** - Atendendo às repetidas circulares da Cúria Diocesana, encarecendo a obra dos seminários, levaram o pároco a criar esta Obra, que pode ser considerada como uma Associação Religiosa, cujo objetivo é idêntico, de tal modo que acabou por absorver por determinação do Bispo, a Associação das Mães. Foi relativamente fácil organizar o Centro e subcentros nas principais capelas, abrangendo pessoas de ambos os sexos e de todas as idades (zeladoras, zeladores, associadas e associados). Em princípios de 1943, a diocese instituiu uma bandeira especial, a ser oferecida como mimo à paróquia que mais e melhor auxiliasse a OVS. Barril pôs-se em sentido e tomou o propósito de conquistar para si a glória do primeiro Campeonato Paroquial Diocesano da OVS. E venceu: “A bandeira está aqui e tudo se fará para que daqui não saía”, se desafiaram pároco e fiéis.<sup>282</sup> Dito e feito. A bandeira permaneceu no ano seguinte e por dez anos consecutivos. Para se ter uma idéia das contribuições, em 1948, foram reunidos, em dinheiro, Cr\$ 55.560,00. Além disso, ofereceu 65 sacos de trigo, 182 sacos de milho, 54 sacos de feijão, 46 de arroz, 16 latas de banha, 560 medidas de vinho, 70 galinhas e 22 sacos de batatinhas - tudo calculado ao preço corrente no comércio, em Cr\$ 104.226,70. Doutra parte, “verdadeira leva de promissoras vocações são o fruto destas orações e práticas piedosas. O pároco põe especial cuidado na escolha das vocações submetendo os candidatos a um certo tirocínio de observação e prova com relação aos sinais de vocação e qualidades que ela supõe”.<sup>283</sup>

<sup>281</sup> *Livro Tombo I*, p. 38 – “Associação das Mães Cristãs”.

<sup>282</sup> *Livro Tombo II*, p 2. – “Campeonato Paroquial da Obra das Vocações”.

<sup>283</sup> *Idem*, p. 44v.

**4. Congregação da Doutrina Cristã – CDC** - Secundando uma circular insistente da Cúria Diocesana, na qual vinham citadas as instruções formais da pastoral seletiva acerca do ensino do catecismo e guiando-se outrossim pela íntima convicção da premente necessidade que a paróquia tem de uma maior difusão do ensino catequético, o vigário, em 1934, cogitou, seriamente de fundar em todos os centros em que fosse viável, a CDC, com o fim de intensificar e despertar todo o interesse pela aprendizagem do catecismo.<sup>284</sup> Pe. Vítor convidou catequistas auxiliares na difícil tarefa de ministrar os primeiros conhecimentos de religião às inteligências inexperatas dos pequeninos. Para ensinar as classes dos principiantes utilizavam-se alguns dos meninos mais adiantados. Em 1940, de novo impulso na organização da catequese. Na Matriz, o vigário dava aula de religião a catequistas cada Segunda-feira, durante uma hora, sendo 12 o número de catequistas, sem contar duas professoras do grupo escolar. Seu pensamento era:

*Uma coisa é certa: a catequese organizada e geral, de pequenas e grandes, em todas as camadas sociais, permanece sendo a questão capital para a prosperidade e estabilidade de vida católica desta paróquia. Em vista disso, não há que se olhar para dificuldades. Deus abrirá os caminhos...*<sup>285</sup>

**5. Pia União das Filhas de Maria** - Foi outra associação que o Pe. Vítor muito se esmerou na sua organização na Paróquia e com júbilo viu aparecer e florescer. Começou sua existência em Abril de 1939; a 8 de maio a Cúria expediu Decreto concedendo licença para a ereção canônica; a 15 de agosto realizou-se com imponente cerimônia a admissão solene das primeiras 59 aspirantes. O objetivo do Pe. Battistella era de que a Pia União fosse uma “escola de formação onde as donzelas, mediante os numerosos auxílios que a associação oferece, como as instruções, as leituras, a edificação mútua, o cumprimento fiel do regulamento, vão adquirindo tesouros de virtude e preparando-se para o seu futuro”. Porém havia uma finalidade mais logística: “será - diz o pároco - por muito tempo o de ser na mão do vigário numa chave que lhe permitiu fechar a porta à invasão de passatempos e divertimentos corruptores, como bailes, cinemas, etc., mas isso só se conseguirá por uma esmerada formação espiritual da Filha de Maria, de modo que ela mesma, depois de bem formada espiritualmente, sinta repulsão por tais vaidades que lhe podem roubar a graça de Deus e a virtude”.

---

<sup>284</sup> Ficou deliberado que cada capela formará um centro, constituído de: 1º) Presidente: que será sempre o vigário da paróquia; 2º) Vice-presidente: que acumulará as funções de secretário; 3º) Tesoureiro: nomeado pelo vigário; 4º) Zeladores e zeladoras: em número indeterminado, conforme a população, os quais têm por obrigação interessar as famílias de sua circunscrição pela obra, ter uma lista exata dos meninos que possam freqüentar as aulas de catecismo e vigiar zelosamente pela freqüência; 5º) Catequistas: um ou mais, segundo necessidade; 6º) Sócios: os quais se comprometeram mandar os filhos, ao catecismo regularmente; concorrem com 200<sup>08</sup> mensais para a caixa da congregação. *Livro Tombo I*, p. 17ss.

<sup>285</sup> *Idem*, p. 74 v.

Efetivamente, na sua abalizada opinião, simplesmente proibir aos jovens os divertimentos, sem preocupar-se da sua preparação espiritual, teria por inevitável conseqüência a fuga da Pia União por parte de muitas que depois se encarregariam de demolir a boa vontade das restantes. Com efeito, neste final dos anos 30 começava a aparecer em certos tempos do ano, o que ele qualificava de “divertimentos mundanos”, ou seja, uma espécie de febre passageira pelo baile. Isso causou certa preocupação ao vigário, temeroso que o abuso dessas diversões, descambasse numa frivolidade de espírito e o desapego das coisas de Deus.<sup>286</sup> Evidente que, em meio ao grupão, surgiam alguns senões “que empanaram o brilho da fita azul”, mas, no geral – afirma – prevalecia o exemplo da absoluta maioria.

**6. A Cruzada Eucarística** – Era a seção infantil do Apostolado da Oração e que exerce os mesmos ofícios e desenvolve o mesmo programa de ação no meio das crianças.<sup>287</sup> Em 1944, referiu-se: “Eu sei quanto devemos aos nossos dedicados apóstolos e esforçadas apóstolas da Cruzada Eucarística e a muitos de nossos cruzadinhos, ao seu trabalho e ao seu bom exemplo, nas conhecidas campanhas de boas obras, campanha das missões, campanhas da boa imprensa, campanhas da boa leitura e tantas outras coisas que na nossa Matriz, nas nossas festas, em toda parte onde chamados forem, executam com uma prontidão e boa vontade que surpreendem”. No seu tempo mais glorioso chegou a reunir 200 meninos!<sup>288</sup>

---

<sup>286</sup> O regime, em 1946, era mais ou menos este: 7. As Filhas de Maria mantêm sua vida no ritmo tradicional. São fiéis aos seus principais deveres e de um modo geral cumprem o dever do bom exemplo. Têm sua missa com comunhão coletiva, sempre bem concorridas, no 2º domingo de cada mês e de tarde realizam sua reunião geral sob a direção do Diretor na forma do Manual. Faz-se uma útil leitura espiritual, dão-se avisos disciplinares, notícias, comentários, discutem-se assuntos e pontos de vista e ouvem uma conferência sobre temas de formação, piedade e vida prática. A Diretoria reúne-se mais duas vezes por mês em geral para estudos de organização e formação de dirigentes. Cada sábado na Matriz e aos domingos nas capelas, as associadas da sede e vizinhança se reúnem para recitação do ofício, ladainha e uma breve leitura espiritual, fazendo-se a chamada. Comparecem uniformizadas nas grandes procissões e nas maiores ocasiões emprestando singular poesia ao conjunto e incentivando à piedade e a modéstia por sua modelar conduta. Dia 8 de dezembro há reunião na Matriz dos três Centros, Barril, Taquarassú e Vista Alegre, para a Missa com Comunhão geral, seguindo-se animado pic-nic com troca de discursos e poesias. *Livro Tombo I*, p. 75s. “Pia União das Filhas de Maria”.

<sup>287</sup> Por 1946, seguia esta rotina: Tem sua comunhão mensal coletiva no 1º domingo de cada mês com orações comuns, breve leitura do regulamento, cânticos. Os Apóstolos e Apóstolas ocupam seu lugar no presbitério, empunhando as duas bandeiras da associação. Os apóstolos e cruzadinhos da seção masculina e feminina fazem sua reunião geral de tarde com o diretor. A Diretoria reúne-se, em geral, por via de regra, mais duas vezes por mês. Mas, nestas reuniões há sempre bastantes ausências de meninos da colônia, de modo que, podemos dizer que a ação e vida da Cruzada Eucarística, se resume essencialmente nas atividades da Diretoria e de um seletivo número de Cruzadinhos das vizinhanças. Os mais distantes contentam-se com a missa e comunhão mensal às quais são bem fiéis. A Cruzada para melhorar e crescer precisa de boa e constante animação de um Diretor que possa dispor de tempo e tenha dons especiais para tratar e compreender as crianças. Os apóstolos e apóstolas, aliás, têm, apesar de tudo, desenvolvido grande atividade e dirigido notáveis campanhas em prol das Missões, boa leitura, bom exemplo, semanas de exercícios de piedade.

<sup>288</sup> *Livro Tombo II*, p. 10 e s. “Programa das solenidades comemorativas do Centenário do Apostolado da Oração no Brasil – 1844 / 1944 – promovidas pelo Centro do Apostolado da Matriz a 8 / 9 / 10 de Junho”.

**7. Juventude Católica Brasileira** - A última associação e menos numerosa foi a Juventude Católica Brasileira, ramo da Ação Católica para a mocidade masculina. Havia quatro centros na paróquia. O trabalho realizado resumia-se de um modo geral nas reuniões para estudos de formação interior que se realizavam com regularidade todas as sextas-feiras à noite, na Canônica, e duas vezes por mês nas capelas, presididas pelo Assistente, quando é possível. No quarto domingo na Matriz a J.C. tinha sua missa com comunhão coletiva e nas capelas por ocasião da visita paroquial. Em 1946, constatava: “Há elementos muito fiéis e exemplares, mas há outros bastante faltosos. A J.C. tem atuado no conjunto paroquial sobretudo pelo bom exemplo. Mas, parece ressentir-se de programa de ação mais concreto e prático, apresentando-se o campo paroquial com poucos panoramas acessíveis ao entusiasmo dos moços e possibilidades restritas para campanhas de ação, em parte por causa das atividades das demais associações.”

Segundo Mons. Vítor, em 1958, a Assistência mais cuidada aos moços e homens: no âmbito paroquial nunca faltou: “A pregação sadia e clara da doutrina cristã em todas as oportunidades foi sempre a preocupação indefectível dos Padres da Paróquia; freqüentemente há pregações extraordinárias; leituras espirituais, instruções religiosas através do rádio; há inúmeras ocasiões para recepção dos sacramentos, seja com os padres da paróquia ou do pré-seminário ou outros que por aqui passam, ou durante as conferências pastorais do Decanato. Entendia que a reorganização da Ação Católica dependia de ser encontrada a “possibilidade dentro do complexo quadro de trabalhos paroquiais e só será reorganizada se for possível dar-lhe vida pujante, sólida e estabilidade, pois não está nos hábitos do Pároco encaminhar iniciativas só para cartaz e para se exporem a fracassos”. Outros detalhes desta agremiação trataremos em outra parte.

**8. Cruzada do S. Rosário em Outubro** - Promovida pela Diocese e organizada pelo dominicano Frei Martinho Olive OP, da França, com a colaboração dos vigários, a cruzada do Rosário nas paróquias obteve êxito consolador e despertou em geral o maior interesse pela recitação do terço meditado, ou melhor, do Rosário meditado<sup>289</sup>. Por 1945, a finalidade dada à Cruzada foi a de conseguir o estabelecimento da verdadeira paz no mundo por meio da devoção a Nossa Senhora e a vitória da Santa Igreja contra o comunismo e heresias.

---

<sup>289</sup> Depois de cada Ave-Maria considera-se uma passagem do Evangelho que tem relação com o mistério em vista. Pe. Vítor deu à Cruzada a seguinte organização: após a missa de manhã, as senhoras recitam naquele estilo o primeiro terço. As 14 horas, as crianças o 2º terço. À noite, os homens e todo o povo, o 3º terço, seguido de prédica, ladainha e bênção. Nas capelas a mesma coisa quando coincidir a visita paroquial e não havendo esta recitação do Rosário de manhã, de tarde e de noite como na Matriz.

*Conclusão:* Como dissemos, as associações tinham períodos altos e baixos, conforme a moda da época e a disponibilidade/interesse dos sócios e principalmente do pároco. Assim que durante a construção da nova igreja matriz, o tempo dedicado a elas ficou reduzido, havendo um afrouxamento. Em 1953, constatava que o “fervor das associações tem acusado certo declínio de dois anos para cá. Explica-se este fenômeno de duas maneiras: 1) “Consulta *vilescent*”; 2) As constantes preocupações do pároco com as construções do Hospital e nova Matriz tem-lhe tirado demasiado tempo e desviado a atenção das coisas religiosas. Pode ter havido também certo descuido tanto dos padres da Paróquia como das Diretorias das Organizações Paroquiais”<sup>290</sup>. Da mesma forma nos anos 1959-60, “toda a preocupação do Pároco se manteve forçosamente em torno do grave problema financeiro criado pelo enorme montante de dívidas deixado pela nova Matriz, muito mais do que era lícito esperar”, ficando difícil dar mais vida e expressão às associações paroquiais, além do que se podia conseguir com as reuniões ordinárias.

Por outro lado, em 1938, constatou que as associações “levaram vida normal, não havendo manifestações e atividades dignas de especial registro”. Alegava falta de tempo para melhor assistência - tendo sempre que viajar pela enorme paróquia -; e mesmo porque “o campo em que essas associações possam empregar sua atividade em prol do próximo é bastante limitado aqui onde não há pobres, poucos doentes e relativamente poucas necessidades espirituais, morais e sociais às quais se possa acudir com outros meios a não ser a oração e o bom exemplo”<sup>291</sup>.

O Bispo, o primeiro interessado nestas organizações, se alegrava em ver a disciplina e vitalidade. Em março de 1946, registrou:

*Em contato com as diferentes associações religiosas nos foi dado observar com grande satisfação nossa, que as mesmas não vegetam apenas, como tantas vezes foi acontecer, mas apresentam-se cheias de vida e viço, fiéis ao cumprimento de seus deveres nos setores que lhes são confiados. A CDC, a Pia União das Filhas de Maria, o Apostolado da Oração, os Centros e Sub-Centros da JCB são outras tantas piras acesas, espalhando claridade, transmitindo calor e mostrando a todos, pelo exemplo e pela doutrina o caminho que leva a Jesus. O que diremos da magistral organização da Pia Obra Pontifícia das Vocações Sacerdotais, proclamada por Pio XI, de saudosa memória, a obra mais importante de todas? Res non verba! Ela fala por si pelo fato de haver levantado, já pela 3ª vez, o campeonato entre as restantes paróquias da Diocese. Bravo! Avante sempre! Tudo pela querida Obra!*<sup>292</sup>

<sup>290</sup> Livro Tombo II, p. 67v. – “Vida das Associações Paroquiais”.

<sup>291</sup> Livro Tombo I, p. 55. – “Associações Religiosas”.

<sup>292</sup> “Termo de Visita Pastoral”, Livro Tombo II, p. 19v-22.

### 5.3 - Missões e retiros

Outra praxe seguida pelo Pe. Vítor, em consonância com a disciplina da Igreja, era de tempos em tempos, proporcionar à população a participação em Missões. Eram momentos fortes, especiais, que quebravam a rotina e deixavam marcas profundas nos ouvintes. Era a vez em que, como diziam, eram pescados os peixes distantes e fugitivos da palavra e da orientação do padre, os elementos renitentes eram alcançados e alvejados. Uma questão de honra, uma demonstração de que até os mais ariscos não escapam da ação da Igreja e seus agentes – ou da “graça de Deus”, como preferiam dizer. E, para tocar os corações empedernidos, usava-se a estratégica palavra de missionários experientes e talhados para essa função. Daí a importância dada nas Santas Missões às suas estatísticas dos fatos extraordinários: em 1939 renderam 135 conversões, 23 casamentos legitimados e 197 adultos fizeram sua primeira comunhão.<sup>293</sup>

Mas, para que assim fosse possível, - acrescenta Pe. Battistella - cuidava-se muito da preparação do povo mediante vasta campanha, destinada a alertar a opinião pública e despertar as consciências. Convidava-se todos à oração e reflexão.<sup>294</sup>

Já nas vésperas da chegada do primeiro pároco residente em Barril, em 1932, aconteceram as primeiras missões, pregadas pelos frades capuchinhos de Garibaldi. Produziram notável resultado “dispondo as almas para uma vida melhor, robustecendo-lhes a fé e purificando-lhes as intenções. Mais de 3.500 comunhões feitas naqueles dias de santificação animavam as esperanças e davam a entender que muito era o trigo de permeio ao joio que em parte alguma deixa de faltar”.<sup>295</sup> Em 1939, foi a vez dos padres redentoristas de Cachoeira do Sul, da qual o pároco deixou essa impressão:

*Os últimos cinco dias foram de intenso movimento e fervor. A graça tocava os corações. É de notar que o maior número era sempre de homens, aos quais interessa sobretudo a palavra edificante e apostólica do pe. Andrade, a quem ouviam com profunda atenção e proveito. Da comunhão geral do último dia participaram cerca de 750 pessoas, entre elas, 300 homens. À procissão final e levantamento da cruz concorreram perto de 2.000 pessoas. Nas capelas foi, naturalmente, intenso o movimento religioso, comparecendo em todas elas a quase totalidade do povo.*

<sup>293</sup> *Livro Tombo I*, p. 61. As missões de 1944 computaram: 234 primeiras comunhões de adultos, 42 casamentos legitimados, uma conversão. *Tb 2*, p. 3. As de 1952 resultaram: 636 primeira comunhão de adultos, 129 casamentos legitimados, 5 conversões. *Tb 2*, p. 61v. As missões de 1944 computaram: 234 primeira comunhão de adultos, 42 casamentos legitimados, uma conversão. *Livro Tombo II*, p. 3.

<sup>294</sup> *Idem*, p. 182 s.

<sup>295</sup> *Idem*, p. 3.

Conclui dizendo que uma semana de Missões não era bastante para uma verdadeira ação nas almas, mas que esperava “que a graça de Deus mantenha por muito tempo o fruto das missões no seio desta paróquia”.<sup>296</sup>

Já as Grandes Missões de maio e junho de 1944, com os mesmos pregadores, na ótica do pároco, não produziram o mesmo efeito, pelo menos a dirigida pelo Pe. Antonio de Macedo: a afluência de fiéis não correspondeu de um modo geral à expectativa do Pároco e não admite paralelo com as missões anteriores. Também os missionários, apesar de seu notável esforço, não satisfizeram as esperanças do Pároco e da maioria. Suas prédicas apresentaram-se vazias e sem motivos que pudessem produzir convicções e propósitos de reforma de vida.<sup>297</sup>

Talvez por isso, a próxima jornada missionária ficou a cargo dos Capuchinhos de Caxias, em março e abril de 1952, que confirmaram seus dotes: zelo, eloquência, simplicidade, clareza. Os frades retribuíram os elogios em artigo estampado no seu *Correio Rio-grandense*. Relatando o fato das Missões em Barril, assim se exprimiram:

*Nesta próspera paróquia, há vinte anos sábia e zelosamente dirigida pelo dinâmico vigário Pe. Vitor Battistella, com a presença da “maior missionária do séc. XX” (N. Sra. de Fátima) as Missões foram uma verdadeira explosão atômica. [...]. Em seis anos de missões, nunca notei uma tão bela distribuição das Missões nas capelas. Só não assistiu as Missões quem não quis, ou que estava doente. Nas famílias distantes ficava em casa uma pessoa e na semana seguinte, assistia às missões noutra capela. Belo exemplo para ser imitado. Desta forma as missões conseguiram um êxito insuperável: 38.850 comunhões em apenas 4 semanas...*<sup>298</sup>

Especialmente para os descendentes de poloneses, foram realizadas missões em 1954, pelo padre polonês Pedro Burszack, atingindo as capelas de Getúlio Vargas, Chiquinha e Matriz.

No crepúsculo de seu paróquio - aconteceram novas missões, em 1961, pelos capuchinhos, em que o pároco afirma que “esteve à altura, e se uma missão pode ser bem pregada, esta o foi”.<sup>299</sup>

#### 5.4 - Retiros espirituais

Intercalados às missões eram realizados retiros espirituais, que envolviam grupos expressivos, separadamente, de homens, senhoras, moças, moços, Filhas de Maria e catequistas. Os pregadores eram escolhidos a dedo pelo pároco, como devem ter sido também os temas tratados. Assevera Pe. Vítor que deles tiraram-se grandes frutos espirituais. O primeiro Retiro Espi-

<sup>296</sup> *Livro Tombo I*, p. 61 s. – “Missões”.

<sup>297</sup> *Livro Tombo II* p. 2v s.

<sup>298</sup> *Idem*, 61 v, s. Totais gerais das Missões: Sermões – 222; Instruções – 302, Confissões – 8.728, Comunhões – 38.850, 1<sup>a</sup> Comunhões Adultos – 636, Conferências – 84, Casamentos Legitimados – 129, Visitas aos Doentes – 28, Abjurações – 5.

<sup>299</sup> *Livro Tombo III*, 37v ss. – “Santas missões dos Capuchinhos”



ritual foi em fins de 1941, para 164 Filhas de Maria e Catequistas de toda a paróquia, sendo pregador o Pe. Pascoal Gomes Librelotto, Secretário Geral do Bispado. “O encerramento do santo retiro teve a abrihantá-lo a solene cerimônia de prestação de compromisso e recepção de cerca de 80 moças a aspirantes catequistas. Indubitavelmente o 1º retiro comoveu os corações das felizes retirantes e deixou bons frutos de vida cristã na paróquia”.<sup>300</sup>

No ano seguinte, 1942, para rapazes na Matriz e capela de Taquaruçu; foi pregador Pe. Leonardo Haeckel, C.S.S.R.. Interessantes as impressões do nosso protagonista: “Apesar de seu longo tirocínio de pregador de retiros, o Pe. Leonardo encontrou, especialmente nos rapazes do Taquaruçu, ambiente bastante difícil. Apesar da boa vontade era-lhes dificultoso manterem-se recolhidos e refletir nas verdades sobrenaturais, acostumados como estavam a tratar cada dia da vida com coisas palpáveis e materiais. Também tratando-se de rapazes, em grande maioria dotados de cultura religiosa rudimentar, houve necessidade de se adotar a sua mentalidade reduzindo as idéias e a forma à expressão mais simples, o que não é tarefa tão fácil para um pregador como Pe. Leonardo, acostumado a falar a grupos seletos.”<sup>301</sup> Em 1943, retiros semi-fechados, para moças, pais e mães, pregados pelos notáveis jesuítas Pe. Cândido Santini e Pe. Vendelino Junges; nova rodada de oito retiros em 1947; 1956: diversos em Taquaruçu, pelo Pe. Afonso Corrêa – reitor do Pré-Seminário de Barril; 1960, para três numerosos grupos de jovens, pregados pelo Padre palotino Eduardo Dagiós.

### 5.5 - Festas e celebrações

Foi certamente no período seminarístico que Pe. Vítor adquiriu a capacidade e a “ciência” de organizar com maestria uma celebração e uma festa. Aliás, coisa difícil separar os eventos por ele montados entre o lado festivo, lúdico e o lado celebrativo, sagrado. As dimensões se entrecruzam e formam um todo, tal qual a sua visão-de-mundo, onde o profano permeia o sagrado e vice-versa. Contanto, é claro, que quem dê o tom e as notas seja o religioso, concentrado nos seus dirigentes, no caso, na sua pessoa. Pomposidade, grandiosidade, imagem apoteótica, encantamento, estas palavras dizem um pouco do que Mons. Battistella entendia por uma festa ou uma celebração religiosa. Estas deviam ser algo extraordinário, capaz de impressionar, chocar seus assistentes, e fascinar e comprometer seus participantes. Todos os ingredientes da festa eram minuciosamente estudados e direcionados para um fim bem claro para seu autor. A simbologia era largamente explorada, de modo que não é especulação demasiada fazer um paralelo no uso destes expedientes entre Pe. Battistella e os regimes fascistas. Ressalta-se também

---

<sup>300</sup> *Livro Tombo I*, p. 85.

<sup>301</sup> *Idem*, p. 92v.

o caráter pragmático das festividades, como espaço privilegiado de evangelização, e de angariação de recursos para fazer frente aos empreendimentos.<sup>302</sup>

Interessante observar este caráter da festa como demonstração de unidade, de força, e como um raro momento em que o líder religioso podia envolver os arredios à Igreja, principalmente os detentores de cargos importantes, que eram como que cooptados ao tomarem parte, a convite do pároco, nos eventos. Diante destas colocações, entendemos que se justifica uma o-lhadela em alguns destes acontecimentos, certos de que revelaram outros aspectos significati-vos para nosso estudo.

Já na criação da paróquia, como vimos, Pe. Vítor pôde mostrar sua capacidade e as marcas em fazer festas e celebrações. Nesta ocasião, resolveu entregar a organização das festas a uma comissão composta dos cidadãos tidos como “maiorais” do Barril, já identificados: Vir-gínio Cerutti, Giocondino Bortoluzzi – industrialista-, Angelo Michelin, Major Firmino Leal da Costa, Professores Pedro Lisoski, e Leoveraldo Fortes. As festas se realizaram em dois dias, 25 e 26 de fevereiro. O programa distribuiu-se em duas partes: religiosa e recreativa. Constituiu parte central da primeira a solene missa cantada, com o obrigatório *Te Deum*.

*Da segunda foi nota culminante a grande passeata cívica realizada em homenagem ao chefe da Igreja Pio XI. Tomaram nela parte 220 cavaleiros que levavam desfraldadas ao vento dez bandeiras: quatro nacionais, a gaúcha, a italiana, a polonesa, a espanho-la e a alemã, precedidas do pendor branco-amarelo da Santa Sé, simbolizando assim o acatamento das nações e nossa própria submissão humilde e espontânea à autoridade do vigário de Jesus Cristo.*<sup>303</sup>

Vê-se a presença dos símbolos e a idéia de união, conagraçamento, força, tudo concen-trado e direcionado para a figura do Papa. [No próximo capítulo trataremos mais acuradamente desta devoção]. Para aumentar o entusiasmo e o contentamento do povo concorreu o conjunto musical “Alegria da Serra”, que abrilhantou as festas. Este é outro componente obrigatório nos festejos promovidos pelo nosso biografado. Dizia “a música é a alma das festas”. Falando so-bre festas e música, acrescenta: “Houve muita porque sempre entendi que ao povo é preciso também dar se se deseja receber, e nada melhor que a música para agradar o povo”.<sup>304</sup>

Os ilustres cidadãos eram incumbidos de fazerem saudações ao Papa, ao pavilhão na-cional e a professora Doca Borges homenageou a Dom Antonio, recitando inspirada poesia.

A cerimônia de Primeira Comunhão figura como uma das mais solenes e imponentes. No Natal de 1933 figuraram 75 meninos. O pároco esmerou-se na organização:

*Partindo da casa canônica em perfeita ordem, fileira de dois, meninos adiante, meninas atrás, escalados conforme o tamanho, precedidos pela cruz paroquial, seguidos do vi-*

<sup>302</sup> Em seus *Painéis*, o religioso discorre sobre esta sua percepção (p. 94 ss).

<sup>303</sup> *Livro Tombo I*, p. 3 e v. - “Solenes festas da Criação da Paróquia”.

<sup>304</sup> *Painéis do Passado*, op. cit., p. 90.

*gário paramentado, com alva capa de asperges e barrete, 4 acólitos, grupo de meninas cantoras, grande número de pessoas, ao canto de “Honra, glória, louvor sempiterno” dirigiram-se aos bancos a eles reservados no centro da igreja. Acesas todas as velas e feita a chamada, apareceram todos em perfeita ordem diante do altar onde fizeram a profissão de fé e a renovação solene das promessas do batismo. [...]. Solene e comovente o momento da comunhão quando, banco por banco, em grupos de oito cada vez, mãos juntinhas ao peito, piedosamente como um bando de anjos, aqueles 75 meninos se aproximaram do altar para acolher em suas almas inocentes pela vez primeira a Deus dos nossos altares, ao som do mavioso “Ao lado teu Senhor” – terminada a missa, todas as crianças, em longo cortejo, acompanhados de todo o povo, entre cânticos, se dirigiram ao hotel para o costumado café com doces.*<sup>305</sup>

Também a cerimônia de Encerramento do ano tinha particular realce. Mediante prévio convite, em 1934, a ela compareceram as autoridades locais, diversos funcionários, o Conselho da Fábrica da Matriz, os fabriqueiros das principais capelas, os inspetores de quarteirão mais próximos, a todos sendo reservado lugar especial no recinto da Matriz. Compareceram, outrossim, os zeladores e zeladoras do Apostolado e os Confrades da Irmandade do SS<sup>o</sup>, bem como todos os seminaristas da paróquia. às 9 horas iniciou-se com Canto do *Veni Creator* pelo Coro dos Manfrin, sermão do vigário sobre as razões que temos para sermos gratos a Deus, bênção solene com o SS<sup>o</sup> e Te Deum solene com repique de sinos e salvas de morteiros.<sup>306</sup>

Mas, talvez, a mais expressiva em brilhantismo e grandiosidade seja mesmo a festa de Corpus Christi. Referindo-se à de 1940, que contou com 2.500 participantes, o pároco registrou seus detalhes:

*A procissão seguiu percurso diferente do costumado, rumando da praça da Matriz para a Inspeção de Terras, dali até o Hotel Castello e até o sopé da Colina Norte, na rua do Comércio, voltando por esta até a praça e a Matriz. A ornamentação das ruas e casas, bem como da praça estava à altura da solenidade. As ruas foram limpadas e varridas, arcos de vários estilos cobertos de variada folhagem se erguiam nos pontos principais; legendas com passos escriturísticos sobre a Eucaristia atravessam de espaço a espaço as ruas. Cinco coros, banda de música, 25 acólitos com vistosas roupas, dois meninos vestidos de pagem, uma guarda de honra de 12 homens e outras tantas moças com as cores pontifícias a tiracolo, a presença pela primeira vez das Filhas de Maria, uma escolta de seis garbosos cavaleiros, à distância, na frente, abrindo o grande cortejo, com três cavalos brancos ostentando sobre a cabeça penachos encarnados; e três pretos com penachos brancos, levando os primeiros a bandeira da Igreja e os outros a Nacional que se curvavam até o chão cada vez que passavam pelo S.S. Sacramento e acima de tudo a fé, a devoção, o profundo respeito de toda aquela massa de fiéis, despertaram momentos de emoção intensa e da mais tocante alegria espiritual.*<sup>307</sup>

Algumas festas não-ordinárias se notabilizaram na história do Barril, como a do Centenário Farroupilha (1935) e a da do primeiro Decênio da Criação da Paróquia e da Nomeação do 1<sup>o</sup>

<sup>305</sup> Livro Tombo I, p. 22v a 23v.

<sup>306</sup> Idem, p 27

Vigário, em 1943. Sobre a primeira trataremos no próximo capítulo. Já a segunda, na apreciação do Pe. Battistella, constituiu incontestavelmente o maior acontecimento na vida paroquial, dando-lhe um caráter excepcional e raro. O programa de festas previa, no primeiro dia (13.03): Missa de Ação de Graças, Grande concentração da Juventude Católica masculina e feminina, “que em colunas organizadas e comandadas por chefes e comandantes marchará de quatro direções diferentes com suas bandeiras e cartazes, aos vivas, puxados pela Banda de música e repique de sinos, e se concentrará frente à Matriz para a bênção e entrega à Matriz da Bandeira Pontifícia oferecida pelos moços”. Pregação a cargo do Pe. Coadjutor Albino Busato. 10 h - Missa festiva em louvor do Padroeiro Santo Antônio; 12 h - Variedade de comidas, bebidas e diversões populares em benefício da Matriz e da construção do Colégio das Freiras. 20 h - No salão do *Cine-Teatro Carlos Gomes*, Manifestação cívico-católica em homenagem ao 1º vigário. Orador oficial Dr. Luciano Machado, de Palmeira; Mons. Librelotto; Srtª Iolanda Ferrando, diretora do Grupo Escolar, seminarista clérigo Abílio Sponchiado. Dia 14 de Março: - Missa festiva pelo triunfo da Igreja Católica no mundo moderno e pela prosperidade do Brasil. 9, 30 - Grande concentração e desfile dos seguintes grupos e organizações:

*1ª Coluna - Primeiros Colonizadores de Barril - de 1910 a 1922. Colonos, caçadores, artífices trajarão as roupas agrestes e empunharão instrumentos de trabalho e caça. No centro marchará uma cruz tosca de madeira, símbolo da Fé católica que esses colonizadores trouxeram e que foi o germem autêntico da futura paróquia. - 2ª coluna - Primeiros fabriqueiros da primeira capela surgida na atual sede. - 3ª coluna - Fabriqueiros da Matriz e de cada capela da paróquia. - 4ª grupo - O cavalo “Zaino” conhecido de todos os paroquianos e que durante doze anos serviu ao vigário. - 5ª coluna - Diretorias dos cinco centros do Apostolado da Oração- Homens. - 6ª coluna - Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz. - 7ª coluna - Diretoria e zeladores da Obra das Vocações- Homens da Matriz e capelas. - 8ª coluna - Apóstolos, apóstolas e guarda de honra da Cruzada Eucarística Infantil. - 9ª coluna - Diretoria dos 5 centros e Apostolado da Oração - Senhoras. - 10ª coluna - Diretoria e Zeladoras da obra das Vocações da Matriz e Capelas. - 11ª coluna - Congregação da Doutrina Cristã representada por um grupo compacto de 70 catequistas, em uniforme, com as bandeiras dos 21 centros paroquiais e representações de alunos e alunas. - 12ª coluna - Filhas de Maria da Matriz e Capelas - em seu uniforme; 13ª coluna - Juventude Feminina; 14ª coluna - Juventude Masculina; 15ª coluna - Homens da Ação Católica.*<sup>308</sup>

Terminado o desfile, Missa Solene campal com três padres, Consagração da paróquia ao Sacratíssimo Coração de Jesus. 12h - Almoço, churrasco, bebidas, festejos populares que se prolongaram por toda a tarde.<sup>309</sup>

<sup>307</sup> Idem, p. 71 v s. - “Festas Principais”.

<sup>308</sup> Idem, p. 94-95v. - “Decênio da Criação da Paróquia - 13.03.1933 - 13.03.1943 e da Nomeação do 1º Vigário - Revmo. Pe. Vitor Battistella”

<sup>309</sup> Durante a homenagem cívica católica no Salão do Cine-Teatro, Mons. Librelotto representando o. Bispo e toda a diocese, depois de apresentar congratulações ao Primeiro Vigário, ofereceu-lhe os mimos: Possante e cus-

## 5.6 - A Festa de Santo Antonio

A melhor festa sempre foi a festa do padroeiro Santo Antônio, chamada de sagra na colonização italiana. O estilo adotado pelo Pe. Vítor era o tradicional da colônia, vivendo intensamente seu clima. Dava-lhe um caráter popular, do povo para o povo. Para empolgar as multidões, ensina o segredo: “Era nosso costume comparar uma grande festa a uma batalha bem coordenada. No seio das comunidades há sempre os indiferentes, os frios, os duros e os contrários. Durante semanas e mesmo meses, oportuna propaganda preparava o terreno com anúncios, chamamentos, mensagens coloridas e vibrantes, conclamando à união e à cooperação de esforços em torno de objetivos de real interesse comunitário, como, por exemplo, construção do hospital, do colégio, da nova Matriz.”<sup>310</sup>

Como exemplo, vejamos o teor do apelo que o padre fez na igreja para as festas de Santo Antônio de 1948. Introduz dizendo que o objetivo é glorificar a Deus e cultivar o padroeiro. E dispara:

*Todavia – Outra coisa muita grata a Deus faremos interessando-nos para que esta festa dê o maior resultado possível em dinheiro para a construção da futura Matriz. [...]. Deus deve ser honrado com o que temos de melhor. “Amar a Deus sobre todas as coisas”. Não seria nada digno e nada decente nós ter casas ricas, morar em palacetes e bangalôs, e Jesus Cristo nosso Deus, ter uma igreja simples e pobre...<sup>311</sup>*

Para Pe. Vítor, como já assinalamos, a festa do “Santo Casamenteiro” tinha duas faces distintas: Primeiramente era festa de Santo Antônio e não de outra coisa; procurava-se tributar honra ao padroeiro, a fim de promover a confiança e a devoção dos fiéis.

O segundo motivo era de ordem econômica, ocasião de angariar meios para as obras paroquiais em projeto, em curso ou já executadas, “porque nada se faz na área das coisas materiais sem dinheiro”, lembra o autor dos *Painéis do Passado*.

*As coletas gerais de donativos, anunciadas em tempo, previstas com detalhes de dia e de hora, eram realizadas de porta em porta, de capela em capela, junto com a bênção das casas. Todos estavam sabendo o que se pretendia com o resultado da festa. E era justo. A Paróquia é o povo e este tem o direito de conhecer o que se passa em sua casa. Para efeito de propaganda e de estímulo os resultados das coletas iam sendo publicados semanalmente; depois, com o advento da Rádio, diariamente, a fim de criar emula-*

---

toso aparelho de rádio, último tipo Philips, oito válvulas, valor Cr\$ 3:800,00- oferta dos amigos e paroquianos. Fino cálice, artisticamente trabalhado na fábrica Eberle de Caxias, valor Cr\$ 1:200,00 - oferta das 7 associações existentes na paróquia; Artístico Porta- missal, dourado, da mesma fábrica - oferta dos bons paroquianos de Taquaruçu. Valor Cr\$ 400,00. Idem, ibidem.

<sup>310</sup> *Painéis do Passado*, op. cit., p. 91.

<sup>311</sup> Caderno *Prédicas – 1948*, (nº 13).

*ção entre os contribuintes, fator de grande efeito psicológico, e assim incrementar o interesse público.*<sup>312</sup>

Preservou-se entre os documentos da Paróquia uma dessas comunicações radiofônicas que Pe. Vítor fez ao seu povo sobre os resultados da Festa de S. Antônio. É de 1956, ano em que pároco e paróquia estavam mergulhados na construção da nova igreja matriz. Seu teor mostra a vibração e as qualidades de *marketing* e de sensibilizar o povo, notadamente “pedinchão”, que o religioso possuía:

*O resultado supera de muito aquilo que honestamente, sem exageros e sem exaltações se poderia esperar. – O povo de Barril deu mais uma exuberante prova de ser um grande povo, digno de seus grandes destinos; deu mais uma prova de que a união faz a força. E a Paróquia de Barril colocou-se seguramente por este acontecimento à frente de todas as paróquias do Rio Grande do Sul, pois não haverá outra que possa ufanar-se de acusar saldo magnífico líquido, podemos dizer, de um milhão e 16 mil cruzeiros. Parabéns, pois, povo de Barril, da cidade e capelas, de perto e de longe, ricos e pobres, pois que o esforço foi unânime e geral. Parabéns, paróquia exemplar de F. Westphalen pelo exemplo magnífico de coesão e de força que acabas de dar e que há de suscitar a maravilha de quantos lerem na imprensa e ouvirem pelo rádio dentro de dias a surpreendente notícia.*<sup>313</sup>

### 5.7 - As polêmicas coletas

Aqui podemos apreciar uma questão que tem suscitado muita polêmica na atuação do nosso biografado: a sua prática de fazer sistematicamente coletas junto ao povo, apelando, muitas vezes e, digamos, forçando o doador a ir além de suas possibilidades ou de sua vontade.<sup>314</sup> Esta prática é mais presente nos últimos anos de seu ministério paroquial, quando estava envolvido na construção da nova igreja, e que, segundo ele, urgia concluir, diante dos acenos de inflação futura. Os registros revelam também que as coletas abrangiam tudo o que representasse valor, sobressaindo, na colônia, os porcos, galinhas, novilhas. Mas, iniciamos dando-lhe a palavra, como está na sua obra autobiográfica:

*Para nós padres as coletas constituíam enorme cruz. Fosse chuva ou sol, fosse frio ou calor, de dia e muitas vezes noite adentro, andando a cavalo, a pé ou de carro, durante quase dois meses, ouvindo centenas de vezes as mesmas queixas e lamentos, repetindo outras tantas os mesmos estribilhos e não raro aturando desaforos, como se estivéssemos trabalhando para o nosso interesse, havia que seguir à frente, usando carradas de paciência e heróica resignação. Esta, a falar verdade, uma vez ou outra quebrava-se diante de casos de crua e manifesta má vontade. De mim mesmo posso afiançar que antes de iniciar este ingrato trabalho sentia-me tão angustiado que sempre me lembrava*

<sup>312</sup> *Painéis do Passado*, op. cit., p. 92.

<sup>313</sup> Folha solta manuscrita. – Pasta: “Algumas recordações das célebres festas de Santo Antônio”.

<sup>314</sup> Veja-se: SZATKOSKI, Elenice. *A construção da catedral de Frederico Westphalen*. Monografia de licenciatura de história. UNIJUÍ, 1992. Depois editado. Litoarte Marin, Frederico Westphalen, 1994.

*de Jesus no Horto das Oliveiras... Mas, havia também o lado agradável: a boa vontade da maior parte... Davam com prazer, dizendo às vezes: “O padre Vitor pede e nós damos, porque estamos vendo aonde vai o nosso dinheiro”.*<sup>315</sup>

Depreende-se, desde logo, que a coleta não consistia em uma tarefa agradável para o religioso – como também para os demais padres; era, antes, uma obrigação, uma atividade da profissão que tinha que ser feita, pois dela dependia a manutenção da estrutura paroquial e a execução das obras.

Em abono à versão do pároco, consta esse comentário do prof. Lírio Zanchet, um seu simpatizante:

*Que estratégia usou Monsenhor para convencer o Povo? Que argumentação usou para meter a mão no bolso do cristão? A par de seus dotes psicológicos, de sua liderança incontestada e de sua força de persuasão, usava uma artimanha simples. Incentivava o capital, estimulava o desenvolvimento, ajudava a plantar... e na hora da colheita lá estava ele, como representante do governo divino, a cobrar o imposto. No dia da coleta, invadia propriedades, como autêntico Átila caído do Céu, arrebanhava bois e suínos, repontava galinhas, ensacava toneladas de trigo e feijão e estabelecia a quota em espécie para os comerciantes e bodegueiros. Era um choro de flagelado. Imagine-se que a região tinha predominância de gringos. Mas também era cristalina verdade que passada a refrega, feita a prestação de contas no púlpito, do resultado da coleta, espicaçada a vaidade do doador, pela leitura do nome na Rádio Luz e Alegria, o cristão sentia-se feliz por ter dado o seu sangue e seus meréis pela cruzada de Deus. E também é verdade, tradicionalmente transmitida pelas gerações, que não faltava pão na família que dava trigo para o altar”.*<sup>316</sup>

Novas achegas a respeito desta questão das coletas encontramos no Termo da Visita Pastoral de Dom Vítor Sartori, em 1957. Nele consta que, a 26.09.1957, o bispo e o secretário receberam “em audiência três comissões de numerosos moradores que nos expuseram diversos problemas atinentes à vida religiosa e social da Paróquia, particularmente da Sede”.<sup>317</sup> No mesmo Termo lemos: “Recomendamos, igualmente, maior cordura no pedido de contribuição aos fiéis para as obras de construção da nova Igreja Matriz a fim de que nos sejam dadas de boa vontade, de acordo com as posses dos mesmos, como convém ao nobre fim a que se destinam.”

Pe. Vítor não era afeito a recomendações e censuras, mesmo que viessem da autoridade eram mais vistas como intromissão. Não se conteve e respondeu no mesmo Livro Tombo. Inicia seu esclarecimento dizendo que tais recomendações “se inspiraram nas informações prestadas ao Bispo, em caráter de acusação, pelos grupos de moradores recebidos em audiência por

<sup>315</sup> *Painéis do Passado*, op. cit., p. 93.

<sup>316</sup> ZANCHET, Lírio. “A igreja que já nasceu catedral”. *Jubileu Diocesano*. Frederico Westphalen: Litoarte Marin, 1987, p. 20 s.

<sup>317</sup> *Livro Tombo II*, p. 88v ss. - “Termo de Visita Pastoral”.

S. Exc. a fim de exporem problemas atinentes à vida religiosa e social”. Informa que identificou os componentes de tais grupos, e constatou “que se tratou de cidadãos tradicionalmente hostis ao Pároco, a maioria deles por recalques político-partidários e por inveja mesquinha”. Não era, aliás,- acrescenta - a primeira vez que alguns deles tentavam o afastamento do Pároco por meio de acusações arbitrárias levadas ao Bispo em visita pastoral e fora dela.”<sup>318</sup>

Quanto à recomendação do bispo de maior cordura nas coletas de dinheiro e auxílio para a nova Matriz, defende-se:

*A acusação de que o Pároco e seus coadjutores estariam extorquindo à força e sob ameaças determinadas quantias constitui verdadeiro ultraje à verdade, pois isso jamais aconteceu. O Pároco, sob o peso das responsabilidades, naturalmente insiste procurando levar todos os paroquianos, também os mais recalcitrantes a cooperar para as obras que são do interesse comum. Jamais, porém, impôs taxas ou fez das contribuições cavalo de batalha no púlpito. O lema foi sempre “Fortiter in re, suaviter in modo”. Os paroquianos foram acostumados a aumentar gradativamente suas ofertas apoiados em razões de religião e de caridade, de cooperação e de previdência, de amor à própria terra e interesse pelo bem estar da sua própria família. Não há um só caso de coação. Diante de dificuldades e contratemplos, a praxe é dar novos prazos ou cancelar por aquele ano a contribuição. A bem da verdade fique esclarecido que, nesta paróquia, costumam apresentar tais queixas aqueles – e são sempre os mesmos – que nada fazem pela Paróquia ou estão atrasadíssimos com suas contribuições conforme se pode constatar nos livros competentes. Um fator que explica a generosidade nas contribuições do povo é, além do seu alto espírito religioso, a confiança absoluta que depõem no pároco, visto nenhuma iniciativa por ele empreendida ter jamais fracassado nem encalhado a meio caminho.*<sup>319</sup>

Na nossa opinião, o sacerdote foi mais feliz ao concluir estes esclarecimentos ao dizer “Os defeitos acompanham todas as empresas humanas, e por bem que se queira fazer sempre há algo que não está bem”.

Encerremos essa parte com um retrato da paróquia. De própria iniciativa dos Capuchinhos das Missões Populares de 1961 - ou mais provável, a pedido do vigário, que vislumbrava sombras no seu firmamento e que vão redundar em profunda crise – foi redigido um memorial com as impressões destas missões. Trata-se mais de um verdadeiro atestado pró Pe. Battistella, a esta época – como veremos adiante - enfrentava graves problemas. Pelo seu conteúdo histórico e pela percepção da época, vale a pena reproduzir partes do documento, por evidenciar o perfil que o nosso biografado conseguira imprimir em trinta anos de incessante trabalho.

Os missionários iniciam dizendo que a Paróquia divide-se em dois setores: os moradores de origem ítala e polonesa, que “são de fé viva e profunda”; e os de origem lusa (caboclos), que “são bastante indiferentes devido à ignorância e à inércia”. Quanto às capelas do interior, lhe

<sup>318</sup> Idem, p. 92. – “Esclarecimentos necessários”.

<sup>319</sup> Idem, p. 92 v s.



parecem que existe a fé antiga e os costumes patriarcais: “São muito apegados à religião, profundamente respeitosos para com os sacerdotes e de moral geralmente íntegra”. Já

*a sede da Paróquia oferece um ambiente dos melhores de todo o Rio Grande. Todas as pessoas de mais influência em geral são católicos praticantes. Não chegama à meia dúzia os renitentes. Ainda o sacerdote entre eles exerce grande autoridade. Não desprezam e não desacatam a autoridade eclesiástica. Podemos afirmar que Frederico Westphalen é ainda das poucas cidades onde o sacerdote é acatado, sua palavra é apreciada e onde ele exerce grande influência entre as pessoas mais destacadas. É impressionante ver na Igreja pessoas do alto comércio e indústria, autoridades e funcionários. A religião domina todos os setores não há ambiente para os maus. Com toda a verdade e justiça devemos afirmar que o Revmo. Mons. Vitor Battistella conservou verdadeiro patrimônio espiritual em Frederico Westphalen. Soube aliar às atividades externas, aos empreendimentos materiais, a atividade e os empreendimentos espirituais. Verdadeiro criador da cidade e da Paróquia. Todos a uma só voz afirmam: quem fez o município foi o Monsenhor, quem conservou a fé inquebrantável foi ele. Difícil encontrar uma Paróquia onde o sacerdote é tão respeitado, bem quisto, exercendo tamanha influência entre o povo. Não há crise de autoridade como se nota em a maioria das paróquias. O povo exalta seu guia espiritual, acata seus conselhos e ensinamentos. O vigário é deveras pai, guia, pastor das almas. Desdobra um zelo indefeso pelos seus paroquianos. Admiramos nele qualidades raras e peregrinas. Moralidade inatacável, seriedade sacerdotal, piedade, zelo, dedicação em extremo. Sacerdote que não busca senão o bem de seus fiéis. Sem dúvida Barril merece ser sede episcopal, e será o centro de irradiação da fé e do bem em toda a redondeza. Sua fama pelo Rio Grande é de fato digna de realidades. Os fatos comprovam. Não se ouve uma queixa contra a pessoa do vigário. Só palavras elogiosas. Paróquia como esta é difícil encontrar, no que concerne à fé, à prática da Religião, à autoridade e influência do sacerdote.*

Conclui lembrando que a nova Igreja Matriz é “verdadeira expressão da alma dos católicos desta paróquia, concretização do íntimo religioso”. E arrematam com um rasgado elogio: “Se todas as Paróquias fossem assim não haveria outras seitas, não teria, digo, campo propício; a Pátria estaria tranqüila... o Vigário é que possui as chaves de todo o município”<sup>320</sup>.

## CAPÍTULO 6

### O APOSTOLADO RELIGIOSO E A ESTRUTURAÇÃO PAROQUIAL

<sup>320</sup> Livro Tombo III, 38 v. - “Notas gerais sobre a Paróquia de Barril” . 14.10.1961. Os missionários capuchinhos.

## 6.1 – Um trabalho planejado

Num escrito intitulado *Paróquia de Santo Antonio – Frederico Westphalen*, possivelmente do punho do próprio Pe. Vítor, consta que “exuberante de saúde e de vontade empreendedora, dotado de sadio otimismo e fé robusta, levou avante sem trepidações e sem esmorecimento o trabalho de organização da vida paroquial”. Numa visão de conjunto, o autor distribui o trabalho pastoral e os empreendimentos em três etapas:

**1ª Etapa:** Dez anos para a formação espiritual da população com pregações constantes e catequese a grandes e pequenos, retiros espirituais e missões.

**2ª Etapa:** Quinze anos com as construções do colégio de Irmãs, Pré-Seminário, Hospital, rede telefônica, organização de vida rural, estação de rádio, nova Igreja Matriz. Para organizar a vida rural foi criada a União dos Agricultores e Criadores, celebrado o Primeiro Congresso de Ação Social Rural, montada a Casa do Agricultor e a Granja Modelo Santo Isidoro.

**3ª Etapa:** Aprimoramento e cristalização da vida cristã com a dedicação exclusiva à assistência espiritual do povo e o aproveitamento a fundo das organizações já existentes.

Aproveitando essa divisão, que por certo não pôde ser rigorosamente adotada, pelo menos na sua cronologia engessada, vejamos mais acuradamente a primeira etapa, o decênio 1932-1943, marcado pela dedicação à *formação espiritual da população*.

Já tivemos ocasião de dizer da proveniência dos colonizadores radicados na paróquia de Barril, de prósperas paróquias das chamadas “colônias velhas”. O próprio Pe. Battistella vai repetir, que “era um material humano e cristão de alta classe. Seria preciso – acrescenta – apenas saber aproveitá-lo, canalizando-lhe o potencial”.<sup>321</sup> E é isso que ele vai fazer, dentro de um programa meticulosamente planejado, orquestrado.

Apesar de possuir bases cristãs e católicas, para o primeiro cura de almas, a maioria da população e, sobretudo os de origem lusa, estava carente de uma mais sólida formação religiosa,

---

<sup>321</sup> BATTISTELLA, *Painéis do Passado*, op. cit., p. 180.

de acordo com as normas da Igreja, mais precisamente com as exigências do Concílio de Trento. Urgia, no seu pensamento, inculcar no povo as verdades da Fé e da Moral, nos moldes recomendados pela Pastoral Coletiva dos Bispos. Era imperioso incutir disciplina nos costumes e nas práticas religiosas populares. Enfim, transformar a massa humana em estado semi-bruto em pessoas e comunidades identificadas com os cânones e preceitos da Igreja oficial, romanizada, se quisermos.

Sobre a realidade do cotidiano religioso da população já vimos algo, mas dispomos de outras referências originadas da ótica e interpretação do Pe. Vítor. Após um ano de paroquiado, em fins de 1934, o sacerdote já festeja os primeiros progressos no que concerne ao espírito religioso na paróquia: “Índice disto é o aumento das confissões e comunhões, a fidelidade com que o povo acode às igrejas para as práticas costumeiras de piedade, especialmente missa e terço. O vício hediondo da blasfêmia que, anos atrás, grassava infrene tem desaparecido gradativamente...”.<sup>322</sup> Mas, por outro lado, constata com tristeza a grande ignorância religiosa da população dispersa pelo sertão, longe e sem recursos, sem igrejas e sem escolas. Pondera que “é um problema este que só o tempo e um intenso e exaustivo trabalho do sacerdote, sob as bênçãos de Deus e com a colaboração da autoridade civil, poderá resolver satisfatoriamente”.<sup>323</sup>

O bom espírito da população, para Pe. Battistella, devia-se à ausência de elementos corruptores como maus cinemas, maus livros, maus divertimentos e a enorme distância dos centros maiores, onde, segundo ele, havia tantos focos de corrupção. Retomaremos esse aspecto ao tratarmos da sua atuação moralista.

Já no seu ponto de vista social,

*na colônia há em geral união, concórdia, respeito entre os concidadãos especialmente da mesma sociedade ou lugar, salvas as exceções. Na sede Barril esta harmonia anda em geral bastante prejudicada pelo espírito da intriga, pela praga da maledicência e do mexerico e às vezes até da calúnia, na qual chegaram a envolver não só pessoas de boas famílias, mas até o próprio vigário.... Seria injustiça dizer tal de toda a população, quando na realidade os culpados são poucos, quase sempre os mesmos e mesmas, gente de pouca educação social, pouca, pouquíssima moral, nenhuma reserva, escassa prudência, falhos de sabedoria cristã e caridade.*<sup>324</sup>

Estas exposições bastam para ver como muito havia para fazer no campo da evangelização e que este trabalho seria árduo, desafiante e enfrentaria obstáculos e adversários.

<sup>322</sup> Livro Tombo I, p. 25. - “Aspecto geral religioso–social-econômico da Paróquia em fins de 1934”.

<sup>323</sup> Idem, p. 26.

<sup>324</sup> Idem, p. 47v s. “Resenha psicológica da sociedade de Barril para a orientação dos vigários futuros” – 1936.

## 6.2 - Organização das comunidades

Ora, diante desse quadro, uma das primeiras medidas que Pe. Battistella efetivou foi a organização das comunidades ou as chamadas capelas de sua paróquia. E isso era imprescindível para a concretização de seu projeto. O religioso bem sabia - e afirmou - que a “ igreja apresentava-se invariavelmente como o centro da vida comunitária rural... era forçosamente o ponto de referência dos encontros domingueiros. Impossível descobrir ou imaginar uma comunidade em vias de organização, sem a igreja”.<sup>325</sup> Sabia, contudo, também que o surgimento dos oratórios, capelinhas ou igrejas tinha o componente da espontaneidade, surgiam como preocupação e interesse dos próprios moradores ou às vezes de um só. Portanto, longe e sem o conhecimento das autoridades da Igreja. Com o andar do tempo, os oratórios transformavam-se em capelas maiores, tornava-se o ponto gravitacional, girando em seu redor as demais coisas necessárias à vida coletiva: escola, casa comercial, bodegas, ferrarias, salão de festas. Vê-se aí a importância que ganhava o controle destas instituições, dar a elas a configuração que melhor lhes parecesse, usá-las para a busca de seus anseios. É precisamente por isso que pessoas mais astutas, que perceberam esta potencialidade, entram em disputa pelo seu controle, no interesse de aumentar seu poder econômico, sua força política, seu prestígio, seu status. Com isso já vemos como o Pe. Vítor se defrontava com um sério problema de difícil e complexa solução, dependendo do lugar, a de colocar-se como responsável último pela administração das comunidades religiosas, enfrentando diferentes interesses. Como exemplo, vejamos dois casos envolvendo lutas pela disputa do controle de capelas, um acontecido antes de sua chegada e outro posteriormente. Anota-se que, para Pe. Vítor, até meados de 1935, as sociedades católicas das várias capelas haviam gozado de paz e concórdia interna, “excetuando insignificantes rugas, inevitáveis em qualquer aglomerado social e procedentes em geral da divergência de opinião com os fabriqueiros no governo das coisas da Igreja”.<sup>326</sup> Para o padre, pelo visto, eram plenamente naturais pequenas contendas entre os administradores das capelas.

Mais grave foi na capela de Taquaruçu - que, como já vimos, concorreu com Barril na pretensão de sediar a paróquia -, em que se verificou uma contenda dentro da comunidade. Ao registrar o fato, Pe. Vítor admite ser difícil relatá-lo. Num esforço de síntese resume assim:

Formação de dois partidos na escolha de fabriqueiros, aproximadamente ano 1929. De um lado João Fontana, professor local e por algum tempo inspetor, porque dado a bebedeiras cometeu arbitrariedades e violências, conquistando antipatias; com ele, que também foi fabriqueiro, formavam Lourenço Albarello, família Zanchet, família Piaia, Volpato, etc. De outro lado, João

<sup>325</sup> *Painéis do Passado*, op. cit. , p. 38.

<sup>326</sup> *Livro Tombo I*, p. 30.

Sponchiado, sucessor de Fontana na inspetoria, votado e depois eleito fabriqueiro, homem decidido, a princípio um tanto rígido, depois mais moderado; com ele formavam e ainda hoje formam as várias famílias Zanatta, Sponchiado, Rech, etc. Série de pequenos incidentes, em outras circunstâncias insignificantes, foram aumentando o azedume entre as duas correntes, tornando mais aguda a situação.<sup>327</sup> “Mais tarde, surge a questão da compra dos três grandes sinos [que vimos atrás]. Queixas, protestos, teimosias, mexericos, despeitos. Os dois partidos aproveitam várias ocasiões para se hostilizar e mostrar animosidade. Outros incidentes, às vezes verdadeiras ninharias. Todos os esforços do vigário, apelos à caridade e à concórdia, pouco valeram. Uma circunstância veio melhorar a situação. Tendo-se o partido da esquerda, isto é, do Fontana, abstinido de comparecer nas últimas eleições de fabriqueiros em fevereiro último [1935], o partido da direita conseguiu vitória para os seus elementos, reelegendo José Zanatta, João Sponchiado, Achilles Zanatta, especialmente mal aceitos pelos adversários. Os principais destes, então, cansados e desiludidos, resolveram abandonar o campo, fazendo-se sócios de outras capelas. Com sua retirada sobreveio um período de relativa paz e tranquilidade”.<sup>328</sup>

Diz o relator que sua atitude foi sempre conciliadora, mantendo-se numa linha de imparcialidade tanto quanto era possível. Mas trai-se ao afirmar que “a razão geralmente estava com João Sponchiado e seus companheiros”, o grupo da situação. O texto, além de mostrar a manipulação de famílias por parte dos pretendentes à presidência da comunidade, flagra o fato de haver uma vinculação entre as autoridades civis do lugar, no caso os Inspetores de Quarteirão e o professor.

O outro fato não se registrou na disputa da direção da capela, mas na disputa entre duas comunidades pela sua localização e envolveu o padre e o bispo. A questão surgiu entre os moradores de Palmitos e os de Boa Vista - ambos lugares sobre a estrada que leva ao Porto Novo, nos Km 28 e 24 - para ereção da capela. Ambos queriam capela. Palmito pleiteava-a para si alegando ser mais antiga e o fato foi de já possuir um pequeno oratório e fundos para começar a nova Igreja. Boa Vista não tinha outras razões senão a conveniência de lugar; conformava-se completamente com a decisão do vigário. Este, depois de estudar *in loco* o assunto opinou pela construção da Capela na Boa Vista, baseando-se no fato de possuir capela em ponto central e que servia a todo o povo da redondeza; e na impossibilidade de se construir e menos ainda manter naquela zona mais Igrejas por não haver suficiente número de moradores e os necessários recursos. Impôs-se a vontade do vigário e no lugar e da maneira que fixou construiu-se a templo na Boa Vis-

---

<sup>327</sup> O celeuma continua: “A qual se tornou de fato embaraçosa depois que João Sponchiado, em necessária defesa de si, em certa ocasião, matou, num baile, sendo inspetor, Ângelo Stefanello, indivíduo provocante e mal intencionado. Prós e contras. Críticas. Mexericos. Mágoas porque o homicida não foi processado”. *Idem*, p. 30-31.

<sup>328</sup> *Idem*.

ta, “esperando-se sempre a adesão dos moradores de Palmitos, mas estes aderiram apenas em pequena parte, decidindo os mais construir igreja própria, tempos depois, contra a vontade e determinações do vigário, o qual, em sua resolução, havia tomado conselho também do Exmo. Sr. Bispo, que concordara plenamente com o plano”. À revelia das autoridades, os palmitenses dirigiram-se ao Chefe de Serviço Florestal, Major Firmino Costa, e obtiveram licença para construção. Para Pe. Vítor, aliás, o Major era “distintíssima pessoa, bem quisto e benemérito desta terra” mas, que naquela época mantinham “pequenas desavenças”. Este, sem consultar o vigário, escreveu a seguinte licença:

*A Igreja de Palmitos é antiga, já encontrando eu uma festa se realizando nela há 3 anos, seus fabriqueiros querem é fazer uma maior no lugar da velha, o que acho muito justo, e de minha parte concedo a licença pedida. O vigário da paróquia é quem me disse não estar de acordo, motivo de ter feito parar o serviço até 2ª ordem. Se os moradores quiserem fazê-la por sua conta sem o consentimento do Sr. Vigário, isso lá nada tenho que ver. Baril, 3 de Abril de 1934.*<sup>329</sup>

Baseados nesta licença, puseram mãos à obra e construíram um edifício maior que a capela de Boa Vista, sempre alimentando a esperança de que o vigário, acomodando-se ao fato, iria depois rezar missa. O cronista assevera que houve mesmo quem afirmou que, depois de feita, o vigário não fazia questão: “era só pagar, pois os padres como todos os mais homens, compram-se com dinheiro”. Pe. Vítor expôs a questão novamente ao bispo, que “determinou que de forma alguma se fosse rezar missa naquela pseudo-capela”. A queda de braço pendeu para os palmitenses. Em julho de 1935, o pároco provisionou a capela. Porque o Pe. Vítor cedeu?

Os próprios iniciadores da obra dirigiram-se ao vigário em carta assinada pela maioria desculpando-se profundamente e reconhecendo a incorreção de sua atitude. Mais que estes motivos secundários e sem valor prático, porém, impunha-se o fato de haver aumentado consideravelmente durante o ano, o número de famílias que ali fixaram residência: seis mais; o grande número de meninos sem instrução catequética; a religiosidade da população que, sem uma capela onde possa se reunir em dia santo e domingos, sente-se privada do principal conforto naquelas solidões.<sup>330</sup>

Embora o religioso não explicita no relato, é sabido que Boa Vista possuía famílias de origem italiana e bem situadas economicamente, diferentemente de Palmitos, marcadamente habitado por população de origem lusa e caboclos. Isto certamente influenciou na sua escolha, pois tinha preferência indisfarçável pela etnia de seus avoengos. Neste mesmo sentido, de controle de capelas, sabe-se por fonte oral de um episódio em que Pe. Vítor destruiu pessoalmente um capi-

<sup>329</sup> Idem, p. 19v s. - “O caso de Palmitos”.

<sup>330</sup> Idem, p. 35. - “Solução do ‘Caso de Palmitos’” .

tel de madeira, situado próximo à capela de Palmitos, cujos proprietários teimavam em não extinguí-lo, como determinara – Capitel Santo Antônio, “do Luza”. Isto demonstra o cuidado que tinha em não multiplicar as capelas, respeitando a distância mínima entre elas. Outrossim, somente erigiu novas nos anos 50, quando já estava servido de um padre coadjutor. Mas sempre com seu extremo controle, como se vê nesta autorização:

*Em atenção às necessidades espirituais de uma parte dos meus paroquianos, concedo licença para construção duma capela, na barra do Lajeado Taquarussú, no local que foi por mim escolhido. A capela terá as seguintes dimensões 7 x 11 x 4,40. Recomendo também a construção de um cemitério, com suficiente chão, fora da área das vertentes e a regular distância da capela. Barril, 4 de setembro de 1952. Pe. Vítor Battistella.<sup>331</sup>*

### 6.3 - Os estatutos da paróquia

Em 1937, Pe. Vítor tomou a iniciativa, depois de acumular considerável experiência, de fixar as condições e regras para organização das sociedades destinadas a construção e manutenção de igrejas, cemitérios e escolas na sua freguesia. Para tanto, ouviu os principais e mais experimentados fabriqueiros das várias igrejas, foram discutidos, elaborados e aprovados em duas reuniões com ditos fabriqueiros os *Estatutos da Matriz e Capelas*<sup>332</sup>. Mas, esta aparente democracia que sobressai de seu registro no Livro Tombo, desfaz-se ao lermos o primeiro artigo que diz “Os presentes Estatutos, redigidos pelo Vigário e aprovados pelos fabriqueiros no fim assinados”. Portanto, os líderes comunitários figuraram apenas como peça decorativa e desculpa para dizer que participaram na sua confecção.

Dividem-se em onze capítulos e quarenta e dois artigos, tratando das seguintes questões: fim dos estatutos; da organização da sociedade; dos direitos dos sócios; dos deveres dos sócios; das obrigações dos não-sócios; dos cemitérios; da caixa mortuária; da escola; do estipêndio ou “quartal”<sup>333</sup>; dos livros da sociedade; do toque dos sinos. Completa os Estatutos um Apêndice com o regulamento para as sociedades de canto, elaborado pelo vigário.

<sup>331</sup> Cf. *Livro de Atas da Capela N. Sra. de Fátima de Linha Fátima – Taquaruçu*. No Livro Tombo, Pe. Vítor comentou a seu respeito: “Com o crescimento da população e o desenvolvimento da vida religiosa, foi necessário providenciar a construção de mais as seguintes capelas (...) 2) Na. Sra. de Fátima – a 15 Km da Matriz e 6 Km de importante capela de Taquaruçu, à margem do rio Fortaleza, zona de montes, habitada prevalentemente por caboclos de boa índole e espírito religioso, com misto de colonos italianos”. *Livro Tombo II*, p. 77v s. - “Novas Capelas”.

<sup>332</sup> BATTISTELLA, Mons. Vítor. (org.) *Estatutos da Matriz e das Capelas*. Iraí: Tipog. Pompéia, aprovados em 8 de dezembro de 1937. Assinaram o documento: Pe. Victor Battistella – Vigário, Ângelo Michelin, pelo Conselho da Matriz, Agostinho Trezzi - Vila Mussolini, José Zanatta – Taquarussú, Francisco Kzarnobay – Fortaleza, João Riboli - Vista Alegre, Luiz Canzi - Sete de Setembro, João Tatto - Lajeado Pardo, Ângelo Frison - Lagoa da Figueira, José Faccin - São José, Pedro Corbari - São Paulo, Eugênio Balestrin – Palmitos, Víctor Albarello - Boa Vista, Roberto Marmith – Pinheirinho, Ricieri Perini - Lajeado União, Antônio Berti – Barra do Suco, Francisco Himileski – Pinhal, Ângelo Stefanello - Lajeado Bonito, João Tompzak – Poncios, Ludovico Vroinski - Chiquinha.

<sup>333</sup> A Autoridade Diocesana, criando a paróquia, exigiu, como de costume, o compromisso de um subsídio anual de Rs. 2:000\$000 para o Vigário, não como paga de seus serviços, mas para sua honesta e garantida sustentação. & 1º - O estipêndio faz parte das taxas obrigatórias não só dos sócios, mas de todos os que, sob qualquer forma, precisam

Vê-se como o líder, após a experiência acumulada de cinco anos, providencia um regulamento que serviria como uma camisa-de-força para as sociedades, sobretudo as capelas, que, assim, ficariam sujeitas a uma lei cuja letra previa como deviam andar e as penas a que se submetiam. Este objetivo o próprio legislador explicita ao comemorar os primeiros resultados, em 1938, quando festeja: A introdução dos estatutos tem trazido imediatas vantagens, especialmente nas capelas, unificando a disciplina, resolvendo muitas divergências e eliminando intrigas<sup>334</sup>.

Passando-se à análise dos Estatutos, podemos realçar alguns aspectos significativos para a sua compreensão como instrumento de controle do pároco sobre as comunidades.

Uma primeira nota é que a maioria dos artigos refere-se a dinheiro, numa demonstração da preocupação financeira que o sacerdote tinha, para fazer frente às despesas ordinárias e poder projetar e levar avante as muitas obras que já se afiguravam como necessárias. Assim, o Art. 3º, prevê que “Não poderá ser sócio de qualquer capela quem não aceitar ser ao mesmo tempo contribuinte da matriz”, cuja quantia deveria ser paga de uma só vez. Determina também, no seu Art. 7º, que seriam aceitos na sociedade todos os católicos, independentemente de nacionalidade e cor desde que cumprissem as disposições destes Estatutos. Os direitos dos sócios (Cap. 3º) prevêem a utilização da igreja para todas as necessidades da vida cristã da família; valer-se das vantagens oferecidas pela “*Caixa Mortuária*”<sup>335</sup>; de ser socorrido pela sociedade em caso de grave necessidade, mediante prévio aviso aos fabriqueiros e na medida que estes acharem preciso. Já os deveres do sócio contemplam o pagamento das taxas anuais; aceitar as decisões da maioria do Conselho ou da sociedade reunida; trabalhos em favor da igreja, especialmente na preparação de festas<sup>336</sup>. Além das taxas fixas, havia as ofertas que não tinham nada de espontâneas:

*A quantidade de cereal das “questuas” ou coletas anuais é deixada à boa vontade de cada paroquiano, nunca podendo, em todo o caso, ser menos de quatro quartas para a capela e .....[três quartas, em caneta] para a Matriz, se a taxa em benefício desta for fixada para cada indivíduo. & único - Quem não tiver cereais pagará o equivalente em dinheiro ou em trabalho (Art. 13º).*

---

da assistência gratuita do Pároco na igreja e fora dela. & 2º - Dita soma fica distribuída equitativamente entre todas as igrejas, cabendo a coleta aos fabriqueiros junto com as demais taxas. (Art. 39º).

<sup>334</sup> Livro Tombo I, p. 54 – “Estatutos da Paróquia”.

<sup>335</sup> Art. 28º- A caixa mortuária tem por fim prover as despesas de enterro dos sócios, bem como de conservação e limpeza do cemitério na medida que o Conselho da fábrica julgar necessário ou a fiscalização do município o reclamar. *Estatutos...* Art. 28º.

<sup>336</sup> Interessante observar os detalhes que cercavam esta obrigação: Por cada dia que faltar ao trabalho, exceto caso de doença provada, o sócio pagaria um valor a ser estipulado, o sócio em atraso arcaria com multas. Se a dívida ultrapassasse a taxa de entrada, o interessado poderia ser excluído da sociedade com a perda total dos direitos. – A eliminação também era prevista para o sócio que promovesse desordem e intrigas mediante críticas aos atos da maioria (Art. 14).



Era severamente proibido aos fabriqueiros emprestar a quem quer que fosse dinheiro da igreja sem documentos legais, ou outros títulos que dessem plena garantia. Lembra que o regulamento diocesano proíbe aos fabriqueiros fazer despesas superiores a 200\$000 sem expressa autorização da Cúria Diocesana, à qual deve ser apresentado também o projeto das igrejas a construir e o relativo orçamento de despesas, a fim de receberem aprovação (Art. 20-21).

Quanto à administração da sociedade pelos estatutos, em última análise, estava concentrada nas mãos do sacerdote, pois, embora estatua que cabe ao Conselho da Fábrica, formado de um fabriqueiro e quatro conselheiros, estes são “nomeados exclusivamente pela Autoridade Diocesana, mediante proposta do Pároco” (Art. 18º). A nomeação era anual e só poderia recair em católicos, “não pertencentes à maçonaria ou outra sociedade condenada pela Igreja, residentes na paróquia, probos, honestos e geralmente bem quistos” (idem). Os fabriqueiros - *para decoro da Religião e honra das sociedades mesmas* – deviam providenciar para que as festas externas em benefício da igreja não dessem lugar a graves abusos, como bebedeiras, brigas e blasfêmias. Para isso, sugeria que limitassem o consumo de bebidas e fechassem as bodegas em hora conveniente (Art. 22).

O *Estatuto* encerra dispositivos também para os não sócios, abrindo as portas da igreja, contanto que se sujeitassem a certas disposições, “salvo o direito dos pobres” (?!), que incluía a ajuda à capela com as coletas comuns, pagamento de taxas para primeira comunhão, batizado, casamento de filhos, enterro, cova, caixão, velas, dobre de sinos, cantores e capelão.

O Cap. VI ocupa-se dos cemitérios, justificando-se: “muito mais que simples associação religiosa a Igreja Católica é sociedade perfeita. Tem, por isso, pleno e inviolável direito de ter cemitérios próprios, com caráter sagrado, bentos, onde repousem os restos mortais de seus filhos”.

Ancorado em dispositivo constitucional e no Direito Canônico, defende que tanto a Matriz como as capelas podem e devem ter cemitérios particulares, em terreno passado à Mitra Diocesana. No campo-santo, em atenção à lei e conforme o costume, sempre observado, determina que deve ser reservado certo espaço, não bento e bem separado, para aqueles aos quais a Lei da Igreja proíbe severamente sepultura eclesiástica.<sup>337</sup>

Dos dispositivos relativos à escola trataremos em outro lugar.

---

<sup>337</sup> Quais sejam: os não batizados; os que abertamente abandonam a fé cristã ou estão filiados em seita maçônica ou herética; os excomungados; os que se matam deliberadamente, de posse de seu juízo; - os pecadores públicos, devendo neste número contar especialmente os amasiados e os unidos só pelo contrato civil se tiverem recusado expressa e notoriamente casar pelo religioso (Art. 26). A proibição do enterro religioso incluía grande acompanhamento de fiéis, dobre de sinos, entrada na igreja, preces públicas, bem como missas públicas por alma.

O *Regulamento das Sociedades de Canto* consta em apêndice. Estas, segundo o documento, têm por fim contribuir para glória de Deus e piedade do povo, animando e abrilhantando, por meio de um canto digno, as solenidades religiosas. O seu diretor seria nomeado pelo Vigário, sob apresentação da maioria; e para cantores, só podendo ser aceitos indivíduos física e moralmente idôneos. Aos cantores estavam reservados certos gozos ou vantagens: espirituais, pelos merecimentos especiais que lucram diante de Deus a quem glorificam; morais, pela distinção que merecem como beneméritos da paróquia; materiais, tendo direito aos estipêndios constantes da tabela diocesana para cada função de que participam. Em contrapartida, assumiam uma série de obrigações, como a de comparecer a todas as reuniões ou funções a que fossem convidados pelo Vigário ou pelos fabriqueiros. Talvez por ser sabedor da dificuldade em manter estes grupos, previu um artigo que reza que, “para manter a vida e a união da sociedade, e a fim de despertar nos cantores maior interesse pelo canto, o Vigário cuidará de celebrar cada ano, de preferência no dia se Santa Cecília, um festival para alegria e satisfação de todos os sócios” (Art. 10º). Como sempre, note-se, a maneira de realizar o festival seria decidida pelo Vigário. Neste documento, podemos concluir, vemos a materialização neste arcabouço legal do pensamento e da ação do Pe. Battistella em termos de administração da paróquia. Configura a sua preocupação em dar força de lei - com tudo o que este termo representa - às suas aspirações de controle absoluto sobre as comunidades e, por conseguinte, atingir a todos os fiéis, até mesmo os que não cerravam em suas fileiras, mas que ele sabia que estariam sujeitos às normas da Igreja, porquanto, como estar livre das celebrações, festas, educação, sociedade de canto, do batismo, do casamento e.... até da morte e ser enterrado. Mesmo que não seja católico, está inserido na lógica globalizante do Estatuto, pois este prevê o seu espaço, no espaço do “limbo”.

#### **6.4 - O Conselho das Comunidades – Lugares-tenente do Pároco**

Os fabriqueiros das comunidades merecem uma melhor análise, porquanto se configuram como os representantes oficiais do pároco nas diversas capelas, a extensão da liderança e controle do religioso nas bases, como também depositários de sua confiança. E qual era a política do Pe. Battistella com os fabriqueiros, que ele considerava como a sua “mão forte” e “verdadeiros esteios da organização paroquial”? Em seus *Painéis do Passado*, responde:

*Costumava invariavelmente selecioná-los, servindo-me não apenas dos meus conhecimentos pessoais, mas de criteriosa consulta à opinião de homens sensatos, com os quais elaborava a chapa a ser submetida ao voto das assembleias (...). Além disso, usava com eles e com os membros das diretorias de organizações paroquiais e não paroquiais, sob*

*minha jurisdição, a política conservacionista, mantendo no cargo por mais de anos os melhores, e substituindo os menos capazes.*<sup>338</sup>

Ora, com tal expediente, no qual congregava os elementos que costumava chamar de *maiores* e detentores de qualidades e condições destacadas, quem ousaria fazer oposição ao desejo ou força do Vigário? Esta visão pragmática garantia a manutenção do *status quo*, numa nítida e explícita postura conservadora.

Noutro lugar descreve seu relacionamento com os fabriqueiros:

*Houve sempre entre eles e o Pároco a maior harmonia e colaboração. A preparação e direção das festas em benefício das igrejas está sempre a cargo deles. O Pároco lhes fiscaliza paternalmente a ação encorajando-os, ajudando-os perante o povo como administradores legítimos dos bens da Igreja e representantes da Cúria, exigindo do povo que os acate e respeite. São escolhidos pelas comunidades por votação secreta e escrupulosa, apresentados ao Vigário e nomeados por provisão da Cúria que é lida diante de todo o povo ao se lhes dar posse.*<sup>339</sup>

Informa também que prestam solenemente o juramento diante do Pároco ao serem empossados. Este, então, lhes dirigia algumas palavras de estímulo e agradecia aos fabriqueiros demitidos, do exercício anterior, os serviços prestados. Era costume, outrossim, a cada quatro meses, na Matriz e periodicamente nas capelas, serem convocados pelo Pároco para exame da administração e troca de pontos de vista.

No segundo ano de administração, em 1934, já encontramos uma interferência do pároco na escolha dos fabriqueiros. Embora admita que os antigos geriram bem, diz que “um ou outro deles receasse não contar com o agrado do público” acabou por apontar ao povo a escolha de uma nova “*Fabriceria*”. O critério seguido pelo vigário foi “propor à escolha dos votantes uma

<sup>338</sup> BATTISTELLA, *Painéis do Passado*, op. cit., p. 180.

<sup>339</sup> *Livro Tombo I*, p. 27. Com efeito, o encerramento e posse dos conselheiros constituía uma cerimônia, cercada de rituais simbólicos que procuravam valorizar estes colaboradores. Na posse do Conselho da Fábrica em 29.01.1938, na presença de grande multidão de povo, à estação da missa, presidiu o ato solene o vigário. Cantado o hino Queremos Deus, Ângelo Michelon, primeiro fabriqueiro resignatário, passou os livros da fábrica ao vigário que os entregou ato contínuo a Arthur Milani, novo primeiro fabriqueiro. No momento, Pe. Vítor enalteceu os bons serviços prestados à Igreja pelos antigos fabriqueiros e sobretudo por Michelon a quem fez entrega, em nome da paróquia, de um relógio niquelado, com corrente, acompanhado de um lindo livro de devoção com elogiosa dedicatória do Bispo Diocesano. Ao conselheiro José Magalski, outro antigo e denotado fabriqueiro, reeleito, foi entregue um belo crucifixo com estojo e aos restantes outros objetos e presentes. Feita em seguida a chamada dos novos fabriqueiros e tendo feito cada um ato de presença, prestaram todos, diante do altar, de joelhos, com a mão sobre o santo Evangelho, o paramento prescrito, concluindo-se a cerimônia com a recitação do creio em Deus Pai e um canto apropriado. *Livro Tombo II* p. 59 – “Termo de Posse do Novo Conselho da Fábrica”. Já em 1940, na mesma cena, consta que os novos fabriqueiros da Matriz - que foram “propostos pelo pároco” - colocaram-se em fila perante o altar mór, o vigário, revestido de estola, roquete e barrete, leu-lhes e ao povo a provisão pela qual eram constituídos membros do novo conselho da fábrica; em seguida convidou-os a prestar o juramento de praxe, com as mãos sobre os santos Evangelhos. Ajoelhando-se todos, foi primeiro rezado por todo o povo o Creio em Deus Padre e cantadas duas estrofes. Depois, um por um, repetiram a fórmula do juramento constante na provisão e lida pelo vigário. Idem, p. 70v. - “Ata da tomada de posse e juramento dos novos fabriqueiros da Matriz”.

lista de dez homens que, a seu ver, podiam vantajosamente ser fabriqueiros”. Porém, Luis Modesti, tesoureiro de há muitos anos, não entrou na votação por proposta do vigário, “por julgar indispensável continuar ele com a mesma função também no correr deste ano”!<sup>340</sup>. Em 1947, “seguindo também velha praxe local”, o Pároco *nomeou* os auxiliares do Conselho. “Sua tarefa é auxiliar os fabriqueiros, especialmente na respectiva zona ou linha em que residem, nas ocasiões de coletas e na preparação de festas maiores”, explica.<sup>341</sup>

De outra parte, em sua obra auto-biográfica, Pe. Vítor afirma que nos seus 30 anos de Paróquia em Barril jamais se registrou o mais ligeiro conflito com seus fabriqueiros<sup>342</sup>. Mas, já em 1946, confessava que uma vez se registrara um breve atrito entre o Pároco e um primeiro fabriqueiro de capela.<sup>343</sup> Aliás, já vimos atrás o episódio em que o pároco chocou-se frontalmente contra toda a direção da capela de Palmitos. O que nos permite desconfiar desta apregoada harmonia, apesar de levarmos em conta que se tratava de pessoas escolhidas a dedo e que, em geral, se submetiam cegamente à vontade do líder religioso, diziam *amém* a tudo.

E sobre quem recaía a escolha? Qual era o grupo seletivo de seus auxiliares mais diretos? Em geral, pode-se dizer que o perfil dos escolhidos era de pessoas simples, naturalmente as mais freqüentadoras e colaboradoras da igreja, minimamente instruídas, preferentemente de origem italiana e quase sempre de adventícios da paróquia de Nova Palma.<sup>344</sup> De modo que Virgínio Cerruti - o maior comerciante do lugar -, José Cañellas - o escrivão distrital -, Vercedino Camargo - o Subprefeito -, que se destacaram na conquista da Paróquia, não vão figurar nos Conselhos formados pelo Pe. Battistella. Perpetuando-se, sim, pessoas mais humildes, colonos, como Ângelo Michelin, Atílio Zatta, Vicente Trombeta, José Vanelli, José Magalski... A figura de Michelin, por ser paradigmática no entendimento desta simbiose, merece umas linhas. Veio de Nova Palma, em 1926, destacou-se como produtor de fumo em folha; colocando loja comercial de roupas e miudezas, “incapaz de roubar um centavo, ou de lesar conscientemente quem quer que fosse” - diz Battistella - jamais conseguiu sair da mediocridade... acabou pobre. O pároco esmera-se em adjetivos para defini-lo: “homem de Deus e do povo”. Foi capelão, cantor,

<sup>340</sup> *Livro Tombo I*, p. 27v. “Renovação do Conselho da Fábrica”.

<sup>341</sup> *Livro Tombo II*, p. 33v. “Conselho da Fábrica da Matriz – Eleições 5 de Janeiro 1947”.

<sup>342</sup> BATTISTELLA, *Painéis do Passado*, op. cit., p. 180.

<sup>343</sup> *Livro Tombo II*, p. 26. “Detalhes da organização da vida paroquial”.

<sup>344</sup> Entre os “grandes fabriqueiros da Matriz”, adventícios de Nova Palma, são Angelo Michelin, Ernesto Baggio, Antonio Manfio, Aquiles Ferrari, Primo Manfio, Luiz Mazzonetto, Augusto Tagliapietra, João Sétimo Ferrari, Hélio Grassi, José Piovesan, Carlos Cassol. Veja BATTISTELLA, *Painéis do Passado*, op. cit., p. 94.

na oração era admirável, devoto, assistia doentes e defuntos. Foi sucessivas vezes fabriqueiro, percorrendo a colônia a cavalo para reunir os meios necessários para a criação da paróquia. Pe. Vítor finaliza seu panegírico louvando-o pelo esplendor de seu exemplo, “jamais se valendo de seu prestígio para se imiscuir indevidamente nos assuntos paroquiais”.<sup>345</sup> Como dizíamos, fabriqueiro bom, no conceito do religioso, era o que só obedecia. Por outro lado, temos uma imagem de Michelin pelo menos dissonante, vinda do Virgínio Cerutti, que à época da entrevista não nutria nenhuma simpatia pelo pároco ex-amigo:

*...eu tinha aqui como braço direito, meu, pra ajudar na igreja, o Ângelo Michelin, coitado: Angelo Michelin foi um homem que fez tanto aqui pra igreja que não sei se tem alguém que fez. Eu fiz muito, que eu sei, mas ele eu acho que ganhou, porque era rosário, era Ângelo Michelin; era um pra acompanhá no cemitério, morto, era Ângelo Michelin... Um homem que se matou somente a serviço da igreja. E os senhores acreditam – é bom que eu deixe aqui claro – que, quando teve doente, pra morrer, chegaram, o padre Vítor, chegou arrumar um lugar no porão do hospital atual; que ele trabalhou tanto pra igreja. Morre num porão! ... quando soube disso, fiquei revoltoso, um homem que tanto trabalhou, como Ângelo Michelin pra igreja. Ele tinha aqui 10,12 colônias, e ele gastou tudo em despesa, porque ele não cuidava a colônia, ele só cuidava serviço da igreja, coitado.*<sup>346</sup>

Com estas colocações esperamos ter podido demonstrar o cuidado e a preocupação que nosso biografado dispensou à organização da paróquia. Sabia muito bem que de uma estrutura eficiente e sobretudo centralizada na sua pessoa dependia a realização de seus projetos, de seus sonhos. Parecem ter ficado claras as estratégias e expedientes usados pelo sacerdote no controle formal da freguesia, bem como a montagem de uma rede de comunidades, que funcionavam como filiais e reprodutoras da missão da Matriz, e de um exército de pessoal selecionado para serem seus fiéis colaboradores, como lugar-tenentes do líder e defensores de suas obras.

Para concluir esta parte, como remate, vejamos um outro expediente usado pelo nosso biografado, que vem reforçar nossa tese de que seu controle era absoluto. Na década de trinta, Pe. Battistella mantinha ainda uma espécie de **livro de status animarum**, abrangendo em seções os grupos de famílias do território da Matriz e de cada capela. Nesse livro – que infelizmente não localizamos ainda - constava o nome de cada chefe de família, se era casado pelo religioso, pelo civil, amasiado, viúvo; se era rico, remediado ou pobre; se o casal e os filhos eram fervorosos, praticantes ou indiferentes ou hereges e de seita, se por via de regra assistiam às missas dominigueiras, se costumavam rezar o terço em família; se eram sócios ou não, se consagraram sua fa-

<sup>345</sup> BATTISTELLA, *Painéis do Passado*, op. cit., p. 51 ss. – “Homenagem a um morto que deve viver”.

<sup>346</sup> Cfme. Entrevista. Michelin faleceu no Hospital de Caridade, em 23.08.1962. Mons. Vítor no mesmo painel escreve: “Não havia, é certo, quem se negasse a auxiliá-lo, mas um constrangimento natural e o desejo de não se tornar pesado a ninguém impediam-no de solicitar auxílios na dura emergência da sua velhice e nas doenças que o acometeram levando-o a fim de vida”. *Painéis do Passado*, op. cit., p. 52.

mília ao Sagrado Coração de Jesus; quantos filhos tinham no total, quantos filhos homens em casa, idem filhas; se pagavam suas contribuições anuais e quanto. Cada capela tinha outro livro menor com o mesmo índice para os membros de sua comunidade. Cada fim de ano eram feitas as modificações convenientes.<sup>347</sup>

Com esta estrutura gigante, eficiente e eficaz, como um polvo com tentáculos em todos os pontos e espaços, o que pôde realizar o pároco em trinta anos de incessante apostolado, tanto no aspecto religioso, como no material e social? É o que passaremos a analisar.

## CAPÍTULO 7

### RELACIONAMENTO COM AUTORIDADES OU “O DECLÍNIO DO IMPÉRIO”

Nesta parte importa analisar como se processaram as relações do Mons. Vítor com as autoridades, tanto eclesiásticas como civis. Nosso biografado, de características caudilhescas, sabia conviver com outras pessoas também detentoras de poder (tanto político como religioso), como sabia relacionar-se com subalternos? Esta investigação nos permitirá entender qual a compreensão que tinha sobre a autoridade em si, e seu *modus operandi*. Partimos do fato de que o Mons., usufruindo de um cargo e status que lhe dava autoridade e que esta lhe era indispensável para consecução de seus objetivos – no caudal de toda a Igreja Católica –, tinha a necessidade de relacionar-se com outras pessoas detentoras de poder, igual ou até mais elevado na hierarquia da Igreja e com autoridades civis/militares. Esta pesquisa nos remeterá à análise de fatos concretos nos quais se percebem diferentes posturas e formas de relacionamento, sobretudo com os superiores, os bispos. A concordância ou convivência pacífica ou rivalidade/animosidade com outros chefes repercute com certeza no seus projetos.

#### **7.1 - Dom Antônio Reis – Pe. Afonso Corrêa**

Já vimos que foi Mons. Luiz Scortegagna – governador da diocese - que articulou junto com o ainda clérigo Vítor os seus primeiros passos como sacerdote e que coube a Dom Ático

---

<sup>347</sup> *Livro Tombo II*, p. 26-29 – “Organização da vida paroquial”. Sobre este livro é que foi feito em 1942, no 10º aniversário da criação da Paróquia, o recenseamento particularizado sob o ponto de vista étnico, abrangendo o aspecto religioso, familiar e econômico de toda a paróquia e de cada capela, que já abordamos.

Eusébio da Rocha, 2º Bispo de Santa Maria, prometer aos líderes de Barril que enviaria, logo que pudesse, um padre residente para o lugar. Em lugar de D. Ático, transferido para Cafelândia, em 1929, foi nomeado Dom Antônio Reis<sup>348</sup>, que permaneceria no cargo por trinta anos, e neste posto muitos relacionamentos teve com nosso biografado, contribuindo, sem dúvida, para que conquistasse seus objetivos. Interessante anotar que o ministério episcopal de Dom Antônio - 1931-1960 - quase coincide com o sacerdócio do Pe. Vítor em Barril - 1932-1961. Com efeito, como veremos, a morte do bispo coincide com o término do paróquiato de seu ajudante e amigo.

As relações entre Pe. Vítor e Dom Antonio desde o início foram amistosas, repletas de gestos simbólicos de carinho e felicitações. Isto já encontramos no teor da resposta que D. Antônio, enviou ao vigário por ocasião das festas da instalação da paróquia: “Pe. Battistella- Barril. Santa Maria- 24/02. Agradeço carinhoso telegrama. Faço estas felicidade pessoal zeloso vigário e crescente prosperidade estimada paróquia. Bispo Santa Maria”.<sup>349</sup>

Uma das razões para compreender a elevada consideração que o bispo tinha com o seu padre - manifesta sobretudo na aceitação, concordância ou tolerância com as atitudes, não raro pouco ortodoxas do Pe. Battistella - está na significativa contribuição que este dava às vocações, tanto materialmente como enviando vocacionados e vocacionadas. Temos que reter que a diocese estava com falta de padres e em geral a formação de novos sacerdotes é a maior e mais pesada preocupação de um prelado. De modo que os “insistentes e paternais apelos” em favor do Seminário Diocesano, eram transformados pelo pároco em “generosos donativos” pela população católica da paróquia. Num gesto ousado, Pe. Vítor, em 1934, para amparar financeiramente as vocações, instituiu para cada capela uma caixa especial de esmolas e também a cada ano, em cada capela, uma festa especial em favor do seminário. Sem falar na Associação das Mães Cristãs, que já existia e cuja missão era “socorrer espiritualmente os seminaristas”, com práticas de piedade. Tal iniciativa recebeu francos aplausos do Secretário do Bispado, que considerava uma idéia “simplesmente esplêndida”.<sup>350</sup> Esta parceria culminou com a ordenação Sacerdotal em Barril do diácono Abílio Sponchiado - 10.12.1944. Um acontecimento inédito. Dom Antônio conferiu a sagrada Ordem do Presbiterado a “um dos primeiros seminaristas saídos desta paróquia e

<sup>348</sup> Dom Antonio Reis nasceu em Santa Cruz do Sul; fez seus estudos em Porto Alegre, onde também foi ordenado padre. A 31.07.1931, Pio XI designou-o bispo de Santa Maria. Chegou a Santa Maria em 3.01.1931. Faleceu a 14.09.1960.

<sup>349</sup> *Livro Tombo I*, p. 5v. - “Texto de um telegrama”.

<sup>350</sup> Mensagem de Congratulações à Paróquia de Barril pelo II Campeonato da O.V.S. *Câmara Eclesiástica de Santa Maria*. Extrato: “As muitas e grandes alegrias que vossa paróquia tem proporcionado ao coração do Bispo vem agora juntar-se a de vossa generosíssima contribuição em prol da Pia Obra das Vocações Sacerdotais, que no ano findo, num recorde inigualável, atingiu a quantia de Cr\$ 16.520,10.- É bem esta mais uma vigorosa demonstração da vossa fé e do vosso amor ao sacerdócio através do qual nos vêm todos os bens espirituais, todas as graças da Redenção. Sendo a P.O.V.S. a obra mais grata ao Coração de Jesus é certo que Ele está contente com essa mimosa paróquia, e saberá recompensar-vos, continuando a suscitar e a multiplicar no seio de vossas boas famílias muitas e santas vocações sacerdotais...”.

primeira flor acolhida aqui para serviço do Senhor”. “Maior ainda foi o alvoroço sabendo-se da decisão do Sr. Bispo de vir pessoalmente conferir a ordem aqui mesmo, a fim de distinguir o trabalho que esta paróquia desde seus primórdios sustentou a favor do seminário e também para que este acontecimento servisse de propaganda das vocações.” Por especial condescendência do Bispo e com vistas aos interesses de propaganda das vocações, realizaram-se pela segunda vez ordenações sacerdotais nesta paróquia a 15 de dezembro de 1946.

A distinção que pároco e paróquia iam merecendo do bispo emerge já no segundo ano de paróquia, quando Barril foi escolhida como Sede de Conferência<sup>351</sup> para as paróquias circunvizinhas de Palmeira, Alto Uruguai, Iraí, Taquarassú e Nonoai.

Um indicativo que pode medir o grau ou modo do relacionamento é nas decisões de criação, desmembramento ou qualquer alteração de limites de um território. É sabido que ninguém gosta de ver sua área alterada ou diminuída, fato que, para quem gosta de tamanho e número, representa uma diminuição de rebanho e território e esvaziamento de poder. Em nosso caso, temos diversos exemplos. A atual zona de *Iraí*, estava incorporada à paróquia de Barril. Em 1935 a Cúria cogitou de criar uma nova paróquia com sede na cidade balneária. A Cúria, outrossim, cuidou de entregar a paróquia a ser criada à Congregação dos Padres da Verbo Divino. Pelo registro que Pe. Vítor exarou no *Livro Tombo*, se não critica a idéia, pelo menos não elogia e deixa em silêncio se foi consultado como parte interessada e afetada, pois a paróquia de Barril sofreu notável alteração de limites. Mais ainda, Santa Maria considerando Iraí zona relativamente pobre econômica e etnograficamente, enviou o Secretário Geral para tratar da questão, no sentido de ceder três capelas e parte do território desta paróquia à nova paróquia. Pe. Vítor, “considerando a grande extensão de sua paróquia e as boas condições dela, desejando outrossim favorecer o seu colega de Iraí, condescendeu prontamente com o pedido”<sup>352</sup>

Já na Criação da paróquia de Fortaleza – maio de 1939 – Pe. Vítor diz “nunca se opôs a esse *desideratum*, mas limitou-se a fazer ver repetidas vezes que a criação da paróquia estava dependendo de certos fatores que ainda não se verificavam para Fortaleza. Escasso movimento



religioso, falta de capelas, precárias condições econômicas da população esparsa por toda a parte, e composta em grande parte de elementos pouco afeitos ao progresso e pouco interessados pelas iniciativas de ordem religiosa como são os caboclos do campo em geral”<sup>353</sup>. O povo não pretendia para logo a paróquia. Queria apenas a assistência de um padre. O vigário alvitrou que seria mais acertado dar a Barril um coadjutor com residência em Fortaleza. Dom Antônio cogitou, por seu turno, optar pela criação definitiva da paróquia. Vemos como, novamente, não se pode dizer à revelia, mas discordando do nosso protagonista, é desmembrada parte da sua paróquia. Fica mais evidente esse aspecto ao se saber que a “5 de maio chegava repentinamente a Barril o novo vigário de Fortaleza”, de modo que conclui-se que o pároco não acompanhava de todo o processo da nova freguesia, ou estava alheio à política da Cúria.

Diferente foi a transferência da administração das capelas de Osvaldo Cruz e Lajeado Bonito à paróquia de Fortaleza, em 1941, que – pelo menos na Portaria – diz que fora ouvido o Vigário de Frederico Westphalen. Tal mudança justificava-se pela “necessidade de aumentar a paróquia de Nossa Senhora da Paz da Fortaleza para que tenha maior número de fiéis que a auxiliem em suas necessárias obras”.<sup>354</sup> O que implica, numa outra ótica, em nova redução do contingente populacional sob o seu controle, sem mencionar a perda de recursos econômicos.

Não obstante, Pe. Vítor esforçou-se sempre para imprimir em seus paroquianos estima, profundo respeito, admiração ao Bispo, podemos dizer até um culto ao prelado. Vemos isso, na ocasião do Congresso Eucarístico Diocesano comemorativo do Jubileu Sacerdotal de Dom Antônio Reis, em novembro e dezembro de 1935, quando a paróquia acompanhou com interesse o Congresso, com orações, acompanhava-o pelas notícias dos jornais e foi feito um tríduo eucarístico; por fim, o vigário auxiliou na preparação do programa, sendo-lhe confiada a pregação de várias conferências aos homens e semanas eucarísticas a colegiais e povo, bem como a propaganda pela imprensa.

---

<sup>351</sup> Sobre as conferências pastorais de *re morali et liturgica*, que em obediência ao disposto no Canon 131, devem, se realizar várias vezes durante o ano na cidade episcopal e nas vigararias forâneas, informa: a Diocese para tal efeito fica dividida em 9 zonas de 4 a 5 paróquias cada uma, sob a direção de um dos vigários, o qual será o presidente da conferência. Regulamenta o tempo, a matéria e a disciplina das Conferências. Circular da Cúria Diocesana – 02.05.1934. A primeira se efetuou a 10 de abril de 1935, com a presença dos três vigários – Barril, Iraí e Palmeira; a matéria a tratar, determinada pela Cúria Diocesana, foi pelo presidente de antemão assim distribuído: 1) Caso de Moral acerca do 7º preceito – a) Contrato de seguro e condições de liceidade; b) Deveres do advogado; c) A que obriga o segredo profissional; d) Solução de caso: Vigário Barril. 2) Tese Dogmática: Jesus fundou na terra o reino espiritual, universal, visível: Vigário de Iraí. 3) Conferência: O ensino religioso nas escolas públicas de acordo com a Constituição de 16 de Julho: Vigário de Palmeira. “Os trabalhos foram apresentados com real proficiência e clareza, tendo-se mantido toda a dissertação num nível de elevação e dignidade. Foram trocadas idéias e pontos de vistas em torno de muitos outros assuntos de interesse comum e particular.” *Livro Tombo I*, p. 31. – “Conferência Pastoral – 10 de abril de 1935”.

<sup>352</sup> Idem, p. 28 s. - “Criação da paróquia de Iraí”

<sup>353</sup> Idem, p. 61 v. - “Criação da paróquia de Fortaleza – Maio de 1939”.

<sup>354</sup> Idem, p. 81. - “Portaria”.

A ocasião maior desta relação eram as Visitas Pastorais: esperadas por todos, preparadas longamente pelo pároco, seguidas com toda a sua pompa com fidelidade ao ritual. Sem dúvida era momento solene e majestoso, um espetáculo inesquecível para aqueles anos em que as atrações eram raríssimas. Para Pe. Vítor a Visita transcendia a chegada e presença por alguns dias de um bispo: “constitui um acontecimento e uma manifestação imponente de fé, de apego, de fidelidade a santa Igreja, representada pelo Bispo”.<sup>355</sup> O que havia de melhor e mais bonito era colocado nesta ocasião. Na visita de 1941 constou: Longo cortejo de autos, cavalarias, vistosos arcos triunfais, música, bandeiras, bandeirinhas, festões, vivas, uma compacta massa de povo e crianças delirantes e muita ordem e acabamento.

A primeira chegada de um bispo, depois de paróquia, foi em fevereiro e março de 1936, com Dom Antônio. Um *flash* extraído do Termo da Visita:

*Há vários km da sede da paróquia, vieram ao Nosso encontro centenas de garbosos cavalarios empunhando bandeiras, soltando aos ares inúmeros rojões e vivendo incessantemente a Religião Católica, Cristo Rei, o Papa, o clero brasileiro, o Seminário e Nossa pessoa. Recebidos na sede por extenso préstimo religioso, fez-Nos bela e expressiva saudação o Ilmo. Sr. Major Firmino Costa de frente à Farmácia local, e donde, paramentado, Nos dirigimos processionalmente para fazer Nosso ingresso à Igreja Matriz”.<sup>356</sup>*

Um dado que mostra o que foi feito é o movimento religioso da Visita que totalizou 2.900 crismas, 320 comunhões, 384 confissões. 5 legitimações, 1 abjuração da seita protestante e 17 pregações. Ao final do Termo, deixou suas impressões:

*Queremos deixar, por tudo que Nos foi dado observar, aqui registrado um voto de sincero louvor ao Revdo. Pe. Victor Battistella, que, sendo o primeiro Vigário, em tão poucos anos soube tão bem organizar essa Paróquia, animar o movimento religioso, levantar a bela Matriz, a cômoda Casa Paroquial, as lindas Capelas quase todas com todo o necessário para o culto e finalmente fazer observar em toda a parte as sábias leis disciplinares da Igreja, numa palavra o Revdo. Vigário soube aplicar com maestria o “fortiter in re, suaviter in modo”.*

A satisfação foi recíproca. “De sua parte, a paróquia guarda imorredoura lembrança e eterno reconhecimento pelo carinho paternal e pelos sábios ensinamentos que o pastor derramou nas almas dessa fiel porção do seu rebanho e constantemente pede a Deus que *conserve ad multos annos* Dom Antônio Reis na chefia desta próspera Diocese”, registrou Pe. Vítor.<sup>357</sup>

Os elogios foram mais intensos na Visita de Março de 1946, cujo termo foi escrito pelo Secretário Pe. Orestes Trevisan. Alguns *flashes*: “... nos é grato reafirmar o que já tantas vezes proclamamos de júbilo: *Barril docet é prima inter pares* das paróquias – o orgulho da Diocese de Santa Maria. E tudo isto devido, depois de Deus, ao zelo verdadeiramente apostólico do Sr. Pá-

<sup>355</sup> *Livro Tombo I*, 78 v. – “Visita pastoral” – 1941.

<sup>356</sup> *Idem*, p. 42. – “Termo da Visita Pastoral”.

roco, Revmo. Pe. Vitor Battistella que a preside, desde a sua fundação, com carinho e um tino administrativo pouco vulgares. Em toda a parte por onde andamos, respira-se piedade, ordem, paz e disciplina. (...). Oxalá Barril fosse imitada por outras paróquias nestas abençoadas iniciativas!”<sup>358</sup>

Mais sóbrias são as impressões do Bispo Auxiliar de Santa Maria, Dom Cláudio Colling – em evidente diferencial de relacionamento com nosso biografado. Sobressai a atenção às minúcias, do tipo “apenas no armário da Matriz, além do forro de seda, é necessário que haja colocado o linho sob os vasos que contêm as sagradas espécies, conforme as prescrições”...; “apenas não nos foram mostrados os livros de casamentos e batizados, que se encontram em mãos dum rapaz, encarregado de escriturá-los e que se encontra fora da sede paroquial prestando exames, conforme declaração do Revmo. Pároco”. Não vimos também as pastas dos processos matrimoniais. A primeira vista parecem coisas de somenos importância. Mas não. Estas chamadas de atenção ecoavam profundamente na alma do Pe. Vítor. De tal modo que, ao ler este detalhe, no *Termo da Visita*, acrescentou: “N.B. S. Exc. Revma. não as pediu. Estavam prontas no arquivo – Pe. Vitor”.<sup>359</sup> Embora, depois, viessem os panegíricos: “Durante os dias de nossa permanência nesta paróquia de Santo Antônio de Frederico Westphalen, sentimos deveras uma vida religiosa palpitante e consoladora.”

A visita destinava-se também a fiscalizar o desempenho religioso dos sacerdotes: “Tanto na Matriz como nas capelas presidimos às reuniões dos fabriqueiros e diretórios das associações religiosas, todas em franco progresso e exemplarmente organizadas. De um modo especial, destacamos a catequese, que sempre mereceu do zeloso Vigário um cuidado especial” (1941). Além de observar se eram obedecidos os ditames de ordem administrativa: “No exame que fizemos às alfaias da Igreja e tudo que pertence ao culto divino, encontramos em ordem e perfeito asseio. O arquivo Paroquial está em dia e cuidado com especial carinho, despertando-se a escrituração do Livro do Tombo, digo, do Inventário que realmente pode servir de padrão para as demais paróquias” (1941).

Novas distinções à Paróquia e Pároco foram nas suas elevações à Decanato e Decano, por decreto de D. Antônio, em 1940. Tal medida constituía o pároco da Igreja de Santo Antônio, decano do Distrito do mesmo nome, abrangendo as paróquias de Palmeira, Iraí e Fortaleza. A Portaria pedia “pelo que rogamos e ordenamos no Senhor, enquanto for mister, que todos os fiéis no Distrito, principalmente os párocos e todo o clero reconheçam o mencionado Decano nesta dig-

---

<sup>357</sup> Idem, p. 44.

<sup>358</sup> *Livro Tombo II*, p. 19v ss. - “Termo de Visita Pastoral”. 12.03.1946.

<sup>359</sup> Idem, p. 53 v s. - “Termo de Visita Pastoral”. 05.03.1951.

nidade e qualidade, prestando ao mesmo a devida honra e obediência”.<sup>360</sup> Como decano, Pe. Vítor devia visitar anualmente as paróquias do território, supervisionar e encorajar as atividades do clero “ajudando-o a resolver seus problemas, organizar e presidir as conferências pastorais para estudos de Teologia e Dogmática, Moral, Pastoral e Liturgia<sup>361</sup>, de tudo fornecendo relatório circunstanciado ao Bispo”<sup>362</sup>, enfim um “mini-bispo”.

Dois anos depois, nova deferência pela elevação da paróquia de Barril à categoria de inamovível. Nada fácil entender onde se encaixa tal atitude, pois implicava em que “a remoção dos titulares dos referidos benefícios obedecerá aos cânones 2147 e 2156 e às praxes da Diocese organizadas de conformidade com o Código de Direito Canônico e Concílio Plenário Brasileiro”.<sup>363</sup> A nomeação pauta-se na “capacidade que concorre na pessoa do Revmo. Sr. Pe. Vitor Battistella”. E alerta: “No exercício do referido cargo haverá os prós e percalços e mais benesses que de direito lhe pertencerão”.<sup>364</sup>

Não deixa de ser uma consideração especial o fato de D. Antônio destinar como coadjutores tidos como “exemplares” pelo pároco, que, aliás - coisa rara para nosso biografado - receberam eloqüentes elogios pela contribuição dada no período áureo da paróquia. O desenvolvimento crescente da vida católica e o aumento considerável da população aconselharam Pe. Vítor a pleitear junto ao governo diocesano a vinda de um sacerdote coadjutor. O primeiro foi Pe. Albino Busato, chegado em janeiro de 1943. Pe. Vítor o qualifica como “sacerdote jovem, operoso, digno, com três anos de prática das lides paroquiais”.

<sup>360</sup> Documentos de Interesse Paroquial: [pág. 88 e 89] Decreto do Exmo. Sr. Bispo Diocesano criando o Decanato de Barril. Portaria de 15.01.1940, Santa Maria -

<sup>361</sup> Fielmente, duas vezes por ano, por não ser facilmente viável mais vezes, reúnem-se nesta sede os padres do Decanato para as conferências pastorais, abrangendo cada reunião as matérias de 2 conferências, sendo todos os assuntos tratados com a maior seriedade e discutidos à margem outros assuntos de prática pastoral. No 2º dia realiza-se um retiro espiritual de meio dia com meditações e leituras em comum, exame de estado, confissão, renovação da “*formula consecrationis Sacrº Cordi Jesu, a clero recitanda*” como no breviário, oração comum pelo Papa, pelo Bispo, pelas necessidades gerais das paróquias do Decanato e pela prosperidade das associações paroquiais. A 2ª metade do dia é reservada a entretenimentos cordiais e palestras, recordando-se de “*quam bonum et jucundum esse fratres in unum*”. Durante cada conferência, o Decano em nome de todos os padres presentes, costuma enviar telegrama de saudação e homenagem ao Bispo Diocesano, o qual, sempre, indefectivelmente, se dignou responder, sendo este que segue seu último telegrama de contestação por ocasião da última reunião deste ano: “Padre Vitor Battistella – Frederico Westphalen” – “Profundamente sensibilizado venho agradecer vossa reverendíssima queridos padres desse florescente Decanato reunidos em conferência pastoral bondoso telegrama implorando sobre todos mais efusivas bênçãos Deus Nosso Senhor”. Saudações ..... Bispo Santa Maria. *Livro Tombo I*, p. 97v. “Conferências do Decanato”.

<sup>362</sup> *Painéis do Passado*, op. cit. 185. A 9 (?) de Janeiro de Pe. Battistella recebeu carta de D. Antônio “notificando o recebimento do relatório referente à administração do Decanato e felicitando-o pelo feliz desempenho de seu cargo”. Circulares e avisos da Cúria Diocesana – 1941. *Livro Tombo I*, Pág. 84 s.

<sup>363</sup> Obedecia ao que prescrevem o § 2, Decreto nº 85 do Concílio Plenário Brasileiro que manda em cada Diocese sejam as paróquias principais declaradas inamovíveis, depois de ouvir, conforme o cânon 454, § 3, do Direito Canônico, o nosso Venerável Conselho Diocesano, para maior glória de Deus e salvação das almas, pelo presente Decreto havemos por bem declarar inamovível o benefício paroquial da Paróquia de santo Antônio de Barril – Vila Frederico Westphalen – e determinar como cônica anual para sustentação do pároco a quantia de RS 3:600\$000. Documentos de Interesse Paroquial: Idem, p. 88 ss. - “Criando inamovível a Paróquia de Barril”. Portaria de 16.01.1942, Santa Maria.

De caráter mais pessoal foi a eleição, em 1956, do Pe. Battistella para *Monsenhor camareiro secreto do Padre Pio XII*, por solicitação de D. Antonio. A notícia - que parece não ser surpresa - foi recebida a 1 de abril, pelas 11 horas da manhã, em telegrama do Bispo, nos

---

<sup>364</sup> Idem, ibidem. "Nomeando o 1º Pároco Inamovível Sr. Pe. Vitor Batistella".

seguintes termos: “*Desejando boas festas páscoa tenho grande prazer comunicar-lhe Santo Padre acaba nomeá-lo Monsenhor Camareiro Secreto pt. Congratulações. Documentos entregarei primeira oportunidade. Mil bênção. Bispo Santa Maria*”. O que é certo é que o religioso ansiava pelo título. No seu *Painéis*, falando da outorga, confessa “e que, não fossem maldosas acusações de ingerência política partidária, forjadas gratuitamente, e publicadas na imprensa da Capital, levadas, por fim, à Nunciatura do Rio de Janeiro, ao tempo da eleição do Governador Walter Jobin, às quais a Santa Sé se revela sempre muito sensível, ter-me-ia sido conferido dois anos antes”.<sup>365</sup> É sintomático o rebuliço que fez em torno do título, havendo combinações entre padre coadjutor, fabriqueiros e “outras pessoas de representação social” de tornar público o acontecimento e devidamente festejado. A notícia foi transmitida através do serviço de alto falantes à noitinha, comparecendo logo regular número de pessoas para cumprimentar o agraciado na casa canônica e nesta ocasião foram feitas diversas saudações em nome do clero, da paróquia e do povo. Outrossim, Mons. Vitor nos dias seguintes recebeu notável número de telegramas de felicitações e a visita de numerosos paroquianos e amigos, inclusive dos prefeitos de Barril e Iraí, Dom Cláudio Koling, bispo de Passo Fundo, Deputados Tarso Dutra e Hermes Pereira de Souza, da Câmara Federal, Dr. Lauro Leitão e Pompílio Gomes, deputados estaduais. Dia 22 de abril, Domingo à noite, no salão paroquial foi realizado um festival em homenagem ao novel Monseñor, constando de números de canto pela *Scola Cantorum*, números de música, poesias e discursos, todos eles frisando como bem merecida a distinção conferida

No 25º aniversário da sagração episcopal de D. Antonio Reis, a 13 de dezembro de 1956, foi organizado, com muito carinho e inteligência, vasto programa comemorativo. Como parte preparativa destas celebrações ficou resolvida a peregrinação da imagem de N. Sra. Medianeira, do Santuário dela em Santa Maria para todas as sedes municipais da Diocese, acompanhada pelo Bispo Coadjutor D. Luis Vitor Sartori e um grupo de sacerdotes. Como sempre, memorável solenidade.

Mas, em 1960, morre o “amado Bispo diocesano”, dia 14 de setembro, pelas 7 horas da manhã em seu quarto, no Hospital de Caridade em Santa Maria, assentado - porque de pé, nem de joelhos podia ficar -, no momento da ação de graças, após ter assistido a Santa Missa e recebido piedosamente a Santa Comunhão, com o Santo Rosário na mão, vítima de enfarto cardíaco. Em Barril, dobraram dolentes os sinos de manhã, ao meio dia e à noite. O povo acorreu em multidão à missa de *requiem* de 3º dia rezada na Matriz. O Pároco e uma caravana, chefiada pelo Ari Martelet, prefeito municipal, partiram para acompanhar as cerimônias do sepultamento na catedral.

---

<sup>365</sup> Op. cit. p. 192.

Aliás, desde 1941 – pelo que sabemos – Dom. Antônio caía de tempo em tempo enfermo (voltou em 1955, de achaques reumáticos), o que exigiu a vinda de um Bispo Coadjutor, recaindo em D. Luis Vitor Sartori<sup>366</sup>, cuja recepção foi a 6 de maio de 1956. Tal fato vai representar uma reviravolta no relacionamento entre o Mons. Vítor e seu bispo, refletindo negativamente na vida de nosso biografado. Contam padres antigos que, desde tempo de seminário, havia certa rivalidade entre os dois Vítor, que competiam para ver quem escrevia melhor, sendo que os dois distinguriram-se na escrita e foram diretores da revista do Seminário de São Leopoldo, *O Seminário*. Ambos tinham caracteres fortes, coléricos. Em linguajar popular: dois tucanos não se beijam. Começava, pois, uma *via crucis* que, após muitas estações, culminaria no calvário da renúncia de pároco de Barril. Não podemos exagerar em dizer que tudo que houve doravante é por causa do novo Bispo, Dom Sartori. Entram em jogo outros fatores como os novos tempos que se avizinhavam e que Mons. Vítor estranhou, arraigado que estava em velhas práticas e tradicionais métodos. Mas o que deve ficar retido é o clima de animosidade que surge entre os dois religiosos, bem diferente do período em que estava à testa da Diocese Dom Antônio Reis. Este condescendente, paternal, jeitoso, diplomata... (no próximo capítulo teremos ocasião de tratar fatos de caráter político, onde emerge mais forte esta faceta). Pe. Luiz Sponchiado, que o assistiu na morte, como Cura da Catedral de Santa Maria, narra que ouviu da boca de D. Antônio que talvez seu pecado maior foi ter sido tão bondoso. Com efeito, ficou conhecido como “O bispo da bondade”. Já Dom Sartori mais legalista, ortodoxo, inflexível. Amostra disso é que uma de suas primeiras medidas foi ordenar “a cessação do chamado ‘Movimento Apostólico de Shoenstatt’, promovido por um grupo de sacerdotes Palotinos” (Circular de 14.08.1956), num sinal veemente de que a autoridade do bispo sobressaía a qualquer movimento ou modismo.

Um divisor de águas, visível e até palpável, desta mudança radical é a Visita Pastoral de D. Sartori a Barril, em setembro de 1957. Estivera antes, na peregrinação da imagem de N. Sra. Medianeira, mas como coadjutor. Antes, pois, não se vê pelo menos na documentação consultada, qualquer hostilidade maior. Mostra disso é uma carta do Bispo - agosto de 1957 - onde agradece um cheque de cem mil cruzeiros, como empréstimo para a compra da granja da O.V.S. “Assim, como sempre, Barril ‘Docet’”, arremata o prelado, acrescentando que renova os cumprimentos pela inauguração da Rádio Luz e Alegria, “valiosa iniciativa”, no seu entender.<sup>367</sup>

Apesar do tempo chuvoso, foram recebidos festivamente por grande número de fiéis, colegiais e Associações Religiosas que se concentraram no interior da velha Igreja Matriz. Dia 15

---

<sup>366</sup> Nasceu em Caxias do Sul, tendo sido ordenado sacerdote em 1927; eleito bispo de Montes Claros em 1952. Transferido para Santa Maria em 1956, com direito à sucessão. Tornou-se Bispo Diocesano a 14 de setembro de 1960, com a morte de Dom Antônio Reis. Faleceu em 9 de abril de 1970.

de Setembro, domingo, às 9 horas na Missa pregou sobre o expressivo tema *A Igreja e sua maternal atuação na vida individual, familiar e social do povo*.<sup>367</sup> Até aqui tudo parece estar correndo bem. Dia 18 de setembro, em Palmitinho:

*À noite, após a janta, fizemos uma reunião com os fabriqueiros da Capela, que expuseram a grande necessidade de ser criada uma paróquia com sede nesta localidade. Reconhecendo a real necessidade de uma nova Paróquia que possibilite uma melhor assistência religiosa à grande população que vive nessa região que se estende até o Rio Uruguai, pedimos aos senhores fabriqueiros que tratem de preparar os meios que possibilitem a criação da paróquia: na necessidade de adquirir mais terrenos, aparelhar a casa paroquial e prover a Igreja de todas as alfaías indispensáveis para o bom funcionamento de uma Paróquia.*

Tal tema, como vimos acima, era proibido até de ser mencionado nos tempos do bispo anterior. Não que o Pe. Battistella tivesse controle sobre este assunto, mas Dom Antônio não faria tamanha desfeita, sabedor que era que jamais concordaria com a amputação de sua paróquia, ainda mais agora que estava a voltas com os problemas de pagamentos das obras da nova matriz. Dia 21 de setembro,

*recebemos em audiência três comissões de numerosos moradores que nos expuseram diversos problemas atinentes à vida religiosa e social da Paróquia, particularmente da Sede. - Examinamos os Livros Paroquiais. Recomendamos ao Revmo. pároco o máximo cuidado com a escrituração prescrita dos mesmos, que é um dos graves encargos de seu múnus. Os assentamentos dos batismos, casamentos, etc. não devem ter correções e rasuras e todos, tanto do original como duplicata, devem ser assinados pelo próprio Pároco.*

Até aqui não há surpresas, pois já vimos como o seu antecessor, Dom Colling, já dera uma alfinetada ao chamar a atenção sobre estas rubricas. Tanto é que o repreendido não teceu comentários a este respeito. O pior vinha a seguir, nestes termos: “Recomendamos ao Revmo. Pároco que dê melhor assistência aos moços e homens da cidade, valendo-se em particular da ajuda dos Revmos. Padres que dirigem nosso Pré-Seminário; recomendamos, outrossim, que dê por encerrado o contrato feito com o proprietário do cinema que funciona no salão térreo da nova Igreja Matriz por não haver suficiente censura dos filmes que no mesmo são passados”.

Também recomendava, como vimos acima, “maior cordura no pedido de contribuição aos fiéis para as obras de construção”, a fim de que fossem dadas de boa vontade, de acordo com as posses dos mesmos.

Pe. Vítor, inconformado e avesso à qualquer censura, mesmo vinda de quem de direito, saiu em sua defesa. Abaixo do *Termo da Visita*, acrescenta seus “Esclarecimentos necessá-

<sup>367</sup> Carta de Dom Vítor Sartori a Mons. Vítor– Santa Maria, 05.08.1957. Original in Arquivo Particular de Mons. Vítor, em mãos do autor.

<sup>368</sup> *Livro Tombo II*, p. 88 ss. “Termo de Visita Pastoral”. 24.9.1957.



rios”.<sup>369</sup> Inicia dizendo que o termo da visita consigna, como de praxe, os acontecimentos verificados e as observações que o Bispo visitante pode colher e observa que há apreciações muito lisonjeiras que muito honram a Paróquia. Mas quer fazer um reparo para a posteridade:

*Quanto às recomendações deixadas no termo, cumpre prestar aqui alguns esclarecimentos para que, quem este livro ler mais tarde, não as interprete no sentido de censura, falseando assim a realidade. É indispensável advertir que as recomendações se inspiraram nas informações prestadas ao Bispo, em caráter de acusação, pelos grupos de moradores recebidos em audiência por S. Exc. a fim de exporem problemas atinentes à vida religiosa e social. Identificados os componentes de tais grupos, constatou-se que se tratou de cidadãos tradicionalmente hostis ao Pároco, a maioria deles por recalques político-partidários e por inveja mesquinha. Não era, aliás, a primeira vez que alguns deles tentavam o afastamento do Pároco por meio de acusações arbitrárias levadas ao Bispo em visita pastoral e fora dela.*

Não é aqui o lugar de indigitar e analisar os componentes de grupos hostis ao pároco. Porquanto, cabe evidenciar que estes grupos insubordinados tiveram acesso ao Bispo, puderam manifestar suas opiniões e, de certo modo, lograram êxito, porquanto a autoridade eclesial lavrou no *Termo da sua visita*. Mostra, outrossim, que as tentativas anteriores – de algumas delas trataremos no próximo capítulo – não tiveram efeito, deram em nada, por razões que já esclarecemos acima – mas que repetimos: o status que Pe. Battistella gozava perante Dom Antônio, como um escudo, que o deixava inatacável ou inatingível, os ataques eram assimilados, ricocheteados e não davam resultado. Vê-se que agora as forças dissonantes e contrárias ao velho caudilho, estagnadas em estado latente, criam força de ação e afloram. O vulcão que torna possível essa erupção chama-se D. Sartori. Doutra parte, o próprio contexto indicava que a represa invicta até agora sustentada por todos os meios dava sinais de vazamentos, com reais indícios de breves rachaduras. A inelutável força do tempo ameaçava fortemente o monopólio de décadas de domínio do Mons. Battistella. Por ironia, tornou-se vulnerável justamente no ponto em que sempre teve sua força maior: a autoridade hierárquica, sua e de seus superiores.

Voltando ao texto, vejamos os argumentos de sua defesa. - Quanto às recomendações sobre o cinema e maior cordura nas coletas de dinheiro e auxílio para a nova Matriz, já tivemos oportunidade de analisar em outra parte.

*Assistência mais cuidada aos moços e homens: no âmbito paroquial nunca faltou. A pregação sadia e clara da doutrina cristã em todas as oportunidades foi sempre a preocupação indefectível dos Padres da Paróquia; freqüentemente há pregações extraordinárias; leituras espirituais, instruções religiosas através do rádio; há inúmeras ocasiões para recepção dos sacramentos, seja com os padres da paróquia ou do pré-seminário ou outros que por aqui passam, ou durante as conferências pastorais do Decanato. O Pároco sem-*

<sup>369</sup> *Livro Tombo II*, p. 92 s. - “Esclarecimentos necessários”.

*pre previne os fiéis de tais oportunidades e deixa a mais ampla liberdade, de modo que só não se confessa quem não quer.*

Quanto à reorganização da Ação Católica, entende que “depende de ser encontrada a possibilidade dentro do complexo quadro de trabalhos paroquiais e só será reorganizada se for possível dar-lhe vida pujante, sólida e estabilidade, pois, não está nos hábitos do Pároco encaminhar iniciativas só para cartaz e para se exporem a fracasso”. Acrescenta que os Padres do Pré-seminário, por sua vez, sempre encontram evasivas, e a muito custo, uma ou outra vez ajudam no confessorário.

Nesta parte, salienta-se um fato incontroverso quanto à ação pastoral de nosso biografado, qual seja, a sua pouca atenção ou interesse aos ramos da Ação Católica, que agora, com Dom Sartori, torna-se prioridade. De fato, o único ramo em que deu espaço foi o da Juventude e, mesmo assim, deixando a cargo do padre coadjutor. Na sua avaliação, esta pastoral não tinha um espaço importante dentro de sua visão da organização paroquial. E, não é temerário questionar, sabendo-se do seu estilo concentrador, que a Ação Católica não lhe era simpática pelo fato de valorizar e tornar o leigo protagonista da evangelização? Isto poderia retumbar em perda do controle, coisa impensável no seu modo de pensar.

Fica patente como o núcleo de religiosos do Pré-Seminário, notadamente o seu Reitor Pe. Afonso Corrêa, encontrava-se neste momento em atrito com o pároco. Aliás, agora é que aflora esta tensão que perdurava por mais anos, sufocado ou reprimido, pelo menos desde 1954.<sup>370</sup> Quem era Pe. Afonso? A partir da percepção de Alberto Lisot, temos algumas linhas de seu perfil, que parecem explicar a contenda:

*...quando que veio o Pe. Afonso aqui, quando botaram o Pré-Seminário, uma ocasião, **ele era muito amigo da nossa parte, do PTB**, [grifo nosso] nós fazia muitas caçadas naquele tempo, numa ocasião lá no campo ele disse: “Pra vocês lá em Frederico precisam de um Cura, porque o ódio está muito altíssimo”. Por isso que te falei que quando veio o Bispo*

<sup>370</sup> A 12.08.1954, o Diretor do Seminário Central de São Leopoldo, Pe. Leonardo Fritzen S. J., escreve ao Pe. Vítor. Fala que esteve em Barril, não achou o pároco e foi para o pré-seminário, onde falou com “os diáconos, soube que todos tinham estado na Canônica sem encontrarem a V. R.”. ... “Uma coisa, porém, me deu reparo: certa discordância entre Seminário e Paróquia. É pena que os Diáconos também saibam disto, como também pessoa de fora...”. Ao que deduz-se, Pe. Battistella escreveu ao ex-formador jesuíta reclamando de que os seminaristas, alguns de fora da paróquia, não lhe tinham se apresentado, tido por ambos como ponto elementar no modo de agir seminarístico - Pe. Fritzen diz que insiste no “*Como padre nihil sine Episcopo, e como seminarista nihil sine Parocho*”. O que causou no pároco barrilense “algum desprazer”. O padre jesuíta quer tirar a culpa do Seminário pela atitude dos diáconos. Pe. Vítor dirige nova missiva a 27.08 (não temos cópia) elucidando o caso. Pe. Fritzen passa a mão por cima e incensa: “Barril, com o bom renome que tem, é obra de V. R. em bem de inúmeras almas”. Mas, resta a informação de que havia intrigas entre os dirigentes do educandário de formação e o pároco. Cfme. cartas originais In: arquivo Mons. Vítor, em mãos do autor.

*de Santa Maria, fez reuniões, no Seminário, junto alguém falou coisas que não podiam acontecer...*<sup>371</sup>

Já numa outra ótica, a de um sacerdote, Pe. Luiz Sponchiado, que pôde privar com o Reitor do Pré-Seminário,

*Sua [Pe. Afonso] estadia em Barril coincidiu – lembro bem – num tempo em que as dores do PTB estavam agudas com feridas abertas recentemente, com o conflito eleitoral, não me lembro mais qual. Pe. Afonso foi uma local de desafio, em que os católicos petebistas podiam desabafar. Formou-se um grupo de homens, partidários, que freqüentavam o estabelecimento dia e noite, e até na Missa dominical. Pe. Battistella insistiu publicamente, que a Missa válida dos domingos, devia ser na Comunidade.*<sup>372</sup>

Mais nos interessa, como Pe. Vítor o tinha? Para responder, recorremos a nova carta do pároco barrilense ao Mons. Floriano Cordenunzi, Vigário Geral da Diocese de Santa Maria. A missiva trata de nova intriga entre Pe. Afonso e o Vigário Geral e membros da Obra das Vocações Sacerdotais (OVS), em setembro de 1955. De modo que Pe. Vítor está, a princípio, fora desta questão, apenas escreve para “modestamente oferecer meus insignificantes préstimos para o fim de encontrar uma solução correta e justa para o caso”. Aliás, isso nos remete a uma outra faceta presente na nossa personagem em apreço, qual seja, a sua invulgar capacidade de resolver casos entre outras pessoas. Detinha uma diplomacia apurada, recursos de retórica e argumentos “a rigor da lógica” – usando seu termo – para sanar intrigas e questiúnculas alheias. Apelava para “uma solução calma, ponderada e justa para o caso”. Bem diferente de quando estava envolvido, onde respondia à riste, abusando da palavra – ele mesmo confessa na sua maturidade – e procurando destruir qualquer razão ou opinião do oponente. Neste sentido, devemos inferir que a sua intervenção salvadora só ocorre quando estão em jogo os seus interesses, quando a continuação, agravamento e final trágico do caso acarrete perda para seus projetos e planos. De modo que, mais que procurar pacificar os ânimos ou sanar rugas, está em jogo o futuro e o lograr sucesso de suas empresas.

É o caso vertente, do reitor do Pré-Seminário e lideranças religiosas da cúria diocesana. Do que se depreende do documento, há tempos havia uma troca de correspondência entre os dois lados, com mútuas acusações, estando Pe. Afonso “profundamente magoado, outrossim, pelas suspeitas ostensivamente levantadas contra sua conduta”.<sup>373</sup> Objetivando defender o colega, lhe

<sup>371</sup> Entrevista com Alberto Lisot, Frederico Westphalen, 8 de maio de 2001. Nasceu em Encantado, em 13.04.1912, e veio para Barril em 1939.

<sup>372</sup> Carta de Pe. Luiz Sponchiado ao autor. Nova Palma, 11.09.2001.

<sup>373</sup> Carta de Pe. Vítor ao Mons. Floriano. Frederico Westphalen, 30.09.1955. Arquivo do autor. Esta é a continuação do texto: “Na realidade não deixam de ser temerárias e pueris. Praza a Deus que tais coisas nunca cheguem ao ouvido do povo que muito se ofenderia com isto. É interessante que nós Padres saibamos aplicar os princípios da moral à conduta do povo e não os recordemos quando nos encontrarmos defronte a situações especiais de colegas nossos”.

traça um perfil positivo. Tem o seu lado humano e bem humano; mas, lhe parece “um grande e digno sacerdote”. O tem na mais alta estima. E na paróquia goza da mais ampla e boa reputação. Como reitor e educador de seminaristas possui dotes mui raros. Mas,

*tive com ele alguns atritos por questões de secundária importância, mas sempre encontramos de novo o caminho da harmonia. Apesar de sua saúde precária colabora com toda a sua boa vontade em várias iniciativas de âmbito paroquial, como sejam, o Hospital de Caridade, a União dos Agricultores e Criadores e agora o Canto na Matriz. É dono de uma visão bastante larga sobre os problemas sociais e religiosos, e sua opinião é ouvida com acatamento. Apesar dos apertos financeiros com que o pré-seminário sempre lutou, o Pe. Afonso conseguiu, com muito acerto, proporcionar à instituição fontes de renda (...), pois, o Pe. Afonso com facilidade consegue do povo tudo o que pede.*

Faz emergir, pois, uma figura imprescindível para os interesses da diocese – vocações, mas também aos seus projetos; e isto não está só subjacente: De modo que, para o sacerdote, o afastamento do Pe. Afonso “significaria a perda de um ótimo auxiliar, não digo tanto no terreno religioso, estritamente dito, como nas empresas úteis à vida social e rural (...) constituirá fonte de descontentamento e de males”.

*Defesa mal retribuída*, assim Monsenhor qualificou mais tarde esta atitude – escreveu à margem do texto, manifestando, como já dissemos, que não encerrava sua real idéia do colega religioso. Com efeito, a onda de oposição vinda do Pe. Corrêa vai se agigantar, acirrando os ânimos entre os contentores. Em outubro de 1957, Mons. Vítor escreve a Dom Sartori uma contundente carta, ou melhor, uma denúncia grave que recebia e que lhe causava profundo dissabor. O pároco – diz o documento – ouviu do seu antigo coadjutor Pe. Albino Busato, que o Pe. Corrêa teria lhe comunicado os seguintes itens:

*1) Que julga a situação da Paróquia (?) ruim: a) pela falta de assistência espiritual ao povo (?); b) porque o povo está abandonado espiritualmente e) porque os moços e os homens estão completamente abandonados. - 2) Que era sabedor das queixas apresentadas a V. Exc. Por vários grupos de pessoas e que estas queixas foram muitas. - 3) Que ele [Pe. Corrêa] ficou encarregado por V. Exc. de tomar conta dos moços e homens e que, apesar de não poder, obedeceu às ordens recebidas. - 4) Que das reuniões e iniciativas que irá realizando informará aos poucos o Pároco; - 5) Que de tudo o que se fizer, tentando embarçar o trabalho dele o Bispo será informado; - 6) Que o Bispo também julgou má a situação da Paróquia em face das queixas que recebeu (?) e que o termo da Visita pastoral exprime apenas o mínimo que era possível escrever. Isto dito a ele pelo Bispo que também lhe mostrou o dito termo para ler. - 7) Que o cinema é para ser fechado incondicionalmente. - 8) Que V. Exc. exclamou: Para que UNAC, para que granja com criação de vacas e porcos se as almas estão abandonadas? - 9) Para que a Rádio Luz e Alegria se a legislação obriga a aceitar inclusive propaganda protestante? - 10) Que a comissão de recepção que enviei ao encontro de V. Exc. era composta de maçons.*<sup>374</sup>

<sup>374</sup> Carta de Mons. Vítor a Dom Vítor Sartori – Frederico Westphalen, 09.10.1957. Original (cópia) Arquivo Particular de Mons. Vítor. Das acusações, temos uma primeira versão, com algumas diferenças, das quais destacamos: “8. Deste jeito é visto que o povo pede paróquia. 9. Pe. Afonso disse estas coisas não para acusar ou queixar, mas para

Para o autor da carta, as afirmações “encerram incrível leviandade, ... baseado em acusações de elementos suspeitos, já todos identificados, e que, de forma alguma, representam nem sequer a mínima parcela da opinião geral da verdadeira Paróquia de Barril”. Vendo nelas possíveis malefícios, solicita do superior esclarecimentos, para tomar as suas decisões. Por fim, dá sua real impressão do Pe. Corrêa: *“Para mim e para outros homens que tiveram de tratar com ele assuntos de responsabilidade, é um cérebro doentio, um egocêntrico que sabe usar da máscara do zelo para encobrir a própria vaidade, sem embargo de sua modelar piedade e de suas notáveis qualidades de educador”*.

Não obtendo resposta, dias depois volta à carga, onde informa que o Pe. Corrêa teria dito em uma roda de paroquianos que o Bispo lhe afirmara “ser esta Paróquia a mais desorganizada da Diocese”.<sup>375</sup> Tais manifestações estavam se divulgando e provocando mal estar, admiração e descontentamento, “não sem prejuízo do bom nome de V. Exc.”. Pede ao Bispo que, ou desminta o Pe. Corrêa, ou sustente com provas. Nova missiva em novembro. Repete a declaração do Pe. Corrêa, acrescentando que foi ouvida por testemunhas que depuseram em documento que guardava com as firmas reconhecidas em cartório.<sup>376</sup> A contundência continua, sinalizando que estava magoado mesmo – e isso sempre acontecia quando achava que “seu bom nome” estivessem em jogo ou perigo, bom nome que, para ele, consistia num dos maiores valores: “Não me servem explicações pessoais e paliativos. A verdade é uma só e é como túnica inconsútil...”. Partindo para uma ameaça: “...ou bem sabe V. Exc. que graças ao bom Deus nunca perdi parada na minha vida e, com o povo de Barril, comigo, ganhei todas as batalhas”. Adiante dispara como via as razões e motivações de tais acusações:

*Surpreendido em minha boa fé, pude reagir em tempo e consegui apurar uma série lamentável de intrigas e inverdades tramadas pela inveja clerical, sob a preocupação do zelo, com o intuito evidente de atirar a paróquia contra o Vigário e o Bispo contra ambos, para tirar desta manobra macabra proveito para a vaidade pessoal: É a primeira vez que a inveja clerical consegue abrigo no meu decanato e, justamente num reduto onde não era lícito esperar.*

---

*sabermos. 10. Ele disse que perante os homens e moços ele trataria de desculparmos por não ter ainda A. C. [Ação Católica], dizendo por ex., estar ocupado com tantas coisas etc...”. Cf. Original, idem. - A questão dos supostos “maçons”: Pelo termo da Visita Pastoral, podemos saber que a Comissão que esperou o bispo em Palmeira das Missões e o acompanhou até a paróquia era composta por João Muniz Reis – prefeito; Érico Domingos Simoni – presidente da Câmara de Vereadores, e Ari Martelet, chefe da Inspeção de Terras. Mas, já na casa paroquial, houve nova recepção por “todas as autoridades civis locais, fabriheiros da Matriz”, onde aparecem Dr. José Martins Pereira, Juiz Pretor e o Inspetor de Polícia Fioravante Gonçalves Leite. Cfme. *Livro Tombo II*, p. 88v. Todavia, não é a primeira vez que se vê essa acusação de tais autoridades pertencerem à maçonaria. Assunto para outra história.*

<sup>375</sup> Carta de Mons. Vítor a Dom Vítor Sartori – Frederico Westphalen, 26.10.1957. Original (cópia) Arquivo Particular de Mons. Vítor, em mãos do autor.

<sup>376</sup> Cfme. Original da Declaração - Tabelionato Pedro Cañellas. Frederico Westphalen, 04.11.1957. Lino Binotto Segundo e Severino Bortuluzzi.

Finalmente, Dom Sartori quebra o silêncio – esta arma usual da hierarquia para assuntos indigestos – em início de dezembro, com carta enviada de Taquaruçu, vila vizinha a Barril, onde se encontrava para uma ordenação sacerdotal. Talvez o ambiente agradável ou talvez sua posição encurralada, o fez atenuar a questão. Água na fervura. Inicia dizendo que mudara de idéia e que resolveu nada dizer por ocasião da ordenação, “a fim de não perturbar, com assunto ingrato”. Com relação à Visita Pastoral, assegura que “do que vi e observei, não julguei sua Paróquia como a mais desorganizada da Diocese, ou outras afirmações semelhantes, que pessoas levianamente me atribuíram”. Recomenda que, como Pároco, deve “orientar e dirigir qualquer movimento que vise atividades de apostolado, dentro da Paróquia”... “Não teve, nem terá minha aprovação qualquer atitude contrária a essas normas, que são normas da S. Igreja”<sup>377</sup>. Finaliza dizendo que confia que o sacerdote saberá impedir atritos e discussões estéreis e prejudiciais. Talvez por isso, logo, Mons. Battistella tenha baixado uma série de recomendações aos padres do Pré-Seminário, no atendimento da paróquia em suas férias, onde insiste que abstenham-se “em absoluto de qualquer atividade e trabalho de âmbito religioso e social da esfera paroquial, inclusive soluções de casos, intrigas, desavenças, sem expressa autorização do Pároco; abster-se outrossim, de comentários, críticas e censuras a qualquer fato da vida paroquial...”<sup>378</sup> Em 4 de junho de 1959, os Párcos da Diocese são comunicados da resolução de fechar o pré-seminário de Barril, e nomeando como visitador diocesano da Obra das Vocações o Pe. Afonso Corrêa.<sup>379</sup> Assim, encerrava-se essa contenda.

## 7.2 - Caso Chácara n° 17 – *Uma quebra de braço*

É outra grave questão que nosso protagonista enfrentou com a Mitra Diocesana, e mais ainda com a sua maior autoridade, e que tem um fundo sobre a questão do poder. Em resumo: o bispo coadjutor da Diocese D. Sartori - talvez por sugestão do Pe. Afonso Corrêa – resolveu, em 1958, mandar lotear umas terras do Pré-Seminário de Barril e incluíram no plano de loteamento também a chamada *Chácara n° 17*<sup>380</sup>, próxima ao Pré-Seminário e limítrofe àqueles terrenos, calculando tratar-se de uma propriedade daquele estabelecimento pelo fato de pertencer à Mitra e de estar sendo explorada pelo Pré-Seminário há diversos anos. Mas, para Pe. Vítor a terra per-

<sup>377</sup> Carta de Mons. Vítor ao Pe. Afonso – F. Westphalen, 20.12.1957. Datilog. Original Arquivo Particular de Mons. Vítor, em mãos do autor.

<sup>378</sup> Carta de a Dom Vítor Sartori a Mons. Vítor– Taquaruçu, 01.12.1957. Original in Arquivo Particular de Mons. Vítor, em mãos do autor.

<sup>379</sup> *Livro Tombo III*, p. 15v-16v. – “Circulares e Avisos da Cúria Diocesana”.

<sup>380</sup> Quando Mons. organizou seu arquivo – anos 70 – criou uma pasta só para o caso “Chácara n° 17”, com estes itens na capa: “1) Prelúdios, 2) crise, 3) Transferência, 4) Intimação e ameaças e 5) Soluções”.

tência à sua paróquia.<sup>381</sup> Na sua versão, constante do *Livro Tombo*, também assevera que nenhuma consulta foi feita a ele.<sup>382</sup> Porém, dispomos de uma sua carta a D. Sartori, de 4 de agosto daquele ano, onde refere-se a outra do prelado, que pede compreensão em passar a área para sanar problemas da OVS. Battistella se esquivava, dizendo que o Pré-Seminário possui outras propriedades e que a paróquia passa numa “hora de extrema gravidade e de prementes dificuldades com o final da construção da nova Matriz”; até aceitaria ceder, “se o atual Reitor não tivesse divorciado completamente o pré-seminário da paróquia e da vida paroquial e se esforçado por criar casos comprometedores à autoridade do Pároco e ao bom nome da Paróquia”. Outra arremetida: “Sr. Bispo, é feio cuspir no prato em que se come, e a ingratidão é punhal que fere demais. Só Deus sabe o que de sacrifícios e canseiras me custou este Pré-Seminário que agora vive totalmente isolado, sem nenhum contato mais com a vida paroquial. Basta dizer que há já mais de ano que Pe. Afonso não pisa na Canônica e nem na Matriz. Duas vezes o visitei e não me retribuiu a visita. (...)”.

Vendo que o loteamento já estava sendo consumado, diz Battistella “corremos às trincheiras”. Usando de uma procuração de Dom Antônio Reis, passou a chácara por escritura (29.08.1958) para a Sociedade Social Aliança Social S. Antônio. Achava ter ganho a luta. E, na mesma missiva, defende-se:

*... Consumatum est. ... Fizemos mal? Fizemos apenas o nosso dever, e V. Excia., em meu lugar, teria feito a mesma coisa.... Bem sabe V. Excia. que eu sempre fui soldado fiel e servidor do meu Bispo e da minha Diocese, e comigo esteve sempre a minha Paróquia. Se V. Excia. tem sobre seus dignos ombros o peso da Diocese e procura carregá-lo com honra e brio, eu tenho sobre os meus o peso da paróquia para cuja boa organização e Direção Dom Antônio há 27 anos atrás me nomeou Pároco.*

Mas veio o revide. Tomando conhecimento da venda à revelia e fictícia, bispo e chanceler, escreveu ao Mons., dizendo-lhe que incorreu em grave falta, passível de penas canônicas e de ação judicial perante o Fórum civil, por haver abusado da confiança da autoridade, por usar uma procuração que *in radice* é nula, idem lavrar uma escritura. “Acresce - continua - que essa

---

<sup>381</sup> Em abono consta uma Declaração de que a Chácara nº 17 foi adquirida da Prefeitura Municipal de Palmeira em 1930 com a finalidade de constituir patrimônio da nossa paróquia... F. Westphalen, 20.08.1958, assinam: Angelo Michelon, Antonio Manfio, Pedro Romitti, Luis Milani a rogo de José Magalski por não saber escrever, Vercedino Camargo - sub-prefeito do distrito naquela época.

<sup>382</sup> *Livro Tombo III*, p. 7v-8v. – “Chácara nº 17”.

atitude de V. Revma. vem numa seqüência de outros atos, escritos e verbais, que importam no desrespeito grave para com a Autoridade Eclesiástica, com relação às quais, esta vinha contemporizando para evitar escândalo e por esperar mudança de atitude de V. Revma”<sup>383</sup>. Intimam a, no prazo de vinte dias, proceder a anulação da escritura; a dirigir à autoridade Eclesiástica, por escrito, uma retratação sincera de sua atitude de desrespeito, assumida com este ato e por outros, verbais e por escrito, prometendo emenda. Fulminam asseverando que caso não cumprisse as duas prescrições, ficaria, “*ipso facto*” suspenso “*a divinis*”; e, nesse caso, mandariam, ainda instalar processo canônico contra o sacerdote. No dia seguinte, Mons. responde. Refere-se à transação da Chácara, como procurador: “Da confiança de D. Antônio jamais abusei para atos de levandade. E se agora usei dos meus legítimos poderes de procurador para uma transação que talvez, à primeira vista, pareça precipitada e inoportuna, foi para salvaguardar os sagrados direitos de minha Paróquia aos seus bens patrimoniais em perigo eminente do qual não fugiria de outra maneira. Sou incapaz de trair a confiança com que meu velho e querido Bispo D. Antônio sempre me tem distinguido”.<sup>384</sup>

Ademais, o velho padre não cedeu. Viajou a Porto Alegre e procurou aconselhamento com Ruy Cirne Lima. Este aconselhou-o que desfizesse a transferência efetuada do terreno. “Acedeu prontamente... e agora, vai a Santa Maria para abrir o coração ao Bispo...”. Escrevendo ao amigo bispo pede clemência: “Opiniões locais mal informadas, o zelo pela paróquia, apurado em mais de um decênio, e, enfim, a errônea suposição de que a procuração, outorgada pelo Bispo Diocesano, valesse por delegação permanente e anímada, tudo isso terá levado aquele sacerdote à atitude que tomou, certamente de boa fé e com a preocupação do bem da Igreja.”<sup>385</sup>

Monsenhor buscou também informar-se com outros peritos nos direitos canônico e civil: Pe. Cândido Santini SJ <sup>386</sup>: “Creio que no caso de V. rev. Não teria sido necessária a ameaça de suspensão; mas não se aflija por isto”. – Aconselha a se entender com o Bispo e mostrar o equívoco dele em achar que a chácara fosse do pré-seminário. Sendo, como suponho, válida a alienação realizada por V. Rev., e subjetivamente também lícita, conviria solicitar do Snr. Bispo diocesano, a caridade de destruir e fazer desaparecer do arquivo diocesano aquela carta, que tanto compromete o nome de V. Rev.” Também Adroaldo Mesquita da Costa<sup>387</sup>, que não vê vício na

<sup>383</sup> Carta de D. Sartori e Mons. Achilles L. Bertoldo – Chanceler do Bispado - ao Mons. Vítor. Santa Maria, 10.09.1958

<sup>384</sup> - Carta de 11.09.1958 de Mons. a D. Sartori.

<sup>385</sup> Carta de Ruy Cirne Lima para D. Sartori. Porto Alegre, 17.09.1958. À margem, Mons. escreveu: “Sentimentalismo!” . “Migalha de consolação. Muito obrigado!”. Não sabemos como a carta foi parar em suas mãos.

<sup>386</sup> Carta do pe. Cândido Santini SJ para Mons. Vítor – Seminário de São Leopoldo, 19.09.1958.

<sup>387</sup> Carta de Adroaldo Mesquita da Costa ao Mons. Vítor. Porto Alegre, 20.09.1958.



transação do lote. E Mons. Valentim Ferrari que chega a a sugerir recorrer à Sagrada Congregação do Concílio contra a ameaça de suspensão por parte do Bispo<sup>388</sup>.

O que é certo é que da capital o padre foi ter Dom Antônio e Dom Sartori. E parece que começaram a se entender. Dom Sartori, escreve Mons. “Deu-me a compreender, com suficiente clareza, quais as verdadeiras finalidades daquela medida administrativa, que, contrariamente ao que a princípio e por algum tempo parecia constar, não era e não é de pagar dívidas da OVS, ou atender a compromissos e necessidades do Pré-Seminário, mas, sim, estruturar um plano que virá trazer grande vantagem e enorme realce á nossa paróquia, ao mesmo tempo que servirá aos interesses de desenvolvimento religioso de toda uma vasta região e da própria Igreja”<sup>389</sup>. Garantiu que dentro deste conceito estava plenamente de acordo. Em carta ao Pe. Afonso (14.09.1958) sinaliza que pode encaminhar o loteamento. E propõe novos tempos:

*Pessoalmente entendo que é minha obrigação prestar todo o apoio aos planos dos nossos Bispos, e abrir caminho a uma ampla cooperação de todos nós, começando por estabelecer vínculos de amizade e cordial entendimento em nossas relações mútuas e da Paróquia com todas as forças que a compõem. Neste sentido espero poder contar com o sincero apoio de V. Rer. e seus auxiliares, dando início a uma era nova que possa influir decididamente na preparação do futuro que se nos promete. – Começemos, pois, esquecendo o que o passado no ofereceu de amargo e depositando no coração Sagrado de Jesus nossas razões de queixa mútuas para que Ele as converta em bênçãos.*<sup>390</sup>

Cabe a pergunta: O rápido apoio ao projeto do Bispo e a tentativa de reatar as relações com Pe. Afonso não escondiam seu propósito de dirigir como bispo a nova diocese que se desenhava?

O que é certo, porém, é que uns dez anos depois, talvez ao ver seu desejo malfadado, fez outro balanço do final do Caso: “Ainda um tanto inexperiente então no trato de tais assuntos de natureza jurídica e tomado assim quase de surpresa pela atitude violenta do Bispo de S. Maria, cedi e voltei atrás. Hoje não cederia. Sustentaria a questão a qualquer preço e venceria. Tenho disso a mais plena certeza”.<sup>391</sup>

Interessa ainda dizer que, após analisar minuciosamente o caso, chegou a cogitar a aceitar a suspensão a divinis com as suas catastróficas conseqüências, que incluía, entre outros pontos que enumerou: “1) Inutilização de um padre para a Diocese e Igreja, desmoralização do Bispo

<sup>388</sup> Carta-bilhete, sem data de Mons. Valentim Ferrari ao Mons. Vítor

<sup>389</sup> Carta de Mons. Vítor ao Pe. Afonso. F. W. 24.09.1958.

<sup>390</sup> Idem. Em Carta de Mons. Vítor para D. Sartori. F. W. 10.10.1958. Pede orientação ao caso. “Devo encaminhar a ação judicial para anulação da escritura, ou podemos fazer a simples transferência do domínio da Aliança para a Mitra”. “Estou pronto, com a máxima satisfação, a cumprir o que julgar melhor no caso”.

<sup>391</sup> Este texto ele escreveu na capa do Dossiê “Chácara nº 17”. APMVB.

coadjutor... 7) Necessidade de novo rumo à vida: a) Vida privada e meios de vida; b) Sem sair da paróquia”.<sup>392</sup>

Acontece que daí a um tempo amargaria outra contenda, muito mais violenta, e a derradeira de seu apostolado à frente da Paróquia de Barril.

### 7.3 - O Caso da Praia Santa Marta – fim melancólico

Noite de 23 de novembro de 1961. Pe. Luiz Sponchiado entrega um envelope com documentos ao Mons. Vítor. Recebera tal envelope de Dom Sartori, que lhe disse “isto é um dinamite”. De fato, era triglicerina pura. Pior. Iria explodir nas mãos do velho pároco de Barril, dando-lhe a sentença de morte, pelo menos morte de sua identidade como líder incontestado da região, de seus planos e sonhos. Para aquilatarmos a situação em que se encontrou, chegou ao ponto de dizer que se fosse mais jovem “tiraria a batina às formigas” – conforme testemunho do Pe. Sponchiado, a quem coube tratar da questão. De fato, este episódio representou a decadência máxima de seu poderio e status. Encerrava-se a fase de protagonismo, centro, para entrar na fase do ostracismo, como figurante em papéis marginais, subalternos. Esta ferida marcou-o pelo resto dos anos. Em seu *Testamento* (escrito em 1966), deixou enigmáticas palavras que provam isso. Referindo-se ao “caso das praias”, afirma que foi falsamente acusado de desobediência e supostas admoestações de superiores hierárquicos; que foi gratuitamente julgado obstáculo aos interesses da nova Diocese em formação e ao livre governo de seu futuro Bispo, e, como decorrência destas acusações, foi induzido a renunciar ao seu cargo de Pároco e Decano. Julgando-se inocente - o que é difícil acreditar, em se sabendo de sua sistemática posição defensiva e seu comportamento de insubmissão - traça um quadro que traduz a sua angústia:

*Mesmo sabendo a razão de ser de tais coisas, jamais adotei atitudes de revolta, jamais reagi com críticas, jamais tentei minha defesa. Guardei silêncio e dignidade, sempre lembrado do exemplo de Jesus Redentor nos transe de sua Paixão e Morte, para os quais concorreram não apenas os romanos e o povo, mas também os Sumos Sacerdotes. Uma coisa me ficou como certa: Para ser bom padre é preciso que os trabalhos e sucessos tenham a presença da Cruz e por ela sejam coroados. Não me cabe julgar a conduta e as intenções dos cúmplices de minha sorte. Houve dias de incerteza e circunstâncias complicadas que não deixavam facilmente ver o caminho certo. Eu mesmo posso não ter acertado em alguns detalhes. Agora tudo passou.*<sup>393</sup>

<sup>392</sup> *Res notandae*. 4 pág. Manuscritas. AMVB.

<sup>393</sup> Testamento espiritual. Também na sua carta renúncia (1961), lembrou estes fatos. “As contrariedades que ao longo dos anos e as humilhações - porque não dizê-lo? - injustas, ultimamente sofridas ponho-as à conta de mimos da Providência Divina, para, através das lições da vida, fortalecer o dom da Sabedoria.”

Difícil dizer o que sentiu o nosso biografado ao saber do teor de uma remetida pelo Bispo. Talvez aquela sensação de quando se vê o chão desaparecendo ou o céu caindo. Nem mesmo sua personalidade forte, seu raciocínio lógico, seu modo racional de interpretar ou sua calma prudente podiam lhe servir nesta hora. Comunicava que recebera resposta do Núncio Apostólico, na qual, após fazer registro do recebimento de ofício e da visita do Mons., dizia que:

*a) Não quer ser envolvido, de forma alguma, neste emaranhado caso; b) Nem lhe interessa saber como seu caso (dos negócios) será resolvido; c) O que lhe interessa saber é se as dívidas contraídas, foram pagas; d) Reafirma os dizeres anteriores, que o Bispo de Frederico Westphalen, não será nomeado, nem a Diocese instalada, sem que antes o “caso” esteja **completamente resolvido**; e) Por fim pede que eu faça o obséquio de continuar a trazê-lo informado sobre o andamento do processo canônico de sua remoção administrativa, já canonicamente instalado.*<sup>394</sup>

Dom Sartori, agrava ainda mais a situação já dramática, pois defrontava-se com a temida cúria romana em processo canônico. Diz que foi “tolerante e benevolente, nesse caso e em outros anteriores, ao extremo.”<sup>395</sup> Assegura que agora, “está em jogo o interesse da Santa Igreja nessa região, que será gravemente prejudicada, pelo retardamento, por sua causa, de instalação da nova Diocese”.<sup>396</sup> E diante disso, vê-se na obrigação de consciência, de determinar o seguinte:

*1. Vai aí o Revmo. Pe. Luiz Sponchiado, com a Provisão de Vigário Substituto da Paróquia*<sup>397</sup>, *com plenos e exclusivos poderes de jurisdição, de direção e administração e que deverá tomar posse imediatamente. 2. V. Revma. tem o prazo de dez dias, a partir da chegada aí do Revmo. Pe. Luiz Sponchiado, para entregar os Livros Paroquiais e uma sumária informação de todos os assuntos paroquiais... Com a posse do Revmo. Vigário Substituto, V. Revma. ficará sem nenhuma jurisdição na Paróquia.*<sup>398</sup> *3. Findo o citado prazo de dez dias, V. Revma. deverá assumir o cargo de Capelão de Caridade de Cachoeira do Sul, em cujo cargo permanecerá até que o seu “caso” esteja **totalmente resolvido**.*

Finaliza dizendo que as determinações são irrevogáveis, não admitem mais quaisquer outras explicações ou temporizações, e o não cumprimento das mesmas o obrigariam a tomar outras medidas mais rigorosas. E lamenta que o “caso” tenha chegado a esses extremos.

Dia 26 de novembro, à estação das três missas dominicais, Mons. Vitor leu a parte essencial da provisão para não provocar naturais reações no povo, ainda quase que ignaro da situação. Pe. Sponchiado, igualmente, encobriu o real motivo de estar ali, dando a entender e desviando a atenção para o fato de a paróquia merecer ser escolhida para Sede duma nova Diocese. De fato, sua missão era complicada, pois fora enviado ao seminário e sofreu forte influência sob à batuta

<sup>394</sup> Carta de Dom Luis Vitor Sartori ao Monsenhor Vitor Batistella. Santa Maria, 17.11.1961. APMVB..

<sup>395</sup> Monsenhor Vitor acrescentou a lápis: “Prove! Não é o que falam os documentos!”.

<sup>396</sup> Idem: “E por quê? Por sua culpa!”.

<sup>397</sup> Idem: “Pastor angélico!”.

<sup>398</sup> Idem: “Verdadeiro banimento!”.

do Pe. Battistella. Tão ingratas foram estas atitudes que em sua biografia não quis nem mencionar os fatos durante oito meses, apenas concedeu que se dissesse: “Houve embaraços que não vêm ao caso aqui mencionar, mas que a Nunciatura Apostólica exigia que fossem resolvidos para se instalar a nova diocese”.<sup>399</sup> Na ocasião apenas conclamou todos à união, concórdia e “envidar todos os esforços”; e que o Mons. estava colocando seu cargo à disposição do Bispo para viabilizar a criação da diocese<sup>400</sup>.

A três de dezembro, Mons. Vitor apresentou sua provisão no Hospital de Cachoeira. Seguiu alguns dias após para Porto Alegre, onde, afanosamente, foi procurar uma saída e uma solução para seu caso, que chegara a tão melancólico impasse.

Mas que acontecera?

Diante da crescente inflação da moeda, as entradas já não bastavam para fazer frente às vultosas somas com a construção da Matriz, que era imperioso terminar. A idéia, então em voga, de negociar terras de praias, apresentou-se ao nosso biografado como um meio para tantas precisões e preocupações econômicas. Num “Histórico”, Mons. explica seu pensamento: “Faltandonos o lastro do loteamento da chácara [nº 17, vista acima] e prevendo que só com as ofertas do povo e os resultados das festas, demoraríamos muito a liquidar tais dívidas, começamos a exco-gitar outros meios de fazer dinheiro”.<sup>401</sup> À compra e venda global duma terra litorânea<sup>402</sup>, seguiram-se outras, na maior boa fé, por tal maneira que nem se consultou o Bispo, nem se suspeitou que tais transações podiam ser “*negotiatio quaestuosa*”. Sobre este aspecto, explica Pe. Sponchiado:

<sup>399</sup> SPONCHIADO, Breno A. *Imigração & Colonização...* op. cit. p. 194.

<sup>400</sup> *Livro Tombo III*, p. 41 ss. - “Prédica do Pe. Luiz Sponchiado na posse como Vigário Auxiliar de F. Westphalen. 26.11.1961.”

<sup>401</sup> *Histórico*. Mons. Vítor. 12 p. manuscritas APMVB.

<sup>402</sup> Mons. diz que foi procurado por Emilio Pedutti (corretor de Caxias, “dinâmico... como todo corretor gosta de exageros e mente em coisas acidentais”) e Tarcísio Batisti (idem, “, idem “ambos gostam de dinheiro e vivem folgados...”). Organizou a Urbanizadora Santo Antonio, com sete sócios de FW. “mas o Valdir Cerutti, presidente, preocupou-se mais de outros negócios”. Depois Batisti oferece novo negócio, urgente, garantindo lucros, sem preocupação, com pagamento por promissórias com prazos folgados e dentro dos quais entrariam recursos pela venda. Nesta área de praia (“Praia Santo Antônio”, Sombrio-SC) ficaram sócios Batisti, Battistella e Pe. Orestes Trevisan. Neste tempo, para não andar às cegas, viajou duas vezes pelo litoral para observar e tomar informações. “Muitos destes loteamentos têm um desenvolvimento admirável e os terrenos tiveram valorização extraordinária”, afirma no seu *Histórico*. Ressurge o Batisti com nova proposta, praia pequena a ser colocada no município de Santo Cristo: “era negócio líquido e certo, de se ganhar muito dinheiro e que permitiria ressarcir-se do malogro temporário da anterior praia”, acreditava. Topou ficar sócio, “preocupado em reunir recursos para atender às dívidas da minha Matriz”. Depois, comprou a parte do Batista (?) por Cr\$ 700.000,00 (pagaram 800) para vender aos Longhi de Ibirubá, por 3 milhões! Sem garantia de saldarem os títulos, colocou-os em outra praia em Laguna-SC, com 1.967 lotes, novamente em sociedade com Batisti, mas para tanto assinou três promissórias, ficando o negócio diretamente com Batisti, não achando conveniente ele figurar. Foi organizada a firma, com mais Emilio Pedutti, “Pedutti Sobrinho & Cia” em Uruguaiana – aquela Diocese daria cobertura. Batisti se retirou, ficando Mons. com 60%. Com estes negócios Mons. esperava uma margem de lucro líquido de cerca de Cr\$ 100 milhões, cabendo cerca de 36 milhões para sua paróquia.

*Proibida pelo Direito Canônico, disciplinados ainda mais nos últimos tempos por decretos de Pio XII, que cominava penas canônicas não só aos infratores clérigos, mas também aos superiores eclesiásticos omissos no urgir as severas proibições, emitidas devido a abusos escandalosos que se deram na Itália e que os comunistas muito, e por muito tempo, exploraram contra o bom nome da Igreja.*<sup>403</sup>

Acresce a isto, ainda, que o Bispo, necessitando construir o novo seminário menor diocesano, pelos serviços duma campanha urbanizadora, loteou uma chácara da Mitra e os terrenos seriam colocados nas paróquias, a quem por Circular pediu não se envolvessem em semelhantes loteamentos.<sup>404</sup> Monsenhor, depôs mais tarde, não ter recebido a tempo tal comunicação episcopal... O certo é que tudo estava pronto para se venderem 1.973 lotes – 700,000 m<sup>2</sup> - da *Praia Santa Marta*, no município de Jaguaruna, ao sul de Santa Catarina: os corretores já trabalhavam na região de Uruguaiana, a cobertura pela rádio de Barril estava no ar, e também uma carta de Mons. às autoridades<sup>405</sup> e vigários recomendando o empreendimento que daria bons lucros à futura Diocese e compensações às paróquias onde fossem adquiridos terrenos. O Bispo, ao tomar conhecimento do fato, pelo envio, por parte de um sacerdote, de uma destas cartas de recomendação, telegraficamente desautorizou o negócio por toda a parte e mandou que Mons. Vitor se retirasse imediatamente do mesmo<sup>406</sup>, para não incidir nas sanções canônicas da “*negotatio quaestuosa*”, assim julgada por dois canonistas após acurado exame.

Mas nesta altura, não era fácil simplesmente desfazer tudo: tinha havido transações de dinheiro. Monsenhor emitira cheques ponderáveis para aquisição de jipes para os corretores, cheques que teriam fundos tão somente com o bom e rápido êxito das vendas; cheques emitidos em nome da Matriz Santo Antônio. Esta circunstância grave Monsenhor explicou, depois, pelo costume que tinha de assim assiná-los durante tantos anos que administrou tanto dinheiro da Igreja, e dezenas de outros compromissos, gastos, empréstimos, transações que tais negócios de monta comportam; duplicatas assinadas que iriam vencer, etc.

<sup>403</sup> Descrição no *Livro Tombo III*, p. 42 ss.

<sup>404</sup> Idem, p. 39 - “Circulares e avisos da Cúria Diocesana”. Texto: 16/03/61 – Informa do plano de um grande loteamento da metade da chácara do seminário de Santa Maria a favor da construção de novo seminário. Todas as paróquias deverão cooperar procurando colocar em cada uma ao menos 14 terrenos. Vedado o apoio a outros loteamentos estranhos. Luis Sartori, Bispo.

<sup>405</sup> Cfme. Carta de Mons. Vitor aos Prefeitos. Frederico Westphalen, 14.03.1961. Pede a simpatia, compreensão e apoio ao empreendimento. “Tive em vista arrecadar meios de maneira suave e segura para as despesas de organização de nossa futura Diocese, da qual seu município e paróquia farão desvanecedora parte”.

<sup>406</sup> Seu texto: “Determino imediato desligamento compromissos assumidos venda lotes balneário Santa Marta envolvendo à revelia autoridades eclesiásticas nome paróquia local e outras dioceses pt Ordeno imediata suspensão propaganda dito empreendimento pela emissora paroquial pt Não cumprimento presentes determinações importaria afastamento tempo indeterminado direção paroquia Luiz Bispo Santa Maria. Na margem a lápis “Recebido 3/4/61 15 h”. Antes disso, a 28.03.1961, Dom Sartori mandara carta ao Monsenhor, lembrando a Circular de 16 do corrente, e considerando já estar a própria mitra empenhada num loteamento, comunica não ser oportuno no momento o lançamento na diocese das vendas de terrenos do Balneário Santa Marta.

Conforme o relato do Pe. Sponchiado, analisando os dois lados, houve interesse do bispo na solução do caso. Consultou técnicos da companhia urbanizadora que já estava trabalhando com o loteamento da Mitra, “*se feito o levantamento, o negócio fosse exequível, lhes dariam andamento*”. Mas,

*1) Os credores com seus documentos vencidos ou a vencer, exigiam pressa, e assim não havia tempo para um levantamento exato de tudo, e tempo também necessário e relativamente longo para reenviar a venda noutros moldes a serem estudados pela urbanizadora; 2) Surgiram na sindicância sérias suspeitas do vigário por parte dum sócio e corretor nas poucas vendas que já procedera por Uruguaiana e a quem Monsenhor, para não perder tudo – avisado em tempo, teve que comprar a parte e retirar as procurações tornando o negócio ainda mais escuro; 3) Pelo procurador em Barril, Dr. Leonel da Rosa, foi entregue uma relação de compromissos pecuniários, aos advogados da urbanizadora, de 10 milhões que o “affaire S. Marta” devia. Lista confeccionada pelo Monsenhor, que exagerara deliberadamente os compromissos, distribuindo-os entre a Matriz, Hospital, Rádio, etc, etc, tão somente para tais entidades auferirem alguns dos lucros previstos, caso a urbanizadora aceitasse o negócio.*

Esta colação forjada, teria assustado a urbanizadora, que em tais circunstâncias achou inexecutável comprometer-se. E mais. “Tal relação fictícia, descoberta mais tarde, a realidade bem menor das dívidas, fez duvidar da lealdade do Pároco para com seu Bispo e formou a convicção da independência de Mons. Vítor Battistella, o que levou S. Excia. a prevenir-se e tomar atitudes de defesa do seu cargo”

Entrementes o tempo passava e os credores enxamearam no Palácio Episcopal, requerendo por advogado, fosse Monsenhor chamado às barras dum Tribunal Eclesiástico, ou que o bispo outorgasse a necessária licença para o processarem na justiça civil.

O Bispo, conforme o minucioso relato do Pe. Sponchiado, respondeu que de nada valia instaurar processo eclesiástico e que se quisessem podiam processar ao padre perante o Foro Civil, mas não daria a licença por escrito. Dirigiram-se ao Núncio Apostólico<sup>407</sup>, que, visto tratar-se de embaraços possíveis na futura Diocese já criada, enviou fotocópia da denúncia e mandou pedir esclarecimentos ao Bispo. Este, historiou o que sabia, valendo-se dos documentos que tinha

<sup>407</sup> Temos uma carta do advogado de Caxias do Sul, Luiz da Costa Leite, procurador da Bay & Cia Ltda, de 14.08.1961, levando ao conhecimento de D. Armando Lombardi, Núncio Apostólico, o “fato lamentável e que envolve a honorabilidade dum sacerdote”. Da Bay, um dos sócios de Mons., adquirira com cheques em nome da Igreja S. Antonio de Barril, três jipes. Vencidos os cheques, o advogado veio a Frederico Westphalen a 15.07, perante o pároco e seu procurador Leonel Rosa. O sacerdote não tinha recursos, “limitando-se a informar que se comunicaria com o Ver. Bispo e que este solucionaria o caso”. Sem aparecer o Mons., o advogado foi a D. Sartori. “Tem o Sr. Bispo um levantamento da responsabilidade assumida, sem licença, pelo Sacerdote, avaliada em, aproximadamente, dez milhões de cruzeiros. Afirmou o Sr. Bispo que a Mitra não poderia assumir o encargo de tal pagamento”. O advogado, então uma petição para submeter o sacerdote a um Tribunal Eclesiástico, ou, caso indeferido, permissão para processá-lo perante a justiça comum. D. Sartori deu permissão verbal para processar, pelo crime de estelionato, posto que usou o nome da Matriz para emitir cheques sem fundos. “A última esperança que nos resta, para uma solução amigável e digna, será a interferência de V. Excia. para o deslinde da questão”.

em mão e finalizava pedindo uma orientação de como proceder. O núncio respondeu, dizendo a certa altura: “Trata-se de um caso deveras doloroso. É quase inacreditável, que um sacerdote se deixe envolver, sob aspectos tão graves, numa negociata destas”. Entende que Pe. Vítor não pode ser isentado de culpa e que, além de mover-lhe o processo canônico, deverá substituí-lo imediatamente no ofício de Pároco. E finaliza com uma advertência e uma sentença: “Se não, é possível que nesta negociata toda, se venha a tocar inclusive no patrimônio da futura Diocese. Esta, asseguro-o a V. Exc., não será instalada, nem será nomeado o primeiro bispo sem que antes esteja completamente resolvido este doloroso caso”.<sup>408</sup>

A 3 de outubro, a pedido de Mons. Floriano Cordenunzi, enviado pelo Bispo, Mons. Vitor assinou declaração em que assumia integral responsabilidade pelas dívidas referentes a “Santa Marta”, nada havendo com os bens da paróquia, e outro, que depunha temporariamente seu cargo nas mãos do Bispo, até que fosse resolvido o caso “Santa Marta”. Recebeu, outrossim, cópia da documentação tratando de sua situação como incurso na prática de comércio ilícito aos clérigos. Projetou escrever ao Núncio (13 de outubro), “só e tão somente restabelecer a verdade e dissipar a nuvem sombria do descrédito que agora envolve minha reputação”. No seu longo relato, narra os fatos sob seu ponto de vista e procura defender-se das acusações. Interessam-nos algumas partes, as mais controversas:<sup>409</sup>

*Por que não solicitou licença ao Sr. Bispo?* “Porque o loteamento, como disse, era feito por uma firma particular (...) Minha quota constava de economias havidas de herança paterna e trinta anos de vida paroquial. Como isso não bastava, aceitei, como é comum fazer, assinar títulos de dívida com prazos diversos, em vista de o loteamento apresentar sentido real de organização e perspectivas seguras de resultado próximo, uma vez que era dirigido por profissionais reconhecidamente capacitados”.

*Quanto à acusação de procurar interesse particular.* Diz que sua preocupação era tão desinteressada que pensou apenas em capitalizar as suas economias... “Se o imóvel um dia pudesse ser vendido pela firma com lucros, estes seriam empregados no seguinte plano: 1. Liquidação das dívidas restantes da construção da Matriz; 2. Construção de mais uma ala do Hospital de Caridade; 3. Construção da casa da Rádio; 4. Equipamento da Escola de Economia Doméstica, a cargo da Aliança Santo Antonio. Os compromissos assumidos, alguns milhões, parecem à primeira vista enormes, absurdos, mas, em relação ao vulto do loteamento, cerca de 2 mil terrenos, calculados em cem milhões de cruzeiros não o são, pois a margem livre prevista só para a minha

<sup>408</sup> Carta do Núncio D. Lombardi a D. Sartori. Rio de Janeiro, 22.09.1961. (cópia). AMVB.

<sup>409</sup> *Livro Tombo III*, p. 58v a 69v. “Documentário complementar sobre o caso do loteamento da praia Santa Marta”, tratado neste livro a fl. 40 a 45.” 1. Versão e justificativa de Monsenhor Vitor conforme carta enviada a S. Exc. Revmo. o Sr. Núncio Apostólico. Frederico Westphalen, 13 de outubro de 1961.

quota era de dezenas de milhões de cruzeiros. - Confesso que me deixei guiar nesta empresa por certa vaidade e talvez excessiva confiança em mim mesmo. (...). Fui sempre homem de coragem invencível e nunca me dobrei diante de nenhuma dificuldade. São disso testemunha meus paroquianos. Desta vez lembrei-me também do adágio: *Audaces fortuna juvat!*”

*Os Cheques:* Admite que alguns cheques vinculados ao loteamento foram de fato assinados em nome da Igreja Matriz, “como coisa de rotina... e porque, na minha intenção, a Matriz devia ser notavelmente aquinhoadada com os resultados do loteamento”.

*Intervenção do bispo:* “Não pedi que o Sr. Bispo pagasse, nem que a Diocese se responsabilizasse. Apenas fiz sentir a D. Sartori a situação difícil em que ele me havia deixado determinando meu desligamento imediato do negócio. Disse-me, então, que ficasse aguardando... Resultado: demora, perda de tempo e a declaração de que a Diocese não podia responsabilizar-se pelas dívidas “absurdas” do Monsenhor, feitas à revelia da Autoridade Diocesana”..

*Quanto ao fato de ter tirado dinheiro de várias entidades locais para atender a negócio particular.* Assevera que é outra inexatidão. Como, nos seus planos, estas entidades seriam as beneficiárias exclusivas dos lucros do loteamento relativos à sua quota, entendeu que seria perfeitamente lícito, lógico e nada imoral se lhe ajudassem a superar as despesas relativas à boa organização do loteamento. Segue uma importante informação, onde nosso biografado confessa o recebimento de polpudas verbas públicas por intermédio de políticos seus amigos.

*tanto mais que, ano após ano, graças ao meu esforço e às boas relações que há muito tempo venho mantendo com certos deputados, senadores e governantes, consegui trazer para tais entidades, não um, nem dois, mas muitos milhões de cruzeiros de subvenções federais e estaduais. Ainda a semana passada recebi de Tarso Dutra telegrama informando ter incluído no Orçamento Federal para o próximo exercício, mais dois milhões para a Aliança Social S. Antonio, seção da Escola de Economia Doméstica e anteontem fizemos encaixe para a União dos Agricultores e Criadores, da subvenção deste ano de Cr\$ 7.000.000,00 do Ministério da Agricultura.*

Finaliza garantindo que não vê motivo para excessivo alarme em torno das dívidas, uma vez que o empreendimento foi planejado com as intenções e com as cautelas. Quanto aos títulos vencidos, afasta a idéia de entregar os bens penhoráveis, no caso, a área do loteamento correspondente à sua quota. No seu ver, os cerca de mil terrenos “Dá para cobrir duas vezes o montante das dívidas” - que, agora, calcula que não vão a cinco milhões de cruzeiros. Assevera que é pena, “dissipar assim um imóvel que poderia constituir rico patrimônio para a futura Diocese”.

Quanto à questão de se foi ou não foi advertido pela Autoridade Eclesiástica a respeito de prática de comércio por clérigos, escreve que “não fui advertido diversas vezes. Afirmino-o em minha fé de sacerdote. Uma só vez o Sr. Bispo me advertiu e foi quando, ao mesmo tempo determinou o meu desligamento do negócio por reputá-lo ilícito”. “Tive sempre verdadeiro culto



pelo princípio de autoridade. Posso ter errado, em boa fé, mas jamais reincidi, como jamais fui rebelde e desobediente”, se autoavalia. Termina dizendo que está tomando providências e que acredita que será muito breve a solução, desaparecendo, assim, as razões de temor de que possam surgir complicações para a instalação da nova diocese. Numa síntese, acentua: “Uma tentativa levada a efeito em boa fé e com a melhor das intenções para dar à Paróquia novas possibilidades de vida e de organização e desenvolvimento, mas que fatores imprevisíveis frustraram, não deve servir para empanar toda essa esplendente realidade e destruir meu nome e meu futuro!”

Nosso protagonista, numa última e desesperada cartada, faz uma à visita pessoal ao Núncio, explanando o “caso”. Tudo em vão. O Núncio, sem querer se envolver no assunto, firmou seus pontos de vista e escreveu a D. Sartori (31.10), conforme acima transcrevemos em parte.

De regresso do Rio, Mons. Vítor dedicou-se de corpo inteiro à solução do “caso”. Ainda alimentava esperanças de não “perder” seu sonho de desfrutar dos terrenos litorâneos. A 19 de novembro, envia nova correspondência ao Núncio. Afirma que os mais urgentes compromissos já estão em ordem; outros em via de liquidação, graças ao auxílio e a cooperação que encontrou junto a diversos seus bons paroquianos. Assim que “pode a Excia. Revma. estar desde já tranqüilo e dar andamento às providências que quiser tomar em relação à nova Diocese.” Entretanto, apresenta a sua preocupação e o pesar de ter que “perder assim um capital, de tão alto valor, que, amanhã, certamente grande falta vai fazer para a Nova Diocese, a braços com graves problemas, quais sejam a organização e dotação do Seminário, Cúria e residência Episcopal”. E propõe:

*Sr. Núncio, nós de Frederico Westphalen gostaríamos imensamente de presentear a nossa Nova Diocese com um patrimônio de real e firme valor que permita dotá-la de tudo o que lhe é essencial e urgente. Sentimos perder este imóvel que constitui uma enorme possibilidade para o futuro próximo. Pedimos que Vossa Excia. se digne cooperar conosco. O problema não é difícil. Nosso grande benfeitor e amigo Deputado federal Tarso Dutra, em consideração a nossa terra e a pedido que lhe foi dirigido por D. Sartori e por mim, esforçou-se e conseguiu a subvenção federal de Cr\$ 5.000.000,00 (cinco milhões), já recebidos, para as obras da Nova Diocese. - Para realizar construções pouco representam. Para constituir patrimônio servem, mas o dinheiro hoje é um patrimônio muito efêmero, pois a cada dia que passa a nossa moeda se evapora e se deprecia. Sabemos que todos quantos possuem dinheiro estão pressurosamente procurando substituí-lo por bens imóveis. - Porque, então, não tomamos também nós a mesma medida acauteladora utilizando estes Cinco Milhões, para desembaraçar e garantir para a nossa Diocese os dois mil terrenos do Loteamento Santa Marta, que, amanhã podem render cerca de cem milhões de cruzeiros? Se em toda a parte se está fazendo, porque não podemos fazer também nós, com o beneplácito de Vossa Excia. Rema. e da Santa Sé, sempre solícita em acudir às boas causas da grande família Católica?*<sup>410</sup>

<sup>410</sup> Carta de Mons. Vítor a Dom Armando Lombardi, Núncio Apostólico. Frederico Westphalen, 19.11.1961. AMVB.

Sobre essa proposta, Pe. Sponchiado explica que de fato, Mons. Vitor, em sua ida ao Rio para falar com o Núncio Apostólico, “alvitrou junto ao ilustre parlamentar, a saída de ser-lhes entregues, para futuramente serem devolvidos 5 milhões que o Bispo, no dia da sagração da Igreja de Barril pedira que o Dr. Tarso obtivesse para a futura Diocese, o que certamente o grande deputado se esforçou por alcançar em consideração ao Sr. Bispo e ao lugar, Barril, que ele sempre ajudou, e substancialmente”.

Concorda que o empréstimo teria resolvido o caso premente das dívidas, mas argumenta que a relação fictícia de dívidas que os advogados da urbanizadora obtiveram do Dr. Leonel, mais o caso dos cheques pessoais, emitidos em nome da Matriz atiravam sobre o velho pároco de Barril, sérias suspeitas de haver malbaratado bens da Igreja. Suspeitas que, após a tomada de contas pelo Pe. Sponchiado, não subsistiram.<sup>411</sup>

A proposta foi outro tiro no ar. Irredutível, D. Lombardi responde ao Monsenhor - ou seria contra-ataca? - que tudo o que Pe. Vitor expunha e sugere “para solucionar tal problema, é da competência do Ordinário do lugar. A ele, portanto, deverá dirigir-se”. Comunica que somente será feita a instalação canônica da nova Diocese se o “Bispo Diocesano de Santa Maria me assegurar que todos os problemas foram resolvidos e toda as dívidas pagas”.

Foi então que, sendo Pe. Sponchiado Cura da Catedral e conhecedor do “caso”, D. Sartori consultou-o se aceitaria ser Vigário Substituto, o que foi comunicado à Nunciatura. O antigo coadjutor vai passar a ser “algodão entre cristais”.<sup>412</sup>

Assim chegamos ao fatídico dia 26 de novembro, onde iniciamos nossa jornada. Nesta data, Mons. escreve ao Bispo que não vê “inconveniência em assumir temporariamente o cargo de Capelão, desde que tal nomeação, no meu caso, se enquadre nos dispositivos do Direito Canônico e signifique convite a me ausentar algum tempo da minha Paróquia a fim de cooperar para a solução das dificuldades em foco, capazes de retardar a instalação da Nova Diocese”.<sup>413</sup>

Por outro lado, comunicava que não aceitava seu “afastamento ou renúncia ao cargo de Pároco inamovível que continuo sendo e prezaria conservar até o dia 13 de março de 1962, quando celebrarei 30 anos de Vigário de Barril”. Portanto, Mons. Vitor havia traçado seu futuro. Iria re-

---

<sup>411</sup> *Livro Tombo III*, p. 44.

<sup>412</sup> Sabedor do caso, e no sentido de ajudar seu conselheiro, Pe. Sponchiado escreveu em caráter confidencial ao Mons. “o advogado saiu há pouco, com a única solução de intimar V. Revma.... Não duvido um instante da boa fé de V. Revma. Infelizmente os filhos das trevas.... Se a sobrevier, V. Revma. absolutamente não envolva em tudo isto, o nome do Sr. Bispo, porque neste caso, as sanções canônicas, por certo, mui mais dolorosas, para um padre sobrevirão (....) .... quer pedir a V. Revma (com aquela lhaneza, simplicidade que em mim bem conhece) que, quando escreve ao Bispo, não escreva cartas e frases, que em situações como estas, podem bem servir de acusação de insubordinação à legítima autoridade eclesiástica.... – Sei, não ser do seu caráter de V. Revma a subserviência, porém, há um limite também para a personalidade...”. Carta de Santa Maria, 07.08.1961. AMVB.

<sup>413</sup> Carta de Mons. Vitor a D. Sartori. Frederico Westphalen, 26 de novembro de 1961. AMVB.

nunciar definitivamente ao cargo que ocupou por três décadas, afastando, assim, a continuação do processo administrativo de remoção, como exigia a nunciatura.

A 14 de dezembro, estando Mons. em Porto Alegre, esteve em Barril D. Sartori, com o fim de promover o movimento da Frente Agrária Gaúcha, perante uma reunião de sacerdotes e agricultores pertencentes à Nova Diocese. Fez questão de falar sobre o “caso” do Monsenhor a uma número escolhido de homens representativos do lugar. Pe. Sponchiado testemunhou e relata o que houve:

*Lendo, comentando e apresentando documentos, expôs com toda a caridade o “affaire” para que o povo absolutamente não pensasse, que de sua parte houvesse má vontade, perseguição, mas que pura e simplesmente cumpria seu dever de Bispo, tendo usado pelo contrário, muita tolerância e benevolência, a ponto de nunca ter querido que o “caso” fosse à Nunciatura e ter feito todo o empenho para ajudar, enquanto não suspeitou da lealdade do padre e não viu ameaçado o bem da Igreja.*

O bispo falou também – segundo o depoimento do Pe. Sponchiado – que seu objetivo era para que se unissem e procurassem ajudar o benemérito sacerdote e pároco de 30 anos na paróquia, “o que, por certo, teriam feito, se Monsenhor tivesse, há muito tempo, comunicado as dificuldades, antes que chegassem a este ponto tão lamentável e doloroso”.<sup>414</sup>

Para Pe. Sponchiado, “tal elucidação teve o mérito de preparar o ânimo popular para melhor e mais facilmente aceitarem a solução”.

Entrementes, Monsenhor vinha (livre das preocupações paroquiais) engendrando afanosamente uma saída considerada “providencial”. No Natal de 1961, escreveu à Madre Geral da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. De início faz uma descrição de seu calvário:

*Saiba V. C., que de tempos para cá venho sendo vítima de tremenda onda de injustiças e vexames, cada qual mais grave, por parte do Bispo Diocesano, Sr. Dom Vitor Sartori. É incrível o que vem acontecendo. Como está em gravíssimo perigo meu bom nome, minha honra, minha vida e mais de 30 anos de sacrifícios e de trabalhos oferecidos à Igreja, à Diocese e à Paróquia, necessito do apoio de todos os que me querem e me estimam.*<sup>415</sup>

Passa a relatar os fatos – sempre jogando a culpa no bispo. O remetente explica porque o superior não deixava levar avante sua iniciativa, que seria, unicamente porque Dom Luiz, sem ele saber, também estava realizando as demarcações para um grande loteamento em Santa Maria, “e receava que nosso loteamento prejudicaria o dele” (...). “O bispo – continua - depois de tudo, inventou de vir aqui fazer uma reunião de pessoas importantes contando-lhes os fatos e dando-se

<sup>414</sup> Livro Tombo III, p. 44s.

<sup>415</sup> Carta de Mons. à Madre Geral do ICM. Frederico Westphalen, 25.12.1961. AMVB.

por inocente como Pilatos. – Há no meio do povo crescente onda de protesto e de revolta contra o Bispo, o que virá fatalmente prejudicar-lhe o crédito e trazer descrédito também ao futuro Bispo...”.

Também não poupa o Pe. Sponchiado: “tomou muitas medidas de interesse da Paróquia que não podia, por lei, tomar sem me ouvir e me consultar”. E desanda sobre o bispo: “Não teve para mim jamais uma palavra de carinho, de amizade, de conforto, de orientação e de encorajamento: só dureza inflexível, como se eu fosse um padre moleque, e não quis cooperar comigo em nada”.

Adiante clama, “por amor de Deus”: “Surgiu o plano de vendermos o Hospital de Caridade à Congregação do ICM e com o dinheiro saldar as minhas dívidas que vão além de sete milhões de cruzeiros, inclusos os juros de mora. Com a venda das terras ressarciremos a Sociedade Beneficiente que é dona do Hospital”. O final é dramático: “Aguardo, pois, ansiosamente a resposta que, firmemente espero seja favorável. Prometo uma missa por mês, um terço por semana e um momento em cada missa até o fim de minha vida pelas intenções de sua Congregação, além do reconhecimento eterno.”

E assim foi. Cinco dias depois (30.12), foi selado o Acordo entre a Sociedade Beneficiente do Hospital de Caridade e Mons. Battistella, onde a Sociedade, com a plena aprovação da Diretoria, ratificada pela Assembléia dos Sócios, assumia integral responsabilidade pelo pagamento dos títulos das dívidas de Mons., vinculados à compra de terrenos de praia. Este, por sua parte, transfere à Sociedade os terrenos do Balneário Santa Marta, de sua propriedade, em número de 1995.<sup>416</sup>

A 21 de janeiro de 1962, aconteceu a reunião legalmente convocada segundo as normas estatutárias, da sociedade em peso, com a presença da representante da Madre Geral da Congregação e seu assistente jurídico Dr. Adroaldo Mesquita da Costa [personagem longamente tratado no próximo capítulo]. Por unanimidade, os associados aprovaram a transação - por 11 milhões de cruzeiros - com a intenção primacial de ajudarem o benemérito pároco e pastor.<sup>417</sup>

---

<sup>416</sup> Cfme. *Acordo*. Frederico Westphalen, 30.12.1961.(ass.) Dr. Leonel Flores da Rosa - Pela Sociedade Beneficiente; Mons. Vitor Battistella, Testemunhas: Arisoli Martelet e Osvaldo Ráu. Previa também: “4º - Os eventuais lucros de vendas dos terrenos do Balneário Santa Marta, serão aplicados em obras de caridade e assistência social, dentro do programa da Sociedade Beneficiente, a critério da Diretoria, que reservará a favor de Mons. Vitor Battistella, se assim achar justo e os lucros forem avultados, modesta porcentagem a título de auxílio”.

<sup>417</sup> Para o religioso havia muitas vantagens pela venda do Hospital: “**1.** Permitiu solucionar cabalmente o problema das dívidas de Mons. Vitor, ficando larga margem para a Sociedade Beneficiente realizar outras obras de caridade. **2.** As terras da praia Santa Marta ficaram propriedade da Sociedade local Beneficiente com possibilidade de futura venda com grande margem de lucros para obras de interesse local e regional, o que era veemente desejo de Mons. Vitor e razão pela qual aceitou o alvitre do dep. Tarso Dutra de propor a utilização de Cr\$ 5.000.000,00 a título transitório. **3.** Hospital de Caridade continua servindo o povo, agora melhor atendido pelo fato de as irmãs serem proprietárias. Logo introduziram notáveis melhoramentos. **4.** A Sociedade Beneficiente continua subsistindo, agora rica

A 2 de fevereiro, sabedor do encerramento do “caso”, D. Sartori escreve ao Mons. congratulando-se pela ótima solução. A 7 do mesmo, Mons. escreve ao Núncio confirmando o telegrama, informando que foi encontrada feliz e definitiva solução, enviando documentação anexa. A 19, responde, alegre: “Ficou deste modo removido qualquer óbice para a nomeação do primeiro Bispo e a instalação canônica da nova Diocese, o que espero, possa verificar-se dentro de pouco tempo”.

Por outro lado, lideranças de Barril, logo telegrafaram a D. Sartori, manifestando grande satisfação pela integral solução. “Pedimos vênha solicitar sua valiosa cooperação próxima instalação diocese bem como reintegração Monsenhor seu cargo pároco conforme aspiração todo povo”.<sup>418</sup> Com efeito, na mesma data de 2 de fevereiro, D. Sartori assinou a portaria de reintegração no cargo de pároco. Mas, sabendo que permaneceria até 13 de março de 1962, para os festejos dos 30 anos de paróquia e de sua direção, quando renunciaria espontaneamente a seu cargo, a exemplo doutros colegas seus no sacerdócio, que assim procederam. Aguardando isto, nada se fizera para o prosseguimento e mesmo instalação legal de tal processo. De fato, para completar o *dossiê* documental que o Bispo mandaria à Nunciatura, com data adiantada de 14 de março, Monsenhor enviou sua renúncia espontânea.

A onze de fevereiro, na Estação da Missa foi lida provisão que reintegrava em seu múnus de Pároco colado, a Mons. Vitor . Podia-se, agora festejar os trinta anos do nosso biografado em Barril, mas seria uma festa com pouca graça, pelo menos para ele.

#### **7.4 - A festa dos trinta anos de Barril e a Renúncia**

Os festejos de 30 anos da presença do Mons. e de vida paroquial em Barril, cercaram-se de pompa e solenidades, uma espécie de *gran finale*. Justificava-se mais – embora muitos sem o saber – como um disfarce ou uma compensação da Igreja oficial ao destino que estava irremediavelmente traçado para o velho pároco. Sempre ocultando a parte trágica e obscura dos festejos, Pe. Sponchiado, que foi o mentor do evento e seu coordenador, esforçou-se, pela última vez, em aglutinar o povo em torno de seu líder, que se despedia deste status, mergulhando no limbo da periferia das decisões. Ficava órfão, perdia o poder, a órbita de seu domínio estaria sendo mini-

---

de vasto patrimônio. **5.** A Congregação adquiriu um estabelecimento de grande renome e que constitui para ela fonte perene e de notável renda, pois a situação econômica do Hospital sempre foi ótima. **6.** A transação e o acordo foram recebidos com geral aplauso e enorme satisfação dos fiéis e já sabedores das lutas e dificuldades porque vinha passando seu velho pároco Mons. Vitor. Não menor foi o júbilo do Sr. Núncio Apostólico e do Sr. Bispo Diocesano, os quais, logo informados da feliz solução encontrada e de posse dos respectivos documentos comprovantes, se apresaram a escrever carta a Mons. Vitor”. *Livro Tombo III*, p. 65 v s.

<sup>418</sup> Assinam o telegrama, sem data, e enviado a pedido do Pe. Sponchiado: Arsily Martelet, Ennio Flores Andrade, Lindo A. Cerutti, Alfredo L. Sanvido, Erico D. Simoni, Severino Bortuluzzi, Antonio Panosso, Nelso Pigatto, Ave-

mizada. Pe. Sponchiado, no intuito de motivar a população, repetia na rádio local o chamamento em torno dos festejos. Fez um apanhado histórico da caminhada dos 30 anos da paróquia e de seu artífice maior. Acentuou as virtudes que vê no sacerdote: zelo ardente, vontade inquebrantável, dotes de direção. Lembrou os épicos avanços na vida espiritual, na vivência moral e no progresso material da região, a moralidade dos costumes. O apogeu, na sua ótica, foi a conquista de sede episcopal. “É um caso quase singular nos anais da Igreja tal vertiginoso progresso e alevantamento em relativamente tão reduzido espaço de tempo!” De modo que devia ser uma festa gloriosa a data memorável que encerrava tanta luta e tamanhas vitórias. “Esta deve ser a característica profunda das comemorações; a festa da família, da velha família paroquial ainda unida junto com seu primeiro e único vigário”.

Com efeito, para dias 11, 12 e 13 de março de 1962, foi elaborado um alentado programa.<sup>419</sup> Todos os números se desenvolveram a contento durante os três dias lindos e ensolarados. Dia 11/03, missa solene, celebrada por Monsenhor, com a presença dos seis vigários cooperadores. No fim, Mons. teceu curtas considerações sobre a ajuda que sempre teve dos cooperadores e das Associações todas aí representadas com suas diretorias, uniformes e bandeiras. *Na Tarde esportiva* Monsenhor recebeu belas homenagens dos esportistas e inaugurou a nova tela olímpica do campo. Foi, no dizer do promotor dos festejos, “verdadeiramente a grande festa-coroa da família paroquial, bem disciplinada, unida, fervorosa, contente e feliz. E foi, mais que tudo, uma homenagem reconhecida ao Mons. Vitor Battistella, que antes de renunciar à Paróquia, pôde ver com alegria os frutos palpáveis, as vitórias gritantes de tantas lutas, trabalhos, afãs, lágrimas e sofrimentos de seu profícuo sacerdócio”.

Nesta ocasião foi concedido pelo governo municipal o *Diploma de cidadão barrilense* ao despedido. O ofício do prefeito Arizoli Martellet, que propôs a medida, diz entre outras coisas:

*Podemos afirmar sem temor de contestações que esta grande distinção foi conseguida graças ao trabalho eficiente desenvolvido pelo Monsenhor Vitor Battistella. - Justa, justíssima, portanto, a homenagem que o município lhe vai tributar na data em que jubilosa, nossa população, indistintamente está comemorando o 30º aniversário da instalação da antiga paróquia de Barril. Entendemos mesmo que constituiria falta imperdoável de nossa parte se não encaminhássemos a aprovação desta colenda câmara o pedido que estamos encaminhando.*<sup>420</sup>

Como já dissemos, enquanto se processavam estes festejos, já estava em mãos do bispo a *Carta Renúncia* do Mons. do seu cargo de pároco inamovível, redigida há mais tempo (não traz

---

lino Cerutti, Everal Vargas Fortes, Leonel Flores da Rosa, Antonio Ruaro, Augusto Tagliapietra, Alfredo Locatelli e Pedro Teston.

<sup>419</sup> *Livro Tombo I*, p. 53 ss. – “*Preparativos para os trinta anos de vida paroquial*”.

<sup>420</sup> *Livro Tombo III*, p. 57v. Ofício nº 64/62 de Arizoli Martellet – Prefeito Municipal a João Muniz Reis, Presidente da Câmara de Vereadores – Frederico Westphalen, 03.03.1961. A Câmara de vereadores, pela resolução nº 6/62 de 8 de março de 1962 aprova a Lei:

data), cuja finalidade era paralisar o processo canônico, que contra ele era movido por força dos fatos ocorridos em torno do caso das praias, há pouco relatados. O documento é mais um balanço da atividade do autor durante os 30 anos de seu ministério. Refere-se ao seu esforço por planificar seu trabalho: “dei toda a atenção, nos primeiros dez anos, à instrução religiosa por meio da catequese geral intensa, retiros e missões; no segundo período, de 15 anos, sem descuidar da pregação e da assistência espiritual, damos início às obras de finalidade religiosa e social, assistenciais e educativas, indispensáveis à boa organização da Paróquia”<sup>421</sup>. Elenca os empreendimentos, as associações paroquiais - que já vimos -, lembra do apoio que sempre recebeu de Dom Antônio Reis, e dos vigários cooperadores. Interessante o balanço que faz de sua atuação na órbita da política:

*Com vistas aos interesses vitais da religião e do povo, deu-se muita atenção à boa política preconizada pela Igreja na escolha dos candidatos melhores, com voto dado acima e fora dos partidos. O deputado Tarso Dutra, verbi gratia, agradece publicamente à votação recebida aqui seu ingresso na vida pública quando seu nome ainda não era bastante conhecido. (...). Foi perene preocupação minha cultivar boas relações de amizade, sem servilismo, e de mútuo cordial entendimento com as autoridades civis locais. (...). Dei, finalmente, mão forte e apoio decisivo à emancipação política e à criação deste Município, por ver nisso assinadas vantagens para o povo e para a Paróquia.*

Sintomática é a passagem onde procura defender-se de que representasse problema para o futuro bispo da diocese. Diz que “não houve nunca no decorrer de 27 anos, quaisquer desinteligências com o Senhor Bispo Diocesano Dom Antônio Reis”, que declarou que “*Barril foi a única paróquia que nunca deu desgosto ao coração do bispo*”. Vinte e sete e não trinta, porque admite que com o novo bispo as relações não foram iguais. “Estes fatos – continua - constituem eloqüente advertência a quem gratuitamente queira nutrir temores de que eu, abusando do meu prestígio, inegável, sim, mas construído com longos anos de trabalhos, possa vir a criar obstáculos ao exercício da autoridade do futuro bispo desta nova Diocese. Não é do meu feitio tal procedimento”. Adiante veremos que tal temor tinha sua razão de existir.

A criação da nova diocese, com sede em Frederico Westphalen, embora por ele previsto há muito tempo, impressionou o religioso, “porque criou nova situação e com ela a perspectiva clara de novos e importantes problemas relacionados com a vida da Igreja na Paróquia. Para enfrentá-los acho necessárias novas energias e mentalidade nova, adaptada aos novos tempos e aos novos métodos de trabalho, tanto mais por ser esta a Paróquia da catedral que lógica e forçosamente deve servir de espelho às demais”. Com se vê, o velho pároco achava-se despreparado ou defasado para continuar seu ministério à frente da paróquia-mãe da diocese. Além disso, outras razões, o levaram a tomar tal atitude:

---

<sup>421</sup> “Carta Renúncia”. Endereçada ao Bispo Dom Vítor Sartori. AMVB. Também no *Livro Tombo III*, p. 67v-70.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)